


Aron Ypiranga Benevides

Pedaços de Minha Vida

< crônicas >

CULTURA





Eu penso que os mais bonitos pedaços da vida de Aron Benevides, infelizmente, não estão descritos nas páginas deste livro. Aron foi um daqueles homens que fez do seu lar, da sua esposa e dos seus filhos o motivo mais sublime da sua curta passagem aqui no planeta Terra. Por isso, pelas minhas lembranças, eu creio que os melhores momentos, que o meu querido e inesquecível pai viveu com ventura e alegria, foram ao nosso lado. Mas isso não vem ao caso, vamos falar desta obra. Estas crônicas foram escritas no início dos anos cinqüenta. Todas foram publicadas aos domingos no "O Jornal" de Agnaldo Acher Pinto seu particular e querido amigo. Aron quando escreveu, era um jovem apaixonado pela vida, pelas pessoas e por conta deste amor intenso, sabia como ninguém caminhar nas regiões mais íntimas e mais impenetráveis do coração humano. Sabia compreender o incompreensível, perdoava o imperdoável. Tinha uma grande sensibilidade e um sentimento tão grande que eles se confundiam com seus próprios sentidos. Explico: Ele enxergava nitidamente com os olhos fechados, ouvia o silêncio, e com o toque de suas mãos ele sentia a alma de uma pessoa. Tinha o dom da mediunidade, era um espírita desenvolvido, dono de um fantástico espírito de luz. E ele só foi chamado para o Céu tão moço, exatamente por conta do seu talento e da sua alma bondosa.



Pedaços de Minha Vida

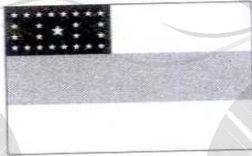
< crônicas >

O SEBÃO DE MANAUS
82475

Livros raros e esgotados
Compra e Venda

Rua Joaquim Sarmiento, 201 - Centro

Fone: (92) 3082-7262 / 9621-9357



GOVERNADOR DO AMAZONAS
Eduardo Braga

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Robério Braga

SECRETÁRIA EXECUTIVA
Delzinda Barcelos

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA
Saul Benchimol – Presidente

CULTURA
Secretaria de Estado
Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357
Fax: (92) 233.9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
www.culturamazonas.am.gov.br

ARON YPIRANGA BENEVIDES

PEDAÇOS DE
MINHA VIDA

(CRÔNICAS)

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA MANIA DE LER

Copyright © 2006 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado de Cultura

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Antônio Auzier Ramos

PROJETO GRÁFICO

KintawDesign

CAPA

Marcicley Reggo

REVISÃO

Marcos Sena

FICHA CATALOGRÁFICA

Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287

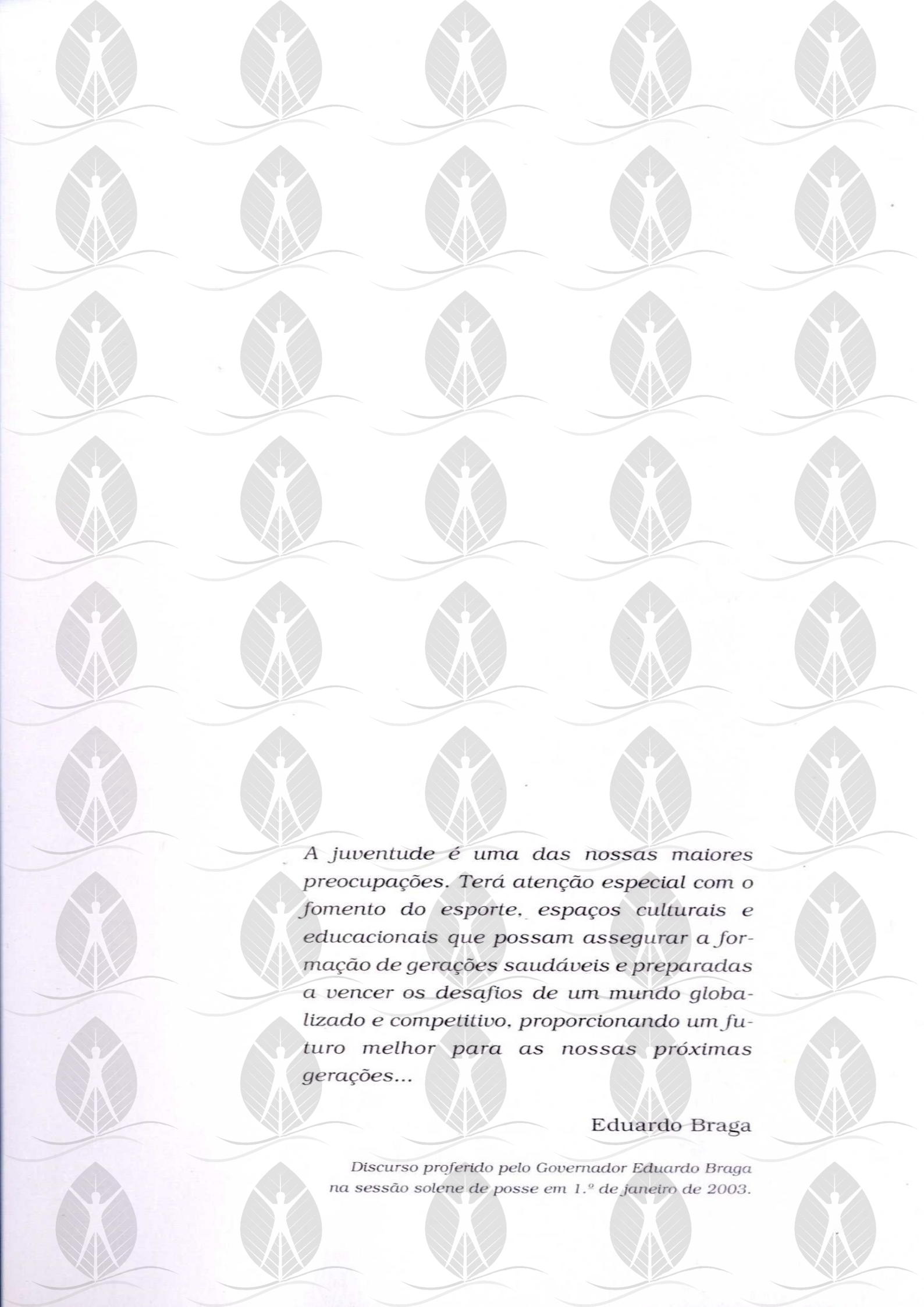
A332c Benevides, Aron Ypiranga.

Pedaços de minha vida – Aron Ypiranga Benevides.
Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de
Estado da Cultura, 2006.

256 p.

1. Literatura Amazonense – Crônicas I. Título.

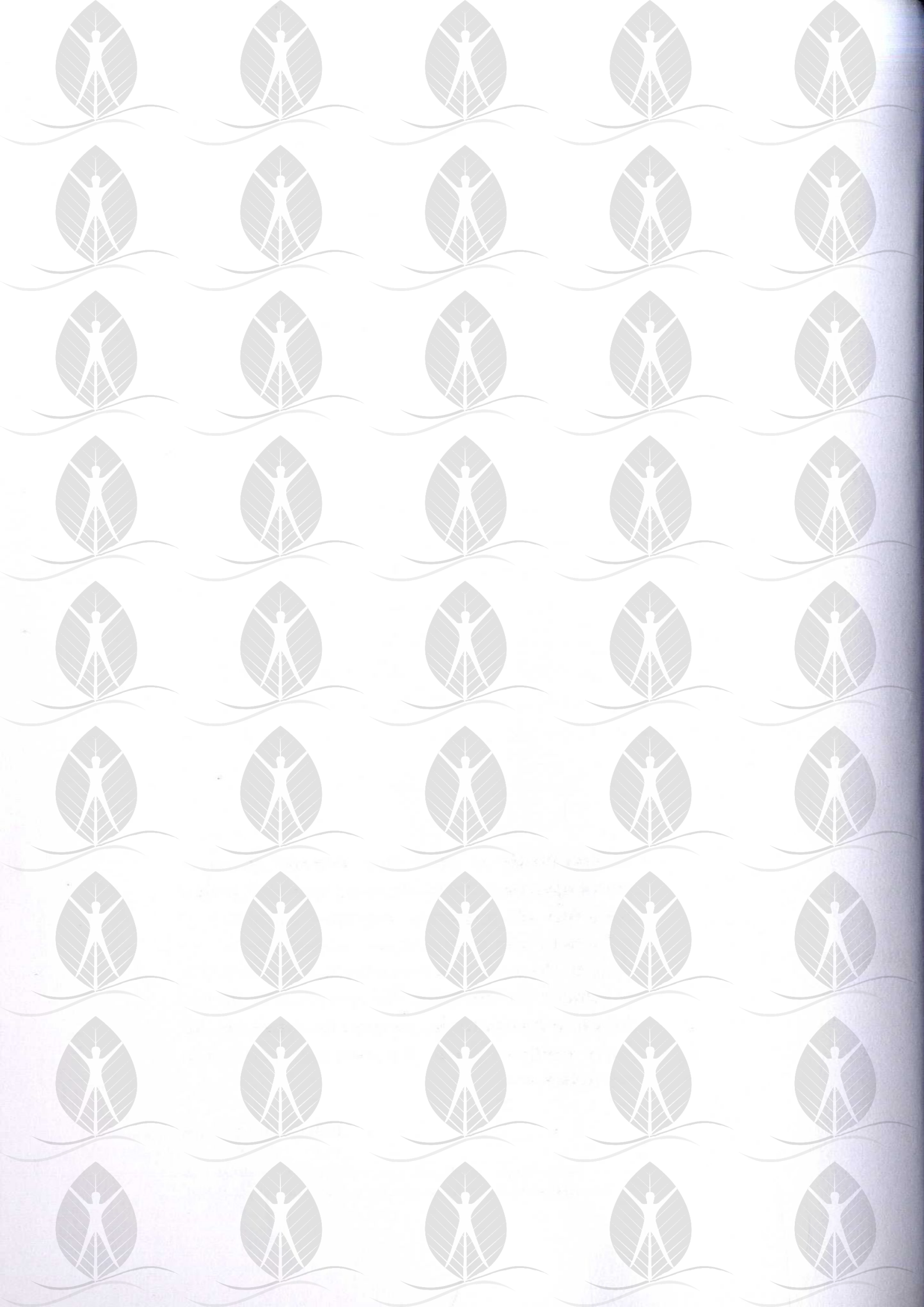
CDU 316 (811)




A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

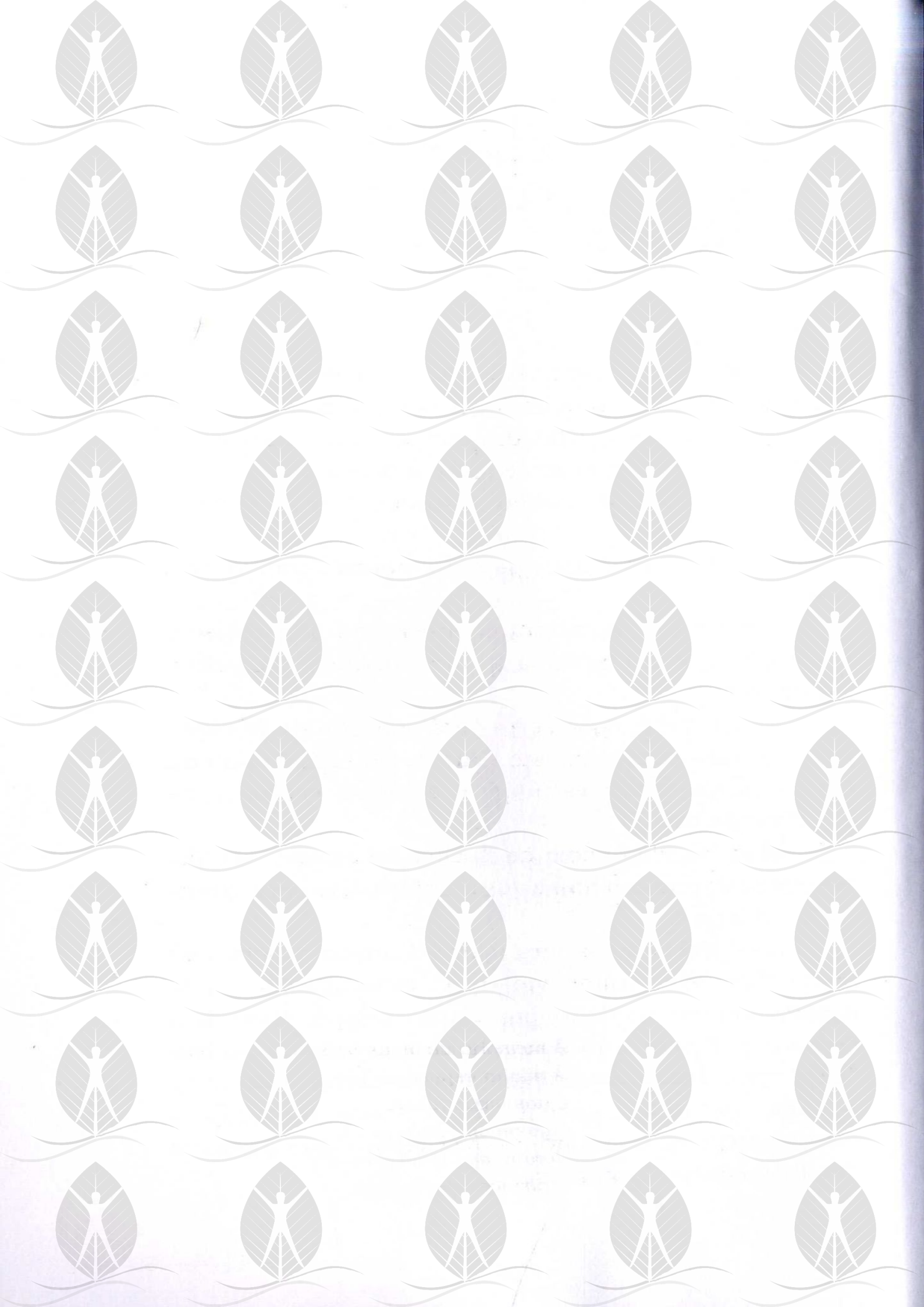
Eduardo Braga

Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga na sessão solene de posse em 1.º de janeiro de 2003.





*À memória de meus pais,
À minha esposa
e aos meus filhos,
cujo amor e dedicação,
deram-me alento para a
realização desta obra.*





SUMÁRIO

PREFÁCIO11
ARON NA ACADEMIA15
RENÚNCIA21
DESEJO SACRÍLEGO25
CARTAS... VELHAS CARTAS...27
CÁRCERE DA VIDA31
RESPOSTA A UMA CARTA37
SOMENTE OS QUE TOMBAM41
HOMENS QUE SOFREM45
UMA SOMBRA QUE PASSA49
AMAR NÃO É CRIME53
MENINO POBRE DA MINHA RUA57
JOGRAIS DE SALÃO61
QUEM SERÁ65
GERAÇÃO DE COVARDES69
ACONTECEU EM 191573
TORNEI-ME INFELIZ77
NOITE DE CARNAVAL81
ETERNO FUGITIVO85
DESPIDA DE ILUSÕES89
ILUSÃO PERDIDA93
A MULHER DA BOATE97
SOU UM ÉBRIO101
DESPEDIDA INCOMPLETA105
ELA NÃO VOLTOU107
SE ELA VOLTASSE HOJE109
UMA LUZ QUE SE APAGA111
DEPOIS DE UMA FELICIDADE115

SAUDADES DE ALGUÉM	119
AMOR PROIBIDO	121
RASGUE AS MINHAS CARTAS	125
A CARTA QUE NÃO RECEBI	127
NO TRONCO DA SAPOPEMA	129
ACORRENTADO	133
ESTAVA ESCRITO	137
INDIGNIDADE DE UM POVO	141
QUARTO VAZIO	145
AQUELA LOURA MULHER	149
SEGUE O TEU DESTINO	153
ATÉ A VOLTA	157
RECORDANDO ALGUÉM	161
SAUDADE	165
QUANDO QUISERES	169
AQUELA PARTIDA	173
TUA CARTA	177
UM NOVO SER	181
A VIDA ME ENGANOU	183
NUNCA MAIS	187
PAIXÃO ASSASSINA	191
JIA THAMOE	195
QUEM É ELA	199
SANGUE NAS MÃOS	203
PARA UMA SOFREDORA	207
NÁUFRAGO DO DESTINO	211
AINDA HOJE	215
MIGALHAS DE FELICIDADE	219
VIÚVA DE MARIDO VIVO	223
CASA ABANDONADA	227
DESVENTURADO AMOR	229
RISCO-ME	233
ATÉ QUANDO	237



PREFÁCIO

Pedaços de Minha Vida... Reminiscências de dias que já se foram há muito tempo, deixando-me na lembrança somente restos de momentos tão bem vividos e sofridos... Retalhos de almas que, ao passarem por este mundo, não tiveram e não conheceram outra felicidade a não ser a dor, unicamente a dor... Fragmentos de vultos de mulheres, que apesar dos anos, ainda hoje me bailam diante da retina, transfigurados pelo muito que amaram e que sofreram... E todo o amor, o sofrimento e a dor que se irradiam nas páginas deste livro, foram vividos e sentidos, mostrando assim serem eles retrato vivo da própria vida... Essas vidas, viveram grandes dramas íntimos, e sem encontrarem outro caminho, deixaram-se prender nos grilhões da solidão... Os lamentos, os clamores, os gritos de amor e de

desespero que vão em suas páginas, são puros, porque partidos do coração, ferido que foi pelas tragédias que viveu, e que sentiu a que outros seres viveram, ficando com suas entranhas dilaceradas pela dor. É por isso que este livro é um livro sincero de amor e de verdade...

E assim, surge o meu primeiro livro de crônicas, que passo às mãos de um público fiel e amigo, que conquistei para mim.

Agora, reunidas estas crônicas, lanço uma parte delas neste livro, cujo título é *Pedaços de Minha Vida*, embora sabendo que contra ele irão surgir a fúria do ódio dos inimigos do meu triunfo, e que talvez, hão de procurar denegri-lo. Porém, jamais conseguirão, os pigmeus da mediocridade servil, os mercenários, os subservientes, os quais, por lhes falecerem talento e arte para arrebatá-lo o grande público que possuo aqui na minha terra e em outros Estados, procuraram pela infâmia e pela mentira afastar-me ou nublar-me os olhos, ante o altar da glória que mais ambicionei na vida, que é a extraordinária ventura de ser lido, sem que para isso tenha que adular os meus leitores...


Se venci escrevendo crônicas, foi porque todas elas traziam dentro de si, as vozes da dor da vida, derramada nas linhas e nas entrelinhas sentidas e agitadas ante o vendaval das tempestades das grandes mágoas, e das ingratidões, de que foram vítimas os meus personagens, como também na sua grande maioria, sentidas na minha própria carne, pois muitas vezes fui eu mesmo os seus personagens, passando anos e anos, envolto pelas ondas do mar de tragédias íntimas, embriagado pela angústia, conversando sozinho com as ruínas miserandas de meus sonhos, corrompidos e amaldiçoados pela minha própria dor, personificando-

me muitas vezes na tragédia, simbolizada em um ser humano, porque o seu infinito vive e mora em mim...

Este livro, como o outro que será a sua continuação, e que se chamará *Caroço Amargo*, aqueles que os lerem, encontrarão a intimidade do meu pensamento, procurando e dando vida a vida dos meus personagens, fugindo sempre da vulgaridade estéril, para causticar a consciência desprezível dos críticos de barbearia, que tudo resolvem e nada produzem a não ser distraírem a divagação mental daqueles que esperam a vez, e ficam então fossilando o pedestal da glória e da dignidade alheia, com a mandrice animalesca da miniatura dos seus argumentos de bugio domesticado, fazendo rir aqueles que ao lhes escutarem, lançam um sorriso de indiferença, como se estivessem zombando dos instintos de suas animalidades hediondas e deletérias.

Ao lançar este livro no tumulto da vida, apenas um grande desejo me anima, qual seja o de estender a mão em busca dos louros do triunfo, sem a menor volubilidade, para depois conduzi-lo pela estrada da glória, e entregá-lo envaidecido por ter conseguido com o meu único esforço, e com o fulgor do meu talento, as sete sementes que atirei ao chão, e que são meus filhos queridos, Nice, Carrel, Alexis, Voltaire, Lorena, Geneviève e De Castres, para que eles no amanhã que os espera, lhes sirvam de estímulo, na conquista incessante e árdua do saber...

Se depois de lançado este livro, for insultado, caluniado e ofendido pelos homens de pacotilha, os receberei com a altivez que me é peculiar, como se fora os primeiros proventos de minha procelosa celebridade, e saberei então aguçar o escalpelo de minha pena, para que, com que ele faça surgir em todo o seu esplendor, o artista que em mim vive, cortando, dessarte, a língua



dos que lambem e beijam o bico dos sapatos dos seus
feitores, e que somente sabem odiar os que vencem sem
subserviência...

De resto, as crônicas que aqui vão impressas,
outra coisa não são senão pedaços doloridos do meu
ser, pois lhes dei vida, depois de embelezá-los e torná-
los românticos com o lirismo de minha arte, que nasceu
e foi burilada com o cinzel da dor...

Alea jacta est.

O Autor




ARON NA ACADEMIA

Está formada, desde já, a controvérsia em torno das próximas eleições na Academia Amazonense de Letras. Já outro dia, nos seus apreciados “Fatos, Gordos e Magros”, o jornalista e intelectual Almeida Barroso teceu comentários em derredor (desculpem a feiúra da expressão) do momentoso assunto, dando alguns palpites que, de certo modo, são palpites razoáveis. Disse, por exemplo, o nosso Almeida Barroso, que um dos candidatos mais palpáveis, (ou palpável, se assim acharem melhor) para, no momento, ter assento naquele augusto silogeu das nossas letras, é, indiscutivelmente, o escritor Aron Ypiranga Benevides, colaborador da página literária dominical d’ “O jornal” e um dos mais discutidos intelectuais que atualmente operam na árida planície amazônica, como autor de crônicas à semelhança do estilo de Emile Zola, muito lidas e

aplaudidas, não resta a menor dúvida, por uma vasta soma de leitores dos nossos periódicos. Comentando o caso, adiantou Almeida Barroso que possivelmente Aron seria o escolhido nas próximas eleições a se realizarem na Casa de Péricles Moraes, deixando a esperar vez, por conseguinte, a outros homens de letras de reconhecido valor, tais como Waldemar Batista de Sales e, parece, Ildefonso Pinheiro. Não conheço a disposição de ânimo dos dois últimos a respeito do assunto, isto é, se aspiram ou não, a imortalidade acadêmica. Quanto ao primeiro, o escritor Aron, sei tratar-se de um moço muito arredo às glórias e aos lauréis que aquela ilustre casa concede aos seus eleitos, sendo ele, por conseguinte, segundo informação de Barroso, o homem indicado para a vaga que ali existe com a morte do saudoso amigo Castro Monte, que deixou a Cadeira Número 29 a descoberto. Essa cadeira, como todos sabem, tem como patrono a figura poderosa do historiador meu conterrâneo Capistrano de Abreu. E Capistrano foi um homem desabusado, um tanto iconoclasta, boêmio, áspero quase sempre, possuidor de uma franqueza pessoal que muitas vezes lhe foi prejudicial na vida prática, mas, incontestavelmente, um grande, enormíssimo intelectual – daí vir eu a pensar no acerto da sugestão de Almeida Barroso, lembrando o nome de Aron para ocupar a cadeira de que Capistrano é o patrono. Aron é também um moço assim, franco, boêmio, sem papas na língua e, pelo que dele sei, não é muito dado à adoração de ídolos, nem deste nem do outro mundo, provando, assim, que a sua semelhança com o patrono não é mera coincidência. Aron é hoje denominado o “Nelson Rodrigues do Amazonas”. Alguns leitores o consideram melhor, no seu gênero, que o próprio Nelson, que Nelson, sabem os leitores, é esse terrível homem da

“Vida como ela é”, seção diária com milhões de leitores em todo o País. Gente há que compra a “última Hora” no Rio, somente para recortar a crônica de Nelson, e pregá-la no seu álbum de leitura diária, transformando esse álbum em livro de cabeceira. Aron também tem seus adoradores, no estilo de Nelson – e esses adoradores não são poucos, segundo estou bem informado. O homem tem visgo, é o que dizem. O segredo do seu sucesso reside justamente na crueza de suas expressões, na sua maneira de abordar os fatos, sem rodeios e sem meias-palavras, fazendo-o como fazia Zola em seus romances de repercussão mundial. Tudo isso Aron consegue, sem deixar, entretanto, se destilar gotas do mais puro lirismo nos seus escritos, dado que seus assuntos, invariavelmente, são as mulheres, “tabernáculo de sua paixão”, conforme o próprio escritor explica, em dado momento. Aron pode ser classificado, por conseguinte, como um escritor passional, pois seus temas são apaixonantes, realistas, e poderiam muito bem servir de *background* aos filmes mexicanos ou mesmo italiano da nova escola, uma vez sendo adaptados para tal fim. Aron não faria feio, tenho certeza, se consentisse que uma das suas crônicas fosse transportada para a tela por, digamos, um Luchino Visconti ou de Santis, um Figueiroa, ou Del Carril. Aron, em suma, é um escritor que tem público – e público certo e numeroso. No seu gênero, ele é o melhor da imprensa local. E produz com regularidade, em estilo uniforme, imaginoso, emocionante, cheio de paixão, doloroso às vezes, mas seguro e firme nas suas concepções dramáticas, onde se mistura, como já disse, o lirismo mais comovente com a crueldade moral mais chocante. Assim é, senhores o escritor Aron Ypiranga Benevides, o mais discutido cultor das belas letras, entre



nós, nestes últimos tempos, para quem Almeida Barroso, neste instante, acaba de reclamar uma cadeira na Academia Amazonense de Letras. Aron merece, sem dúvida. Tem a palavra, a esta altura, o professor Péricles Moraes – o dono da casa.

AFONSO DE CARVALHO

(Transcrito de *A Crítica*, de Manaus, 10 de agosto de 1956)



Pedaços de Minha Vida

< crônicas >



RENÚNCIA

Há muito tempo, quando nos conhecemos, éramos realmente bem jovens.

Ela, com seus cabelos negros, olhos tristes e meigos, era bem um anjo de carícias.

Conhecemo-nos numa noite cheia de estrelas, quando num baile, dançávamos sonhando, enquanto a noite corria célere em busca do crepúsculo matinal.

Nossas almas jovens, fez com que facilmente se compreendessem, nascendo daí um romance de ternura e simplicidade.

Passaram-se os tempos.

E o romance que parecia ingênuo, pouco a pouco, transformou-se num amor ardente, sem que os nossos corações compreendessem o destino das nossas ilusões.

E a felicidade nos envolveu: fomos felizes...

Porém, havia qualquer coisa sobrenatural, que ligava os nossos destinos; e assim vivíamos, alheios a tudo, sem sequer de leve apercebermo-nos das maldades do mundo. Dentro de nós alimentávamos um ardente desejo: que o altar um dia, confirmasse a união de nossas almas.

E o tempo passou-se...

E com o tempo, a inexperiência confiante da mocidade se foi, mostrando-me a razão, a realidade das coisas. E aquele misterioso manto do porvir, caiu, dando margem a que eu visse o destino cruel que nos

esperava. E foi assim, com a alma retalhada de dor, que compreendi a impossibilidade de fazê-la minha, unicamente minha. Se tive a suprema ventura de conhecê-la, por outro lado senti o amargor de perdê-la para sempre. Minha vida, era um arrostar penoso e de provações; jamais poderia unir-me a ela para fazê-la sofrer.

Se me unisse a ela, teria que ver mais cedo ou mais tarde, suas mãos alvas e finas, calejadas pelo trabalho, e o seu corpo escultural e lindo, vergado ao peso do cansaço.

Vivendo cercada de todo conforto como estava acostuada a viver, como poderia ver-se tão brusca-mente afastada dele?

Compreendia que se isso fizesse ver, sem hesitar, diria que nada lhe atemorizava. Conhecia muito bem a força de sua paixão por mim...

E se acaso tivesse aceito suas ponderações, nos primeiros anos, iríamos viver de acastelar ilusões; porém, mais tarde, quando o desânimo chegasse, iria maldizer sua sorte, e quem sabe, a mim o causador de toda a sua vida infeliz.

Quando mal pensava nisso, ficava bailando-me na retina um quadro triste de miséria e de angústia, enchendo-me de pavor. Compreendia que era moço, restava-me o futuro; mas, como poderia acreditar nele, se sentia que a felicidade fugia de mim, como foge a sombra da claridade.

Apesar da esperança que me embalava, sentia que a adversidade tolhia os meus passos, em busca da conquista de um porvir melhor. Compreendia e tinha quase que certeza que o meu destino me era cruel, e não encontrava meios para derrotá-lo. Era impossível unir o meu destino ao dela, para fazê-la sofrer, se queria tanto.

Realmente eu a amava mais que a minha própria felicidade, e sentia o terror, ante a idéia de vê-la infeliz. E reagindo foi que encontrei forças neste amor tão belo e tão grande, para afastá-la de mim. E assim devia proceder, se não quisesse mais tarde vergar-me ao peso do remorso pelo crime que ia cometer, em tirar do conforto do lar em que vivia, para caminharmos juntos, misturando sua vida, seus sonhos, seus anseios, com o pó da areia do meu destino incerto e descolorido...


Longe da luz dos seus olhos, a vida seria para mim, um sofrer incessante de amargura e desilusões, a espera da liberdade, pelo portal da morte. Talvez, quem sabe, se mais tarde viesse a compreender a força de meu amor, e a grandeza de minha renúncia. Realmente, era esse o meu consolo, porque assim tornar-me-ia digno de seu imenso amor. E, talvez, quem sabe se mais tarde, quando estivesse vivendo u'a vida feliz, no conforto de um lar, ao recordar-se de mim, deixasse cair uma lágrima de saudade dos seus olhos puros?

E foi assim, que louco de dor tomei a resolução fatal, de tornar-me odioso aos seus olhos, porque só assim venceria ela o seu amor por mim. Entre soluços e lágrimas, maldisse o meu amor, e por ter-me dedicado tão grande afeto estava arrependida.

Depois... nos separamos...

Passados tantos anos, hoje, passou por mim ao lado de outro... Senti o coração dilacerado, e a dor foi tão grande, que tive de me conter para não chamá-la entre prantos e soluços... E tive conhecimento do sofrimento em toda a sua extensão, com o coração sangrando de angústia e desolação, sem sequer poder pedir-lhe perdão.

E o pior, foi que ela seguiu sem me ver, ao lado de outro, ostentando o conforto que merecia.



Estava encantadoramente linda. Apenas em seus
pequenos olhos, havia uma nuvem de melancolia, que
não posso explicar...

Seria feliz?

Talvez...

Ainda se lembrava de mim?...

– Quem sabe!...

Hoje quando recordo o passado, tão feliz, tão
cativante, sem sentir, rola pela minha face uma lágrima
cruel.

Mas... que fazer agora? A vida é assim...



DESEJO SACRÍLEGO

Por que não voltas!?

Volta, sim, vem para junto de mim, que ainda hoje te espero como se esperasse um sonho aureolado de ventura, de desejo, que ficou sufocado pela nuance de teres fugido dos meus braços ansiosos pelo teu corpo...

Volta, sim, que ainda te vejo sem a falsidade daquela vestido, que desvirtuava as curvas sinuosas e harmoniosas do teu corpo.

Volta, porque aquela vontade torturante, de sentir, de viver de novo aqueles minutos felizes que viveu o nosso amor, quando trêmulo, vacilante, com as minhas mãos indecisas, despia a flor de tuas vestes, como se estivesse despindo as vestes de uma flor...

Desassossegado, pelo espetáculo que me oferecia o teu corpo branco, e pela tua carne que trazia o cheiro de u'a maçã partida, beijei muitas vezes teus alvos seios, que mais pareciam duas hóstias manchadas de vinho, transudando o perfume vivo do pecado...

Meus beijos, que outrora qual labaredas, já incendiaram as fibras das carnes de seda de teu corpo, hoje, está inconstante, esperando pela tua tão ansiada volta, que já está me torturando tanto.

Vem!...

Por que não vens como outrora!

Por que não voltas para encher minha boca com teus beijos escaldantes?

Volta, para deixares que, novamente, possa o teu corpo encantador ser vestido com os tecidos de meus beijos, e o ardente calor de minhas trêmulas mãos!

Por que nunca mais voltaste?

Que mal te fiz!?!...

Desperto.

Revolvo-me na cama, e intranquilo me levanto.

Já ia alta madrugada.

Eram três horas.

A janela de meu quarto bateu duas vezes, e o vento frio vindo do jardim trouxe-me a lembrança da morte.

Fui até à janela, e fiquei por muito tempo escutando. O silêncio era profundo. Tudo dormia. A casa, o céu, as estrelas, tudo enfim.

E quando indeciso, procurava escrever um nome na vidraça embaçada, alguém aproximou-se de mim e perguntou-me:

– O que estás vendo?

Nada, doce amiga. Chega-te mais a mim, e não deixes fugir a música deste momento.

– Por que? Perguntou-me.

Porque é inútil a minha canção. Ela é como as estrelas que ninguém pode ouvir...



CARTAS... VELHAS CARTAS...

Feliz daquele que pode um dia, quase no fim da mocidade, abrir u'a gaveta de sua mesa de trabalho, encontrar uma carta de amor e repousar sobre ela as mãos, como se estivesse pegando nas cinzas de alguns dias.

Faz tantos finos que nunca mais recebi uma carta de amor! E como me faz falta! Tanto que eu gosto de encontrar no meio dos papéis, uma carta, uma flor desbotada e murcha, e assim a um canto, atirada, uma carta de amor.

Como é interessante e bom, numa invernososa manhã própria para recordar cousas antigas, ouvir através de uma carta, tudo que outrora me dizias.

Ainda te lembras!

Eram sonhos, cuidados, ilusões, tudo enfim que tua imaginação de adolescente, arquitetava, lançavas nas linhas de um papel, para poder despertar em mim, o fogo vivo de uma paixão imorredoura. Embora, que hoje já não te lembres mais, ou não digas, ainda tenho saudades de escutar.

Não existe nada tão bom, como ficar sozinho, assim, num quarto, e como se o tempo tivesse parado, como quem se esqueceu de t'zdo, como quem de nada se lembra, para poder recordar-se somente daquilo que sua bem amada um dia lhe escreveu.

E, num momento de êxtase, começar desmanchando um laço de fita apertado de uma correspondência, e depois deixar que a mão, leve e medrosa, abra, e sentir um velho perfume vir falar de uma longa ausência.

E com tanta doçura, poder relembrar fatos passados.

Aquela flor, que um dia me deu com tanto carinho, encontrar dentro de uma página de um livro, descolorida, como vão se descolorindo os dias de minha pobre existência.

A ternura, a carícia arrebatada dos namorados!...

De tudo aquilo que ela com tanto ardor me escreveu, e tudo quanto com intensidade lhe escrevi, ainda hoje me lembro.

Páginas de amor, que guardo dentro das gavetas, que embora escondidas, ainda falam de cousas que foram esquecidas, como se fosse o perfume de leves violetas.

Mal sabes que ainda as leio, com aquele mesmo ardor. Nem sequer imaginas, que nessas manhãs sonolentas de inverno, te sinto perto de mim, como se estivesses falando aquelas mesmas cousas que há muito tempo me falavas, quando sobre o papel tua mão aveludada, leve, escrevia... escrevia... escrevia...

Não sei se feliz ou infelizmente, hoje já não se escreve mais cartas de amor. Aquele que sente hoje alguma coisa, diz mesmo numa simples e rápida frase, numa conversa velada, ou quase nada diz, e acredita que disse demais.

Hoje, as impressões já não se resolvem mais com tinta e com papel. Os lábios que sorriem... Os olhos que choram... E a frase magoada, sonora, eloqüente... Enfim tudo se acabou...

Aqueles minutos felizes, aqueles passeios por alongadas e intermináveis alamedas em que indo e vindo, naquele interminável passeio, em que horas e mais horas se consumiam, se que nos apercebêssemos, pareciam horas de sedas. Agora tudo acabou. Tudo findou...

Tudo morreu, depois que os lábios de um alguém ficou mudo, depois que a mão desse alguém nunca mais teve a lembrança de me escrever.

Agora só me resta este momento de juntar novamente, uma após uma, e guardar no escrínio sagrado da saudade, as velhas e desbotadas cartas recebidas. Momento de ficar sozinho no quarto. Momento de novamente fechar, leve e suavemente, a gaveta, como se estivesse fechando o meu passado...

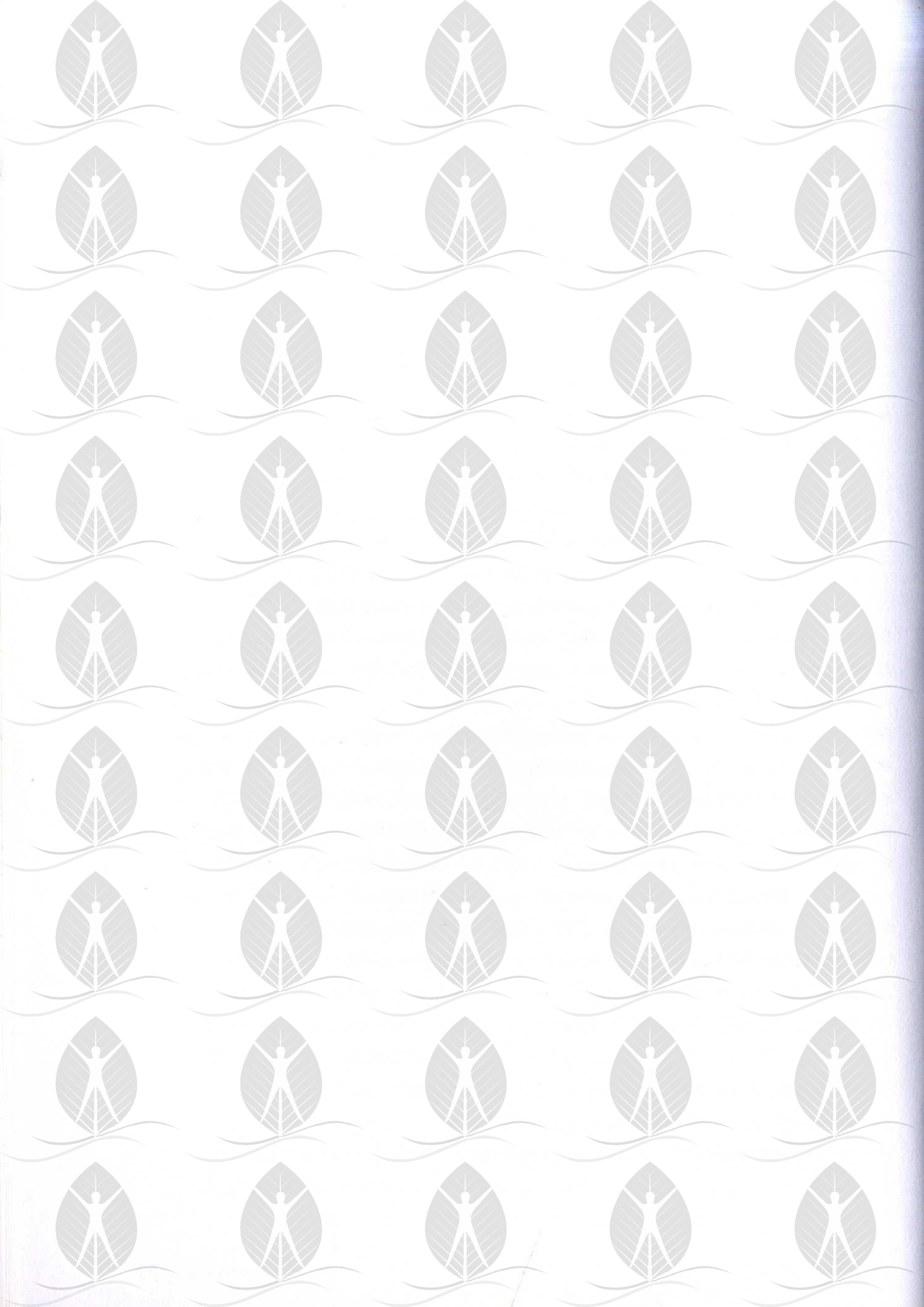
Depois, ficar pensando naquela que foi mais desejada e decantada; naquela que, em priscas e longínquas datas, me escreveu frases que ficaram imorredouras...

Aquele amor que se extinguiu... O que a vida na sua trama urdida esqueceu... O sonho que morreu como as frases que morrem nos lábios... O que ela nem se lembra mais que me escreveu, porém que o papel guardou para sempre...

Cartas... Velhas cartas de amor...

Retalhos de almas... Reminiscências do passado...

Pedaços de minha vida...



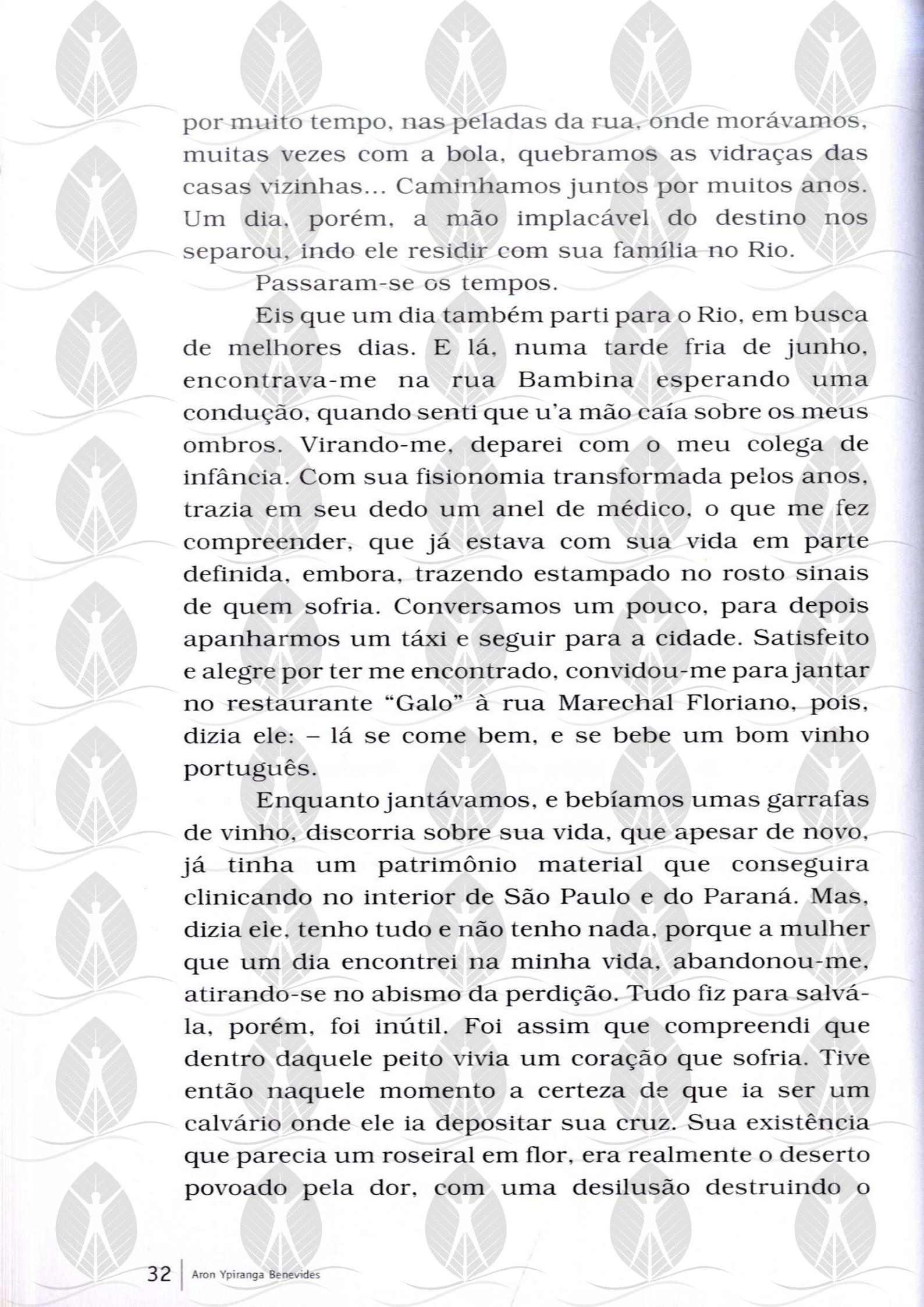


CÁRCERE DA VIDA

Ainda trago em meus ouvidos a ressonância das palavras graves e ternas de meu pai, quando me advertia mostrando os meus erros, dizia-me que o melhor mestre é o mundo. Cedo, muito cedo ainda, no verdor da mocidade, atirei-me à luta pela vida, e fui conhecer as maiores vicissitudes, para ganhar o pão amargo que comi muitas vezes amassado com o meu pranto e embebido com o fel das injustiças. Antes de iniciar-me no mundo das letras, exerci as mais variadas profissões, como se assim estivesse aprimorando o meu espírito, para poder ser um escultor de frases, no calvário augusto da pena. Foi caminhando assim, que penetrei na psicologia das mais variadas formas de vida, deixando em todas elas, um traço marcante de

minha personalidade, devido ter um espírito ávido de liberdade, e também devido a minha independência de propósito, por haver fugido sempre da austeridade covarde e obediência cega. Quem inicia a vida como iniciei, pelos caminhos sinuosos das dificuldades, e sonha entrar nesse outro mundo sagrado, que o do romance, necessário é, que se traga ligado a nossa vida, os germes de todos os vícios, e também de todas as virtudes, para então adquirir o direito de poder misturar a realidade com a ficção.

Era bem criança, quando por uma tarde de verão jogava bola com outros garotos, conheci Alberto, que



por muito tempo, nas peladas da rua, onde morávamos, muitas vezes com a bola, quebramos as vidraças das casas vizinhas... Caminhamos juntos por muitos anos. Um dia, porém, a mão implacável do destino nos separou, indo ele residir com sua família no Rio.

Passaram-se os tempos.

Eis que um dia também parti para o Rio, em busca de melhores dias. E lá, numa tarde fria de junho, encontrava-me na rua Bambina esperando uma condução, quando senti que u'a mão caía sobre os meus ombros. Virando-me, deparei com o meu colega de infância. Com sua fisionomia transformada pelos anos, trazia em seu dedo um anel de médico, o que me fez compreender, que já estava com sua vida em parte definida, embora, trazendo estampado no rosto sinais de quem sofria. Conversamos um pouco, para depois apanharmos um táxi e seguir para a cidade. Satisfeito e alegre por ter me encontrado, convidou-me para jantar no restaurante "Galo" à rua Marechal Floriano, pois, dizia ele: – lá se come bem, e se bebe um bom vinho português.

Enquanto jantávamos, e bebíamos umas garrafas de vinho, discorria sobre sua vida, que apesar de novo, já tinha um patrimônio material que conseguira clinicando no interior de São Paulo e do Paraná. Mas, dizia ele, tenho tudo e não tenho nada, porque a mulher que um dia encontrei na minha vida, abandonou-me, atirando-se no abismo da perdição. Tudo fiz para salvá-la, porém, foi inútil. Foi assim que compreendi que dentro daquele peito vivia um coração que sofria. Tive então naquele momento a certeza de que ia ser um calvário onde ele ia depositar sua cruz. Sua existência que parecia um roseiral em flor, era realmente o deserto povoado pela dor, com uma desilusão destruindo o

fundo do seu ser. Depois, voltou a falar sobre a mulher que lhe envenenou a vida, e mais tarde lhe envenenaria a alma. A essa altura, conhecendo parte de sua história, perguntei se aquele amor tão insensato não teve força para despertar o seu carinho.

– Não, ela jamais seria feliz me querendo. Eu é que devia ter compreendido que não possuía condições para ser amado por uma mulher como ela, e julgo mesmo que ela merecia muito mais do que podia lhe oferecer.

Não concordei, e cheguei a acreditar que devido estar com o seu amor ferido, julgava que tudo tinha influído para ela abandonar-lhe.

Continuando, disse que apesar de ser formado, sabia que lhe faltavam qualidades essenciais que fazem um homem brilhar na sociedade, pois, era retraído, e que vivia num mundo interior, no qual havia deixado entrar unicamente a sua imagem, para fazê-lo objeto de sua adoração.

Apesar de ainda não conhecê-la, achei que ele estivesse condenando injustamente, e quem sabe, se um dia ela não chegaria a querer-lhe muito.

– Não. Não estou condenado, e não posso perdoá-la. Continuo querê-la tanto que em minha alma, jamais poderá se aninhar a menor parcela de rancor. E que culpa tem ela de não me querer? O culpado sou eu mesmo de não saber fazer-me querido. Não perdô, porque não teve culpa do que aconteceu.

Passados alguns minutos, perguntei-lhe se ela não tinha proporcionado alguma esperança, ao que me respondeu tristemente:

– Sim. Devo até estar grato à ela, porque proporcionou-me momentos de inefável... Foi uma brincadeira... Ela procedeu como mulher, enfim. Brincou com o meu

coração. Entreguei-o perfeito, completo, e ela me devolveu dilacerado.

– Alberto, assim estás recriminando a mulher que tanto amaste e atinges a um extremo inconcebível.

– Bem o mereci. Jamais devia deixar arrastar-me por uma esperança alucinada. E te sou franco. Nunca estranhei o seu desprezo, se bem que um dia, muito mais estranhasse o seu carinho!...

– Por que falas assim sobre ela?

– Amigo, a esmola dada por quem não tem é muito mais valorosa. Ela não é possuidora de carinho, e não sabe dispensar a ninguém, e quando por ventura dispensa a um alguém, ele tem ou não tem valor! Agora vivo desta única esmola. Para minha vida, chega a migalha de amor que um dia ela me deu.

O cinzeiro ao nosso lado estava cheio de pontas de cigarro. Garrafas e copos vazios jaziam sobre a mesa. Num gesto rápido e bastante emocionado, Alberto levantou-se e convidou-me para ir ao cabaré “Assírio”, pois ia mostrar-me a mulher por ele tão decantada. Atendi o seu convite, e rumamos juntos para o cabaré. Lá chegando, sentamos em torno de u’a mesa, e enquanto as luzes se apagavam e a orquestra tocava o tango “Cuesta Bajo”, e bebíamos, eis que entra, altiva e indiferente, a mulher dos seus sonhos de amor: Marília. Ao vê-la, esbugalhou seus grandes olhos, para depois murmurar: – ainda está linda como dantes...

Realmente era linda. Branca, de uma brancura do mármore em noites enluaradas, com seus olhos grandes de turca, cabelos negros e bem ondulados, era bem uma estátua de beleza. Vestia um lindo costume ciclame, realçando mais ainda a brancura de sua pele, fazendo parecer que as luzes atravessavam o seu ser. Parou, olhou em redor, e ao ver Alberto, atravessou o

salão, vindo sentar-se ao seu lado. Apresentou-me, e entre fumaça dos cigarros e os acordes da orquestra, conversamos, dançamos, e bebemos muito até alta madrugada.

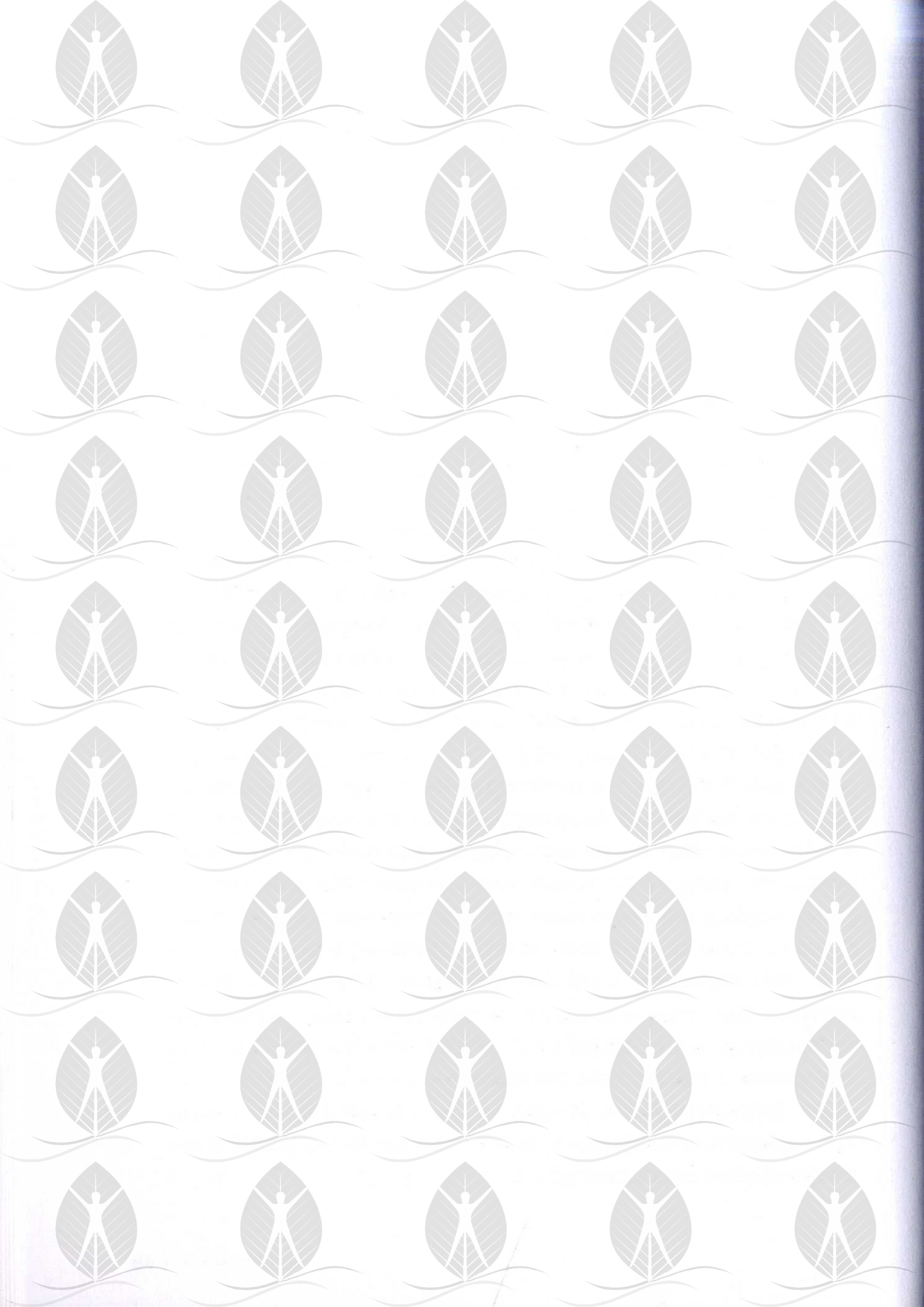
Já tínhamos chamado o garçom para pagarmos a despesa e retirarmos, quando Marília é acometida de uma tosse, e colocando o lenço na boca, ao tirá-lo, estava manchado de sangue, como se fossem pétalas vermelhas tingindo o alvo lenço, parecendo o sol a esvaír-se à tarde no ocaso, numa última hemopetise, tingindo de arrebóis o céu resplandecente.

Compreendi então, que era mais uma que ia tombar exangue, em busca da glória e da felicidade inatingível no cárcere da vida a que o destino tão brutalmente lhe condenara... Passaram-se os anos... Numa tarde de setembro, quando embarcava na barca da Cantareira em Niterói, encontrei Marília. Aí, o mal que devorava os seus pulmões, já mostrava em suas faces pálidas, que caminhava lenta, mas progressivamente para a morte. Seus lábios, entreabertos, era como se fosse uma ânfora de veneno, pronto a devolver a morte, àquele que lhe entregasse a vida... Depois desse dia, nunca mais a encontrei... Uma tarde, ao voltar para casa, aproximando-me de uma banca de jornal, vi numa folha vespertina que estava pendurada uma manchete assim: “Fim de um boêmio”. Estarrecido deparei com o retrato de Alberto.

Havia se suicidado com um tiro no coração, fazendo parar para sempre, aquele que outrora pulsara de amor, por um alguém que fora condenada à morte em pleno alvorecer da juventude...

Infeliz no amor, julgou-se um ser a mais na terra...

Enfim... a vida para uns, é um sonho, para outros, é um sonho mal sonhado...

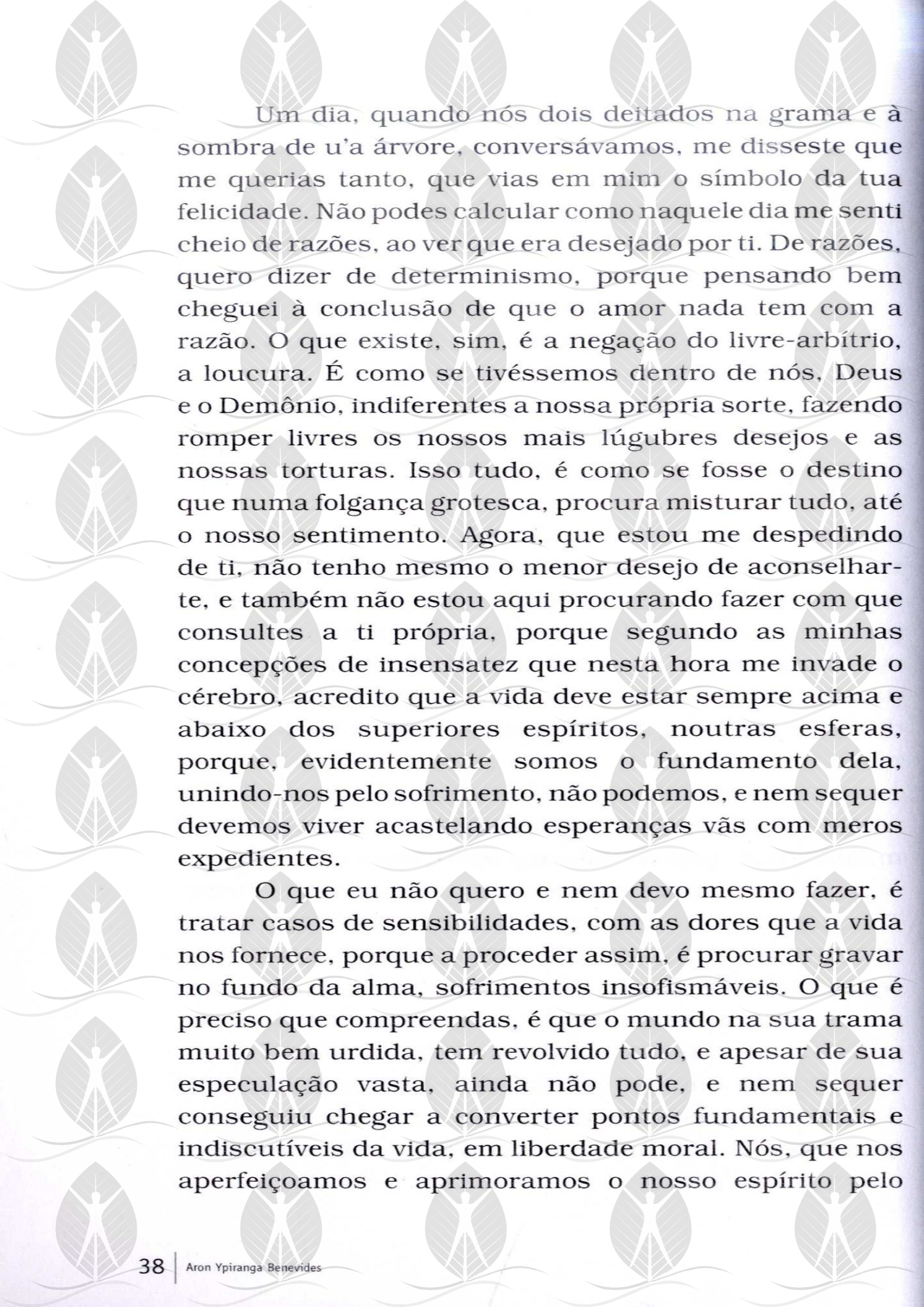




RESPOSTA A UMA CARTA

Há quanto tempo me escreveste, sem que ainda tivesses recebido a resposta. Li, e ainda releio as páginas de tua carta, cheia de doçura, mostrando como réu confesso, o amor, a paixão arrebatada que tens por mim. Realmente, sofreste muito quando escrevias extravasando a tua dor, e o receio que torturava tua alma, de ver os teus sonhos desfeitos, pois as lágrimas que rolaram pela tua face foram tantas, que mancharam o papel, fazendo-me compreender que a sombra do meu vulto, representava tudo para ti. Porém, depois de pensar muito em ti, em mim, posso te dizer que não devemos mais continuar a mentir, e também não devo mais procurar-te.

Hoje beijei as últimas palavras de tua carta, por sentir que ela revela um grande amor por mim. Infelizmente, é o próprio entusiasmo desse amor que me deixa atemorizado, ao mesmo tempo em que me satisfaz. Talvez que fiques surpreendida em ter que dizer-te que na terra em que piso, outra coisa não sou, a não ser a contradição de tudo, até de mim mesmo. Costumo aquiescer com a razão aos que me querem, mas, somente sei amar aquelas que me desprezam. Acredito que um dia chegarás a me compreender, se olhares para dentro de ti mesma, porque essencialmente, todos nós somos iguais. Cada ser humano é realmente o verdadeiro abismo de si próprio.



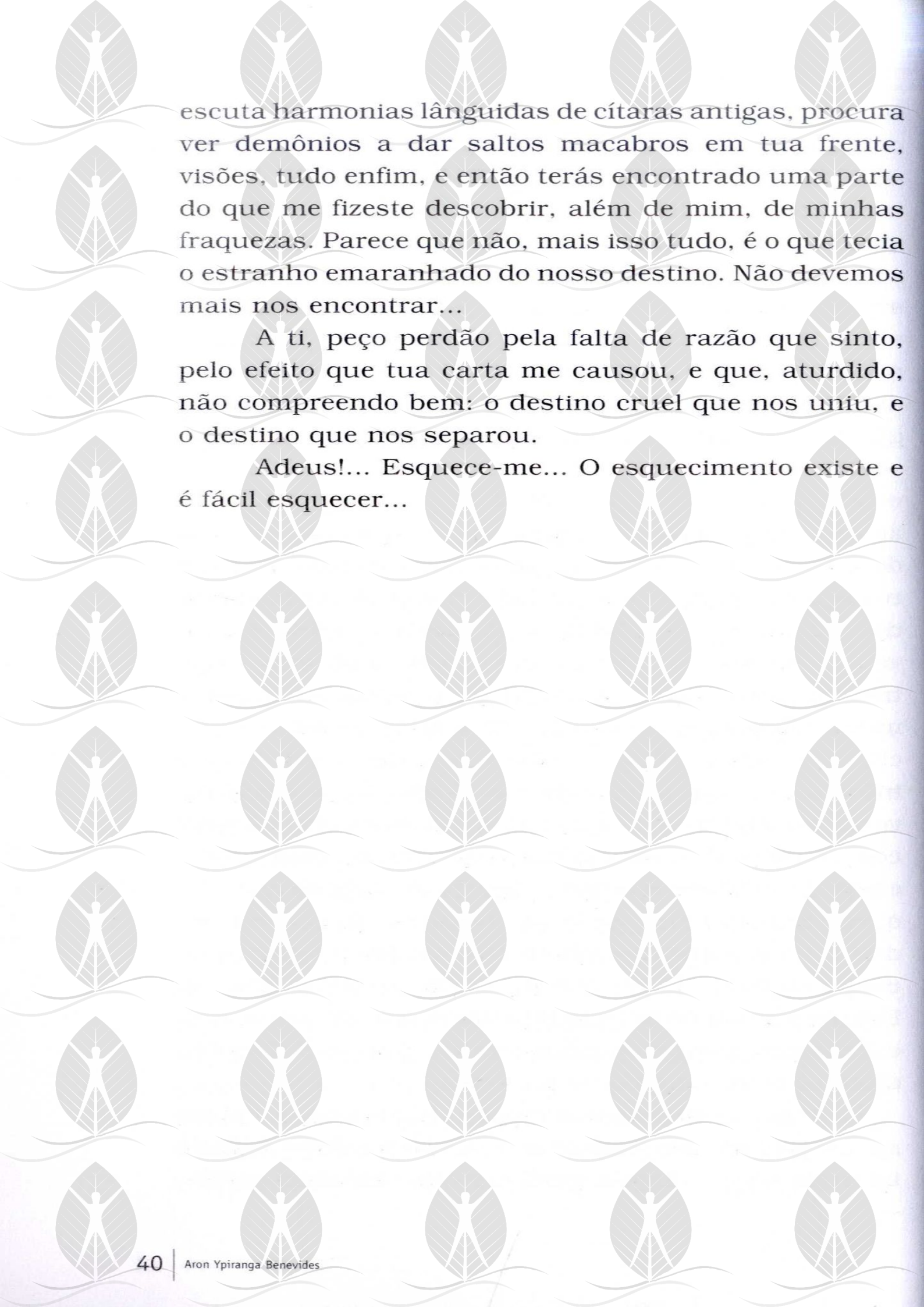
Um dia, quando nós dois deitados na grama e à sombra de u'a árvore, conversávamos, me disseste que me querias tanto, que vias em mim o símbolo da tua felicidade. Não podes calcular como naquele dia me senti cheio de razões, ao ver que era desejado por ti. De razões, quero dizer de determinismo, porque pensando bem cheguei à conclusão de que o amor nada tem com a razão. O que existe, sim, é a negação do livre-arbítrio, a loucura. É como se tivéssemos dentro de nós, Deus e o Demônio, indiferentes a nossa própria sorte, fazendo romper livres os nossos mais lúgubres desejos e as nossas torturas. Isso tudo, é como se fosse o destino que numa folgança grotesca, procura misturar tudo, até o nosso sentimento. Agora, que estou me despedindo de ti, não tenho mesmo o menor desejo de aconselhar-te, e também não estou aqui procurando fazer com que consultes a ti própria, porque segundo as minhas concepções de insensatez que nesta hora me invade o cérebro, acredito que a vida deve estar sempre acima e abaixo dos superiores espíritos, noutras esferas, porque, evidentemente somos o fundamento dela, unindo-nos pelo sofrimento, não podemos, e nem sequer devemos viver acastelando esperanças vãs com meros expedientes.

O que eu não quero e nem devo mesmo fazer, é tratar casos de sensibilidades, com as dores que a vida nos fornece, porque a proceder assim, é procurar gravar no fundo da alma, sofrimentos insofismáveis. O que é preciso que compreendas, é que o mundo na sua trama muito bem urdida, tem revolvido tudo, e apesar de sua especulação vasta, ainda não pode, e nem sequer conseguiu chegar a converter pontos fundamentais e indiscutíveis da vida, em liberdade moral. Nós, que nos aperfeiçoamos e aprimoramos o nosso espírito pelo

sofrimento, é que podemos compreender e saber até onde poderá chegar a nova ciência, que criou a filosofia sensual, porque, nela vivemos, e viveremos por muito tempo, ainda, na consciência e superior ignorância do que somos:

Às vezes, chego a acreditar mesmo, que tudo isso seja apenas um reflexo do que leio nos livros, fazendo-me ver desfilar ante os meus olhos, um museu de belezas mutiladas. Quando te conheci, era, não resta a menor dúvida, realmente perfeita e harmoniosa, porém, tiveste que sofrer os efeitos da alteração dos caracteres. Jamais sofri tanto quando em teus braços, pude compreender o estranho emaranhado do nosso destino. Quando acabei de ler a tua carta, fiquei me interrogando acerca do teu, do meu, do nosso amor... Em certo momento resolvi olhar-me no espelho. Foi aí que pude ver a sombra do que fui na adolescência. Felizmente, ainda tive a ventura de poder conhecer o homem de vinte anos atrás, tratado pelo tempo implacável, e encontrar através dos meus olhos aquela negridão da minha antiga virtude, cheia de imprevisões, que me fazia procurar o céu e o inferno nos momentos de recolhimento, e consegui voltar ao tempo em que me contentava em ver os ídolos com os olhos da carne, gozando-os, porém, com a alma cheia de lúbricos anseios... Agora, reconheço que sou o mesmo mistério sensual, vivendo num mar de desesperos, e num mundo de desejos. No entanto, uma coisa soubeste fazer, que foi vibrar os meus desejos. Felizmente, encontrei forças íntimas, que me alertaram, e fizeram aumentar os meus receios. Que seria de mim, de ti, se continuasse a te encontrar!...

Para que tu possas compreender esta carta, coloca na tua imaginação braseiros de incêndio, frio e fogo de infernos vários, aspira perfumes de essências puras,



escuta harmonias lânguidas de cítaras antigas, procura ver demônios a dar saltos macabros em tua frente, visões, tudo enfim, e então terás encontrado uma parte do que me fizeste descobrir, além de mim, de minhas fraquezas. Parece que não, mais isso tudo, é o que tecia o estranho emaranhado do nosso destino. Não devemos mais nos encontrar...

A ti, peço perdão pela falta de razão que sinto, pelo efeito que tua carta me causou, e que, aturdido, não compreendo bem: o destino cruel que nos uniu, e o destino que nos separou.

Adeus!... Esquece-me... O esquecimento existe e é fácil esquecer...



SOMENTE OS QUE TOMBAM

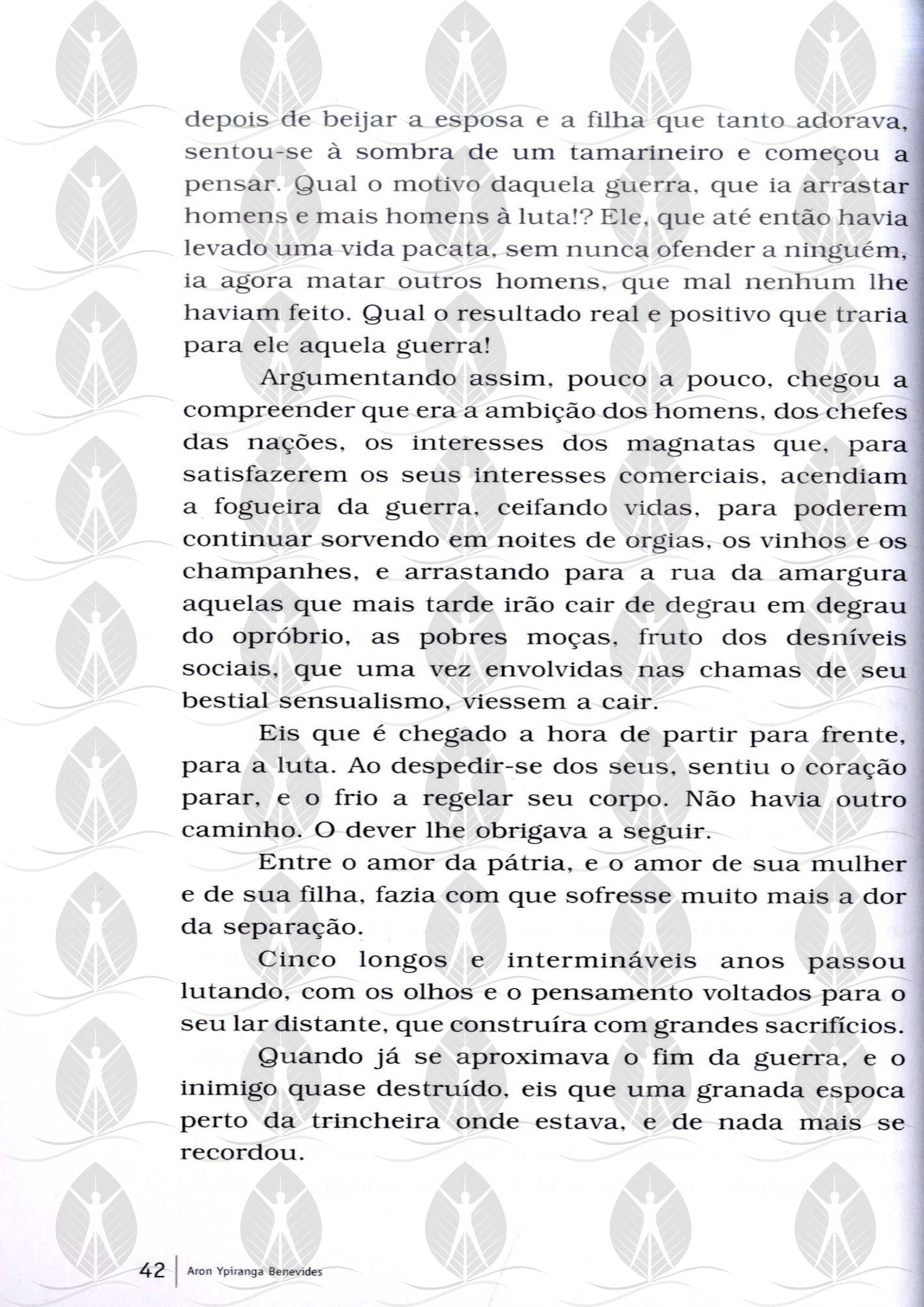
Naquela pequenina e longínqua cidade, vivia em sua casinha, erguida ao pé da serra, um homem com sua esposa, e o fruto do seu mais ardente amor: uma filha.

Vivendo a vida que lhe coube por sorte, lutava de sol a sol, pela subsistência daqueles entes queridos, que tudo esperavam e confiavam em sua experiência, para que assim não viessem a sentir a falta de sua proteção.

Moço ainda, no verdor da mocidade acastelava aquele, desejo vivo, de um dia, no amanhã da vida, ver aquele anjo louro, encarnar a realidade dos seus sonhos de felicidade.

Mas, sempre há na vida o dia em que um sonho se acaba. Foi assim, que uma tarde de agosto, por intermédio dos jornais, ouviu soar os clarins da guerra. Sentiu com emoção que o fantasma da desgraça ameaçava sua felicidade. Não se iludiu. Realmente, no outro dia, a pátria chamava os seus mais dedicados filhos, para defender a integridade do seu solo. Porém, não pôde fugir. O dever lhe obrigava a seguir para a luta, em defesa do seu torrão natal.

Voltou a casa, mudo, pensativo, sem saber equacionar com a razão, o porque da guerra, e qual o motivo que lhe obrigava a ir para a luta, arriscar além de sua própria vida, a vida de sua felicidade, que era aquele seu pequenino mundo; o seu lar. Ao chegar em casa,



depois de beijar a esposa e a filha que tanto adorava, sentou-se à sombra de um tamarineiro e começou a pensar. Qual o motivo daquela guerra, que ia arrastar homens e mais homens à luta!? Ele, que até então havia levado uma vida pacata, sem nunca ofender a ninguém, ia agora matar outros homens, que mal nenhum lhe haviam feito. Qual o resultado real e positivo que traria para ele aquela guerra!

Argumentando assim, pouco a pouco, chegou a compreender que era a ambição dos homens, dos chefes das nações, os interesses dos magnatas que, para satisfazerem os seus interesses comerciais, acendiam a fogueira da guerra, ceifando vidas, para poderem continuar sorvendo em noites de orgias, os vinhos e os champanhes, e arrastando para a rua da amargura aquelas que mais tarde irão cair de degrau em degrau do opróbrio, as pobres moças, fruto dos desníveis sociais, que uma vez envolvidas nas chamas de seu bestial sensualismo, viessem a cair.

Eis que é chegado a hora de partir para frente, para a luta. Ao despedir-se dos seus, sentiu o coração parar, e o frio a regelar seu corpo. Não havia outro caminho. O dever lhe obrigava a seguir.

Entre o amor da pátria, e o amor de sua mulher e de sua filha, fazia com que sofresse muito mais a dor da separação.

Cinco longos e intermináveis anos passou lutando, com os olhos e o pensamento voltados para o seu lar distante, que construía com grandes sacrifícios.

Quando já se aproximava o fim da guerra, e o inimigo quase destruído, eis que uma granada espoca perto da trincheira onde estava, e de nada mais se recordou.

Devido ao efeito da granada, ficou perturbado do sentido da inteligência: enlouqueceu. Levado para um hospital de doenças mentais, passou vinte anos. Um dia, os médicos ao lhe examinar acharam que já estava curado, e deram-lhe a liberdade. Aturdido, cambaleante, saiu rua afora, em busca de sua cidade para rever seu lar, seu mundo, a razão do seu viver.

Ao voltar, quando viu sua casinha, uma alegria enorme lhe envolveu a alma. Ao transpor a porta, encontrou sua filha já moça, e sua mulher ao lado de outro homem.

Como se tivesse saído de um pesadelo, perguntou o que significava aquilo. Sua filha, assustada e estarecida nada falou, porém, sua mulher quebrou o silêncio para dizer-lhe:

– Estiveste tanto tempo ausente, e a enfermidade de que foste acometido, e depois que a ciência me deu a desilusão de que era quase impossível a tua cura, e sendo eu ainda uma vida viva, difícil seria para mim, viver voltada para uma vida morta que era a tua...

Faltou para aquela mulher a solidariedade do amor, provado na desgraça.

E aquele homem com a existência sepultada na dor, e na sombra de sua desilusão, compreendeu o seu papel no palco da vida.

Depois de olhar em redor, assim falou:

– Fui para a guerra, lutar por ela, por ti, pela pátria, e o que ganhei! Não trago cicatrizes nem condecorações de glórias. Apenas anos de inferno. E ao voltar, à pátria, à mulher por quem lutei, dizem-me: – estiveste tanto tempo ausente, podes agora ser esquecido. Pegaram-me aturdido para abandonar-me... Mas eu fui para a guerra...



Depois, sentindo-se estranho naquela casa, retirou-se.

A noite começava a envolver a terra, e aquele homem com a alma retalhada de dor, e o coração estilhaçado pela ingratidão, caminhava, casando a treva de sua noite interior, com as trevas da noite escura.

É assim o destino dos heróis. A humanidade acostumou-se a reverenciar somente os heróis que tombam. Os que ficam vivos, pouco a pouco são esquecidos.

Mas, é impossível mudar o rumo do destino.
São cousas da vida...



HOMENS QUE SOFREM

Já ia bem alta à noite e aqueles dois homens caminhavam, cabisbaixos, a passos lentos, entregues à sua própria sorte, como se fossem restos de vidas atiradas no abismo da existência. Suas almas entrecortadas pela angústia, ligavam-se pela afeição dos sofrimentos, que fizera com que se tornassem companheiros constantes, a vaglar pelas ruas, a procura de um lenitivo para as suas dores, ou mais difícil um consolo. Depois de andarem muito, chegaram na avenida Atlântica, sentaram num banco no posto seis.

Olhando o mar, ficaram silenciosos, como se estivessem comparando seus sofrimentos com a imensidão do oceano.

Passadas algumas horas de meditação, um resolveu falar, para revelar a razão dos seus sofrimentos, das suas tristezas.

E o primeiro falou:

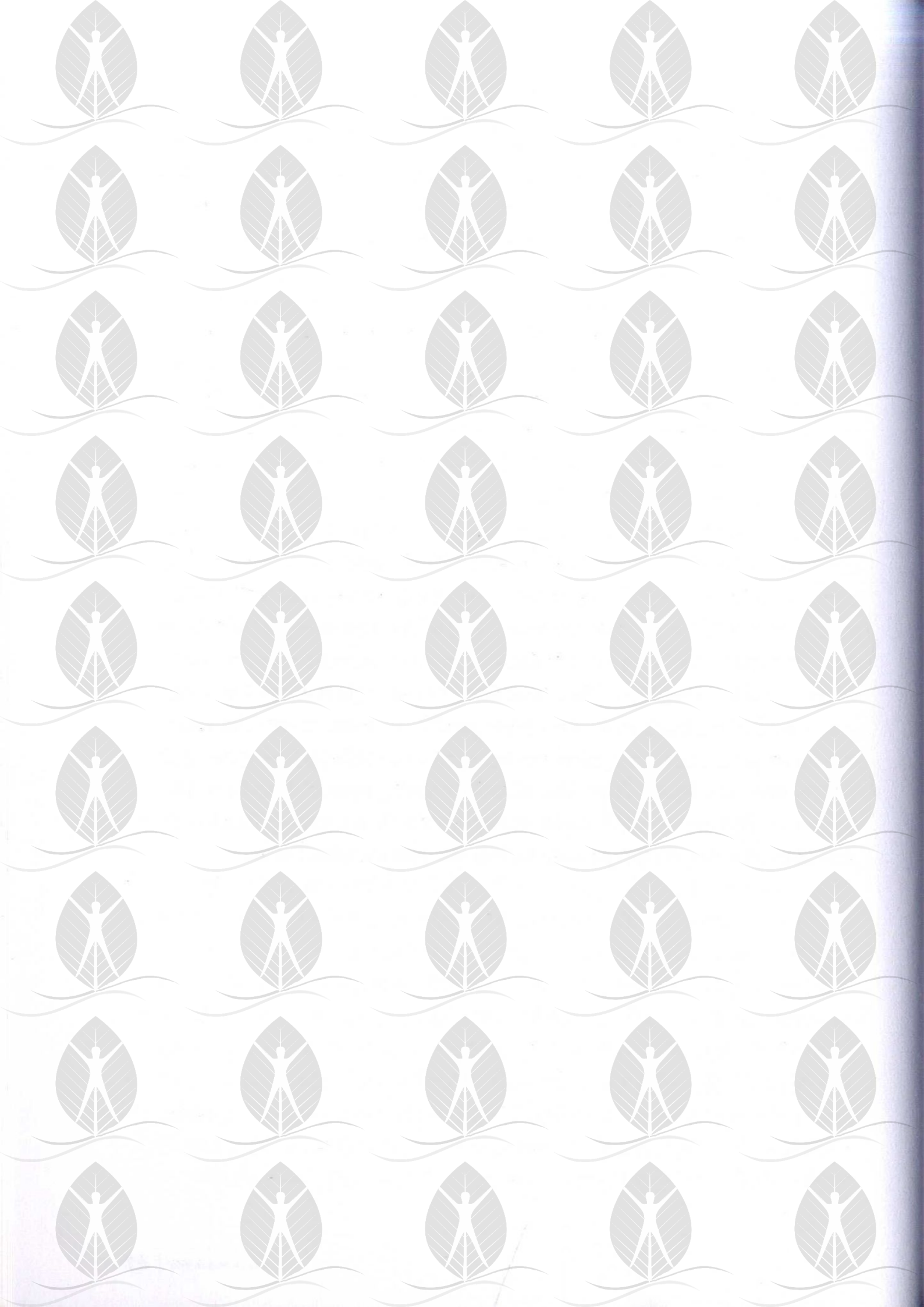
– Meu sofrimento, amigo, tem a extensão da desventura, com seu ponto de partida no vulto de u'a mulher, que ainda hoje vive diante dos meus olhos... E como é bom a gente sentir-se embriagado, com um vulto de mulher bailando na retina... Era ainda bem moço quando, certa vez, encontrei um olhar lânguido de mulher, que veio com uma seta no meu coração. De início, nasceu um romance terno e simples, para depois se enraizar no meu coração. Tudo corria bem, quando

um dia, a família dela teve conhecimento do nosso romance, e sabendo que eu era um moço pobre, começou a fazer oposição ao nosso amor. No princípio, ela ainda resistiu a discordância dos seus, porém, mais tarde, não suportando mais aquela situação, resolveu dizer-me que era impossível continuar a querer-me, pois, sua família jamais concordava com aquela união. Daquele dia em diante, nunca mais a encontrei. Foi aí que pude ver o quanto a adorava. Passei a procurar na distração meu consolo, e até hoje inutilmente procuro a alegria, e acho tudo tão ermo, tão tristonho. Passados muitos anos, uma noite, quando atravessava a avenida Beira-Mar, fui apanhado por um automóvel, que depois de me atirar ao solo, passou por cima de mim. Quando recobrei os sentidos, já estava atirado no leito de um hospital. Entre a vida e a morte passei muitos dias. Quando já estava fora de perigo, procurei saber quem me havia levado para ali, e disseram-me que tinha sido uns senhores. Numa manhã, quando estava dormindo, fui despertado pelo barulho da porta que se abria, aparecendo no seu vão o vulto de Nora, a mulher que me abandonara. Estranhei sua presença, porém, de início, ela procurou acalmar-me, e então explicou-me que fora ela quem me havia atropelado. Pedi-me entre soluços que a perdoasse, e que jamais julgou que voltasse a me encontrar assim tão tragicamente. Depois de ouvi-la atentamente, disse-lhe, que não tinha nada que perdoar, pois jamais a condenei. Aquilo que acontecera, era somente pura ironia do destino, porque depois que me abandonara, tinha caído tanto, e ficado tão baixo, que facilmente havia passado por cima de mim... Demorou algumas horas ao meu leito, para depois se retirar. Quando me restabeleci, saí do hospital, e pouco a pouco fui compreendendo o estranho

emaranhado do meu destino. E hoje só me resta carregar a cruz dos meus sofrimentos, tentando alcançar o Calvário, sem ter a coragem de atirá-la ao chão, apesar de sentir que ela é pesada demais para levá-la ao túmulo.

Houve um silêncio entre os dois, que se entreolharam, para enfim o outro dizer:

- Eu, amigo de desventura, sou triste porque sonhei demais. Sonhei com cousas maravilhosas que a vida jamais me poderia dar. Sou triste também porque fui egoísta, quis muito, e da felicidade que me foi legada entendi de fazer um grande romance, como é difícil de ser encontrado. E a felicidade me fugiu. Sou realmente triste, porque com um amor pequenino e frágil como a fimbria de um cristal, tentei erguer um imenso e belo castelo, encantado, e minhas frágeis mãos foram castigadas, por se levantarem tão alto. Sou mais triste ainda, porque sei que existe outros mais tristes e muito mais sós do que eu, e que sabem guardar a sua dor, e não tenho esta coragem. Sei, perfeitamente, e a experiência me ensinou, que não se deve pedir à vida mais do que ela nos pode dar. E pedi tudo, e ela arrebatou-me tudo, inclusive os carinhos da mulher dos meus sonhos de amor... Agora, triste pela vida afora, vou caminhando, assistindo ao funeral de todos os meus sonhos...





UMA SOMBRA QUE PASSA

Quando vires passar pela rua um homem alto, magro, olhos castanho-escuros, cabeleira grisalha, não te apiedes dele, porque ele não precisa, e não quer a tua piedade. O que ele procura, é a solidão... somente a solidão...

Olha-o, como se estivesse vendo o retrato de um homem, que na vida não foi bom, também não foi mal, apenas em sua existência tem vivido lugubrememente a vida que o destino lhe deu, e assim, viu e sentiu muitas vezes a dor, unicamente a dor...

Foi daqueles que, em cada quebrada da vida, encontrou uma serpente, hedionda e falsa, e que hienas deparou fugindo espavorido, abandonando a decomposição da matéria inerte de toda a humanidade, que consigo traziam as gangrenas de todas as sociedades...

Quantas e quantas vezes, tentou num esforço ousado, encontrar o caminho que lhe conduzisse à casa da felicidade, e não encontrando, ficou a vagar no oceano imenso da vida, como um naufrago a procurar um resquício de luz, para que assim pudesse sobreviver à tempestade das adversidades que enfrentava, para poder salvar os seus sonhos mal sonhados...

Ele, que como o judeu errante das lendas, viajou por terras estranhas, e que lábios de mulheres beijou ardorosamente, não encontrou senão corações

indiferentes, trazendo consigo o amargor dos beijos que atraíam, e não pôde colher o beijo langoroso da mulher enamorada.

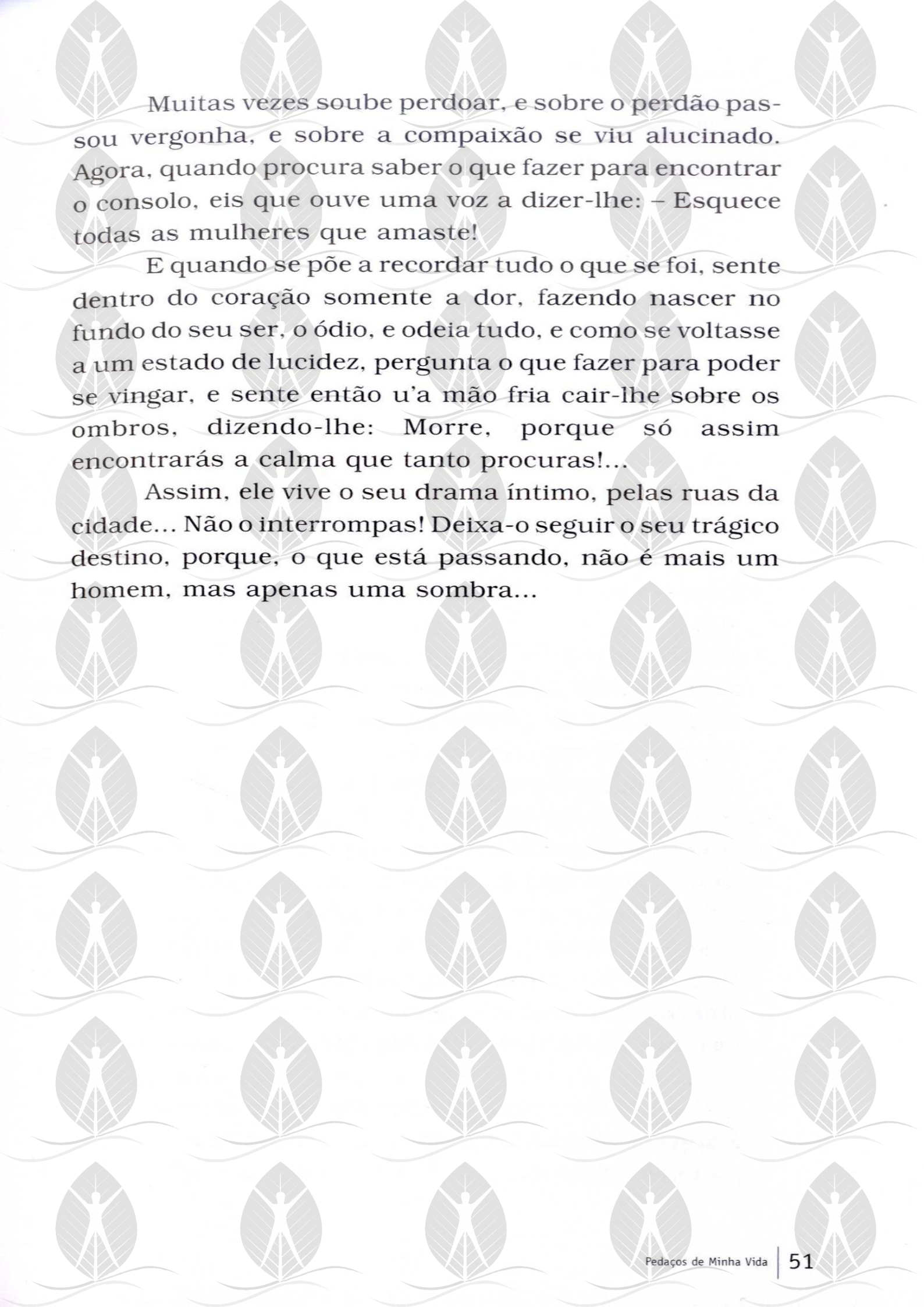
Nas suas noites de insônia, aturdido, viu estranha visão, que lhe deixou apavorado, por sentir que era perseguido, qual louco, por este mundo afora, deixando-o cada vez mais imerso em profunda nostalgia.

Certo dia, cansado de se ver perseguido pela visão, sentindo-se como quem sai de um pesadelo, perguntou: – Quem és, e porque me persegues tanto, sem ter piedade de mim, me torturas tanto o coração, onde a tristeza fez sua morada, me deixando cada vez mais taciturno! Não encontrando resposta, novamente exclama: Quem és! Que desejas de mim?... E a visão com voz lânguida, diz-lhe: – Não te aflijas e não te perturbes, porque o teu coração me pertence, por seres um mártir da vida. Sou a paixão que cresta, que mata, e que sempre faz vir em teus olhos às lágrimas; sou enfim, a cruel personagem que neste mundo chamam de dor...

É por isso que hoje encontras caminhando solitário, sozinho, sentindo dentro da alma uma amargura infinda, compreendendo que, ainda é muito cedo para morrer, e tarde demais para viver... Entre desespero e angústia, sente às vezes reviver em sua alma aquele fulgor antigo, e crê que a glória o abandonou, e que a ambição o atraiçoa. E em silêncio, pergunta a si mesmo o que fazer para encontrar a felicidade!

E ouve uma voz a lhe dizer: – Ama!

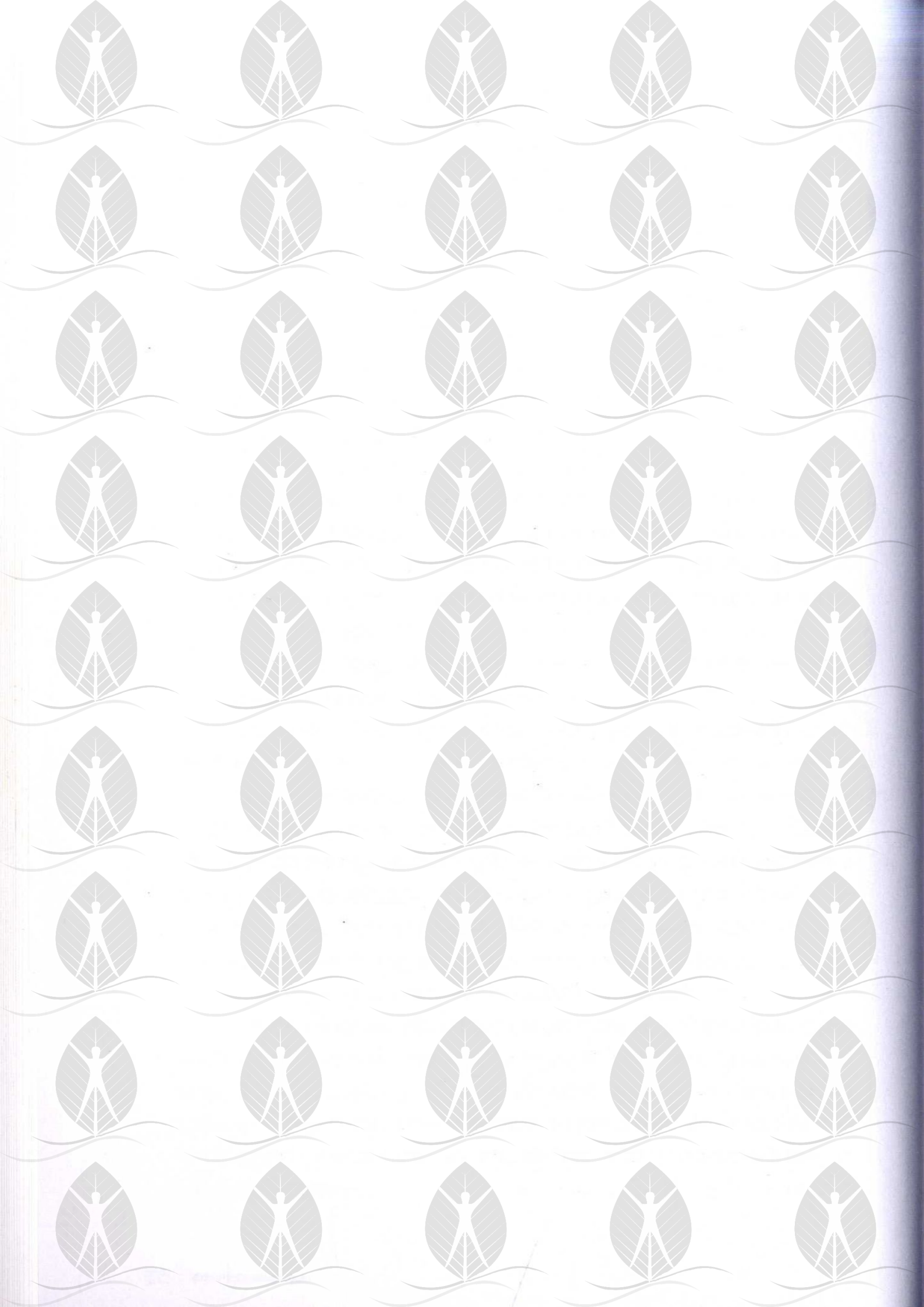
No entanto, ele já amou, e teve como recompensa a cruz, a coroa de espinhos das decepções, e os cravos dos desenganos atravessando-lhe o coração fazendo-o em pedaços, sem poder saber o que fazer para ser bom, e chega a ouvir uma voz que lhe diz: – Perdoa tudo o que te fizeram!



Muitas vezes soube perdoar, e sobre o perdão passou vergonha, e sobre a compaixão se viu alucinado. Agora, quando procura saber o que fazer para encontrar o consolo, eis que ouve uma voz a dizer-lhe: – Esquece todas as mulheres que amaste!

E quando se põe a recordar tudo o que se foi, sente dentro do coração somente a dor, fazendo nascer no fundo do seu ser, o ódio, e odeia tudo, e como se voltasse a um estado de lucidez, pergunta o que fazer para poder se vingar, e sente então u'a mão fria cair-lhe sobre os ombros, dizendo-lhe: Morre, porque só assim encontrarás a calma que tanto procuras!...

Assim, ele vive o seu drama íntimo, pelas ruas da cidade... Não o interrompas! Deixa-o seguir o seu trágico destino, porque, o que está passando, não é mais um homem, mas apenas uma sombra...





AMAR NÃO É CRIME

Aconteceu naquela noite de domingo quando, Roberto, como de costume foi à casa de Mary, porém, ao empurrar a porta, viu seu filho Paulo, que com palavras ofendia aquela mulher que era um complemento de sua vida...

– Paulo! O que fazes aqui dentro desta casa?

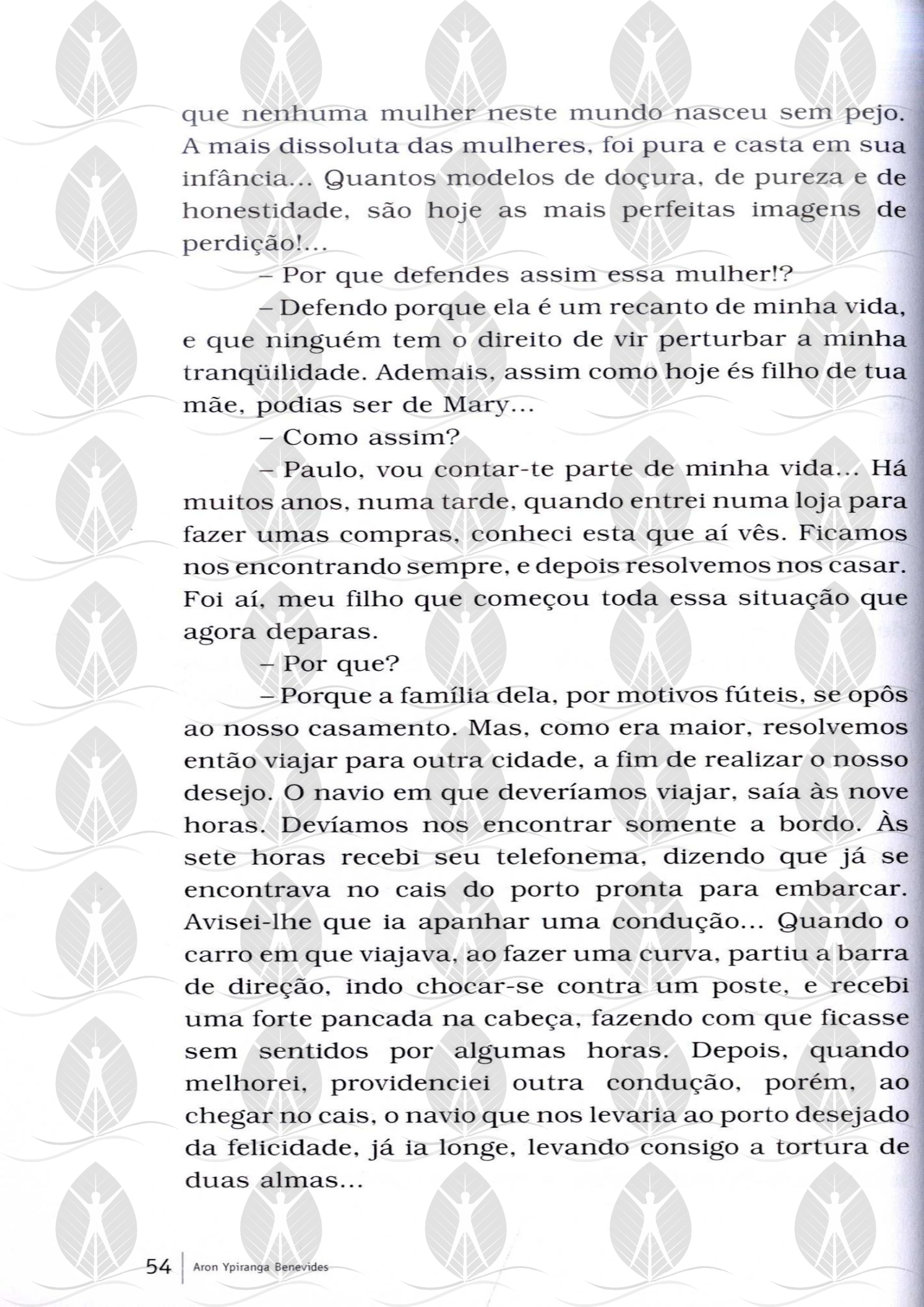
Surpreendido com a presença de seu pai, e não podendo controlar os nervos, baixou a cabeça, para depois falar.

– Pai! Há muito tempo que sabia que tu vinhas freqüentando a casa desta mulher, e hoje, não podendo conter o desejo de interpelá-la, resolvi vir saber se ela pretende com esse seu amor infamado, que além de ser um erro, é um pecado que a igreja condena em nome de Deus, e a sociedade em nome da moral, até quando ela pretende perturbar a paz de espírito de minha mãe...

– Tu, meu filho, erraste em vir a esta casa, e mais ainda, quando ofendeste com palavras, e procuraste esclarecimentos acerca de nossas relações. Nenhum direito te assiste como filho, de vir falar em nome de religiões e de moral, para ofenderes a uma mulher, que culpa nenhuma tem de alimentar um amor por um homem como eu...

– Quer dizer que ela é uma qualquer!...

– Não podes falar assim. Mal sabes ainda o que é a vida, pois és muito moço, e precisas aprender primeiro



que nenhuma mulher neste mundo nasceu sem pejo. A mais dissoluta das mulheres, foi pura e casta em sua infância... Quantos modelos de doçura, de pureza e de honestidade, são hoje as mais perfeitas imagens de perdição!...

– Por que defendes assim essa mulher!?

– Defendo porque ela é um recanto de minha vida, e que ninguém tem o direito de vir perturbar a minha tranqüilidade. Ademais, assim como hoje és filho de tua mãe, podias ser de Mary...

– Como assim?

– Paulo, vou contar-te parte de minha vida... Há muitos anos, numa tarde, quando entrei numa loja para fazer umas compras, conheci esta que aí vês. Ficamos nos encontrando sempre, e depois resolvemos nos casar. Foi aí, meu filho que começou toda essa situação que agora deparas.

– Por que?

– Porque a família dela, por motivos fúteis, se opôs ao nosso casamento. Mas, como era maior, resolvemos então viajar para outra cidade, a fim de realizar o nosso desejo. O navio em que deveríamos viajar, saía às nove horas. Devíamos nos encontrar somente a bordo. Às sete horas recebi seu telefonema, dizendo que já se encontrava no cais do porto pronta para embarcar. Avisei-lhe que ia apanhar uma condução... Quando o carro em que viajava, ao fazer uma curva, partiu a barra de direção, indo chocar-se contra um poste, e recebi uma forte pancada na cabeça, fazendo com que ficasse sem sentidos por algumas horas. Depois, quando melhorei, providenciei outra condução, porém, ao chegar no cais, o navio que nos levaria ao porto desejado da felicidade, já ia longe, levando consigo a tortura de duas almas...

– E como voltaste a encontrá-la?

– Anos depois, já casado, encontrei-a, e depois de contar tudo que aconteceu naquele dia, ela me disse que ainda me queria como outrora. E desde esse dia...

– Quer dizer que minha mãe não foi o teu primeiro amor?

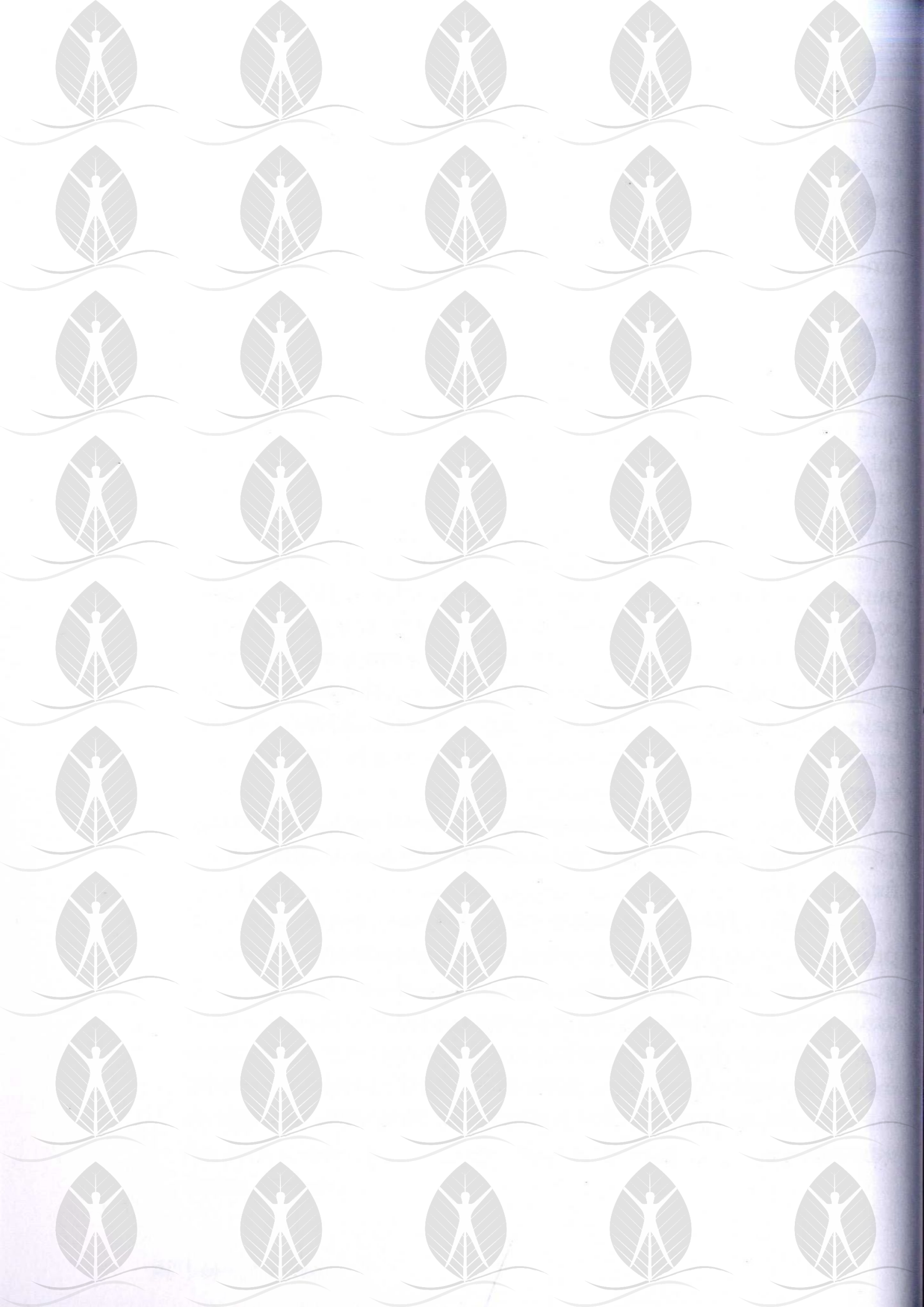
– Filho, não existe nem primeiro, e nem segundo amor...

– Estais enganado, pai. Existe, sim. O primeiro amor, é como se fosse o vinco na existência... Uma luz que acende lentamente, e que jamais atinge um grande fulgor, que também nunca se apaga. O segundo, é uma luz que facilmente acende, clareia muito e logo desaparece...

– Tua alma de moço, tua inexperiência é que faz pensares assim... Eu, que já estou bem ajustado às contingências da vida, posso dizer-te que isso não existe, porque o fluido amoroso é um só. O objeto amado é que muda. E triste do ser humano que se deixa arrastar pelos impulsos de um amor arrebatado! Mata-se um amor ardente com outro mais ardente ainda. Essa é que é a verdade...

Agora, começo a compreender melhor a tua situação, e vejo mesmo que fui incoerente em fazer o que fiz...

– Meu filho, por mais singular que esses fatos te pareçam, vivo hoje duas vidas, podendo mesmo te assegurar que me sinto feliz, porque as duas eu adoro e amo, proporcionando-me isso, um pouco de felicidade... E esse pouco, Paulo, é tudo para mim, porque amar não é crime e nem é pecado, principalmente quando o amor é verdadeiro e profundo, é digno de respeito, porque é sagrado...





MENINO POBRE DA MINHA RUA

Menino pobre da minha rua, como fiquei triste e desolado, hoje de manhã – dia de Natal – quando te encontrei sentado à beira da calçada a olhar os outros garotos que brincavam com as oferendas trazidas pelo Papai-Noel.

Sujo, mal vestido, cabelos grandes, com os teus olhinhos miúdos e cheios de ansiedade, com tuas mãozinhas vazias traduzindo bem o teu sofrimento, nesse dia em que há dois mil anos os anjos do Céu, entoaram hinos de glória, porque no mundo, segundo a Bíblia, nascia o filho do carpinteiro de Nazaré: Jesus.

Não tivestes a suprema ventura de colocar teus sapatos, como filho de Deus que és, para também receberes um brinquedo, para que fosse, assim, amenizada um pouco a tua desdita de menino pobre e abandonado.

Espoliados em teus desejos, em teus ideais começastes muito cedo a fazer parte desta imensa falange de descontentes da vida...

Dentro de teu pequenino cérebro, que pensamentos estariam se formando, ao sentires a diferença de tua vida, e a daquelas outras crianças, que cheias de brinquedos, alegres, gritavam...

E o que já fizeram por ti, menino pobre da minha rua, os homens, os políticos, a Pátria, se a toda hora,

constantemente, ouves dizerem que a “criança de hoje será o homem de amanhã”?

Quando cresceres, por certo, eles exigirão de ti disposição, dinamismo, coragem para enfrentares as lutas, inclusive para defender a Pátria, que hoje, além de nada ainda haver te dado, nem ao menos sabe se tu existes...

Fiquei satisfeito somente porque, na tua pobreza, foste grande e altivo, pois, não te aproximaste de ninguém, para ao menos olhares de perto as variedades de brinquedos. Aquela tua resignação surda, o teu trágico silêncio, reclamavam para ti, ao menos uma simpatia fraterna. Infelizmente, os homens felizes, jamais ouviriam com sinceridade, a voz de uma criança abandonada à própria sorte. Talvez, que devido à pureza de teu pranto, ele não jorrou pela tua face escaveirada, mas, sim, fora derramada interiormente, manchando pela primeira vez, a veste branca e imaculada de tua inocência em flor...

Menino pobre da minha rua, eu te peço que não chores assim em silêncio. Não chores, te peço mais uma vez, para que não deplores a veste cândida de tua inocência. Não resta dúvida de que hoje fizeram que tivesses o primeiro contacto com a experiência, com o mal, e com o sofrimento moral. Acabas de receber neste Natal, mais esta lição da vida, iniciando, desta forma, o caminho para novas lições.

Daqui para frente, menino pobre da minha rua, podes ficar certo, de que na tua roupagem, jamais conseguirás manter a cor dos lírios das campinas, com aquela brancura imaculada, somente comparada com a das neves que ficam no cume das montanhas...

Não deves também ficar muito preocupado com essas manchas em tua alma, porque, por certo outras virão muito piores ainda: mais negras, mais doloridas...

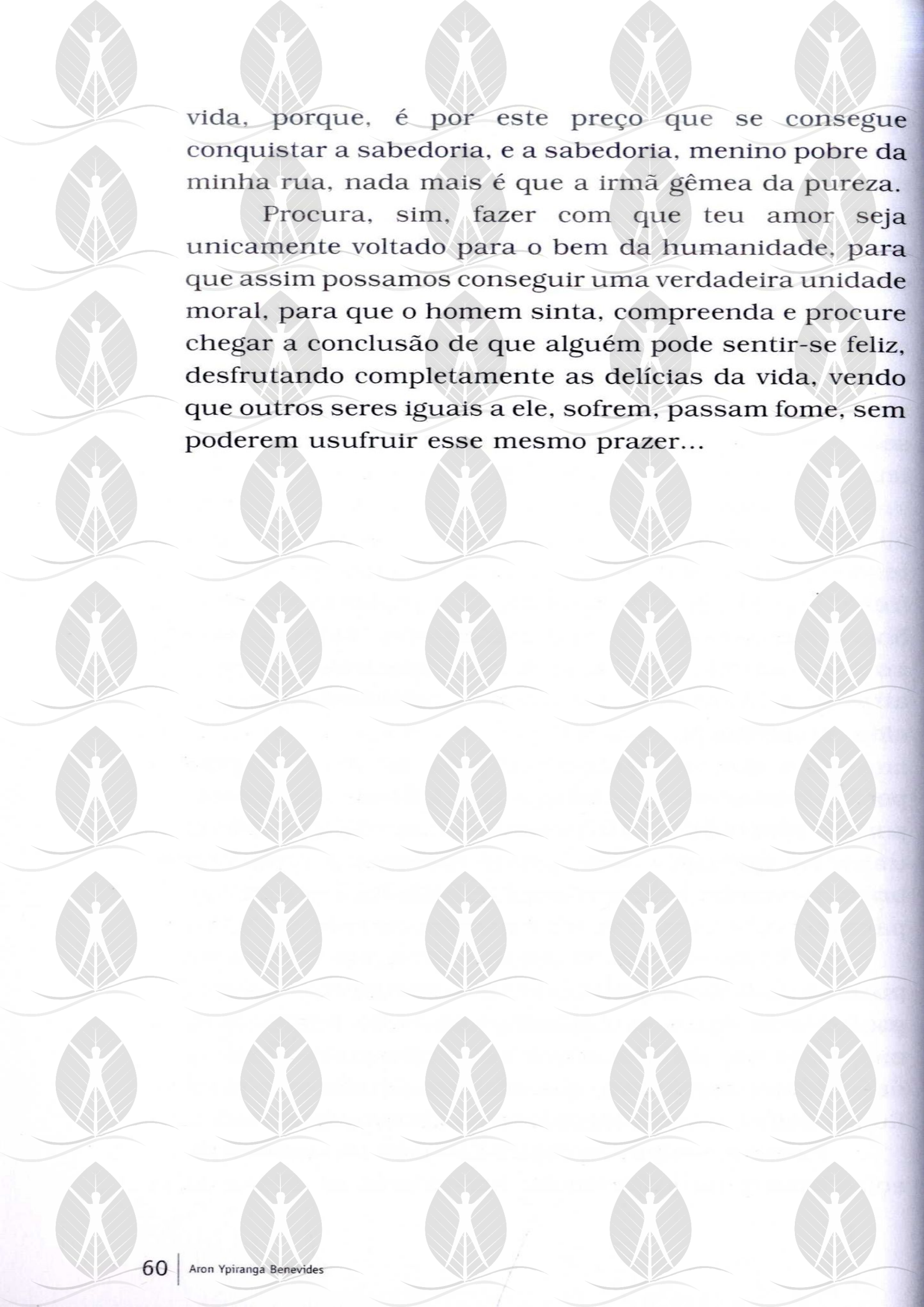
Essa tua roupa, menino pobre da minha rua, quem sabe, se não terá que molhar-se com o sangue dos teus semelhantes... No teu coração, irás receber o selo do ódio, porque, como fostes atirado ao mundo, e abandonado à tua própria sorte, terás que te encontrar com os vermes da cólera que inflama e que arrasta ao abismo, atirando sobre a tua cabeça as chamas sombrias, e as paixões mais torpes hão de empastar o teu nome e a tua vida, com a lama deletéria da desonra.

Aí, então, desaparecerá no horizonte dos teus olhos, a brancura de outros tempos... Mas, não deves te desesperar, menino pobre da minha rua, porque de frente erguida, um dia poderás contemplar também os lindos matizes de delicados esplendores, simbolizados no amor, na paz, na alegria de viver, que irás conseguir através de inúmeras lutas, muitas torturas de que esta vida, ainda vai te envolver.

Não chores menino pobre da minha rua, pela perda da tua inocência! Ergue a tua frente combalida, porque a inocência é o fruto mais perfeito da ignorância, um fruto que nada vale, pois é bastante a mais leve brisa que venha balançar o galho onde ela se sustenta, para cair ante os contatos com as crueldades da vida...

Poderás, um dia, como os outros, também seres puro, e isto conseguirás com o teu único esforço, procurando vencer o mal, arrancando de dentro de ti, o egoísmo que definha e que avilta, elevando-te acima das paixões humanas, que nada mais são que pura ilusão das cousas do mundo, e que jamais te afetarão.

E assim, com o teu espírito forjado no cadinho do sofrimento e da experiência, aprenderás as lições da



vida, porque, é por este preço que se consegue conquistar a sabedoria, e a sabedoria, menino pobre da minha rua, nada mais é que a irmã gêmea da pureza.

Procura, sim, fazer com que teu amor seja unicamente voltado para o bem da humanidade, para que assim possamos conseguir uma verdadeira unidade moral, para que o homem sinta, compreenda e procure chegar a conclusão de que alguém pode sentir-se feliz, desfrutando completamente as delícias da vida, vendo que outros seres iguais a ele, sofrem, passam fome, sem poderem usufruir esse mesmo prazer...



JOGRAIS DE SALÃO

Existe, não resta a menor dúvida, muita gente que vive por aí, a conseguir posição e vantagens outras, em troca de baixeiras, de servilismo, de intrigas mesquinhas, para depois, sem que tenham o menor pejo, e sem pensarem mesmo que os músculos faciais possam vir a tremer horrivelmente, por se julgarem possuidores de uma envergadura moral elevada, começam, então, cheios de si mesmos, a quererem ameaçar os outros com isto e com aquilo, se por acaso não venham usufruir certas vantagens para si, ou para alguém que vive à sua sombra, não se lembrando, no entanto, que, para atingirem tal posição na vida, lá chegaram com um imenso, vaporoso e incendiário “rabo de palha”.

São estes homens, que estamos acostumados a ver de vez em quando no palco da vida, envoltos numa roupagem inconsútil, mostrando-nos um princípio de autoridade que foi comerciado no mercado de pudicícias, onde atiraram certa vez suas consciências, violando, assim, todas as verdades, fazendo nascer daí o “Bazar das Novidades” de todas as suas idéias medíocres, para venderem como escravas aos seus feitores, com a única finalidade de explorarem o povo que as ler, colocando-se à disposição daqueles que não lhes conhecem bem, e como oferenda régia, oferecem o cinismo do abutre negro de sua hipocrisia, para traírem

e profanarem a existência de homens honestos na exceção da palavra.

E estes jograis de salão, vivem a tirar proveito facilmente, em virtude de terem nascido com as suas vértebras sofrendo a influência da "hévea", vivendo numa genuflexão perpétua, conseguindo desta forma, receber, como receberam, dinheiro acobertado por influentes elementos ligados a governos, dizendo até que isto lhes traria a efetivação de cargos que ocupavam.

E estes homens que tudo conseguem, vivem a andar pelas ruas empavonados, simulando possuírem um caráter sem jaça, procurando vez por outra intimidar, com cartas abertas, aqueles que acreditam e fazem da função pública uma cousa séria e honesta, somente porque algum de seus familiares não tiveram as suas pretensões resolvidas favoravelmente, para continuarem a sugar o Estado com benefícios imorais, como se inteligência fosse privilégio de alguém; como se ser rabiscador mercenário e rotineiro que são, lhes desse o título de escritor.

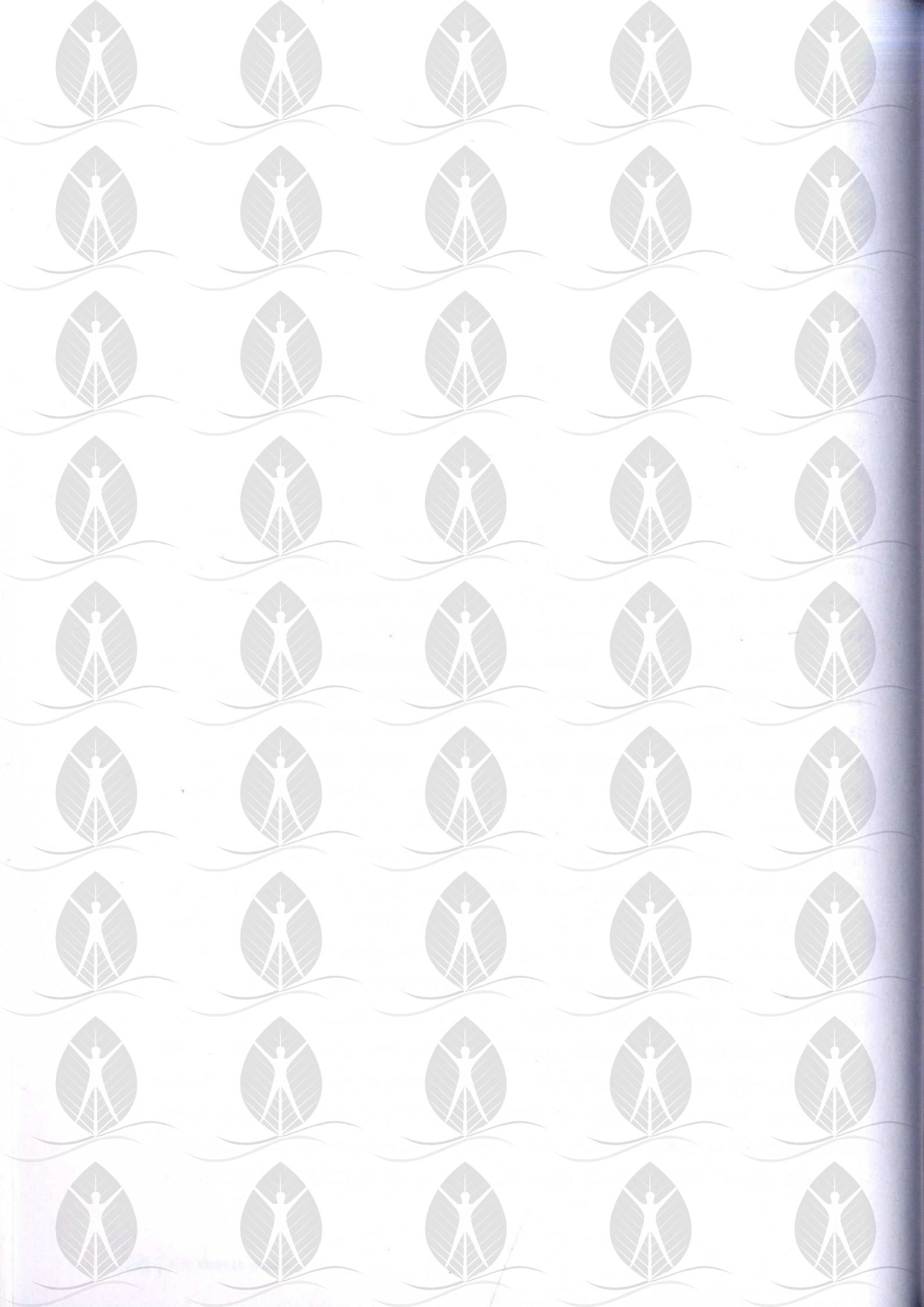
Se assim fosse, todo aquele que vive curvado sobre o solo, plantando, seria por certo, também classificado como botânico. Escritor, digo eu, é aquele que cria, que põe a alma no que escreve, que sabe deixar no papel a sombra de sua personalidade intangível, indelevelmente assinalada no que produz, e que se lança arrebatadamente na conquista de um ideal, em busca da beleza de seu lirismo e de sua perfeição. Jamais será um artista da pena, aquele que não possui dentro do seu ser, a íntima vontade de uma honestidade de propósitos de dizer a verdade somente a verdade, mesmo que venha um dia a ser injuriado ante o calvário dos críticos insignificantes ou daqueles que, envolvidos pela invidia, procuram tolher os seus passos ante o altar da glória

que lhe acena, unicamente por não possuírem talento e raça para se consagrarem um mártir da pena, na tortura trágica e incompreendida, quando procura embelezar com o valor do seu talento, aquilo que escreve.

E a pena, que para uns tem unicamente o objetivo de colher benefícios próprios, de injuriar, é para aquele que escreve com alma e dedicação, a verdadeira razão do seu viver, deixando-se ficar muitas vezes, com os dedos pregados à sua máquina aguardando a inspiração, na luta inconstante de dizer bem claro aquilo que lhe brota do cérebro, e que se lança com avidez ao seu público, sem utopia, em busca de uma consagração.

E estes homens que vivem a rabiscar cousas no papel, com a única finalidade de corromperem a honra e a dignidade alheia, melhor estariam com uma enxada nas mãos, a cavar a terra, produzindo cousas que seriam mais úteis para si, e para os outros.

Estes homens que andam por aí com ares de independência econômica e financeira, adquiridas sob a capa de uma falsa honestidade, são capazes até de, um dia, por dinheiro, praticarem um ato honesto e digno...





QUEM SERÁ

Viviam como solteirões aqueles dois homens, numa esplêndida e confortável mansão, a relembrar, de vez em quando os seus momentos já vividos, com ternura, assim, como quem abre um santo relicário.

Numa tarde tristonha, em que a brisa soprava lentamente, Alexis, sentado numa poltrona, lia com ansiedade as últimas páginas de um livro, quando, seu amigo e companheiro de solidão, entrou no seu quarto e lhe diz:

– Na sala há uma mulher que veio procurar-te, e depois de fazer muitas considerações a teu respeito, pediu-me para dizer-te que te espera.

– Uma mulher! Qual o seu nome?

– Não te digo, porque, sobre o seu nome nada falou...

– É estranho... mas... quem será.

Houve um silêncio no quarto, e, Alexis, levantando-se para se preparar, foi olhar-se no espelho, e viu com tristeza, que realmente já estava velho.

– Olha, Paulo, como estou com a cabeça grisalha! Cinquenta e três anos já vivi...

E como quem busca fazer reviver algo diante de seus olhos, exclama:

– Será a Beatriz! Ainda me lembro, e muito, parecendo mesmo que foi ontem, o dia que a encontrei. Eu estava naquela manhã de junho, por volta das nove

horas, na galeria Chaves, em Porto Alegre, esperando um bonde, quando passou por mim uma mulher loura, de olhos azuis e sensuais, fazendo com que despertasse o desejo de lhe falar. Aproximei-me dela, e instantes depois já conversávamos como velhos amigos... Depois, novos encontros passeios, amor, tudo enfim...

– Alexis, não será Martha, aquela de quem às vezes falavas de suas meiguices?!

– Falaste em Martha, Paulo!

– Sim...

– Esta mulher, era como uma carícia leve que enchia com seus maneios meus momentos intranquilos, quando me aconchegando em seu regaço, era envolvido pelos seus roliços braços, sentia-me fora de mim, como se a vida fosse assim, um sonho leve, que ao despertar, se fecha os olhos, e novamente se sonha, como; se estivesse continuando o sonho interrompido...

– Paulo, não será a Carmem, aquela que conheci naquela noite em que bebi e dancei naquele cabaré em Riviera, que com seus beijos alucinantes, fazia-me esquecer de tudo, das ilusões da vida, e quando beijava os seus lábios úmidos de amor, sentia-me, alucinado por este amor que se compra, e que depois se troca por outros, e que se esquece, quando o dia desponta, e a vida continua...

– Quem sabe se não é a Neusa! Esta, também como as outras, deixou-me nos lábios a marca e o gosto de seus beijos quentes, e quando de seu corpo me afastava, tinha a impressão de que na beleza de sua forma trazia a força do ímã da sedução, que me atraía para as delícias de um novo sonho de amor incontido...

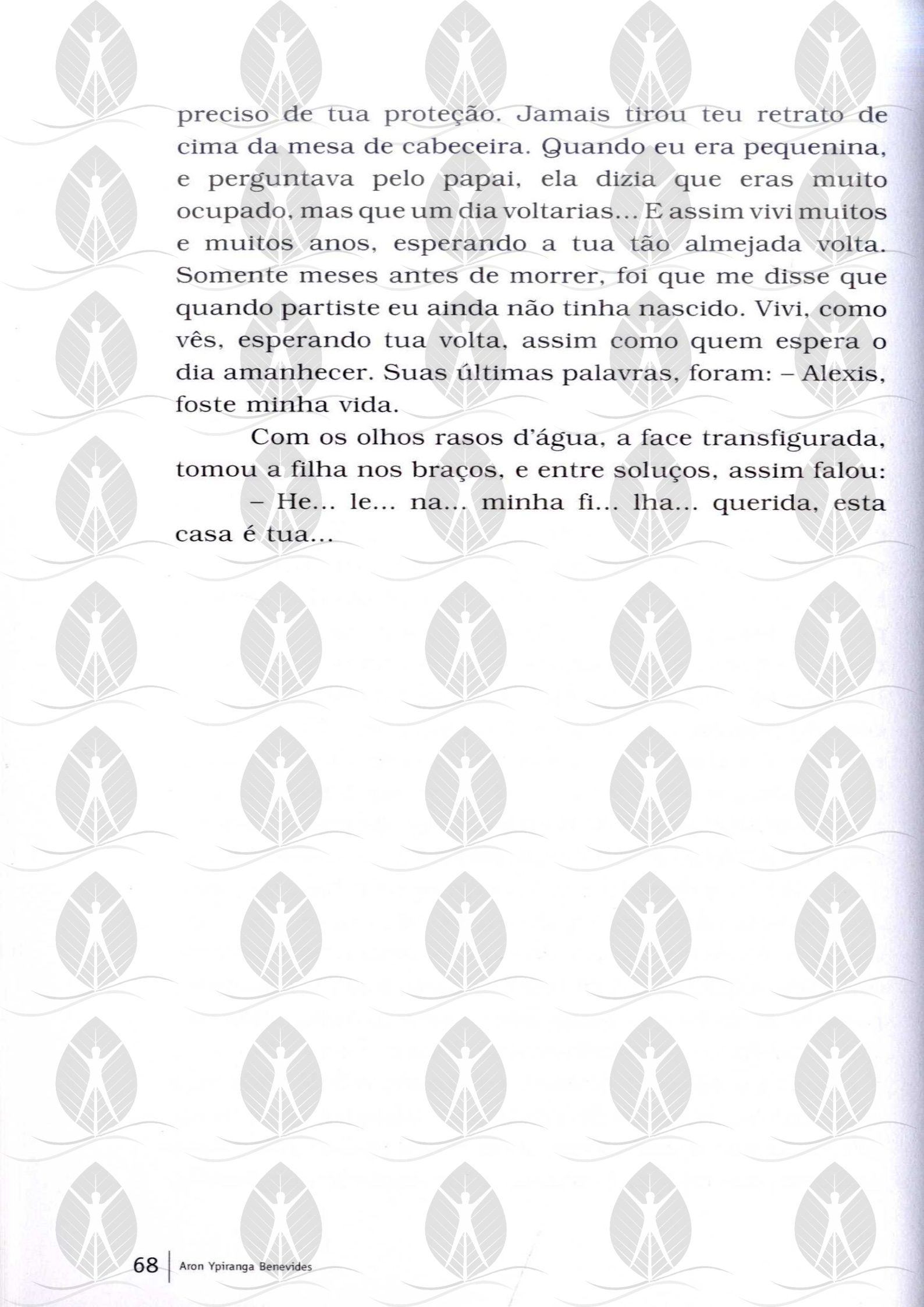
Ao pronunciar estas palavras, ficou com o olhar vagando, e num instante, como se estivesse sentindo

uma coisa estranha dentro de si, fechou os olhos, para depois continuar...

– Agora, sim, acredito que esta mulher que está aí fora, é Helena... Helena, foi a criatura a quem fui mais injusto e cruel Helena, trazia em sua beleza a purificação do amor... Branca, cabelos anelados e de um louro-acastanhado, com seus olhos castanho-claros, era assim como um sol de ouro... Com esta sim, fui feliz, imensamente feliz. Conheci em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Helena, Paulo, era o que o homem pode sonhar de uma mulher ideal. Seus carinhos tinham a graça e a beleza de uma pétala de rosa, numa manhã primaveril... Vivia unicamente voltada para mim. Quando chegava em casa, ela corria ao meu encontro e ao me beijar, deixava-me à impressão que dos seus lábios puros, vinham o néctar abençoado dos Deuses pagãos. Porém, um dia, tive que viajar, esperando não me demorar muito, pois ela esperava um novo ser... Impossível me foi voltar logo. Noutras terras fui conhecendo outras mulheres, e como não era vacinado contra a sedução, esqueci-me completamente dela. Fiquei rico, e cansado da vida que levei, resolvi viver assim. Nunca mais tive notícias suas. Bem, já demorei-me muito. Vou ao seu encontro.

Saiu em direção a sala onde alguém lhe esperava. Ao transpor os umbrais da porta, viu diante de seus olhos, uma linda garota de dezoito anos, no alvorecer da vida. Olhou-a, quis falar, mais não foi possível, porque encontrou naquele rosto o seu retrato. Estarrecido, ouvia ela lhe falar assim:

– Sou filha de Helena... Mamãe, morreu faz um mês apenas. E antes de morrer me disse que não devia ficar sozinha, e dando-me o teu endereço, mandou que após sua morte, te procurasse, pois, reais do que nunca,



preciso de tua proteção. Jamais tirou teu retrato de cima da mesa de cabeceira. Quando eu era pequenina, e perguntava pelo papai, ela dizia que eras muito ocupado, mas que um dia voltarias... E assim vivi muitos e muitos anos, esperando a tua tão almejada volta. Somente meses antes de morrer, foi que me disse que quando partiste eu ainda não tinha nascido. Vivi, como vês, esperando tua volta, assim como quem espera o dia amanhecer. Suas últimas palavras, foram: – Alexis, foste minha vida.

Com os olhos rasos d'água, a face transfigurada, tomou a filha nos braços, e entre soluços, assim falou: – He... le... na... minha fi... lha... querida, esta casa é tua...

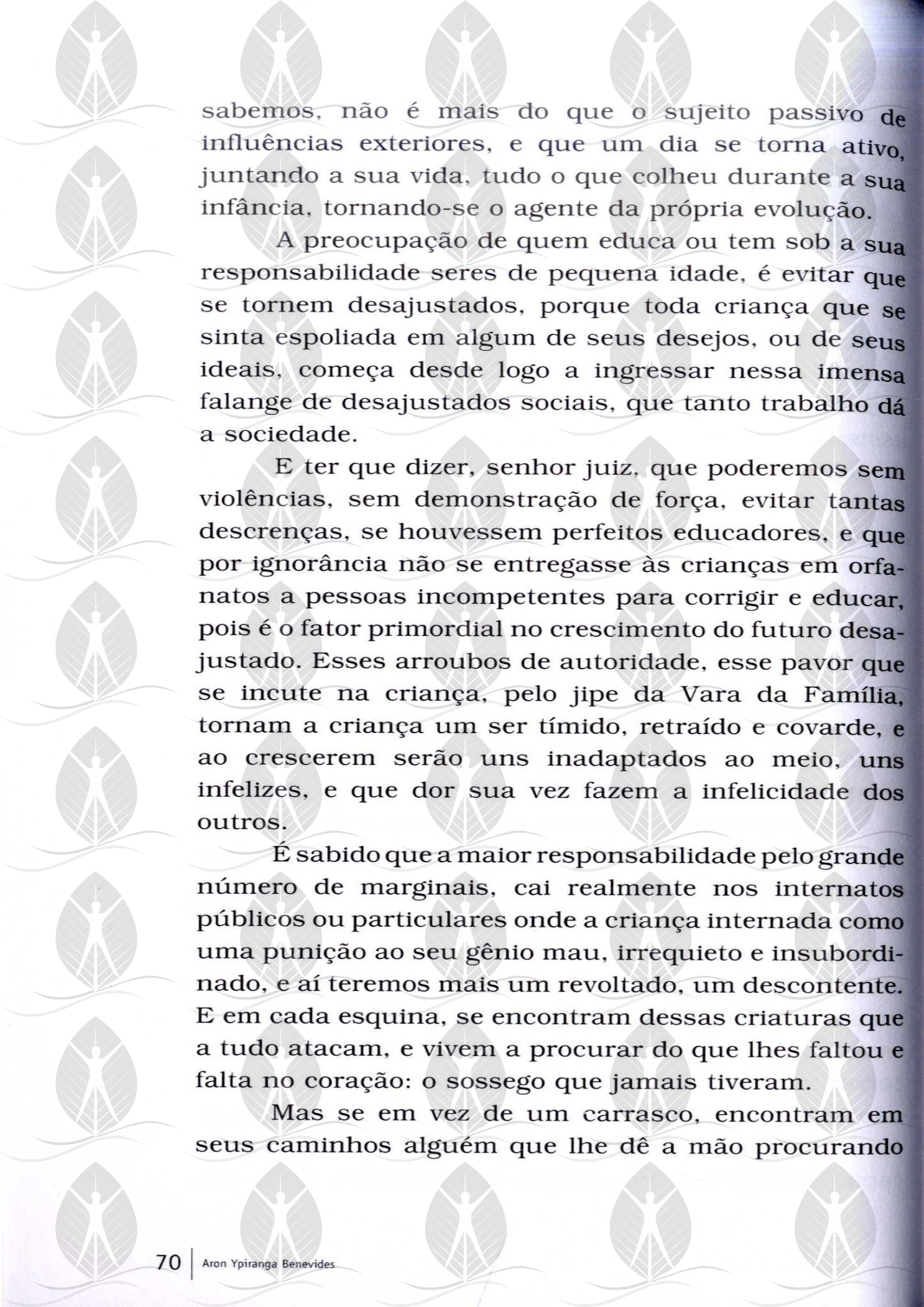


GERAÇÃO DE COVARDES

Fiquei surpreso e sem compreender mesmo, senhor doutor Juiz de Menores, quando outro dia, assisti nas ruas desta cidade em que tudo é possível, em que menores delinqüentes do Instituto Melo Matos, corriam atrás das crianças para prender, e que outro crime não fizeram, a não ser terem nascido filhos dos miseráveis de gravatas, que, atrasados em mais de seis meses em seus vencimentos, não lhes é possível dar algumas pratas para que eles possam ir ao cinema.

E aqui venho lhe dizer, senhor juiz, que sou daqueles que acreditam que o papel de um juiz, não é de espalhar o pavor e o terror nas crianças, mas, sim, devido o aprimoramento a que são submetidos, em se afastando das paixões e das

contingências que lhes dê garantia e proteja-lhe, dos maus, dos ímpios. Com essas e outras medidas que se tem adotado, está sendo criado em torno da criança, uma espécie de neurose do medo, que no futuro refletirá nos seus rostos, quando a vida com suas surpresas lhe atingir, porque, senhor doutor juiz, aqueles meninos do Instituto Melo Matos, ao correr atrás dos garotos, estavam fazendo com o desejo de vingança, e não como correção. E aquele que castiga outro e o faz com raiva, não está corrigindo, porém, vingando-se, e, a vingança é o mais baixo sentimento que só vive dentro dos espíritos desajustados, porque o ser humano, todos nós



sabemos, não é mais do que o sujeito passivo de influências exteriores, e que um dia se torna ativo, juntando a sua vida, tudo o que colheu durante a sua infância, tornando-se o agente da própria evolução.

A preocupação de quem educa ou tem sob a sua responsabilidade seres de pequena idade, é evitar que se tornem desajustados, porque toda criança que se sinta espoliada em algum de seus desejos, ou de seus ideais, começa desde logo a ingressar nessa imensa falange de desajustados sociais, que tanto trabalho dá a sociedade.

E ter que dizer, senhor juiz, que poderemos sem violências, sem demonstração de força, evitar tantas descrenças, se houvessem perfeitos educadores, e que por ignorância não se entregasse às crianças em orfanatos a pessoas incompetentes para corrigir e educar, pois é o fator primordial no crescimento do futuro desajustado. Esses arroubos de autoridade, esse pavor que se incute na criança, pelo jipe da Vara da Família, tornam a criança um ser tímido, retraído e covarde, e ao crescerem serão uns inadaptados ao meio, uns infelizes, e que dor sua vez fazem a infelicidade dos outros.

É sabido que a maior responsabilidade pelo grande número de marginais, cai realmente nos internatos públicos ou particulares onde a criança internada como uma punição ao seu gênio mau, irrequieto e insubordinado, e aí teremos mais um revoltado, um descontente. E em cada esquina, se encontram dessas criaturas que a tudo atacam, e vivem a procurar do que lhes faltou e falta no coração: o sossego que jamais tiveram.

Mas se em vez de um carrasco, encontram em seus caminhos alguém que lhe dê a mão procurando

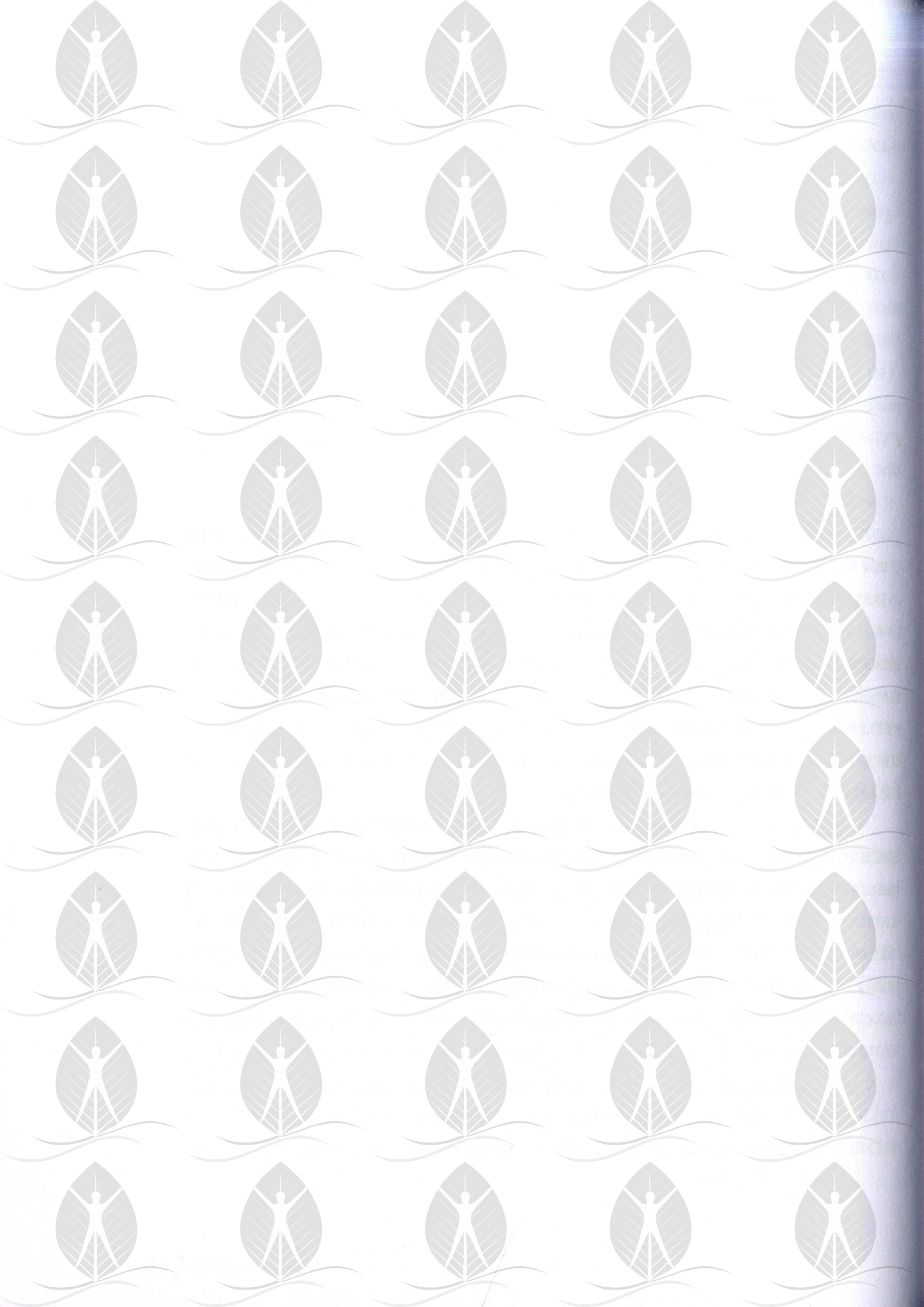
amenizar-lhe os sofrimentos, talvez que encontre na sociedade o seu lugar, tornando-se úteis à sociedade.

Não tire da criança senhor juiz, o único patrimônio que ela possui, que é o contato com a natureza, buscando com sua vivacidade espontânea, criar um coração leal, que possa gozar a suprema ventura de comungar com tudo o que é belo, nobre, e repleto de bondade.

A natureza e a criança, unem-se e completam-se, e isso se vê nos seus olhos, quando, correndo pelas ruas, vão atrás dos seus papagaios, e das suas bolas de pano.

A continuar assim, apavorando a criança, teremos por certo, no amanhã que desponta, uma geração de covardes, só porque os homens responsáveis pelo amparo e proteção da criança, não estão vendo que com os métodos de correção usados atualmente, estão naufragando, sem se aperceber que a tábua em que se seguram, é impotente para lhes conduzir à praia, porém, um dever e uma obrigação me assiste, que é de dizer a esses náufragos inconscientes, da fragilidade dessa tábua a que se agarram...

É preciso que se compreenda que a criança simboliza a vida, o amor e a beleza, e esse completo de harmonia, senhor juiz, é que faz a existência digna de ser vivida, porque sabemos que é no equilíbrio da mente desenvolvida do adulto, com a simplicidade pura da infância, é que reside à ventura de ser feliz, e é por esse caminho, que se atinge a felicidade, e o equilíbrio de viver...





ACONTECEU EM 1915

Vamos brincar de “carneirinho, neirinho, neirinho”...

– Não! Vamos brincar de “está pronto seu lobo!”...

– Essa não, a mamãe não quer que eu brinque de correrias; a gente fica suada...

– Então vamos brincar de “tome esse anel e não diga a ninguém!”...

Foi assim que eles se conheceram.

Depois, com o passar dos dias, dos meses e dos anos, aquela amizade simples e ingênua da infância despreocupada, pouco a pouco, foi se tornando num romance de amor.

Todos os dias, aqueles dois jovens eram vistos passeando pelas ruas, sorridentes, aproveitando de quando em quando, a sombra de uma árvore, para ficarem conversando horas e horas, essas conversas dos namorados, que somente eles compreendem e sabem dar valor...

E foram felizes. Imensamente felizes. Um dia porém, ficaram noivos.

Aí então o romance tomou outra feição, e se iniciaram os planos, e os preparativos. Tudo enfim, a essa altura, torna-se interessante e bom...

Aproximava-se o mês de fevereiro. Com ele os clarins, anunciavam a presença das festas consagrados a Momo.

E como iam se casar, resolveram brincar o Carnaval. Queriam brincar muito, fazendo assim a despedida, pois, no próximo ano talvez não mais pudessem brincar...

Chega o dia do baile.

Ela, Jane, trajando um lindo vestido branco, fazia realçar mais ainda sua beleza com os seus louros cabelos cacheados caindo nos ombros.

Ele, Fred, alto, espadaúdo, aparece vestido de caçador, com dois revólveres no coldre.

O baile corria alegre e bom.

Zero hora. A orquestra executa a valsa "Subindo aos céus". Todos dançavam... A alegria imperava naquelas corações...

Ao terminarem os últimos acordes, uns vão se sentar, inclusive Jane.

Ricardo, amigo de ambos, aproxima-se de Fred, e sem saber que a arma está carregada, tira rápido do cinturão do amigo, e dizendo umas palavras de brincadeira, aponta para Jane, e puxa no gatilho...

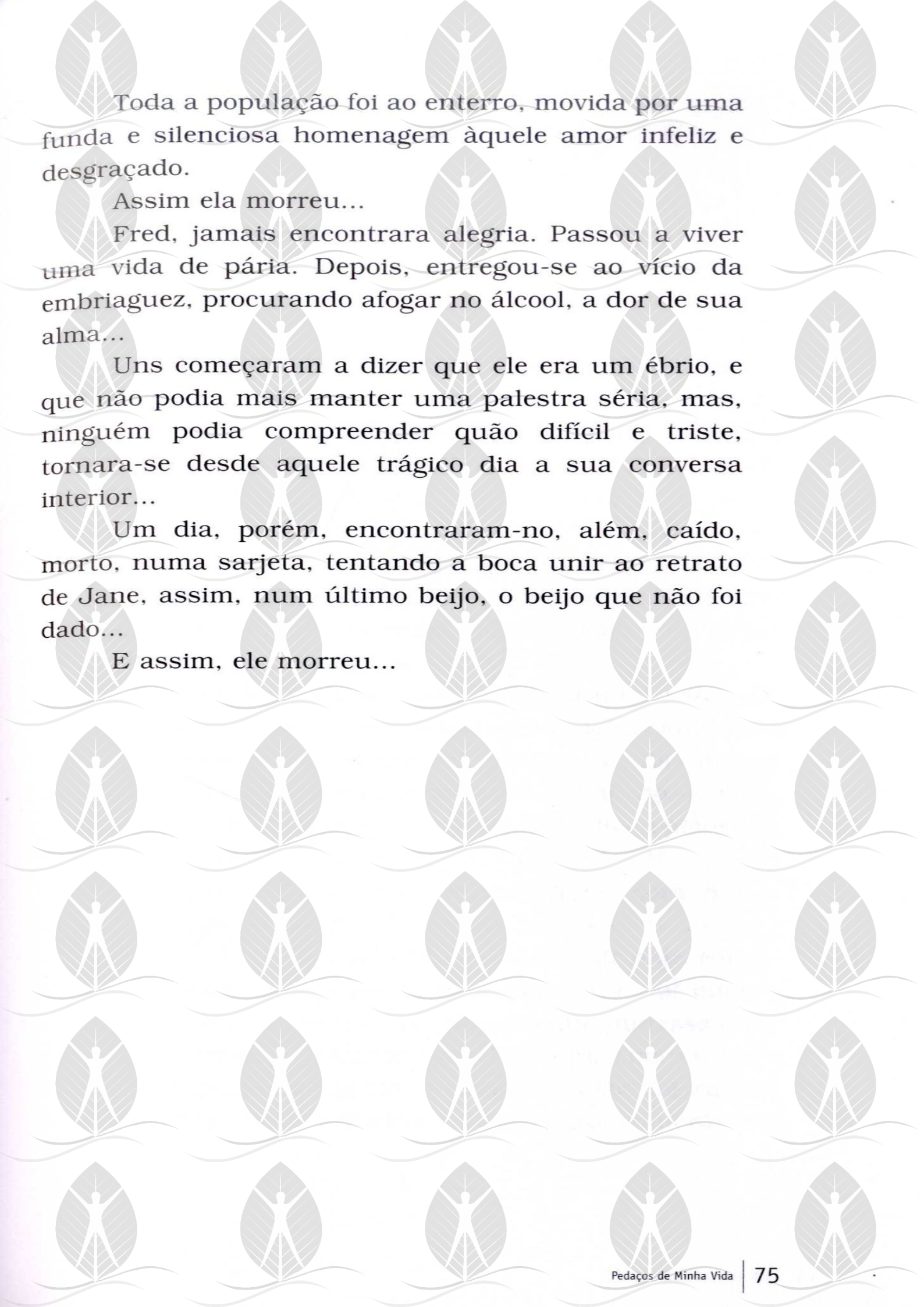
Ouviu-se um estampido, e em seguida, Jane cai ao chão com o colo alabastrino de sereia, banhado em sangue.

A bala mortal atravessara o coração. Fred, depois de alguns minutos de indecisão, atira-se sobre Jane, para abraçar o cadáver de seu amor, seu ídolo que jazia banhado em sangue...

Toda a cidade comoveu-se diante da tragédia brutal...

Os jornais encheram-se do seu nome...

Jane, a noiva morta, teve no seu enterro a maior apoteose fúnebre de que há sido palco e testemunho aquela cidade...



Toda a população foi ao enterro, movida por uma funda e silenciosa homenagem àquele amor infeliz e desgraçado.

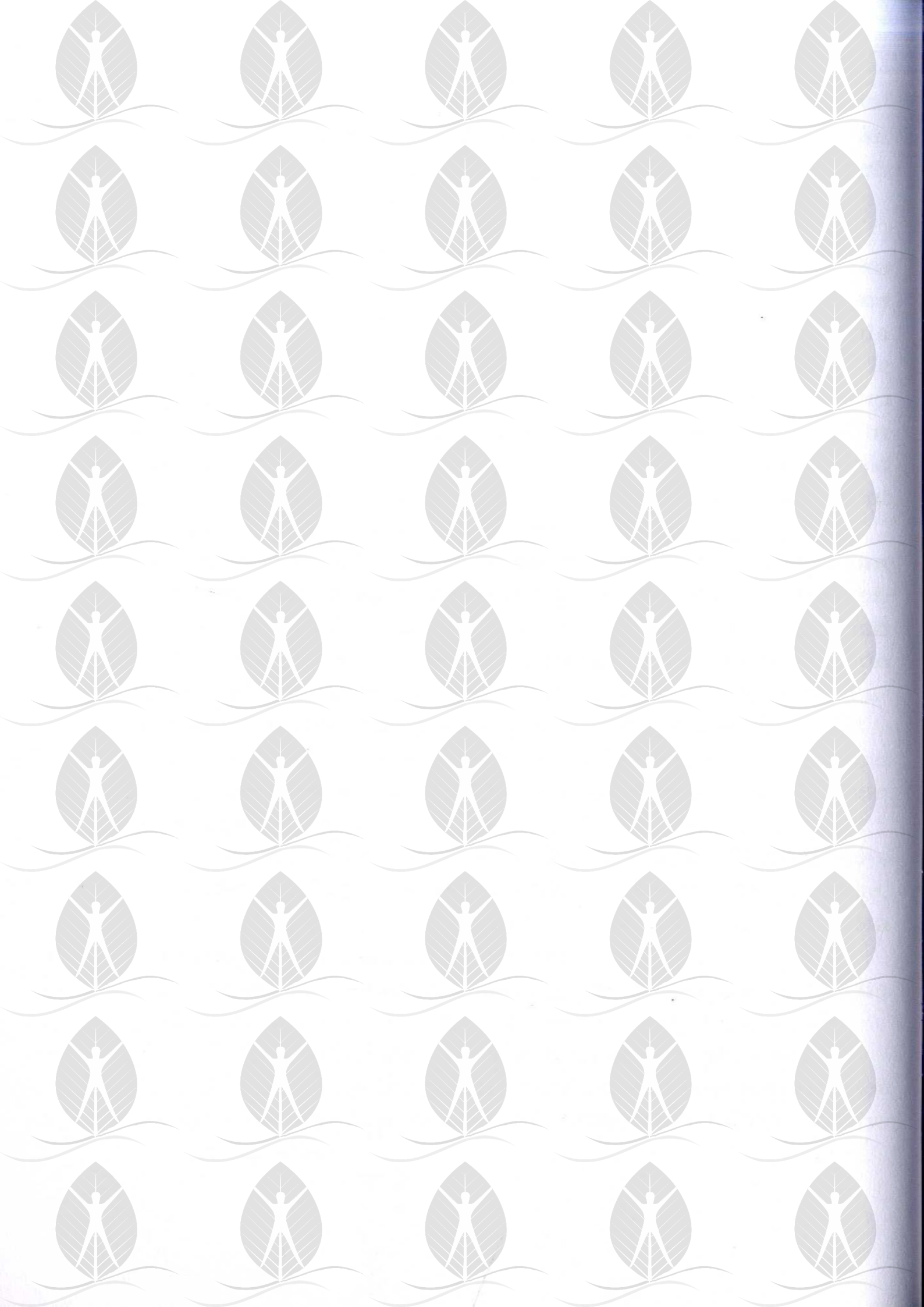
Assim ela morreu...

Fred, jamais encontrara alegria. Passou a viver uma vida de pária. Depois, entregou-se ao vício da embriaguez, procurando afogar no álcool, a dor de sua alma...

Uns começaram a dizer que ele era um ébrio, e que não podia mais manter uma palestra séria, mas, ninguém podia compreender quão difícil e triste, tornara-se desde aquele trágico dia a sua conversa interior...

Um dia, porém, encontraram-no, além, caído, morto, numa sarjeta, tentando a boca unir ao retrato de Jane, assim, num último beijo, o beijo que não foi dado...

E assim, ele morreu...





TORNEI-ME INFELIZ

Encontrava-me naquele dia um tanto fatigado, cansado de lutar contra um destino cruel, que não me dava oportunidade de melhorar minha situação, procurei um banco na avenida Beira-Mar para sentar-me um pouco.

Fiquei ali por muito tempo, olhando aqueles carros passarem velozes, com duas rodas que sonharam ser asas, e pregadas ao solo, cada vez mais seus condutores aceleravam os motores, como se tentassem a conquista do farrapo verde da glória...

Em dado momento, notei que na minha direção vinha um homem andando lentamente, cabisbaixo, com a face transfigurada, mostrando pelo seu semblante que sofria muito. Pediu-me licença com um aceno de mão, e sentou-se ao meu lado. Sem nada falar, ficou por longo tempo.

Depois, olhou-me serenamente, e com a voz pausada assim falou:

– A vida, amigo, tem dessas coisas. Até hoje, consegui guardar comigo por muitos anos, um sofrimento surdo, sem que encontrasse alguém que pudesse fazer a confissão de minha desdita. Até aqui chegar, para mim não passavas de um estranho, porém, agora vejo no teu olhar que és humano, e me compreenderás por certo.

Após fitá-lo, compreendi que neste mundo não vim para ser amigo dos felizes, mas para ser calvário dos que sofrem.

Depois de fazer algumas considerações sobre a vida, perguntei-lhe por que sofria tanto. E ele, então com muito calma, assim, como quem não tem certeza da terra em que pisa, começou a contar a sua história.

– Na minha vida já tive tudo, desde o dinheiro, o conforto e os amores mais arrebatados. Casei-me quando apenas contava vinte e cinco anos. Minha mulher, trazia consigo o encanto e a beleza. Pouco depois de casado, comecei a desfrutar uma posição invejável. Era gerente de uma grande empresa e ganhava bem. Comigo trabalhava uma jovem e linda mulher, que era a minha secretária. Jamais pude notar em mim o menor interesse por ela. Vivia unicamente dedicado a minha esposa. Um dia, porém, notei que minha mulher já não me tratava como dantes. Não liguei a menor importância a este detalhe. Com o passar dos dias, notava que sua indiferença para mim aumentava. Nunca procurei explicação sobre o seu proceder, por ter minha consciência tranqüila.

Certa vez, porém, ao chegar em casa para almoçar, minha mulher recebeu-me grosseiramente. Não compreendendo o motivo de sua atitude, perguntei o que havia. Ela, então, transfigurada pela cólera, disse-me:

– Pensas que eu não sei!... Há muito tempo vinha desconfiando que namoravas com a tua secretária...

– Por que dizes isso?!

– Ontem tive a certeza, pois mostraram-me essa com quem vives todos os dias no escritório.

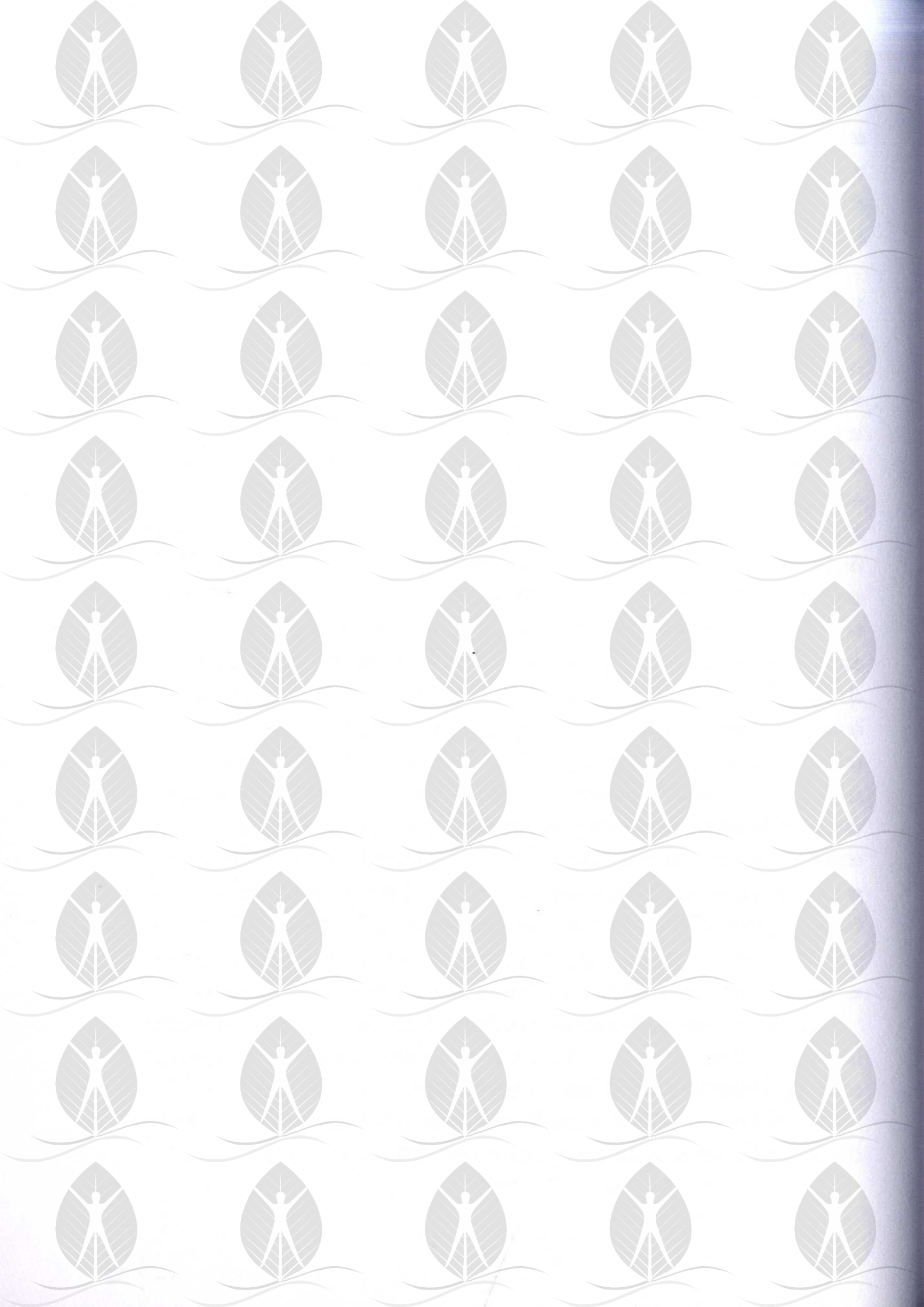
– Isso é uma indignidade!

— Não! Há muito, minhas amigas vinham me abrindo os olhos, e diziam mesmo que eu tomasse cuidado contigo, que a mulher que trabalha ao teu lado é muito linda. É uma mulher dotada de rara beleza e tu vives apaixonado por ela...

Impossível foi convencê-la ao contrário. Envenenada pelas amigas, não acreditou mais em mim. Nesse dia não pude almoçar. Saí de casa muito antes da hora, e fui para o escritório. Quando ali cheguei, Moema, minha secretária ainda não havia chegado. Já estava trabalhando, quando ouvi mexer na porta, e olhando, deparei com Moema. Ao ver-me ali tão cedo, aproximou-se de mim, para perguntar-me se havia muito trabalho. Foi aí, que sentindo o perfume do seu corpo moço, e fitando-a, vi que realmente era linda. Seu corpo escultural, e emoldurado por aqueles seios lindos, transudavam néctar de rosas, fez com que despertasse em mim o homem que realmente eu era. Ao se afastar da minha carteira, esquadrinhei todo aquele corpo com o olhar, morrendo minha vista naquelas pernas grossas e bem-feitas. Convenci-me então, que as amigas de minha esposa tinham razão... Moema, era realmente uma grande mulher... E desde esse dia, amigo, tudo aconteceu... Não fiquei somente com Moema... Comecei a encontrar outras mais lindas... E de braço em braço, fui caindo, satisfazendo todos os meus desejos... Afinal, gastei tudo o que tinha... Arruinei-me, e tornei-me infiel, unicamente por que um dia me chamaram de infiel...

Após ouvir as suas últimas palavras, pedi licença, levantei-me, e saí caminhando pela avenida, levando comigo mais uma tragédia da vida...

Mas, a vida é assim mesmo... Cada homem, trás dentro de si, a sua própria tragédia...





NOITE DE CARNAVAL

O baile corria alegre entre confetes e serpentinas. Todos que ali estavam, procuravam dar expansão aos seus desejos, dando a impressão que no mundo não havia tristezas.

As serpentinas atiradas das mesas envolviam às vezes, os casais que dançavam, parecendo insinuar a certos pares, que deviam ficar mais juntos, para assim, sentir o amor provocar-lhes sentimentos de anseios, de loucura e de alucinação.

A um canto do salão, em redor de uma mesa, estava o vulto esguio, fino e comprido de um Pierrot, que surgia sentado entre os confetis multicores, a olhar tudo indiferente como se lhe faltasse alguém.

De repente, aparece uma Colombina no salão, volúvel, maliciosa, que após aspirar um pouco de lança-perfume, ficou voluptuosa e lânguida, entregando-se nos braços de um Arlequim, que aproveitando o primeiro ensejo de um olhar, envolveu-a, e colheu na flor de seus lábios, um beijo langoroso e apaixonado, deixando a Colombina desfalecer com o seu corpo fremindo de erotismo, ruborizando-se pelo medo que a paixão lhe provocava.

Pierrot, olhando aquela cena de um amor vivo, fez com que lhe nascesse na alma lírica, um ciúme louco, e sentindo que naquele momento morria um amor que outrora existiu, e que encontrara ali, o seu fim, como

se fora um frasco de perfume que alguém por descuido deixara aberto e se evaporara.

E a Colombina, linda, muito linda, com seu corpo todo esguio, nos braços de Arlequim continuava a dançar e a cantar.

E aquele Pierrot, abandonado e humilhado, querendo esquecer a imensa mágoa, e vendo a mulher que tanto amara, nos braços de outro, sentiu os olhos encherem-se de água, e não podendo mais ficar ali, assim, desprezado e com a alma ferida, retirou-se em busca de um cabaré, pois queria embriagar-se para afogar toda a sua dor num copo de bebida.

Depois de andar bastante, entrou num cabaré, sentou-se, chamou o garçom, pediu bebida, e começou a chorar.

Suas lágrimas foram tantas, que o copo que ainda estava vazio ficou cheio do seu pranto, transbordando-o afinal, para ver depois como se fora uma maldição, o vulto da Colombina, refletindo no fundo, como se fosse uma tira de serpentina a dançar... a dançar.


Jogou fora o copo cheio de lágrimas, e pediu outro, pois agora ia beber.

Era preciso embriagar-se.

Encheu novamente o cepo de bebida, e tentou levar aos lábios, porém, não conseguiu, porque trêmulo, indeciso, começou a chorar mais ainda.

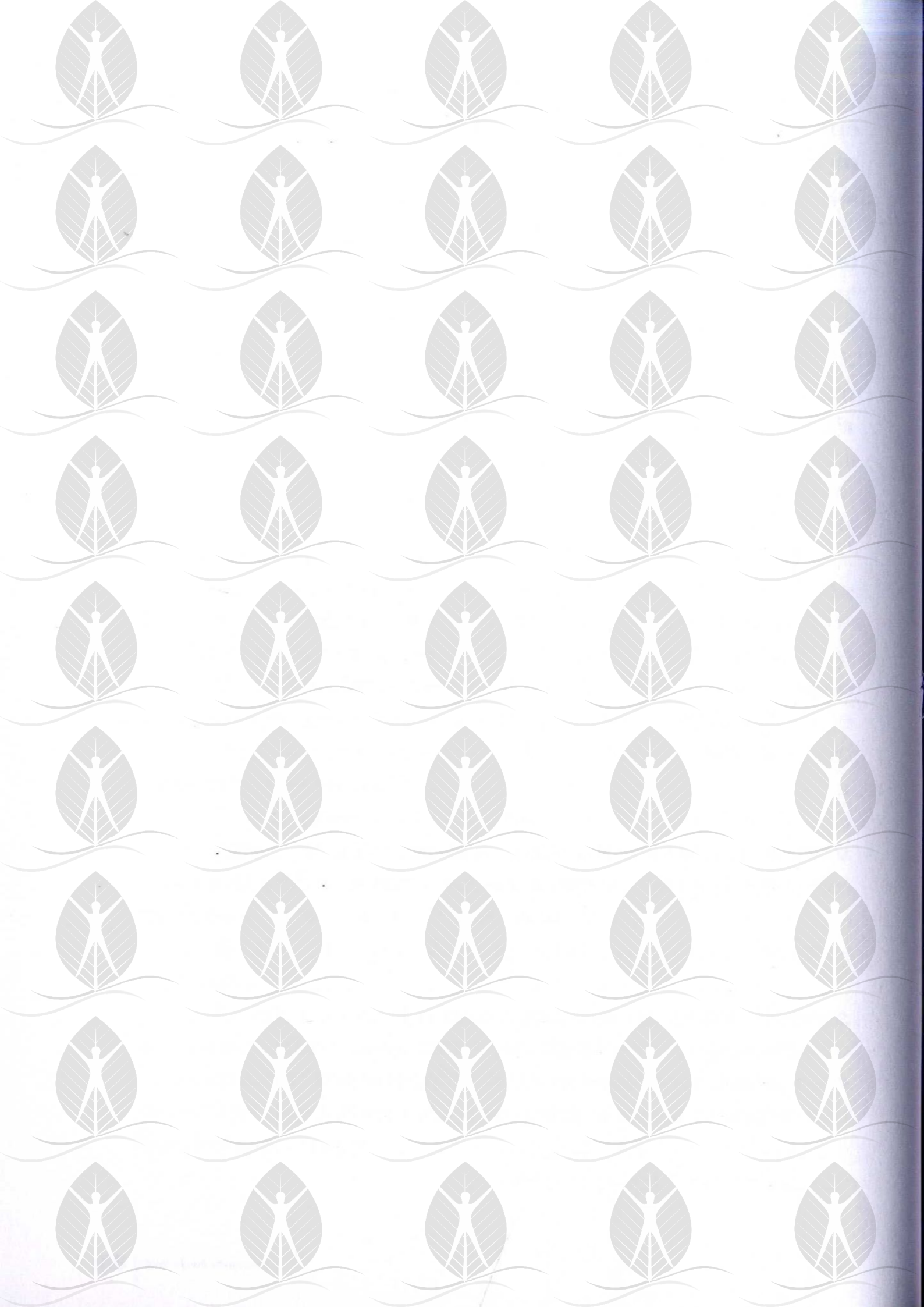
E não bebeu... chorou, chorou muito, e copiosamente.

Levantou-se, chamou o garçom, pagou a despesa e saiu rua afora, para cair fulminado na rua, guardando consigo a dor que somente sentem os desprezados, essa dor cruel que espezinha e define a alma dos que são traídos pelo amor.



No outro dia, transeuntes que por ali passaram, encontraram-no exangue e inanimado, com o rosto molhado, sem que soubessem explicar se aquilo eram lágrimas, ou se fora o orvalho que caíra durante a noite.

No eterno carnaval da vida, também muitos homens têm tido a sorte e o fim de Pierrot.





ETERNO FUGITIVO

Sentado em uma poltrona, fumando constantemente, estava Pedro, quando a parteira saindo do quarto, lhe diz com certa naturalidade que é peculiar, a essa legião de seres humanos que se dedicam a este mister:

– Seu Pedro, já nasceu à criança. É homem o seu filho.

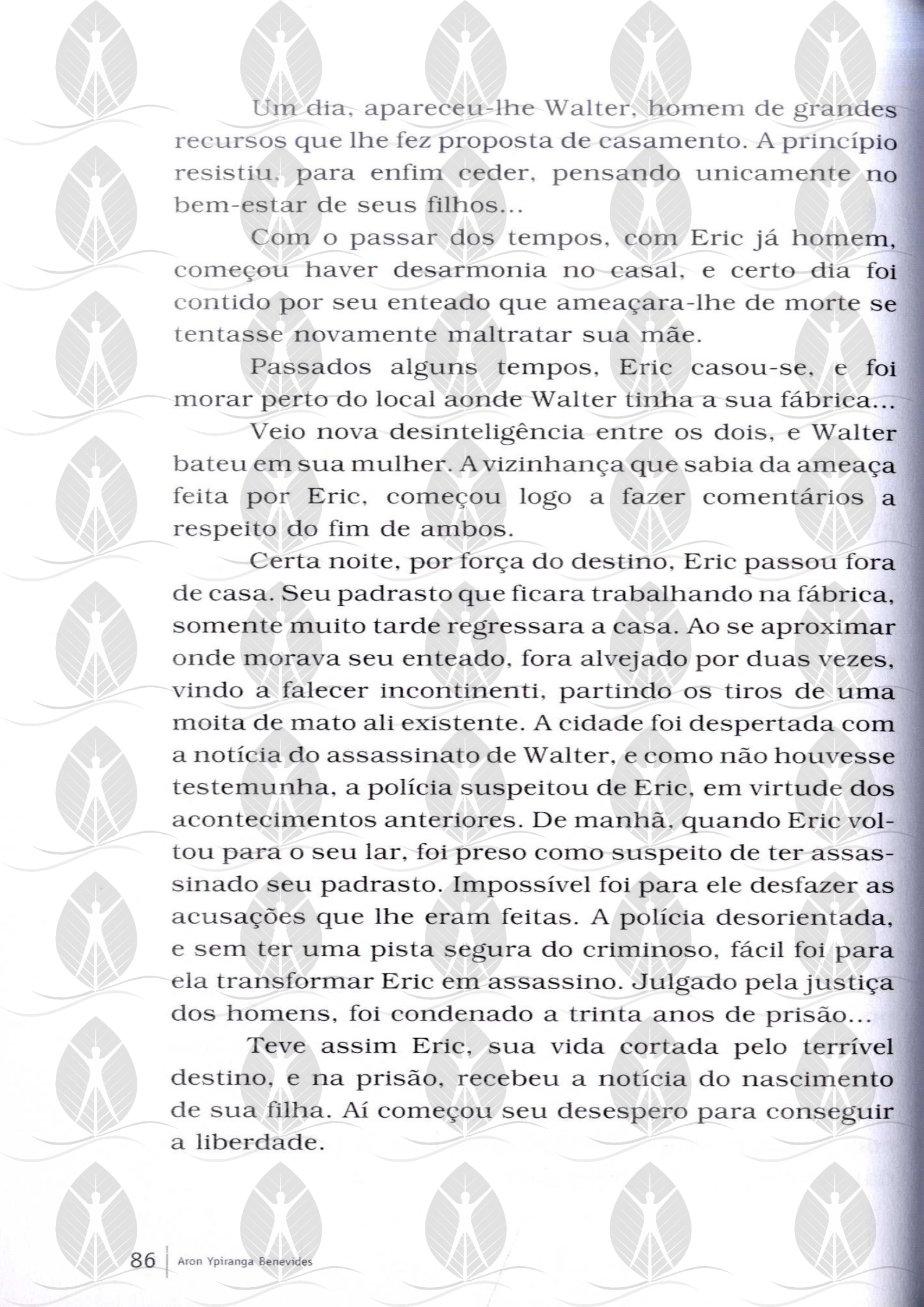
– Eu não lhe disse que era homem! Chamar-se-á Eric.

Depois de deixar transparecer no seu rosto, a satisfação que lhe invadia a alma naquele momento, continuou:

– Meu filho, por certo será um grande homem, por que tudo farei para isto. Dar-lhe-ei todo o conforto para que ele possa estudar, e amanhã venha a me orgulhar de Eric.

Mas, na vida cheia de ilusões há sempre um dia em que tudo tem um fim, e que alguém parte para nunca mais voltar.

Esse dia chegou para Pedro. Tempos depois, fora acometido de uma violenta enfermidade, que prostrando-lhe no leito por muito tempo, levou-o à sepultura. Ficara então, aquela mulher viúva, com três filhos menores. A princípio lutou sozinha para criar aquelas crianças, porém, mais tarde começou a compreender que era impossível com o que ganhava dar-lhes educação necessária.



Um dia, apareceu-lhe Walter, homem de grandes recursos que lhe fez proposta de casamento. A princípio resistiu, para enfim ceder, pensando unicamente no bem-estar de seus filhos...

Com o passar dos tempos, com Eric já homem, começou haver desarmonia no casal, e certo dia foi contido por seu enteado que ameaçara-lhe de morte se tentasse novamente maltratar sua mãe.

Passados alguns tempos, Eric casou-se, e foi morar perto do local aonde Walter tinha a sua fábrica...

Veio nova desinteligência entre os dois, e Walter bateu em sua mulher. A vizinhança que sabia da ameaça feita por Eric, começou logo a fazer comentários a respeito do fim de ambos.

Certa noite, por força do destino, Eric passou fora de casa. Seu padrasto que ficara trabalhando na fábrica, somente muito tarde regressara a casa. Ao se aproximar onde morava seu enteado, fora alvejado por duas vezes, vindo a falecer incontinenti, partindo os tiros de uma moita de mato ali existente. A cidade foi despertada com a notícia do assassinato de Walter, e como não houvesse testemunha, a polícia suspeitou de Eric, em virtude dos acontecimentos anteriores. De manhã, quando Eric voltou para o seu lar, foi preso como suspeito de ter assassinado seu padrasto. Impossível foi para ele desfazer as acusações que lhe eram feitas. A polícia desorientada, e sem ter uma pista segura do criminoso, fácil foi para ela transformar Eric em assassino. Julgado pela justiça dos homens, foi condenado a trinta anos de prisão...

Teve assim Eric, sua vida cortada pelo terrível destino, e na prisão, recebeu a notícia do nascimento de sua filha. Aí começou seu desespero para conseguir a liberdade.

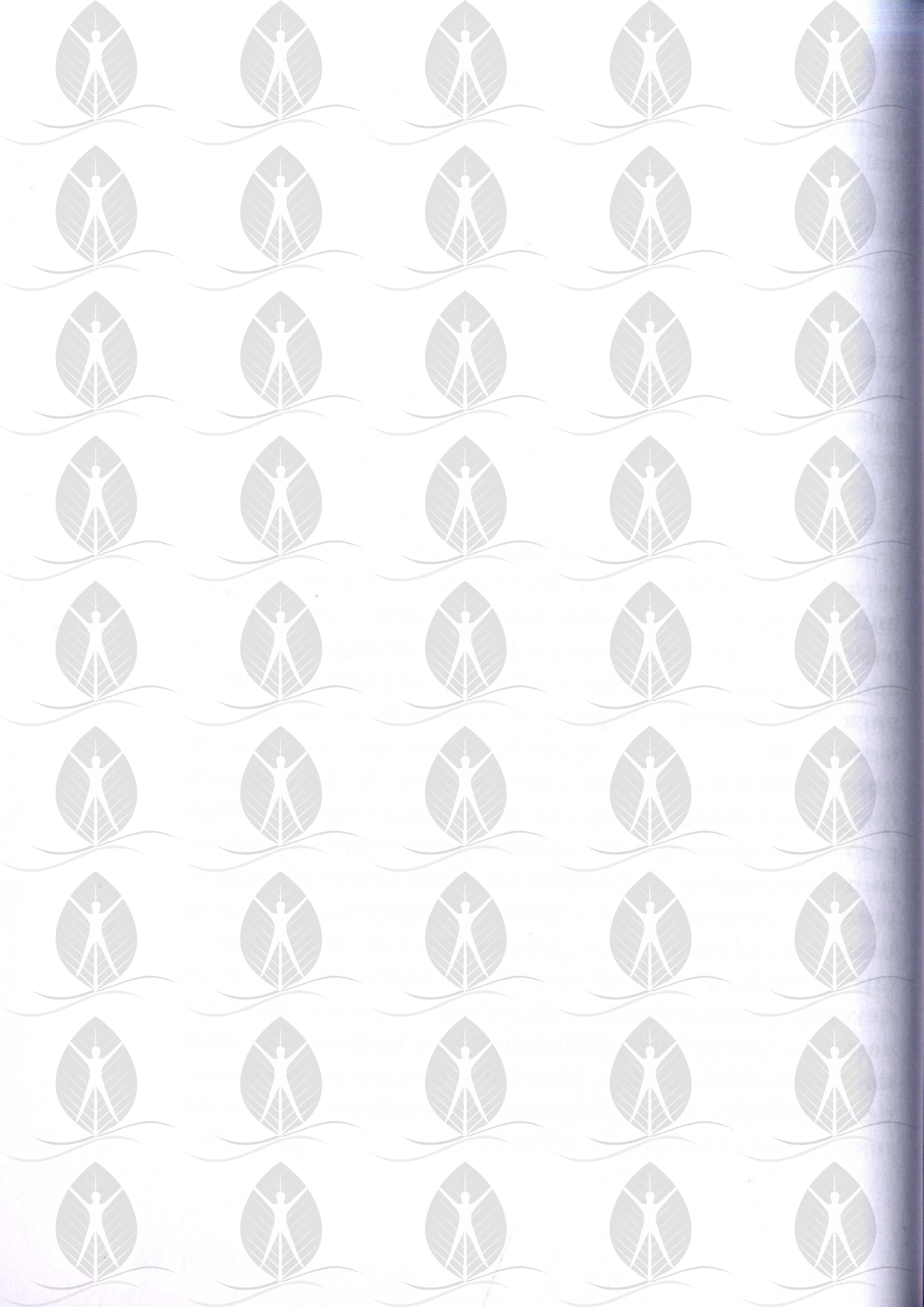
Um dia aproveitando uma oportunidade, matou um dos guardas, evadiu-se para a vida do crime, e nunca mais conseguiu a polícia prendê-lo.

Certa vez, sua esposa recebeu um bilhete, de que à noite ele iria ver a mulher que tanto queria e amava, e a sua filha que era os sonhos dos seus sonhos...

Alta madrugada, aproximou-se da porta, bateu, e a sua mulher ao vê-lo, atirou-se em seus braços, pedindo que por amor daquela filha que ali dormia o sono da inocência, abandonasse aquela vida, e se entregasse a polícia, pois temia que um dia viesse a saber a dura notícia de que havia sido morto.

Conseguindo dominar-se a custo, para não ceder aos desejos de sua mulher, assim falou:

– A essa altura minha querida, é impossível porque os anos de cadeia a que os homens me condenaram injustamente – pois não fui eu quem matou meu padrasto – fizeram-me um monstro. A cadeia, minha adorada Esther, conduz o homem que para ali é jogado, para dois diferentes caminhos: – quando o criminoso é o culpado, o redime, transformando às vezes, num homem de bem, muitas vezes melhor de que aqueles que jamais nela tiveram. Porém, no meu caso, que pago pelo crime que não cometi, transforma-o num perverso, num mau, capaz de cometer os crimes mais absurdos, porque a injustiça cega o homem, fazendo com que seja uma verdadeira besta humana. Fui injustiçado, encarcerado, e hoje só um desejo alimento, que é de devolver à sociedade, pelo crime, o crime que ela cometeu, atirando-me longe de teus carinhos e do amor de minha filha Marina. Hoje, sou um eterno fugitivo... de ti, de nossa filha, da sociedade, da lei e, um dia, se necessário, serei até da própria vida...





DESPIDA DE ILUSÕES

A tarde morria lenta, fria, úmida e triste...

Sentindo-me cansado e sem disposição, resolvi ficar em casa para conviver um pouco com os deuses de papel, que são meus livros. Com meu espírito ávido de aprimoramento, entregar-me a eles, com o pensamento limpo, em busca de aperfeiçoar o mel de minha inteligência, até porque, não sou mais do que uma abelha humana, que procura no casulo de outras larvar aperfeiçoar o meu intelecto.

E assim, fui diante de minha biblioteca, e arranquei minhas mãos puras da vaidade humana, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Deitei-me, procurando ficar bem confortável, e comecei a ler as páginas admiráveis daquele estilo conciso na narração dos fatos, que se tem à impressão de que se está mortificando o corpo, insulando-se da sociedade.

Encontrava-me assim, quando ouvi alguém bater à porta. Não atendi. Bateram de novo, então, de onde me encontrava mandei entrar.

Ao abrir-se a porta, apareceu o vulto de Ivan, um velho amigo da mocidade, que fazia muitos anos que não via. Pedi-lhe desculpas por não ter me levantado, dizendo-lhe que não me sentia bem.

O velho camarada, puxou uma cadeira, sentou-se, acendeu um cigarro e começou a lembrar os tempos já vividos...

Falamos de tudo. Das nossas brincadeiras, dos sonhos que morreram, como morrem as palavras na garganta, para enfim, falarmos dos amores passados. E ao falar em amores, vem-me na lembrança ser este o meu único pecado neste mundo, porque não compreendo a vida sem ele.

E enquanto vai discorrendo em voz pausada, surge no meu pensamento o nome de alguém.

E como vai fulana?! Pergunto.

Meu velho amigo, ficou pensando, como se buscasse na memória alguma coisa, e indiferente disse:

- Fulana! Sei quem é... Espera!... Fulana!... Morreu logo depois que tu partiste...

Vendo-o o seu indiferentismo pelas coisas do passado, e sentindo pelo seu modo de falar que sofria muito, perguntei-lhe porque trazia no seu semblante, na sua voz essa mágoa de quem na vida sofre e conhece a dor, e sente a extensão do seu pecado.

Houve um silêncio entre nós dois, para em seguida ele falar, dizendo-me:

- Amigo, sou hoje assim, porque posso calcular a dimensão do meu pecado, do meu penar, conhecendo toda a sua razão...

Por que?

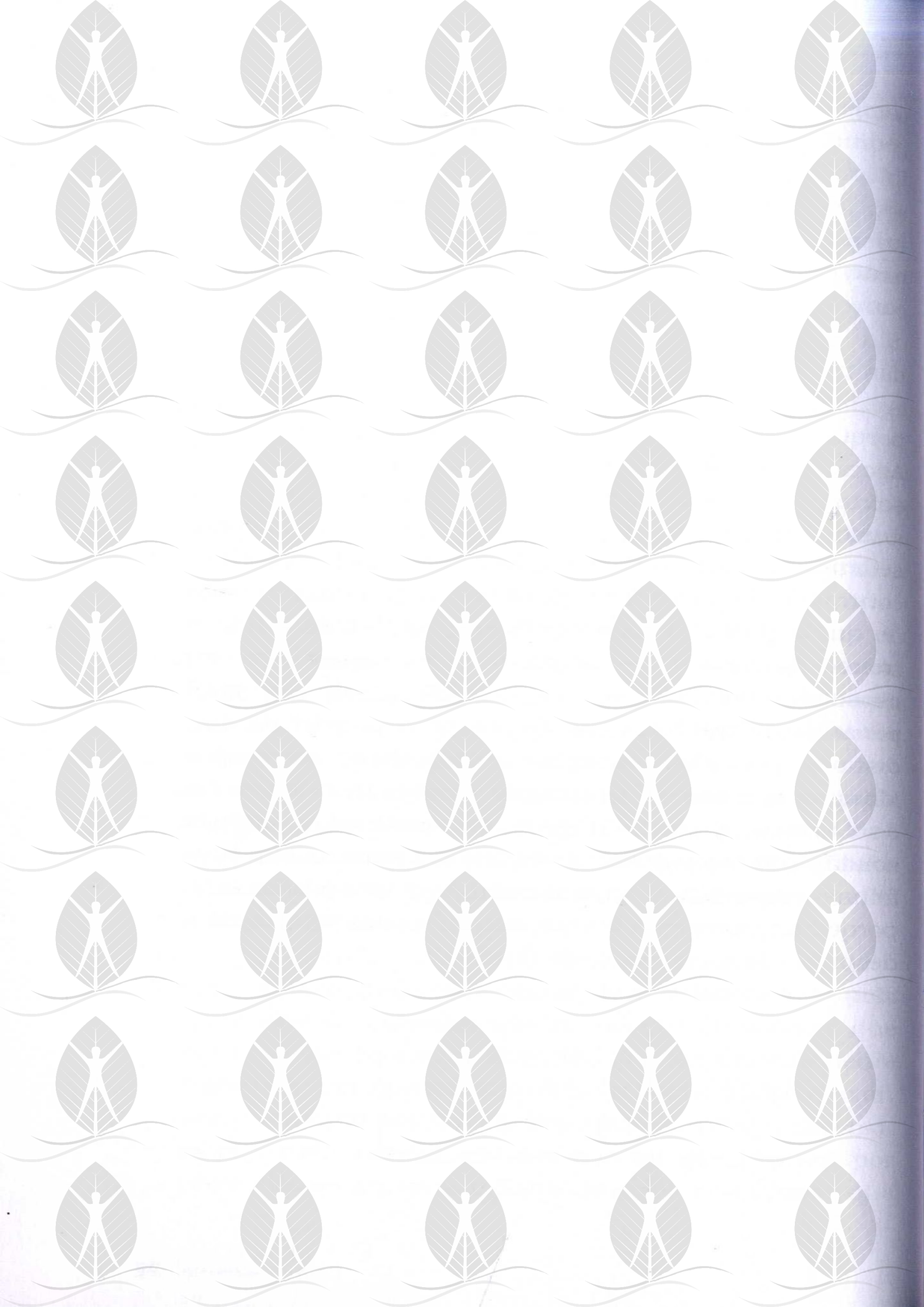
- Pelo pão que neguei aos esfomeados, pela infinidade de lágrimas que fiz derramar, aqueles que mais do que eu foram desgraçados. Sei perfeitamente como fui cruel, quando espalhei a miséria, o fel, o horror, tudo, somente por ser egoísta demais, mau, perverso, ruim... Hoje, porém, sou um asceta, que procura por exercícios espirituais, reparar os erros e os crimes que

cometi, e, humildemente, levanto os olhos para os Céus, pedindo a Deus que me dê unicamente à esmola de um futuro bem melhor...

Olhei para o seu rosto, e nada pude falar que lhe fosse agradável. Ofereci-lhe um cigarro, fumamos um pouco, e quando procurava outro assunto para conversarmos, ele me perguntou:

– Agora, diz-me algo de ti, da tua vida, ou melhor, das tuas ilusões da vida...

Hoje, Ivan, já não tenho mais ilusões na vida, porque tudo faz com que não possa pensar mais assim. Agora, devido o meu modo de ver as cousas, com os sofrimentos que passei, suas incertezas sou como uma árvore velha, que não dá mais sombra ao viajante sedento, abandonada, ao longe de um caminho, contrastando da seiva verdejante, chamando a atenção de quem passar pela estrada contemplativo, vendo o tronco desnudo pelos desenganos, como se fosse um espectro dolente, uma espécie de alma que está penando, e que ergue a fronte para o azul do céu distante, pedindo clemência e lembrando-se dos tempos idos, em que com sua ramagem verdejante, alta, vinha o sol brincar, fazendo imagens com sua sombra naquela solidão tão sossegada. No entanto, agora, assim sem folhas, esquecida, comparo o seu destino a minha vida, porque tal como esta árvore, sou eu, com a minha alma despida completamente de ilusões...





ILUSÃO PERDIDA

Era ainda bem pequenininho quando ouvi falar pela primeira vez no seu nome, e que ficou ressonando qual sino de bronze em meus ouvidos.

Jamais pude esquecê-la...

Cresci, e quando atingi a idade que podia caminhar sozinho a sua procura, comecei a andar pelas ruas para ver se conseguia encontrá-la. E muitas vezes em noites de insônia quis fitá-la, para ver se assim podia possuí-la, porque ela seria para mim, o vinho embriagador que iria aquecer meus sonhos nas minhas frias e tristes noites, em que a saudade com seu manto roxo me envolvesse.

Como se estivesse delirando, pedia para que falasse, para que de sua boca jorrasse uma suave tormenta que viesse me banhar com sua pureza, e também pudesse me purificar.

E quantas vezes, não sei se dormindo ou acordado, pedia para que abrisse os braços para mim, para poder nessa nova cruz sacrossanta, e depois curvado aos seus pés, fazer uma oração silenciosa, pronunciada somente no coração, fazer-lhe uma confissão, contrito, do meu desejo e do meu amor por ela.

Então cansado de delirar, adormecia e sonhava com ela, e sentia-me envolvido na ilusão de tê-la encontrado, julgava-me iluminado pela sua presença esplendorosa, para enfim beijar-lhe na sombra de seu

vulto errante, porque beijando-lhe na sombra, acreditava que ela era minha. Tudo porque, ela vivia fazendo parte do meu confuso e desordenado mundo interior, queria ao menos roçar no seu corpo vaporoso...

Nos meus sonhos, ela aparecia sempre com a sua imagem indelével, que fazia que eu procurasse agasalho no seu peito, para assim viver também agasalhando a sua bendita imagem...

Sua frieza, porém, aumentava então o meu desejo, e pedia para que ela vibrasse unicamente para mim, ao menos para me consolar, porque vivia a procurá-la inutilmente, enquanto todo o meu ser soluçava constantemente, na incompreensão de ser incompreendido...

E sofria... Sofria muito porque quem ama, chora cantando, e sorrindo encontra a morte...

E acordo gargalhando e chorando ao mesmo tempo, como se estivesse enlouquecido, e ouvia alguém se aproximar de mim, e perguntar:

Qual é o nome desta que tanto te tortura, e que te faz sofrer?

E tristemente lhe respondia:
É a felicidade...

Felicidade que passou tão de leve em minha vida, que não pude te conhecer, deixando-me silencioso como o meu pensamento...

E hoje, vivo triste, pensativo, procurando a solidão, não querendo nem ao menos despertar a poeira dos caminhos...

Somente no silêncio do meu sonho, encontro abrigo, e sinto-me bem, porque quero que a treva da solidão, envolva o meu corpo com seu manto generoso e amigo, abraçando o meu corpo vencido sem loucas esperanças, e possa entrar enfim, na enternecedora paz



do sono, para assim dormir um sono bom, e sonhar para esquecer o sonho mal sonhado...

E quando à tarde ao sol-poente, os sinos badalam tristemente à hora do Ângelus, fico estendido, pensando em histórias breves, daquela que outrora já foi à musa dos meus cânticos, e que foi noiva dos meus anseios vãos...

E assim, fico esperando que a solidão aumente cada vez mais, e afinal faça a tristeza transbordar de amargura as desilusões, da taça ardente do meu pobre coração... E entro então, no imenso: mundo do sonho... Da ilusão perdida... Do mistério da vida...



A MULHER DA BOATE

Naquela noite, em que sentindo-me sozinho, e com o vácuo de meu sonho faltando algo para fazer com que a vida vibrasse com certa doçura inefável os meus desejos, entrei na Boate, sentei-me, chamei o garçom, pedi que me trouxesse um “rum-tônico”, e comecei a pensar em tudo que a vida transitória pudesse me ofertar.

A orquestra tocava “Recusa”, e entre o som da música e a penumbra reinante no ambiente, fizera com que, em êxtase, ficasse a divagar...

Encontrava-me assim, ao acaso do tempo, quando entra uma morena como a terra requeimada, com seu corpo esbelto como o caule do açaizeiro, trazendo consigo a alegria do vento que afaga, e docemente assobia lindas canções sobre a folharada.

Sua cabeleira era negra e ondulada, trazendo assim da floresta agreste, o perfume de um jasmineiro a exalar suaves aromas...

Convidei-a para dançar e, enquanto os acordes dolentes nos contagiava, comecei a envolvê-la nas chamas de minha lubricidade extasiante, e sentia que, humildemente presa de amor, começava a se entregar submissa e escrava, entre a voz cantante de ardores, de desejos e... desmaios...

Dentro do seu corpo, trazia um sol de equador a eclodir pelos seus lábios úmidos de anseios loucos... e

nos seus olhos negros, um fulgor de encantos vários, fazendo-me sentir que de sua boca, vinha o calor dos vulcões em erupção...

Depois, saímos, e lá fora caía uma chuva miúda, com um vento frio soprando lento, fazendo com que se chegasse de tal maneira, que senti a sua carne macia e morna... e, languidamente quedou-se em meus braços, e fomos caminhando, caminhando, para, enfim, chegarmos ao ponto desejado...

E quando já raiava a manhã ensangüentada, e o sol nos olhos por entre as brumas e as vidraças do quarto, encontrou-a com os membros lassos, ainda vermelha de desejos, o corpo todo marcado de meus braços, e os seus lábios sangrando de meus beijos escaldantes...

Afinal, com muito custo, conseguimos nos separar, prometendo-me um novo encontro, para que pudéssemos voltar a reviver os momentos felizes que então passamos...

Ansioso, fiquei esperando o momento de encontrá-la novamente, e de novo me crucificar na cruz morena de seus braços...

Ao se aproximar à hora em que prometeu chegar, comprei um maço de cigarros, fui para a esquina, e fiquei esperando. Acendi o primeiro cigarro, o segundo, o terceiro, acabei fumando o último passou o derradeiro ônibus, e ela não apareceu...

Ontem voltei a Boate para ver se, de novo, a encontrava; mas, em vão... não apareceu. Satisfar-me-ia, ao menos, revê-la outra vez...

Ninguém ali suspeitou a minha presença, nem tão pouco o fogo que dentro de mim tanto me inflamava...

Alguns amigos que sentaram comigo, nem ao menos puderam avaliar onde estava o meu pensamento,

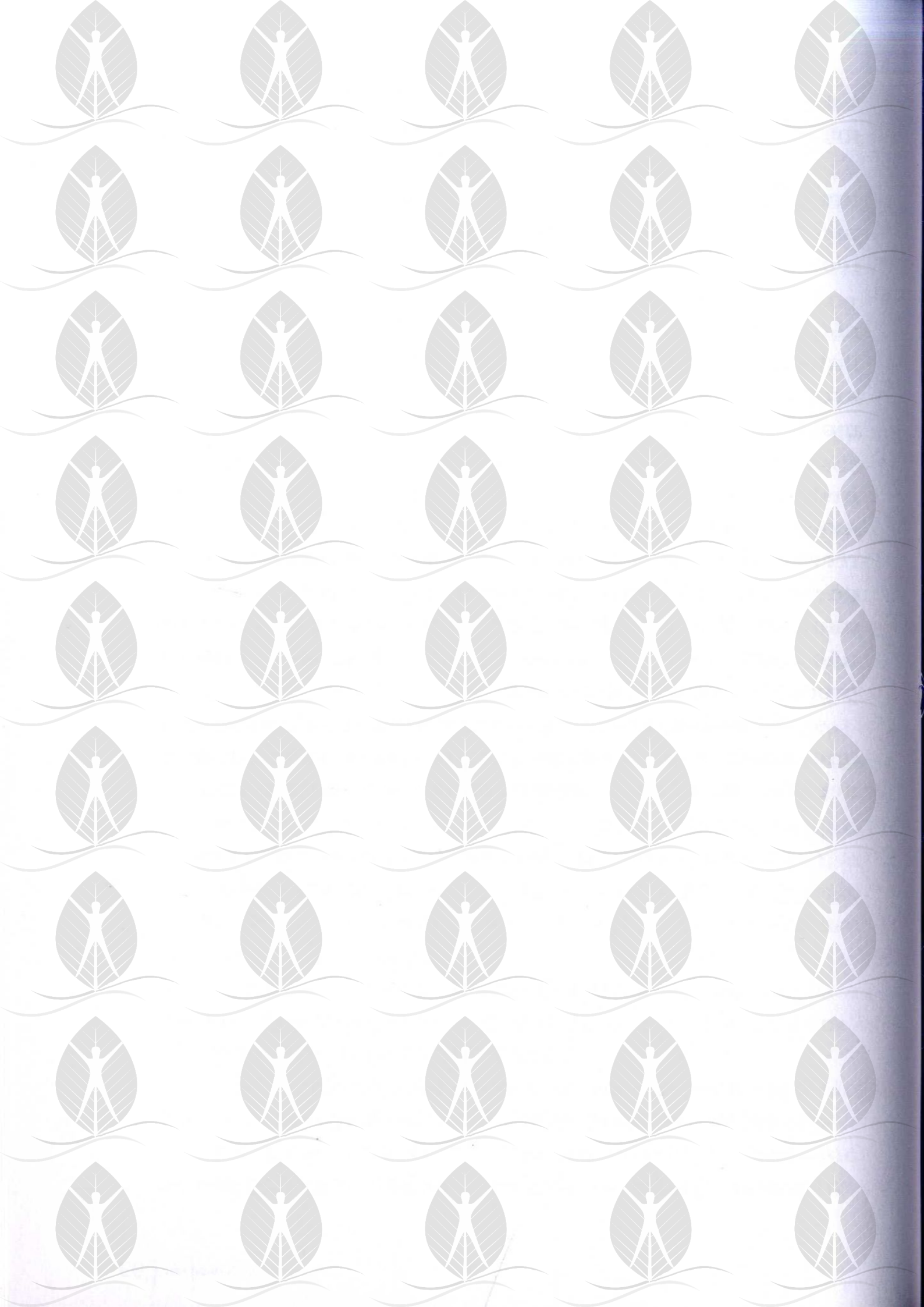
e aquela mulher que conheci naquela noite, o mal que me fez, em obrigar-me a querê-la tanto...

O amor que por ela sinto, não imponho e nem também quero implorar. É realmente um bem que tive nas mãos, que muito mereço, porém não sou capaz de reclamar...

Teu nome, quase que agora eu escrevo, mas, ele não deve aparecer, somente tu encontrarás nas entrelinhas. Pensarás em mim, ainda com aquele mesmo ardor daquela noite de erotismo alucinante, de momentos felizes!...

Acredito que ainda estás recordando aqueles instantes de sensualismo vivo, sentido em suas carnes moças, e hoje, de joelhos, aqui te peço, como se estivesse recebendo a extrema-unção do amor, na contemplação de cousas sobrenaturais que, ao passares de novo por mim, ao olhar-me, deves fazê-lo com discrição, como se não nos conhecêssemos bem, até porque, deves procurar evitar o perigo maior...

Não vás querer revolver um monturo de incêndio, que ainda arde abafado porque quem sabe, poderá acender mais forte... dentro do teu sexo e do meu...





SOU UM ÉBRIO

Cambaleante, mal vestido, sujo, cabelos desgrenhados e barbado, entrou aquele homem no botequim, puxou um banco, sentou-se, tirou do bolso uns cruzeiros, e disse para o dono do boteco:

– Traz tudo isso de cachaça, porque somente a simbiose das bebidas é que me equilibra.

Depois, correu o olhar em redor, e vendo que alguém ria-se, fixou os olhos no infinito, e começou a contar a cruz do seu rosário.

– Talvez que todos aqui me julguem um ébrio vulgar, mas, estão enganados se assim pensam. Hoje, nada mais sou de que um desajustado social: um ébrio. Bebo, porque tenho motivos para isso, e tudo no mundo tem a sua razão de ser. Para mim, pouco me está interessando a situação da aristocracia, ou a preponderância da plutocracia deletéria. Não tenho lar, nem família, e só nos botecos é que me sinto bem, porque deles, jamais sairei, e tendo um copo cheio na minha frente, tenho tudo...

Fez uma pausa, olhou para mim, fitou-me por muito tempo o que me obrigou a perguntar por que chegou àquela situação. Pegou no copo, sorveu o líquido que continha, e com voz entrecortada, assim falou:

– Quando tinha dezoito anos conheci uma mulher, que fez vibrar dentro de mim as cordas do amor. Inexperiente, entreguei-me a ela, sem me preocupar com o

que pudesse acontecer. Naquele tempo, depois de um prazer imenso, não me preocupava com presságios. Ela era uma qualquer. Era bem a lama das ruas... Contou-me com tanta emoção como foi atirada à rua da amargura, que deixou-me compadecido de sua sorte. Depois de alguns meses de convivência, resolvi tirá-lhe daquele ambiente, e no futuro legar-lhe o meu nome. Novo Pigmaleão, transformei-a na minha Galatéia. Dei-lhe tudo enfim. Bem tratada, com bons vestidos, quando olhava, via nela o pecado encarnado. Um dia, porém, quando cheguei em casa, não mais a encontrei. Soube depois, que estava vivendo com outro homem. Jamais procurei para exigir-lhe uma satisfação pelo seu procedimento. Sozinho, faltou-me a coragem da solidão... Gostava muito dela, e não via noutra mulher, qualidades que me atraíssem. Os dias foram-se passando, e com eles foi aumentando o meu desgosto, e pouco a pouco, fui compreendendo como é triste a vida de um homem quando perde o seu ponto de apoio, e que ao encontrar-se só, acovarda-se, com receios de novos desgostos... Resolvi, então, beber, porque no álcool julgava que pudesse vir a esquecê-la. Mas, foi em vão. Quanto mais bebia, mais via o seu rosto refletido no fundo do copo. E fui caindo, perdendo o conceito, até que fiquei no descrédito, sem nada mais conseguir na vida. Certa vez encontrei-a ostentando uma vida de luxo, e quando passei por ela, devido estar muito embriagado, dei um tombo, o que foi bastante para rir-se de mim...

Ao dizer-me estas palavras, rolaram-lhe na face suja, duas lágrimas sentidas, fazendo revelar o estado de sua alma, e passando as mãos no rosto, continuou:

– Essas lágrimas, comparadas ao meu sofrimento nada representam, porque a tortura que me espezinha

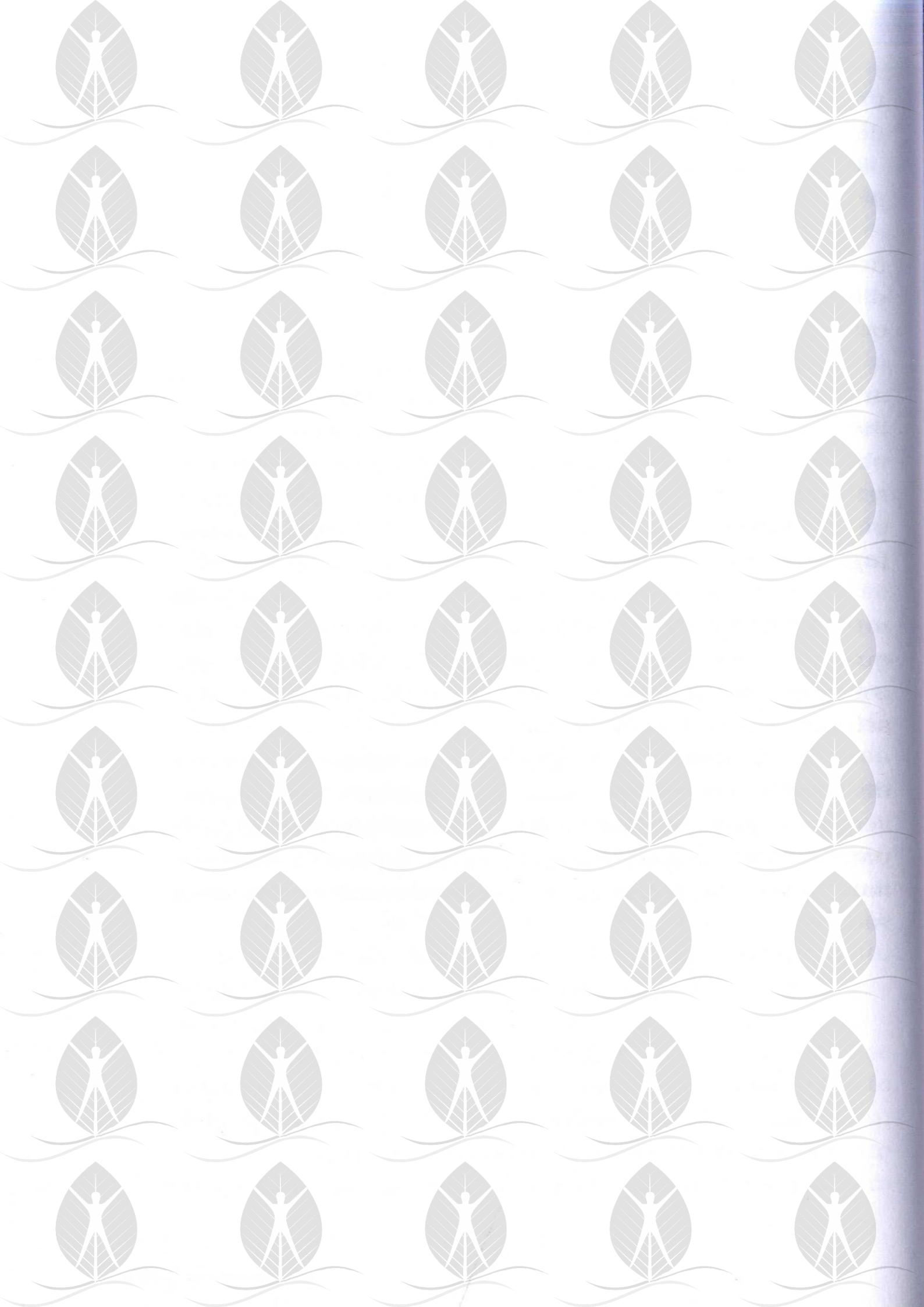
não tem comparação. Sei que quando ela riu, não foi de mim, mas de sua própria ignorância... Porém, um dia o remorso há de vir, e ela terá de chorar muito e vir pedir-me perdão...

Ao terminar estas palavras, bebeu mais um pouco, ficou com a cabeça baixa, e então perguntei-lhe se um dia ela voltasse arrependida a implorar o seu perdão o que faria.

– Nada! Morto como foi o meu amor, nem que volte arrependida, nunca me unirei a ela... Posso perdoar-lhe, porém, não a quero mais... Nunca mais... Hoje, nada mais desejo possuir. Tudo fiz para ter na vida um refúgio para a minha velhice, ou melhor, um porto para passar a tempestade da existência... Tudo, no entanto, fugiu de minhas mãos sem que pudesse deter.

Deixando-me preocupado com o seu estado de miséria, perguntei-lhe se não tinha receio da derrocada, quando, mais tarde, o álcool lhe impossibilitasse por completo de conseguir a sua manutenção. Levantou-se, e com voz alta, disse-me:

– O mundo tem obrigação de sustentar-me. Se um dia vier a morrer de fome, ele passará pela maior vergonha, porque tenho quase que certeza que não pedi para nascer, e da vida nada mais espero, a não ser morrer na rua, tendo como apologia o ladrar dos cães vadios...



DESPEDIDA INCOMPLETA

Lembro-me, ainda, de que certo poeta já disse que “toda cigarra nasce cantando”... Tenho quase que certeza que não nasci cantando, porém, como geralmente acontece com todos os seres humanos, recebendo ao vir ao mundo à dura advertência de que tudo nesta vida tem um preço... E sendo assim, nasci chorando...

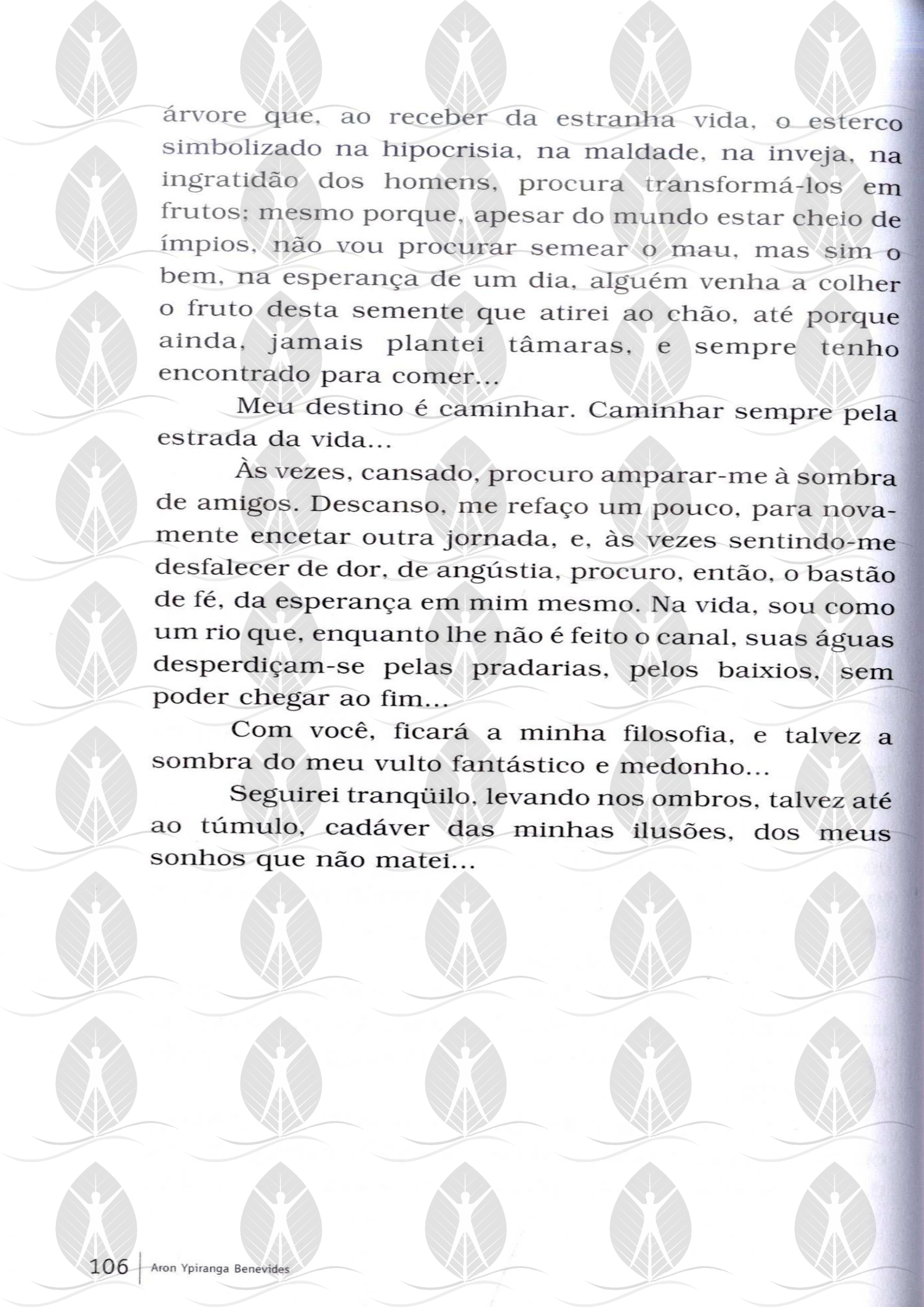
Ao aproximar-se a hora de minha partida, senti o desejo de despedir-me de você, que somente me conhece através de minhas crônicas, as quais nada mais são do que a canção silenciosa de minhas idéias, ditadas pelo meu pensamento, procurando descrever para os homens, a tristeza e os dramas que envolvem as minhas tristes noites sem sonhos e sem luar...

Nasci trazendo nos pés este fadário de viajar constantemente em busca de um mundo puramente imaginário, fazendo com que às vezes zombe da vida e de suas adversidades...

Ilusões! Não mais as tenho.

Todas foram perdidas, assim, como quem atira uma carta no armário da dor, qual a garganta de um canário que, um dia, sucumbiu ao sentir a visão estremecida...

Dentro do bojo metálico de um avião, irei romper célere o espaço em fora, levando talvez comigo a podridão da humanidade. Neste mundo, me assemelho a uma



árvore que, ao receber da estranha vida, o esterco simbolizado na hipocrisia, na maldade, na inveja, na ingratidão dos homens, procura transformá-los em frutos; mesmo porque, apesar do mundo estar cheio de ímpios, não vou procurar semear o mau, mas sim o bem, na esperança de um dia, alguém venha a colher o fruto desta semente que atirei ao chão, até porque ainda, jamais plantei tâmaras, e sempre tenho encontrado para comer...

Meu destino é caminhar. Caminhar sempre pela estrada da vida...

Às vezes, cansado, procuro amparar-me à sombra de amigos. Descanso, me refaço um pouco, para novamente encetar outra jornada, e, às vezes sentindo-me desfalecer de dor, de angústia, procuro, então, o bastão de fé, da esperança em mim mesmo. Na vida, sou como um rio que, enquanto lhe não é feito o canal, suas águas desperdiçam-se pelas pradarias, pelos baixios, sem poder chegar ao fim...

Com você, ficará a minha filosofia, e talvez a sombra do meu vulto fantástico e medonho...

Seguirei tranqüilo, levando nos ombros, talvez até ao túmulo, cadáver das minhas ilusões, dos meus sonhos que não matei...

ELA NÃO VOLTOU

Por que não voltaste? Por que?

Se sabias que, ansioso, esperava pela tua tão almejada volta, que para mim, seria tudo nesta vida transitória e efêmera, pois os teus carinhos sempre embalaram os meus sonhos de ventura, naqueles tempos em que o mundo para mim era tão risonho e bom, e tua presença fazia com que as adversidades se transformassem em flores, e nos meus caminhos não encontrava os espinhos cruéis da desilusão de um amor incompreendido...

Mas, assim não compreendes ou não quiseste compreender, talvez porque a saudade já não mais faz guarida em teu coração de mulher perdida. Agora, foges de mim, que outrora tanto te fui útil, evitando que fosses envolvida pela maldade humana, quando ainda não sabias distinguir o bem do mal...

A vida é assim. Somente aqueles que se aperfeiçoam no cadinho do sofrimento, é que sabem o quanto estreito e difícil é o caminho da felicidade...

Vai! Segue o teu destino, sombra maldita, vulto viperino! Foi louco um ente que te amou perdidamente sem a menor esperança da recompensa de tua gratidão pelo bem que te fez...

Agora, compreendo porque não voltaste mais para os meus braços!

É que não queres queimar os beijos de criança que em outros tempos me deste com tanto ardor, quando tua alma cheia de inocência como o perfume da flor, que só recende quando é regada pelo orvalho.

E hoje te pergunto: – que fizeste de mim, de ti, do nosso amor sincero e justo?...

Responde? Diz tudo o que ainda sentes em tua alma, envelhecida pela tortura que te espezinha, em teres me abandonado assim, sem ao menos dizer o adeus dos que partem para esquecer um alguém que ficou chorando o bem perdido...

Aonde estais que não ouves os meus lamentos?
Não. Não voltes nunca mais!

Deixa-me sozinho sofrer assim, e assim morrer. Não voltes mais, porque minha alma agora, é como se fosse um lago sossegado, sereno, sem ao menos sentir passar uma brisa leve.

Deixa-me só... Sozinho, casando a treva interior do meu peito com a noite escura do vácuo dos meus sonhos...

Agora, é que sei porque não me queres mais... Tens medo de ter um encontro comigo, porque fui em tua vida tudo, e neste momento, outra coisa não represento a não ser o passado vivo de uma crença morta...

Não, não voltes nunca, nunca mais!...



SE ELA VOLTASSE HOJE

Se ela voltasse hoje, para mim, assim como se foi, quão feliz eu seria ao vê-la novamente diante dos meus olhos, com seu sorriso meigo a me convidar para que voltasse a sentir o aroma fresco, suave e lânguido de sua boca...

Se ela voltasse hoje, para dizer-me que de meus braços jamais se afastaria, minha alma ficaria transbordante de alegria, e de joelhos com as mãos trêmulas e nervosas, pediria aos Céus a bênção divina para o nosso lindo amor, que outrora floresceu com tanto ardor...

Se ela voltasse hoje, trazendo nos seus olhos aquele brilho suave das noites enluaradas, eu correria ao seu encontro para beijar-lhe as pupilas negras, deixando úmidas de desejos e de anseios mórbidos...

Se ela voltasse hoje, trazendo ainda no seu corpo de mulher, aquelas mesmas curvas ondulantes e tentadoras, abraçaria com todo entusiasmo de meu sensualismo, para então acariciar as suas formas, assim... assim...

Se ela voltasse hoje, com aquela mesma inexperiência de quando se foi, em que me pedia entre sorrisos que beijasse somente suas mãos alvas e delicadas, e eu, sem me aperceber, ia subindo, subindo, até chegar a unir meus lábios aos seus, e ela sem querer, me envolvia o pescoço com seus braços carnudos e aveludados, deixando-me atônito e ofegante, mistu-

rando os seus desejos com os meus, para depois dizer-me assim: – querido, como te quero...

Se ela voltasse hoje, ostentando na graça e na forma tudo aquilo que me atraía e que me dava orgulho de possuir, então, eu lhe diria que realmente a felicidade tinha novamente batido em minha porta, para trazer-me de volta aquilo que julgara ter perdido no verdor de minha mocidade esperançosa e despreocupada...

Se ela voltasse hoje, o que diriam aqueles que se encheram de júbilo, quando viram que fiquei sem meu amor, sem a mulher que era por mim tão decantada e adorada, por certo diriam que já não era mais aquela que dantes me fazia adormecer sorrindo e despertar cantando!...

Se ela voltasse hoje, me pedindo que lhe perdoasse pelo mal que me causou a sua ausência, por certo não teria forças para acusar-lhe pelos sofrimentos que passei, longe da luz de seus olhos, do calor de seus beijos quentes e de seu corpo juvenil. Haveri de dizer, somente, que com os braços em cruz, que ali estava abraçar para o ídolo dos meus sonhos, como se fora outrora...

Se ela voltasse hoje, e, querendo-a ainda como a quero, quando batesse à porta de meu apartamento, abriria o postigo, olhava, e quem sabe, indeciso, pegaria na maçaneta e vinha-lhe abrindo, lentamente, assim como se, o que estivesse vendo, fosse um sonho, para, depois fitá-la e, em seguida, tirando-lhe as vestes, uma por uma, como se estivesse despetalando uma flor, para depois, então, beijar-lhe o corpo alabastrino, e finalmente unir a minha boca à sua, e transformar aquele leito que para mim, era mais um leito de Procusto, num leito de sonho, de carícia... e de amor... puramente de amor...



UMA LUZ QUE SE APAGA

Deitada no seu leito de dor, aquela mulher, após revolver-se, tosse, e lhe vem aos lábios um fio de sangue, como se estivesse marcando o seu fim...

Olha o relógio que está sobre a mesa de cabeceira, e exclama:

– Duas horas da madrugada!...

Em seguida, corre o olhar pelo quarto e, vendo-se sozinha, uma lágrima desce-lhe pela face pálida, e começa a relembrar o que foi o seu passado:

– O que fiz da minha mocidade! Porque não ouvi o conselho dos meus pais, quando me pediam que eu não os abandonasse em busca de ilusões prometidas, que me arrastaram a esse extremo?!... Hoje, sozinha, sem ninguém junto a mim, para enxugar ao menos as frias bagas dos meus suores! Por que os deixei, assim, tão cruelmente, a eles que tudo faziam para me ver feliz. Por que deixei me arrastar a esse abismo!... Quantas lágrimas não os fiz derramar ao ter partido, sem ao menos lhes pedir àquela bênção que me davam todas as noites e pelas manhãs, depois de me beijarem o rosto com um beijo puro e sacrossanto, como se estivessem bendizendo o meu futuro. Agora é tarde; é muito tarde agora, para reparar o mau que lhes fiz. Sei que vou morrer longe de seus olhos e de seus carinhos! Ninguém me escuta! Somente a tuberculose, esta doença do

século de agora, é a minha companheira inseparável no meu leito de morte!

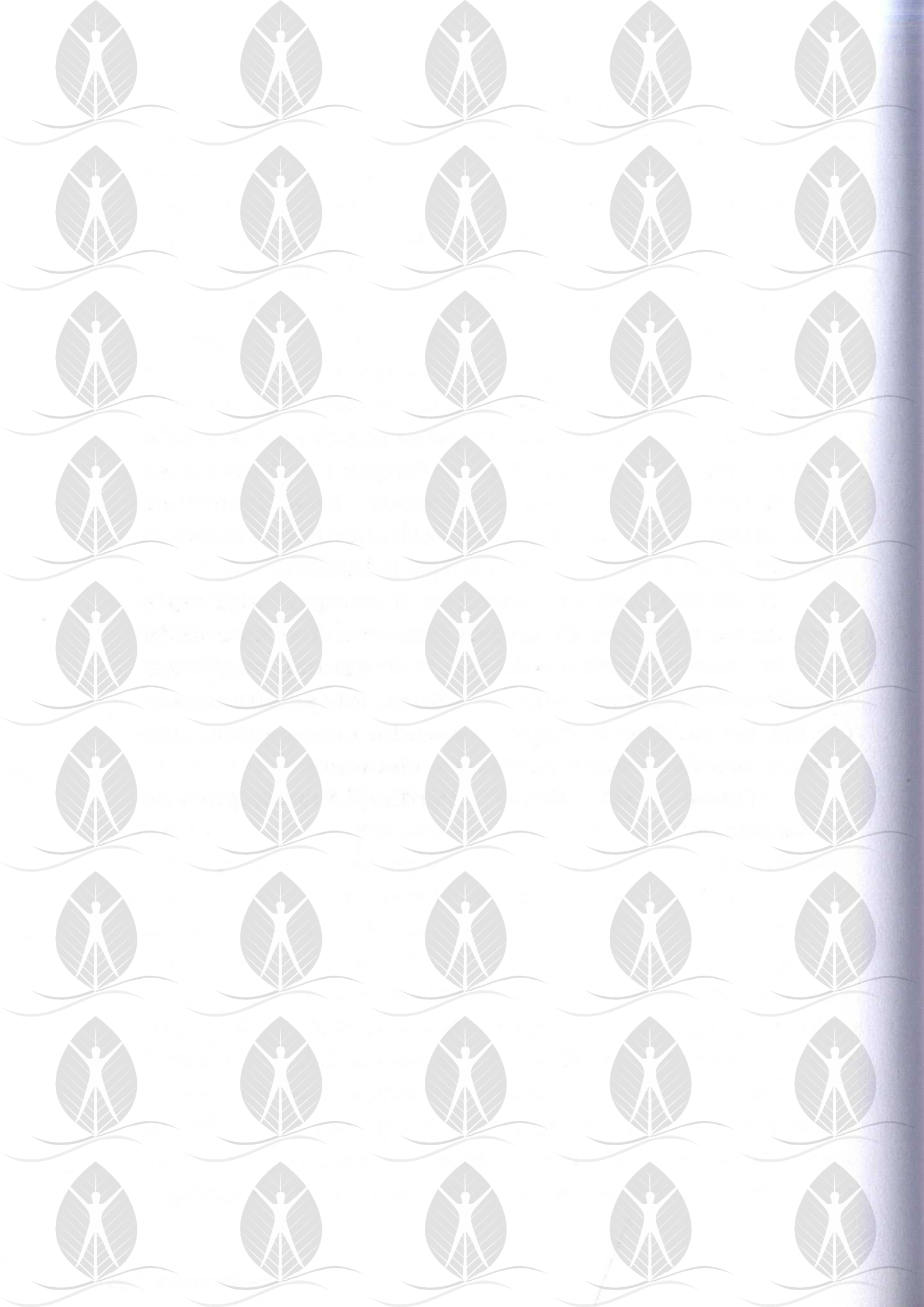
Descansa um pouco, e com os olhos cheios de pranto, continua.

– Que é feito de Paulo!... Aquele jovem que somente por me amar sinceramente não o quis, preferindo entregar-me ao aventureiro que me tirou do convívio feliz e carinhoso de meu pai e de minha mãezinha, que tanto velava por mim e pelos meus irmãozinhos, dos quais nem ao menos me lembrei quando me atirei para o caminho da perdição. Arruinei-lhe a vida e a alma, e por isso hoje estou pagando com o sacrifício de minha vida; a ilusão perdida... Ninguém ouve os meus lamentos! Aqueles que outrora fortunas atiraram aos meus pés em busca de um beijo apenas, hoje se vissem o meu estado, talvez até escarrassem de nojo. Fui nova, fui bela, fui assim como uma luz incandescente que muito fulgor espalhou, mas, agora, nada mais sou de que uma luz que vai se apagar... Naquele tempo, tudo eu conseguia com os homens, que em troca de momentos de gozo e de volúpia em noites de orgias, esqueciam os carinhos de suas esposas pelos meus, que outra coisa não era, senão a hipocrisia de uma mulher perjura. Quantos e quantos lares eu desfiz cinicamente, arrastando pobres mulheres honestas à fome, à miséria! Quantos noivados eu desfiz, unicamente por maldade, para ver saciado o meu desejo de arruinar sonhos primaveris, e me sentia alegre, e dava gargalhadas sarcásticas, quando nos braços de seus noivos, eles ficavam perdidos pela minha beleza, e festejava essas desgraças em orgias e bacanais com um despudor cínico, e muitas vezes, despia-me mostrando o meu corpo, sem o menor respeito, fazendo contrastar numa algazarra forte, a alegria da vida, vivida no vício e no

opróbrio... E eles, perdidos de amor, champanhe derramavam em cima de mim, dizendo que eu personificava a hóstia do amor profano. Quanto sacrilégio eu os fiz cometer! Quantas crianças ficaram sem o pão, porque seus pais quando me viam, esqueciam tudo, até o sangue do seu sangue. E, agora, choro perdidamente, implorando misericórdia aos seres que fiz sofrer, as crianças que ficaram sem o pão e sem o carinho de seus pais... Moças inexperientes, não vos deixeis levar por esses arroubos de homens que querem unicamente gozar a mocidade, incauta e despreocupada das mulheres indefesas! A prostituição é o mais baixo degrau que uma mulher pode pisar. Nela, a mulher perde tudo. Ninguém a quer, a não ser quando nova; quando pode entregar o seu corpo à luxúria.

A madrugada já começava a romper com seus raios de sangue quando aquela pobre mulher estendida no leito, contorcendo-se de dor e de agonia, exalava o seu último suspiro e, num contínuo, incessante tossir, enchia de sangue o lençol, soltando, em seguida, aos Céus o seu derradeiro pedido de clemência:

– Deus!... Oh!... Deus!... Perdão!!! Perdão para os meus crimes!...





DEPOIS DE UMA FELICIDADE

Certo dia, quando andava a vagar pelas ruas, como se estivesse procurando algo para os meus dramas, encontrei sentado à sombra de uma árvore, um homem, com a face entre as mãos, com o olhar perdido no horizonte da nebulosidade de seus sonhos, como se estivesse a recordar dias felizes e de ventura, que os anos tinham colocado para trás.

Aproximei-me lentamente, porque não queria penetrar no seu oásis, como um estranho, mas, sim como quem procura um amigo para ouvir a voz de sua experiência, sobre o que foram para ele os momentos de amores e de sonhos, vividos no decorrer de uma vida cheia de aventuras.

E assim, cheguei para perto do banco onde se encontrava, sentei-me, e depois de passar alguns momentos, perguntei-lhe:

– Em que pensa amigo?

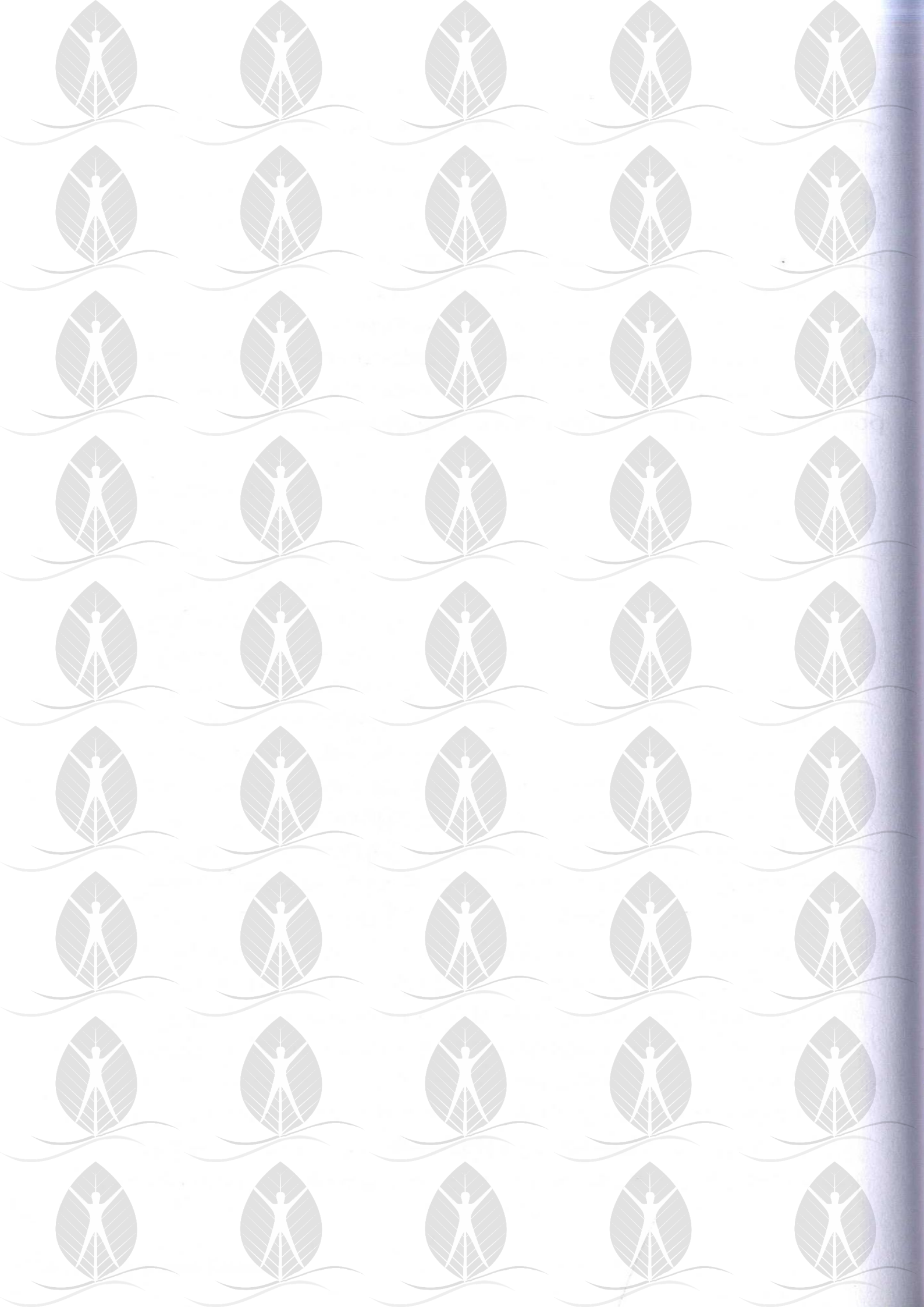
Virou o rosto, fitou-me por muito tempo, para falar assim:

– Agora, não pensava em nada. Somente sentei-me aqui, para, afastando-me do mundo, com vontade de fazer a vida parar, para então procurar reviver os tempos já vividos... Mas, como tu me despertastes do recolhimento em que me encontrava, podemos conversar sobre os meus amores, que foram muitos, e também; sobre o que foi em parte, a minha existência...

Ao dizer-me estas palavras, passou a mão por cima dos cabelos grisalhos, e com voz lenta e emocionada, começou a sua história:

– Eu, amigo, da vida e de meus amores, tenho um conceito completamente diferente dos outros. Quando ainda na minha mocidade, amei muitas mulheres, cujos lábios beijei ardentemente, sem que tivesse o menor escrúpulo, pois, para mim, um beijo sempre foi um beijo, e ele merece todo o sacrifício, principalmente quando se sabe o seu sabor e o prazer que proporciona à nossa alma. Sempre fui muito ardoroso e meigo para com as mulheres. Quando dava um beijo, procurava colocar nele tanto a minha vida, como o ardor de minha paixão alucinante. Jamais beijei uma mulher, pensando que mais tarde algum mal viesse me acontecer. Nunca! Não sei se já beijastes alguém, assim, como se fosse pela última vez, e que a gente sentindo perder para sempre aquela boca, procura se entregar num êxtase profundo, como se o beijo fosse um vinho embriagador que nos deixa num estado de inconsciência como se não existíssemos. Passados aqueles momentos de verdadeira loucura, eu ficava me sentindo tão bem, que muitas vezes adormecia e sonhava com outros beijos mais ardentes ainda... O homem, amigo, que ao beijar a boca de uma mulher, se preocupa com conseqüências, é indigno de colher na flor de um lábio o néctar sublime da consagração do amor e da vida, porque ela sem um beijo de mulher, é como se fora uma triste flor que não tem nem viço e nem perfume. Muitas bocas beijei durante a minha vida em bacanais e bodas, sem que jamais tivesse contra elas prevenções, porque sempre achei que a vida é curta para se ter preconceitos. Hoje, já velho, quase sem mocidade, relembro com carinho as mulheres que beijei, sem nunca me vir na lembrança

se alguma estava tuberculosa ou não, porque todas as vezes que tinha em minhas mãos um momento de uma felicidade imensa, nunca me preocupei com presságios. Agora, no entanto, me sinto muito feliz por ter sabido viver a vida que me coube por sorte, trazendo apenas na lembrança os dias felizes que passei durante a minha passagem neste mundo, esquecendo-me mesmo, se algum dia fui infeliz, porque nunca senti a infelicidade. Fui feliz, muito feliz, e hoje ao lembrar de que quando vim ao mundo, o fiz chorando entre risos, quero, se possível, morrer sorrindo entre lágrimas...





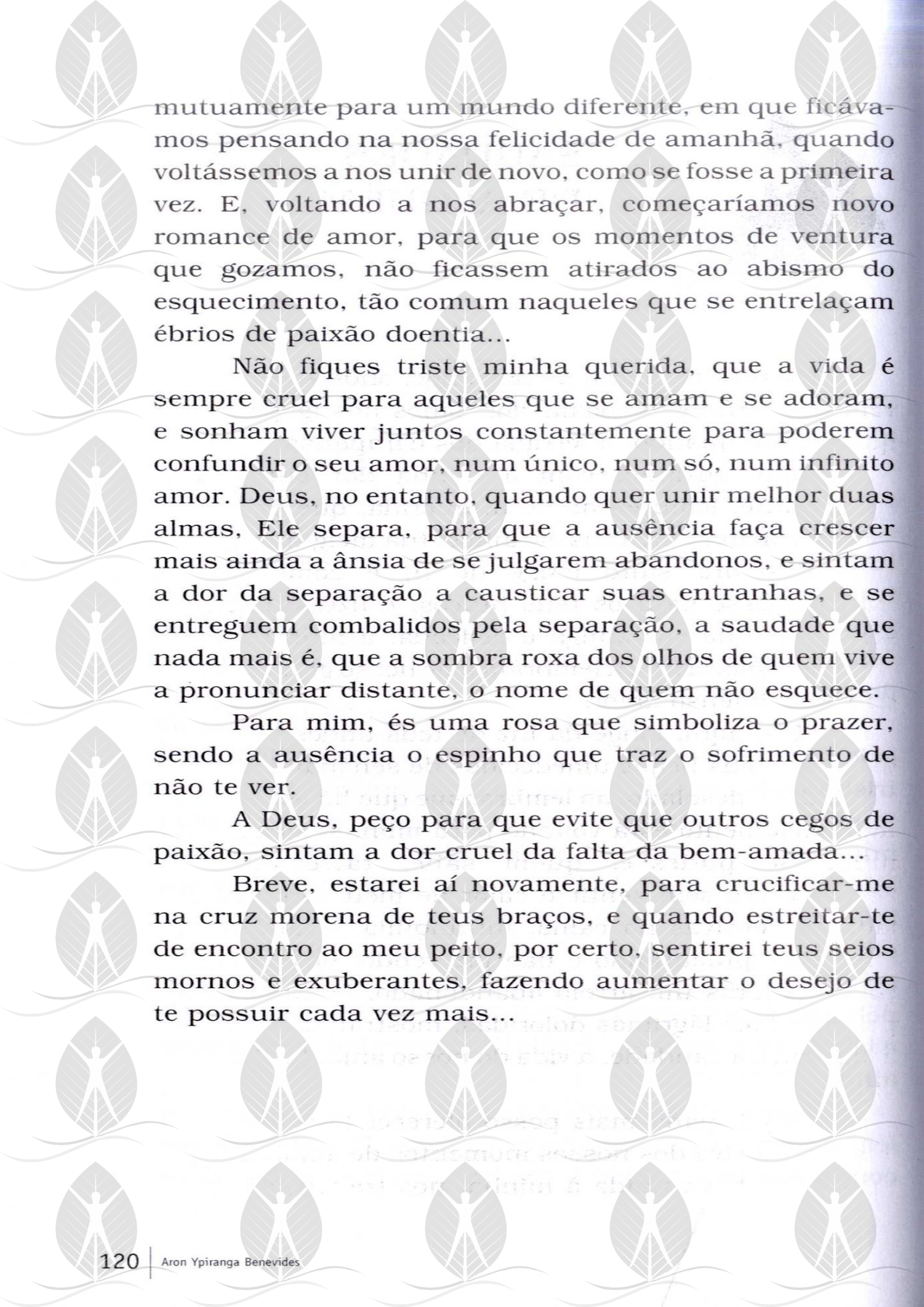
SAUDADES DE ALGUÉM

Escrevo-te, daqui de tão longe, onde somente me vem aos ouvidos o coaxar dos sapos nos igapós e, de quando em quando, a ferrada dos carapanãs.

Aqui, sozinho, com a minha dor suprema e excruciante, lembrei-me de ti, querida, que és toda a razão de meu viver. Teus carinhos, tua meiguice, enfim, tudo que ora sinto longe de ti, é como se me transportasse para os teus braços, e fizesses que eu sentisse a tua voz amiga e delicada, a murmurar no vento que passa frio, a lembrança de nosso grande amor, do nosso imenso amor.

Mas, aqui, longe da luz de teus lindos olhos, do calor dos teus beijos umedecidos de sensualidade, fico tristonho e desolado, ao lembrar-me que há estas horas teu pensamento está voltado para mim, somente para mim. Se pudesse, quem sabe, talvez quando adormeceres sem sentir o calor de meu corpo ao teu lado, te revolvas na cama, intranquã, e ao abrir os olhos, me procurando e não me vendo, ficarás triste, como se foras um arroio abandonado, fazendo correr pela tua face lágrimas doloridas, mostrando que entre a lágrima e a saudade, a vida do nosso amor brilha mais ainda...

Daqui, nada mais posso oferecer-te a não ser a lembrança viva dos nossos momentos de amor, em que com a tua boca unida à minha, nos transportávamos



mutuamente para um mundo diferente, em que ficávamos pensando na nossa felicidade de amanhã, quando voltássemos a nos unir de novo, como se fosse a primeira vez. E, voltando a nos abraçar, começaríamos novo romance de amor, para que os momentos de ventura que gozamos, não ficassem atirados ao abismo do esquecimento, tão comum naqueles que se entrelaçam ébrios de paixão doentia...

Não fiques triste minha querida, que a vida é sempre cruel para aqueles que se amam e se adoram, e sonham viver juntos constantemente para poderem confundir o seu amor, num único, num só, num infinito amor. Deus, no entanto, quando quer unir melhor duas almas, Ele separa, para que a ausência faça crescer mais ainda a ânsia de se julgarem abandonos, e sintam a dor da separação a causticar suas entranhas, e se entreguem combalidos pela separação, a saudade que nada mais é, que a sombra roxa dos olhos de quem vive a pronunciar distante, o nome de quem não esquece.

Para mim, és uma rosa que simboliza o prazer, sendo a ausência o espinho que traz o sofrimento de não te ver.

A Deus, peço para que evite que outros cegos de paixão, sintam a dor cruel da falta da bem-amada...

Breve, estarei aí novamente, para crucificar-me na cruz morena de teus braços, e quando estreitar-te de encontro ao meu peito, por certo, sentirei teus seios mornos e exuberantes, fazendo aumentar o desejo de te possuir cada vez mais...

AMOR PROIBIDO

Tornara-se para Eduardo um hábito, levar para um jardim próximo a sua residência, todas as tardes quando regressava do trabalho, sua filhinha Nancy, de apenas quatro anos de idade, para que ali brincasse com outras crianças.

Enquanto Nancy corria por entre as alamedas do jardim, ficava sentado em um banco, absorvido na leitura dos jornais.

Um dia, porém, quando ouviu o planger dos sinos anunciando a Ave-Maria, levantou a vista do jornal e, não vendo Nancy resolveu ir atrás dela, encontrando sentada no colo de uma linda mulher, que acariciava os seus lindos e sedosos cabelos, tendo a lado um garoto aparentando a mesma idade de sua filha. Aproximou-se, cumprimentou a senhora, apresentou-se, e depois de conversarem um pouco, soube que aquele pequeno chamava-se Carlos e era o companheiro preferido por Nancy nas suas brincadeiras.

Depois, despediu-se, foi para casa levando diante de seus olhos, aquele rosto de mulher encantadora.

Nos outros dias quando chegava no jardim, não mais ficava; lendo, porque tornara-se pouco a pouco, íntimo de Suraya, mãe de Carlos.

No princípio, aquela amizade não passava de um simples encontro, porém, com o passar dos dias, dos meses, aquele romance transformara-se num amor

proibido pela sociedade, e condenado por aqueles que, sentindo-se adorados inutilmente, não têm a coragem de renunciar a tudo, em busca de uma felicidade, que embora temerosa, não deixa de ter o seu imenso sabor.

Um dia, depois de se terem entregado de corpo e alma, começaram a sentir a necessidade de viverem somente um para o outro, pois compreenderam que ambos tinham seguido destinos que não eram os seus...

Foi aí, que Eduardo não suportando mais a vida que levava, resolveu renunciar a tudo, e fugir com a mulher que realmente lhe conduziria ao porto desejado: o da felicidade.

E numa tarde cinzenta e triste, resolveu abrir seu coração, e dizer a Suraya quetinha que olvidar a tudo, e fugirem para bem longe, onde pudessem viver somente para aquele grande amor sincero e justo.

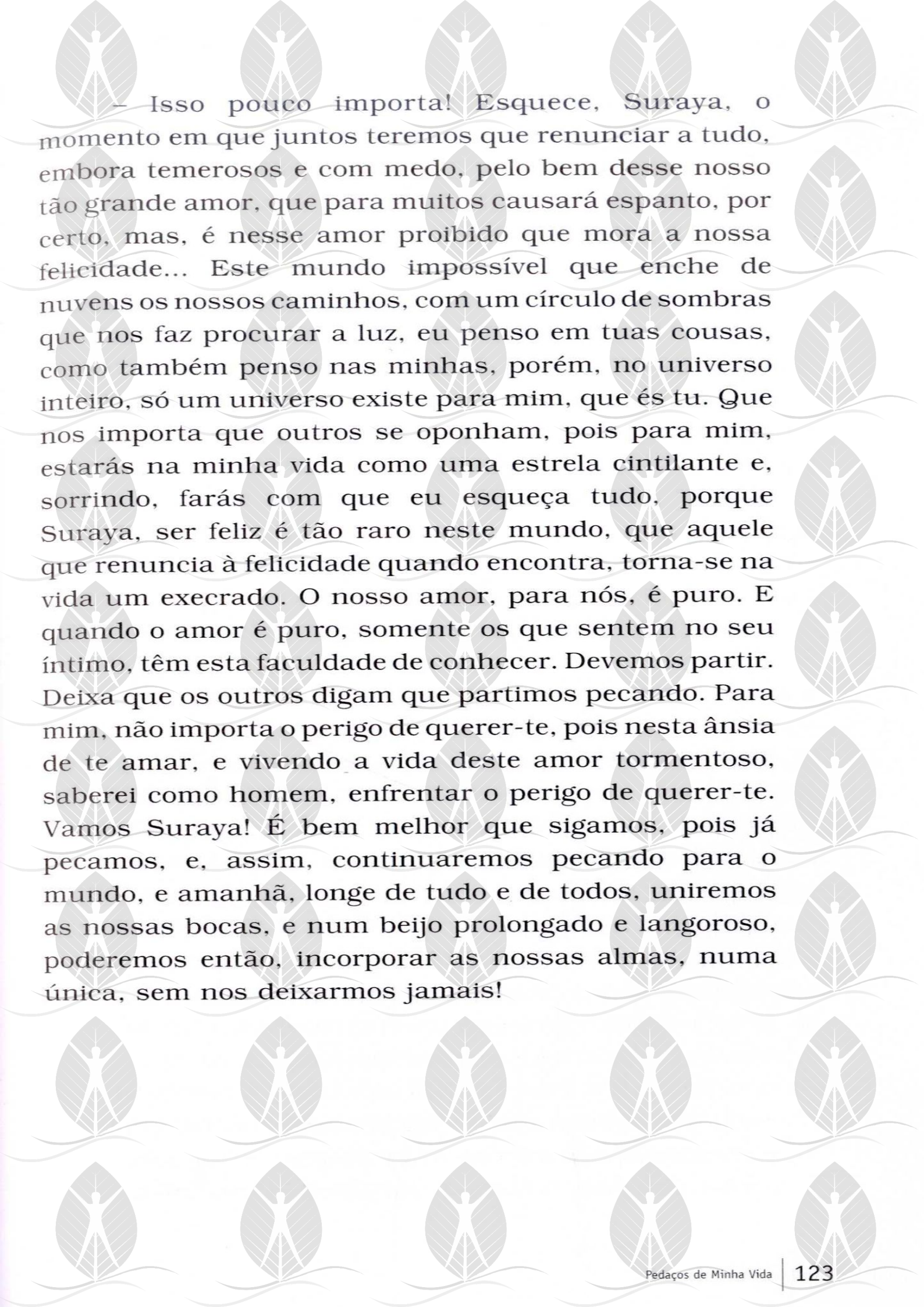
E foi nesta hora que ambos passaram os momentos mais dramáticos de suas vidas, quando Eduardo lhe falou:

– Suraya, sei perfeitamente que para sermos felizes, temos que abandonar tudo, inclusive a minha filha Nancy, e tu, o teu filho Carlos, porque agora é chegado o instante que temos que pensar unicamente no nosso amor, que já não suporta mais esta situação...

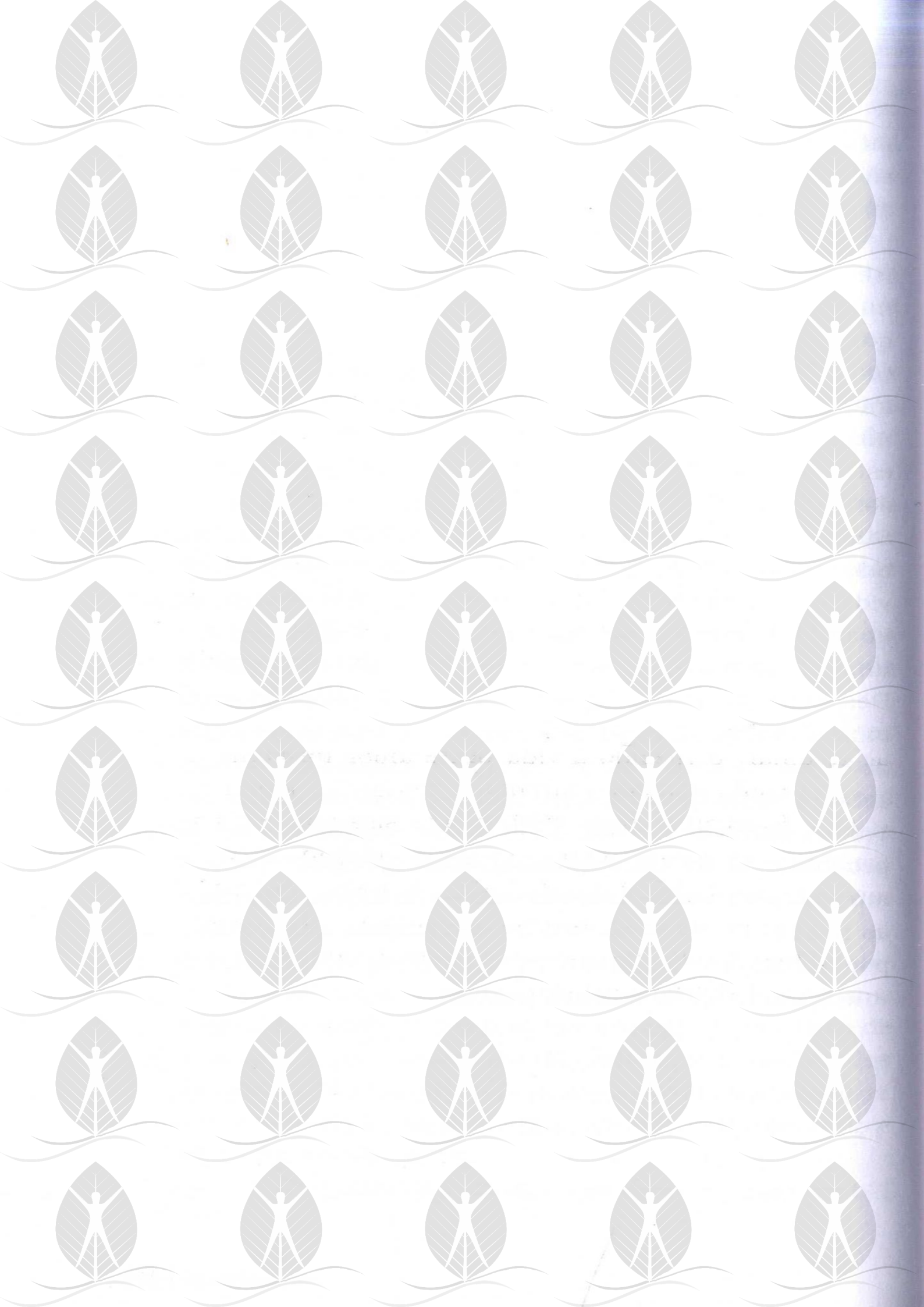
– Eduardo, assim como eu te quero, também quero o meu filho, mas, o que vamos fazer!

– Vamos viver a nossa felicidade, é preciso. Nascermos um para o outro. Nossos filhos são novos, e amanhã quando crescerem correrão por certo atrás de seu amor, e nós haveremos de ficar sós, e condenados às mais cruéis recordações, e teremos que nos maldizer por não termos tido a coragem de enfrentarmos tudo e todos pelo nosso amor.

– Compreendo... mas, o que dirão de mim, de ti?!



— Isso pouco importa! Esquece, Suraya, o momento em que juntos teremos que renunciar a tudo, embora temerosos e com medo, pelo bem desse nosso tão grande amor, que para muitos causará espanto, por certo, mas, é nesse amor proibido que mora a nossa felicidade... Este mundo impossível que enche de nuvens os nossos caminhos, com um círculo de sombras que nos faz procurar a luz, eu penso em tuas cousas, como também penso nas minhas, porém, no universo inteiro, só um universo existe para mim, que és tu. Que nos importa que outros se oponham, pois para mim, estarás na minha vida como uma estrela cintilante e, sorrindo, farás com que eu esqueça tudo, porque Suraya, ser feliz é tão raro neste mundo, que aquele que renuncia à felicidade quando encontra, torna-se na vida um execrado. O nosso amor, para nós, é puro. E quando o amor é puro, somente os que sentem no seu íntimo, têm esta faculdade de conhecer. Devemos partir. Deixa que os outros digam que partimos pecando. Para mim, não importa o perigo de querer-te, pois nesta ânsia de te amar, e vivendo a vida deste amor tormentoso, saberei como homem, enfrentar o perigo de querer-te. Vamos Suraya! É bem melhor que sigamos, pois já pecamos, e, assim, continuaremos pecando para o mundo, e amanhã, longe de tudo e de todos, uniremos as nossas bocas, e num beijo prolongado e langoroso, poderemos então, incorporar as nossas almas, numa única, sem nos deixarmos jamais!



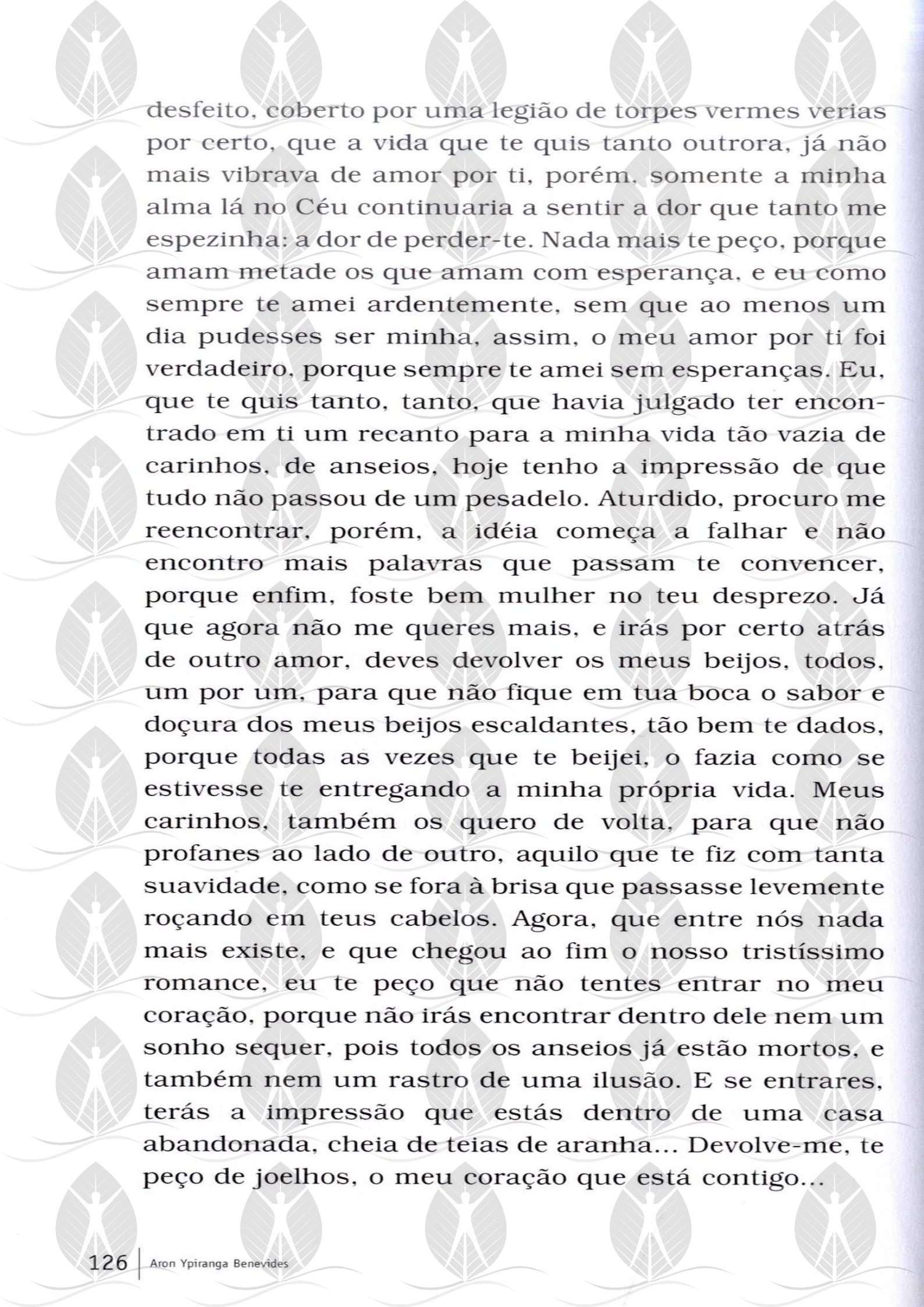


RASGUE AS MINHAS CARTAS

Naquela noite negra e sem estrelas, sentados junto ao tronco de uma árvore rugosa, Alberto, fazia uma dramática confissão a Elza, um amor que ele julgara ter força suficiente para resistir à cruel realidade de sua vida tormentosa e cheia de dissabores...

Mal acabara de dizer as últimas palavras, Elza, insensivelmente pedia que rasgasse as suas cartas. Depois de ouvir, estarecido, as palavras pronunciadas por sua bem-amada, assim falou:

– Pedes que rasgue as tuas cartas de amor, porque, quem sabe, quando escrevestes, talvez, não sentias o que dizias. Porém, eu não posso destruí-las, porque minhas mãos jamais terão forças para romper as tuas cartas. Teu amor por mim, é como se fora uma flor que ao ter contato com uma simples brisa, as suas pétalas vão caindo no chão, uma após outra, sem que ao menos pudesses fazer com que resistissem, salvando assim, que ele morresse tão bruscamente. Bem sabia eu, porque assim me falava o coração, que o teu amor por mim tinha a fragilidade do cristal, e não poderia por certo viver ao lado do meu, que traz consigo a força de saber te amar, e que enfrenta tudo e a todos, unicamente pela glória, e pela coragem de querer-te. Foste cruel e má, quando mandaste que te esquecesse, mal sabendo tu que para esquecer-te, é preciso que o meu coração parasse, e depois, então, quando o meu corpo fétido e



desfeito, coberto por uma legião de torpes vermes verias por certo, que a vida que te quis tanto outrora, já não mais vibrava de amor por ti, porém, somente a minha alma lá no Céu continuaria a sentir a dor que tanto me espezinha: a dor de perder-te. Nada mais te peço, porque amam metade os que amam com esperança, e eu como sempre te amei ardentemente, sem que ao menos um dia pudesses ser minha, assim, o meu amor por ti foi verdadeiro, porque sempre te amei sem esperanças. Eu, que te quis tanto, tanto, que havia julgado ter encontrado em ti um recanto para a minha vida tão vazia de carinhos, de anseios, hoje tenho a impressão de que tudo não passou de um pesadelo. Aturdido, procuro me reencontrar, porém, a idéia começa a falhar e não encontro mais palavras que passam te convencer, porque enfim, foste bem mulher no teu desprezo. Já que agora não me queres mais, e irás por certo atrás de outro amor, debes devolver os meus beijos, todos, um por um, para que não fique em tua boca o sabor e doçura dos meus beijos escaldantes, tão bem te dados, porque todas as vezes que te beijei, o fazia como se estivesse te entregando a minha própria vida. Meus carinhos, também os quero de volta, para que não profanes ao lado de outro, aquilo que te fiz com tanta suavidade, como se fora à brisa que passasse levemente roçando em teus cabelos. Agora, que entre nós nada mais existe, e que chegou ao fim o nosso tristíssimo romance, eu te peço que não tentes entrar no meu coração, porque não irás encontrar dentro dele nem um sonho sequer, pois todos os anseios já estão mortos, e também nem um rastro de uma ilusão. E se entrares, terás a impressão que estás dentro de uma casa abandonada, cheia de teias de aranha... Devolve-me, te peço de joelhos, o meu coração que está contigo...



A CARTA QUE NÃO RECEBI

Hoje o correio passou pela minha porta, mas não me trouxe nenhuma carta.

E eu, que tanto gosto de receber notícias, principalmente se alguém que já me esqueceu, se lembrasse de me escrever dizendo que ainda se lembra de mim, e que somente por capricho e por preconceitos vãos, não me procura mais.

Mas, se ela me escrevesse mandando dizer que ainda não conseguira apagar de seus olhos, a sombra de meu vulto que lhe segue constantemente como se fora a sua própria sombra.

E se ela me escrevesse assim:

– Arrependida, venho hoje a teus pés, humildemente, implorar-te perdão, embora sabendo que o mal que te fiz, muito te fez sofrer noites e noites de insônia pensando em mim, porém, somente agora pude compreender o quanto representavas na minha vida... Não sei se é tarde demais para procurar de novo um recanto no teu coração aonde outrora passei momentos tão felizes. Fiz tudo para ver se te esquecia, porém, a saudade que tenho daqueles nossos encontros, em que quando chegavas perto de mim, e pegavas nas minhas mãos com aquele jeito todo teu, me fez compreender que fui insensata por não acreditar que tudo que me dissestes era verdade, e que realmente merecias todo o meu amor. Agora, quero apagar da tua vida a lembrança

do passado que te deixou profundas cicatrizes na tua alma tão boa e tão amiga. Quero o lugar a que tenho direito, embora sabendo que teu amor tem que ter a conformação de uma flor bifólica, que as pétalas possam ser separadas sem serem despedaçadas e que uma vez juntas novamente, tornem-se uma só flor. Aqui te peço com o coração nos lábios, para que não me negues o perdão que te imploro. Quero sim, sentir de novo o calor dos teus beijos, os teus carinhos leves, os teus braços envolver meu corpo, e que, num êxtase de amor possam meus seios sentir o palpitar do teu coração, fazendo as minhas carnes moças estremecer de desejos e de anseias; e, num balbuciar de palavras incompreensíveis, ouvir dizeres: – meu amor... minha vida... dorme tranqüila nos meus braços, pensando em mim. E eu, então, te responderia: – aperta-me mais, mais... mais... não deixa que este instante seja um momento, mas sim uma eternidade... Espero que teu coração ainda seja o mesmo, e que sem o menor ressentimento conceda-me o perdão que te peço com os olhos rasos d'água... Não!... Não me negues... Preciso de ti... ouve os gritos de quem muito te quer... Volta, não me deixes carpir essa amargura atroz de saber que muito sofrestes por me querer, e que apesar do que fiz, ainda te mereço. Sempre pensei em ti, nas tuas angústias, nos sofrimentos que a vida já te causou, na solidão interna em que vives... em tudo enfim...

E eu então somente responderia:

– Vem!... Que ainda te quero como outrora!



NO TRONCO DA SAPOPEMA

Num barranco às margens do rio Amazonas, erguia-se uma casa de madeira coberta de palha, de um chefe político, à qual naquela noite esplendorosa e com um céu coberto de estrelas, chegavam de quando em vez, canoas trazendo moradores da redondeza para tomarem parte em uma festa, que ali iria realizar-se com fins políticos.

Com a casa cheia de caboclas cheirando a flor, preparava-se a orquestra para dar início à festa, que outra coisa não era senão um velho caboclo tocador de flauta, um antiqüíssimo violino, um cavaquinho e um tambor, à guisa de bateria.

Os músicos começavam a afinar os instrumentos, quando entra na sala Antônio, um caboclo viril que se deteve a correr o olhar no salão, encontrando em uma janela, encostada, Carmem, uma cabocla morena com seus braços lindos expostos, um corpo todo carnudinho, uns quartos roliços, como se fora uma fonte inesgotável de luxúria, e, entre as rendas da blusa branca, aqueles seios volumosos, pareciam mais um ninho para o amor, a convidar alguém a um aconchego, e acariciar aquelas carnes ávidas de carinhos voluptuosos.

Ouve-se no espaço o eco de uns acordes de flauta que, sem obedecer o tempo exato das fusas e semifusas, tem início à festa. Antônio, invadindo a sala se dirige para Carmem e tira-a para dançar. Envolve a morena

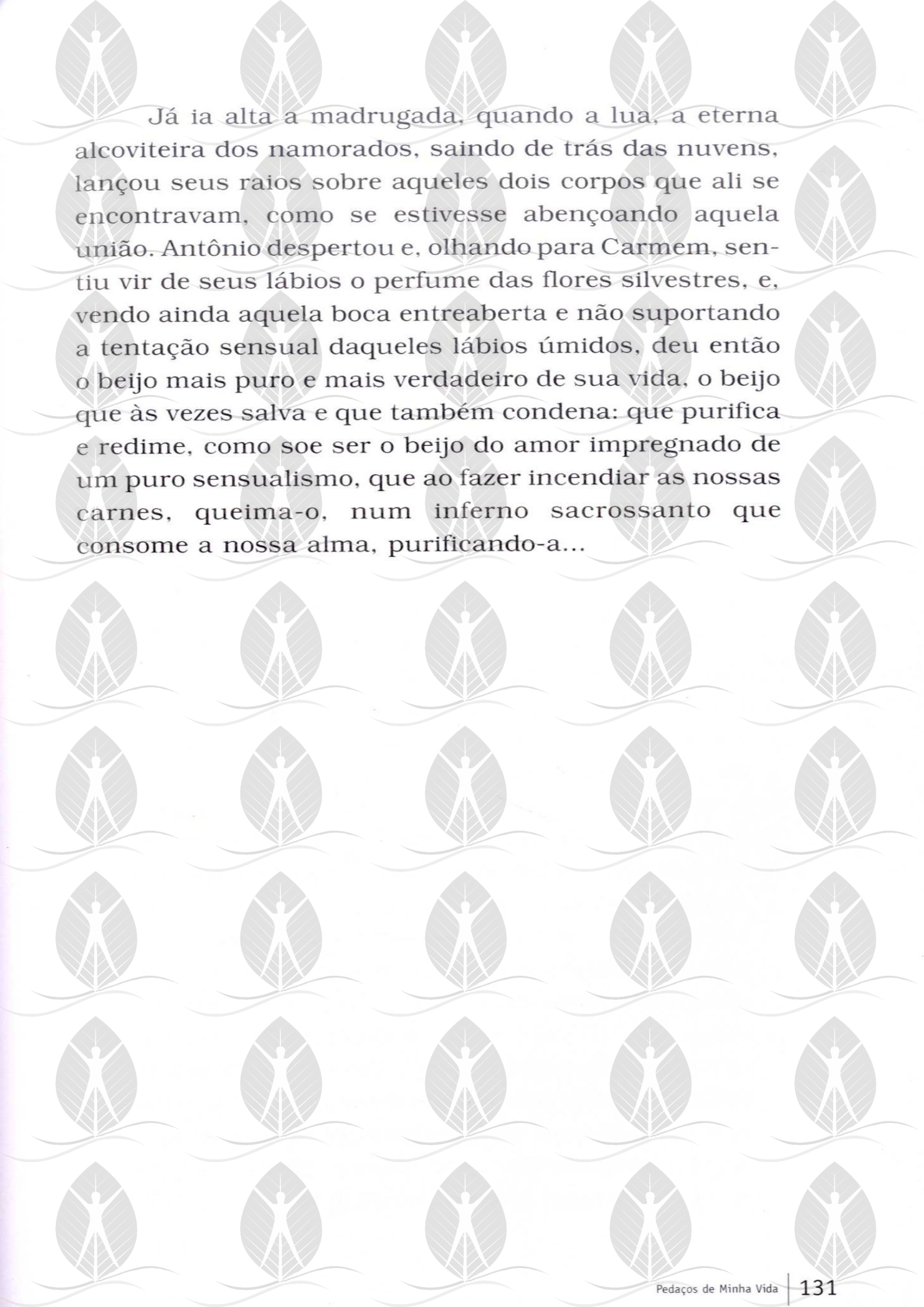
brejeira nos seus braços, e sai rodopiando pela sala sob os olhares daqueles que somente vão para as festas, a fim de, com seus pensamentos maldosos, censurar os casais que dançam agarradinhos, como aqueles dois que ali se encontravam.

Antonio e Carmem, dançaram uma e diversas... E lá pelas tantas da noite, já se via que ambos conversavam alegremente. Em dado momento, Antônio retira-se da sala, e se põe em baixo de uma mangueira, a esperar por Carmem. Ali ficou por muito tempo para depois ver que em sua direção vinha uma mulher que era uma verdadeira vida viva. Trocaram alguns beijos, e depois saíram abraçados pelos caminhos desertos de uma capoeira. Andaram um pouco, para enfim se encostarem no tronco de uma sapopema, e ali se entregarem aos mais amorosos enlevos.

Eis, que de um momento para outro, uniu os seus lábios aos dela, e num beijo supersônico e insensível fez com que Carmem ficasse fora de si, e começou a passear com a boca pelos braços da cabocla, com suas, mãos trêmulas, inquietas e nervosas, foi subindo, acariciando tudo e beijando os cabelos selvagens, colocando-a, presa, humilde e escrava de seu amor...

Depois, um silêncio profundo envolveu-os, numa confiança silenciosa de um erotismo pagão, vindo na hora precisa do ardente desejo, fazendo com que ambos perdessem por completo à verdadeira noção da vida, e os seus corpos se fundiram num único e incomensurável suspiro...

E ali ficaram longe e alheios dos olhares impiedosos, inquisidores e cruéis dos que ainda não conseguiram ou não souberam entrar no infinito mundo do amor, porém, sem brutalizá-lo. Estes, por certo, ainda não entraram para a verdadeira vida...

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a 'V' shape. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines separating the rows.

Já ia alta a madrugada, quando a lua, a eterna alcoviteira dos namorados, saindo de trás das nuvens, lançou seus raios sobre aqueles dois corpos que ali se encontravam, como se estivesse abençoando aquela união. Antônio despertou e, olhando para Carmem, sentiu vir de seus lábios o perfume das flores silvestres, e, vendo ainda aquela boca entreaberta e não suportando a tentação sensual daqueles lábios úmidos, deu então o beijo mais puro e mais verdadeiro de sua vida, o beijo que às vezes salva e que também condena: que purifica e redime, como soe ser o beijo do amor impregnado de um puro sensualismo, que ao fazer incendiar as nossas carnes, queima-o, num inferno sacrossanto que consome a nossa alma, purificando-a...

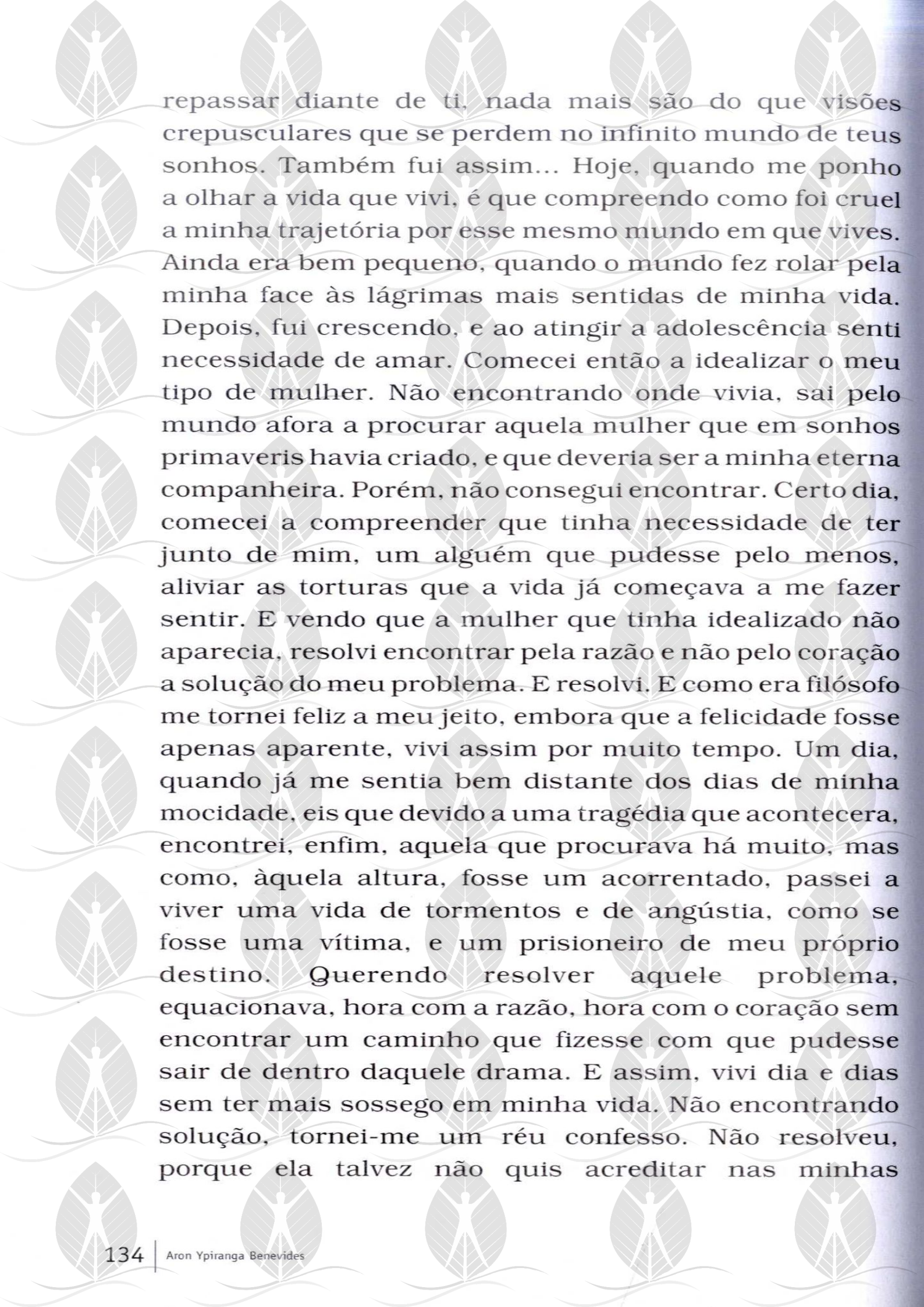


ACORRENTADO

O relógio da igreja tinha acabado de bater três horas da madrugada. Abraçado ao travesseiro sem ter ainda conseguido adormecer, e sentindo que uma insônia atroz me perturbava, levantei-me e fui à janela do meu quarto, e fiquei debruçado no peitoril, por muito tempo. Tudo, porém era silêncio. Itacoatiara dormia seu sono nostálgico e profundo. Eu, somente eu, sozinho ali estava como se estivesse enclausurado pelo silêncio daquela noite envolvente. Do rio, vinha um vento frio, e uma coruja que passou soltou o seu cântico agoureiro, fazendo com que me viesse no pensamento à lembrança da morte.

Sentindo-me como se estivesse vivendo num mundo de sombras tumultuadas, voltei ao meu leito e procurei dormir um sono bom e tranqüilo. Não sei bem se já estava dormindo, ou meio acordado, quando senti que u'a mão fria tocava em meu rosto. Abrindo os olhos, deparei em minha frente com uma sombra. Sentei-me na cerra e perguntei quem era, de onde vinha e o que queria de mim. Foi então, que surpreendido por aquela estranha visão, ela assim falou:

– Quando ainda vivia, tive um nome. Hoje, porém, que nada mais sou do que uma sombra errante e fugidia, vivo a te perseguir porque acho que o meu destino tem qualquer semelhança com o teu... As afeições que te embalaram na adolescência e que agora vivem a

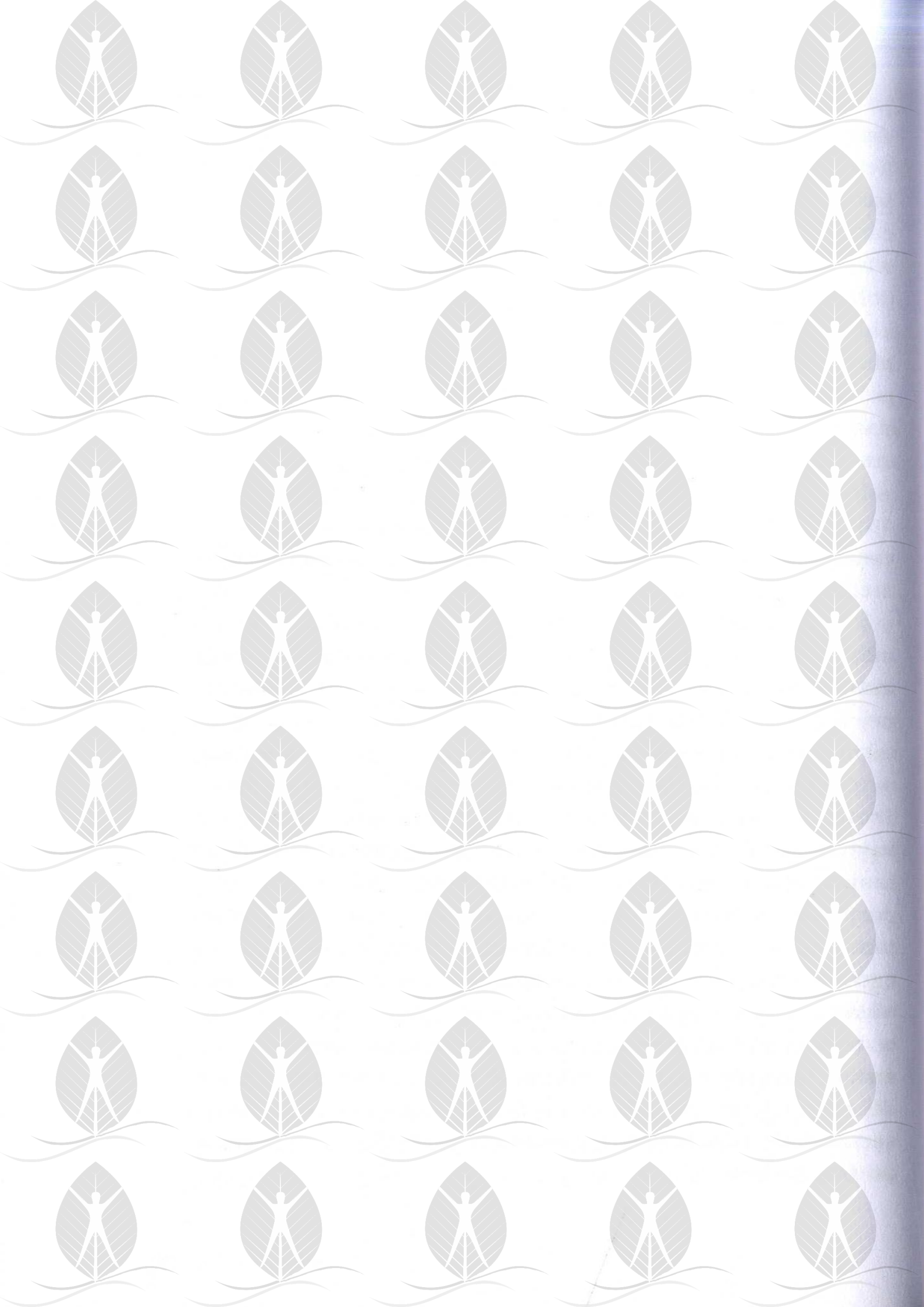


repassar diante de ti, nada mais são do que visões crepusculares que se perdem no infinito mundo de teus sonhos. Também fui assim... Hoje, quando me ponho a olhar a vida que vivi, é que compreendo como foi cruel a minha trajetória por esse mesmo mundo em que vives. Ainda era bem pequeno, quando o mundo fez rolar pela minha face às lágrimas mais sentidas de minha vida. Depois, fui crescendo, e ao atingir a adolescência senti necessidade de amar. Comecei então a idealizar o meu tipo de mulher. Não encontrando onde vivia, sai pelo mundo afora a procurar aquela mulher que em sonhos primaveris havia criado, e que deveria ser a minha eterna companheira. Porém, não consegui encontrar. Certo dia, comecei a compreender que tinha necessidade de ter junto de mim, um alguém que pudesse pelo menos, aliviar as torturas que a vida já começava a me fazer sentir. E vendo que a mulher que tinha idealizado não aparecia, resolvi encontrar pela razão e não pelo coração a solução do meu problema. E resolvi. E como era filósofo me tornei feliz a meu jeito, embora que a felicidade fosse apenas aparente, vivi assim por muito tempo. Um dia, quando já me sentia bem distante dos dias de minha mocidade, eis que devido a uma tragédia que acontecera, encontrei, enfim, aquela que procurava há muito, mas como, àquela altura, fosse um acorrentado, passei a viver uma vida de tormentos e de angústia, como se fosse uma vítima, e um prisioneiro de meu próprio destino. Querendo resolver aquele problema, equacionava, hora com a razão, hora com o coração sem encontrar um caminho que fizesse com que pudesse sair de dentro daquele drama. E assim, vivi dia e dias sem ter mais sossego em minha vida. Não encontrando solução, tornei-me um réu confesso. Não resolveu, porque ela talvez não quis acreditar nas minhas

palavras. Passei enfim a sofrer mais, porque passei desde então, a ser meio querido e meio abandonado. Vendo que a vida cada vez mais tornava-se um suplício para mim, comecei a ver na outra vida o meu verdadeiro caminho, porque somente como uma sombra poderia viver e amar aquela mulher. E assim fiz. Deixei o mundo dos vivos, e ingressei no mundo dos mortos onde atualmente me encontro. Em vida, fui um acorrentado. Morto, tornei-me uma sombra a vagar constantemente pelos caminhos ermos e tristonhos da solidão, à procura daqueles que a vida não soube compreender, e que como eu também sofrem muito, embora sejam os seus sofrimentos diferentes do meu.

E vendo que a sombra havia parado de falar, fiz ver que o meu sofrimento não era igual ao seu, o que me respondeu:

– Aparentemente teu sofrimento não é igual ao meu, porque como um forte, tu dissimulas de uma maneira toda tua, fazendo com que ninguém chegue a prescutar o teu insondável e profundo Eu, porque na terra em que pisas, és um enigma que ninguém, e nem o próprio mundo ainda conseguiu desvendar... Trouxeste do berço aquele raro dom que somente é legado às almas elevadas, de saberes com facilidade te insular mentalmente quando te encontras no meio dos perjuros, dos medíocres, dos mercenários, sabendo também esconder-te no castelo inexpugnável do teu egoísmo ímpar, que às vezes até parece mais uma oferenda de compaixão aos que te cercam, entregando os teus carinhos mais como esmola do que mesmo como amor, fazendo que tua vida tenha um único fim, que é de conquistar a vida e os seus prazeres com uma serenidade possível, em busca da perfeição e da vitória do teu próprio Eu.





ESTAVA ESCRITO

Qualquer semelhança com pessoa ou fato, é mera coincidência. Os personagens e o enredo deste drama são fictícios.

Filho de um técnico de tecelagem, Marcos, desde pequeno teve seus olhos voltados para a profissão de seu pai, que compreendendo que seu filho tinha tendência para tecelão, tratou de introduzi-lo na fábrica em que trabalhava, orientando de maneira que muito breve foi beneficiado com uma bolsa de estudo nos Estados Unidos, pela direção da fábrica a fim de se aperfeiçoar.

Somente uma coisa lhe fazia com que sentisse uma dor profunda em seu coração, que era de partir e deixar sua noiva Luiza, que tanto adorava e queria.

Eis que chega o dia da partida. Luiza, com os olhos rasos d'água, vê seu amado embarcar no avião, e em breve desaparecer no espaço em fora.

Lá chegando, Marcos não se esquecia de Luiza, e em todo avião vinham as mais apaixonadas cartas de amor.

Porém, com o passar dos meses, foi pouco a pouco diminuindo os números de cartas, causando à Luiza certa preocupação, até que um dia deixou de dar-lhe notícia, e comunicava aos seus que havia ficado noivo com uma americana, para tempo depois vir comunicar que se tinha casado.

Passados três anos, volta ao Rio com sua esposa, que, em virtude dos hábitos diferentes da pátria de seu marido, sentiu logo que não se adaptava, começando

daí seria incompatibilidade, para finalmente se separarem.

Marcos, começou a sentir o mal que fizera a Luiza, tornando-se desde então taciturno, pensativo, como se estivesse procurando encontrar uma solução que pudesse conseguir novamente o lar que perdera tão bruscamente.

Um dia, porém, vai a uma festa e surpreso encontra sentada em torno de uma mesa, aquela que outrora abandonara tão cinicamente. A princípio, ficou estatelado, mas, recuperando a calma, procurou falar-lhe. Aproximou-se muito acabrunhado do lugar em que se encontrava Luiza, estendeu-lhe a mão, cumprimentou-a, e depois de uma breve palestra, dançaram um pouco, e foram finalmente para o jardim.

Foi aí que Marcos pôde compreender como fora cruel para Luiza, e quanto ela o amava, quando ouviu de seus lábios dizer:

– Marcos, teu desprezo teve para mim o gosto amargo da ingratidão, pois jamais acreditei que fosses tão mau e perverso em abandonar-me sem ao menos me dizeres adeus. Não sabes como sofri quando soube pela boca de outros que havias me abandonado, sem teres para isso o mais leve motivo. Mas, não faz mal, o destino que me fez sofrer muito por te amar tão ardentemente, também abriu em teu coração uma enorme cicatriz, pois tive conhecimento que tua mulher também te abandonou. Nunca desejei tão grande sofrimento para ti, porém, quem planta milho, em tempo algum poderá vir a colher trigo. Tu zombastes de meu amor, de mim, de tudo enfim, com aquele mesmo punhal que me feristes, fostes também ferido...

Com a cabeça baixa, e os olhos marejados de lágrimas, Marcos ao ouvir as últimas palavras de Luiza, assim falou:

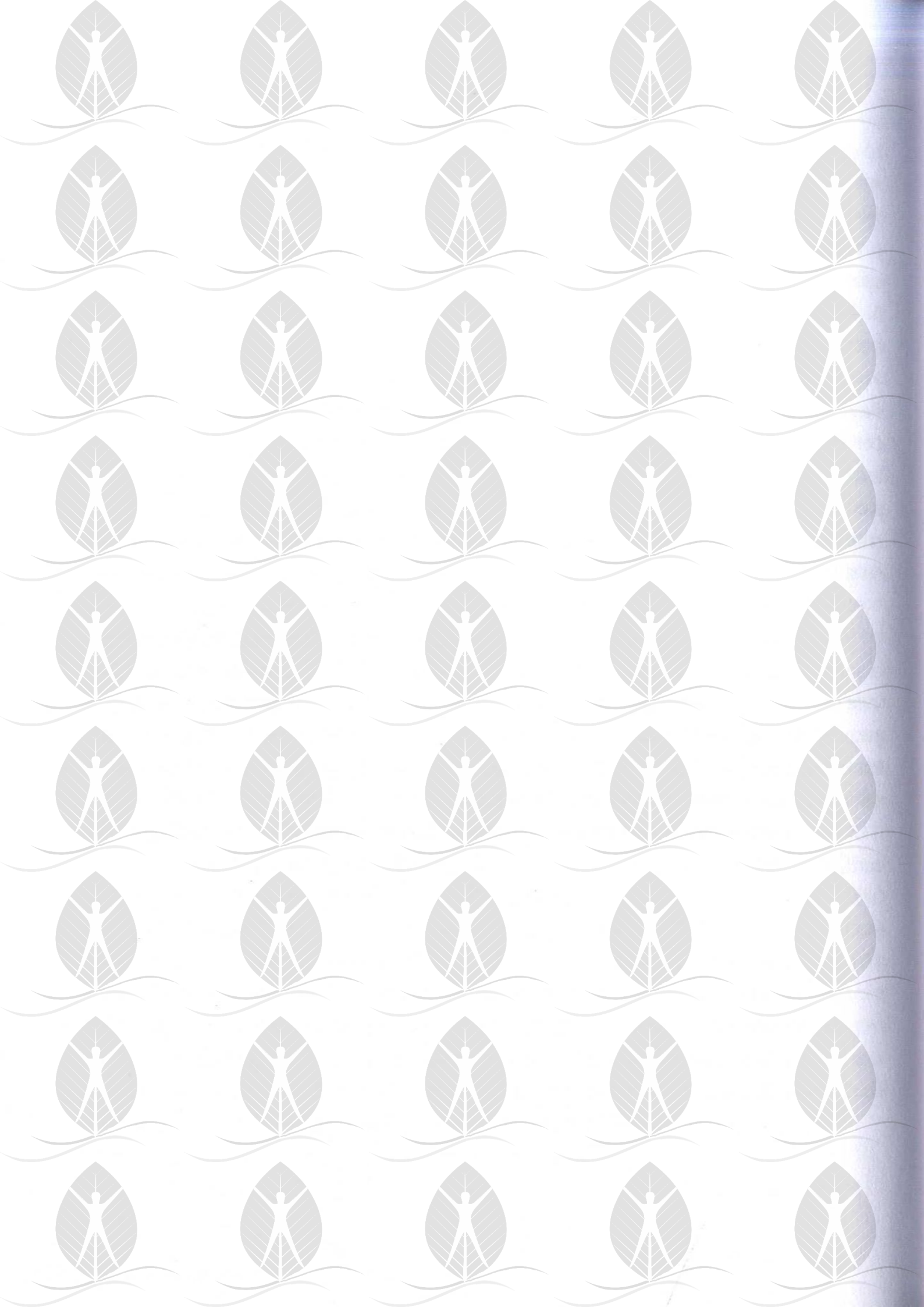
– Luiza, realmente fui cruel para contigo. Jamais pensei que me amavas tanto, e que um dia, fosses tu, quem apagaria a nódoa que hoje tenho em minha vida. Não mereço nem sequer o teu perdão, porque fui um canalha.

– Não! Não chores e nem maldigas a tua sorte. Aqui estou, e assim como te quis muito outrora, ainda te quero hoje. Somente sofro porque sei que sofrestes bastante, porém, não fui eu a culpada pelo teu sofrimento. Se ainda me queres, aqui me tens, sem o menor ressentimento, até porque, em vida só tive um receio: era que tivesses me esquecido.

– Não, Luiza, não sou digno mais de ti.

– És sim, meu único amor. O amor que desaparece assim como aparece, não é amor. É falsificação do verdadeiro amor. Portanto, esquece o teu passado, porque difícil no amor é saber renunciar. Eu, por exemplo, já renunciei há muito tempo à glória de ter sido a tua primeira mulher...

– Obrigado minha vida... Meu único e verdadeiro amor!





INDIGNIDADE DE UM POVO

Já se vislumbra nos horizontes políticos, que em junho próximo teremos aqui no nosso Amazonas, eleições para preencher duas cadeiras de deputados que serão criadas na Câmara Baixa do País.

É chegada a hora do povo deste meu Amazonas, tão ludibriado e enganado por homens que iludindo a sua boa-fé, conseguem alcançar postos eletivos, sem nada de real produzir, outra coisa não fazendo, senão se dar ao trabalho de, no fim do mês, receber os polpudos subsídios, e procurarem com o prestígio do cargo, conseguir empregos para no fim do mandato dar a esta terra que lhes acolheu, um adeus de mão fechada, e com ares de plutocratas medíocres, e com uma exuberância de ociosidade, rirem-se de ti, expandindo as suas grandezas de larvas dos dinheiros da República, gozando os prazeres dos apartamentos de luxo.

O voto, povo amazonense, não foi instituído para pagar favores, mas, sim, para que escolhas para os postos eletivos, homens que tragam consigo a coragem e convicção de lutar em benefício daqueles que lhes confiaram um mandato de deputado, para que lá, junto às altas autoridades da República, possam com hombridade procurar resolver, ou conseguir pelo menos amenizar os problemas que sufocam a coletividade, e não para se deixarem envolver pela ociosidade reinante no asfalto.

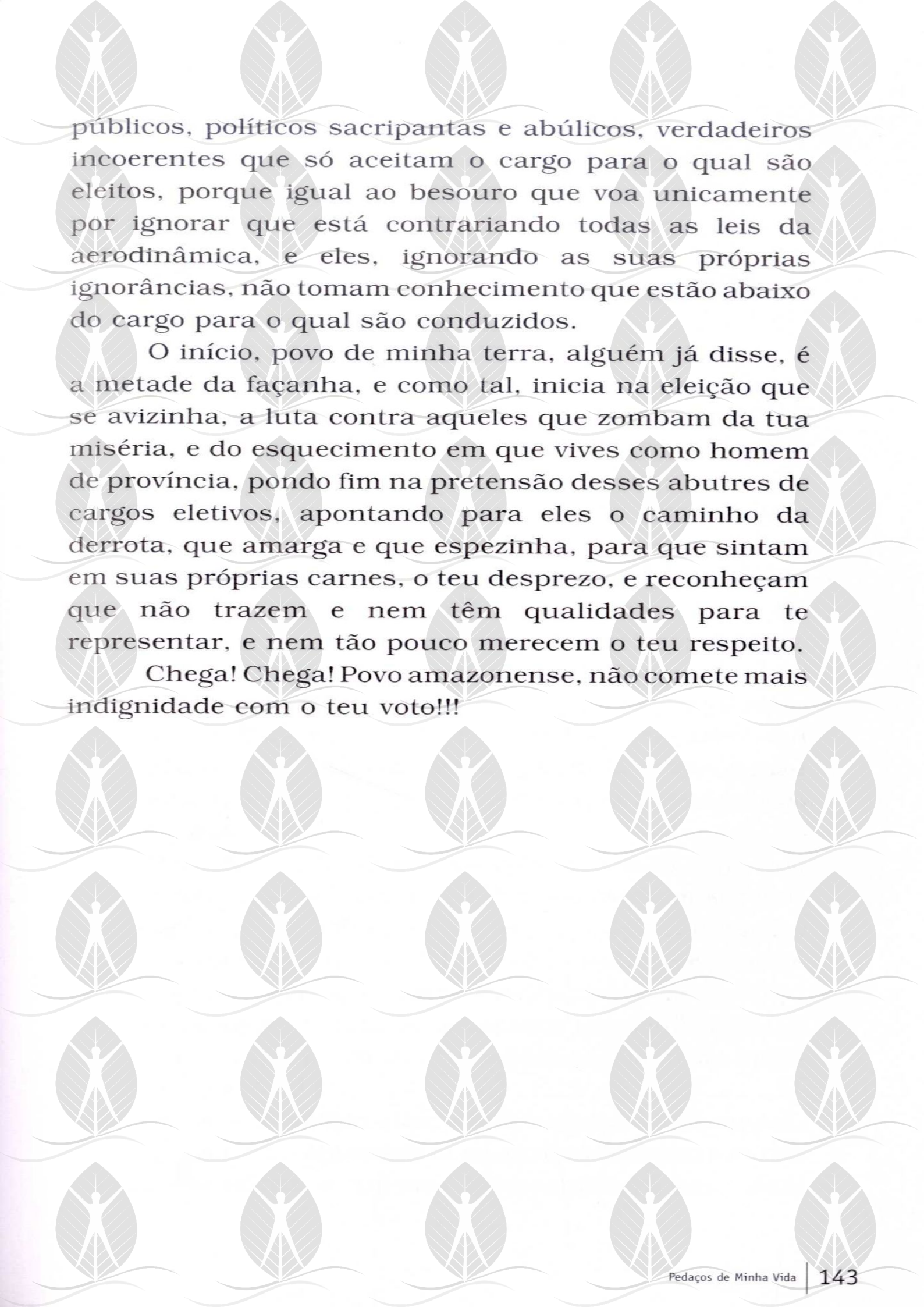
Elege, sim. Homens que como tu, conheceram o frio da miséria, da fome, e que viram os seus filhos sem ter o pão de cada dia, e que com muito esforço e sacrifício, conseguiram comprar um único par de sapatos, para que eles frequentassem as aulas durante todo o ano.

Elege, sim. Homens que se hoje estão desempenhando cargos públicos de destaque, assim conseguiram com muita energia e abnegação, chegando a ser o que são, unicamente pelo seu valor intelectual e moral, e que lá chegaram, se submetendo em rigorosos concursos, e não pelo apadrinhamento, pelas cartas de apresentações, pela intriga, pela bajulação e nem tão pouco pela subserviência.

Levanta-te povo amazonense, e com a arma branca do voto, vergasta a pretensão daqueles que aqui chegando, conseguem galgar posição com facilidade em detrimento de homens que aqui nasceram, e que vêem seus sonhos rolarem no abismo da existência, unicamente porque os aventureiros que aqui aportam, trazem consigo a experiência da traição e do maquiavelismo de outras plagas mais adiantadas, e chegam a conseguir por meios escusos, inclusive obstar que aqueles que aqui nasceram, não possam exercer a sua profissão com a liberdade que lhes é devida.

Reage amazonense, contra aqueles que com o único fim de te iludir, procuram se tornar caridosas dando paliativos para os teus males, visando unicamente conseguir a tua amizade, para depois metidos numa vestal de homens que fazem caridade pela caridade, conseguir o teu voto para depois se transportarem de muda para a capital da República, sem ter de enfrentar a dureza da vida que os espera.

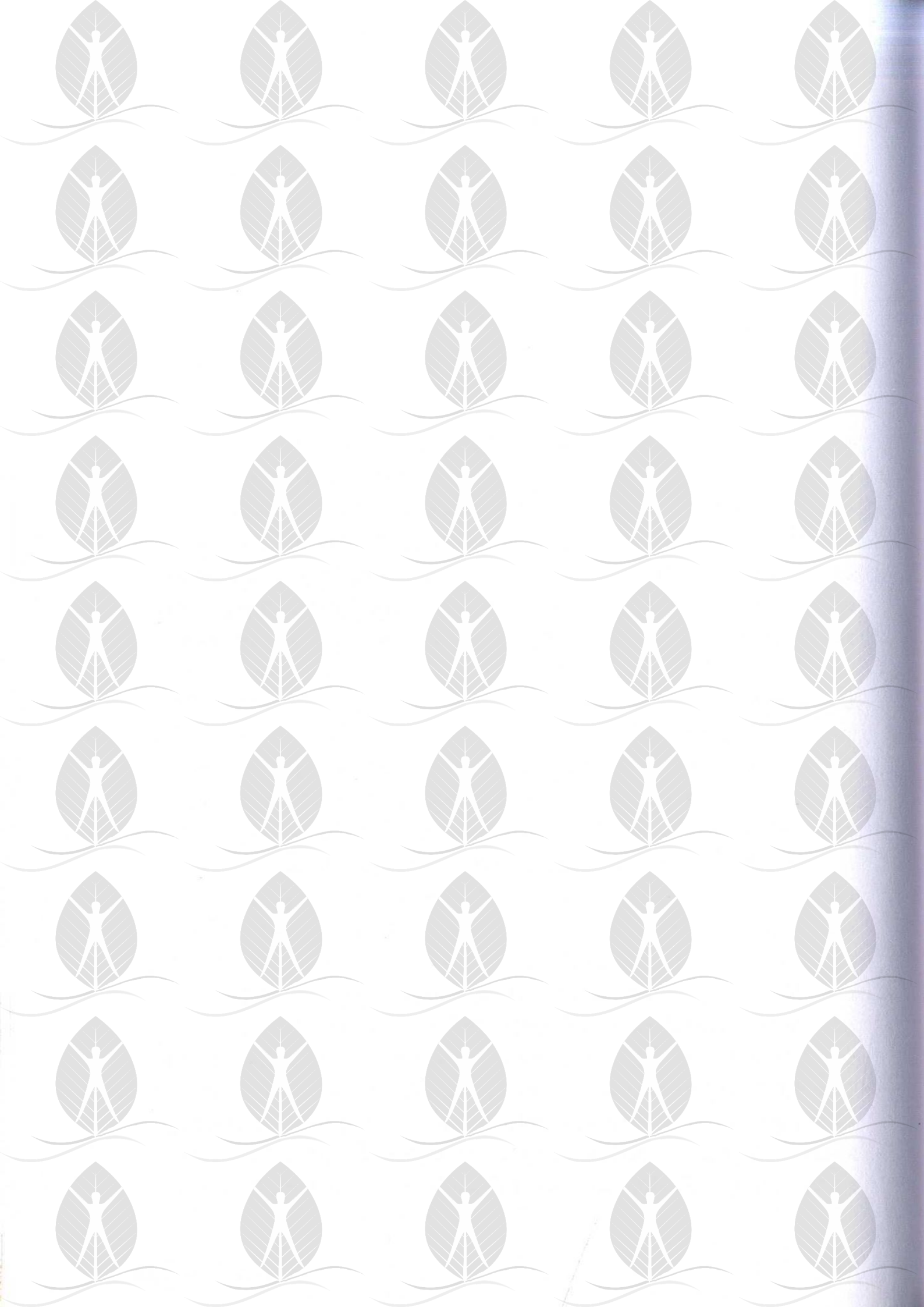
Amazonenses de minha terra, já chega de cometeres tanto desatino com o teu voto, elegendo para cargos



públicos, políticos sacripantas e abúlicos, verdadeiros incoerentes que só aceitam o cargo para o qual são eleitos, porque igual ao besouro que voa unicamente por ignorar que está contrariando todas as leis da aerodinâmica, e eles, ignorando as suas próprias ignorâncias, não tomam conhecimento que estão abaixo do cargo para o qual são conduzidos.

O início, povo de minha terra, alguém já disse, é a metade da façanha, e como tal, inicia na eleição que se avizinha, a luta contra aqueles que zombam da tua miséria, e do esquecimento em que vives como homem de província, pondo fim na pretensão desses abutres de cargos eletivos, apontando para eles o caminho da derrota, que amarga e que espezinha, para que sintam em suas próprias carnes, o teu desprezo, e reconheçam que não trazem e nem têm qualidades para te representar, e nem tão pouco merecem o teu respeito.

Chega! Chega! Povo amazonense, não comete mais indignidade com o teu voto!!!





QUARTO VAZIO

Voltei, e não te encontrei mais.

Teu quarto vazio com a parta aberta para traz, parecia mais um coração abandonado, a dizer-me que daqui te fostes há muito tempo...

Fiquei parado diante da porta, sem saber e sem ter coragem de nele entrar, porque as saudades de ti foram tantas, que meus olhos se encheram d'água, como se fora uma fonte que há muito tempo estava seca, somente o fazendo agora, devido a grande dor que me causou a tua ausência.

Depois, finalmente entrei, e como se estivesse assistindo aos funerais de meus sonhos, encontrei tua cama abandonada, revolta, assim, como hoje vive o meu pensamento a querer fazer reviver os momentos felizes que nele passamos...

Mas, não sei porque te foste tão depressa, sabendo que breve eu voltaria para sentir de novo os teus beijos langorosos, teus carinhos de ventura cheios, e passar a despir teu corpo lindo e bem-feito, como se estivesse despindo as vestes de minhas ilusões que já se foram...

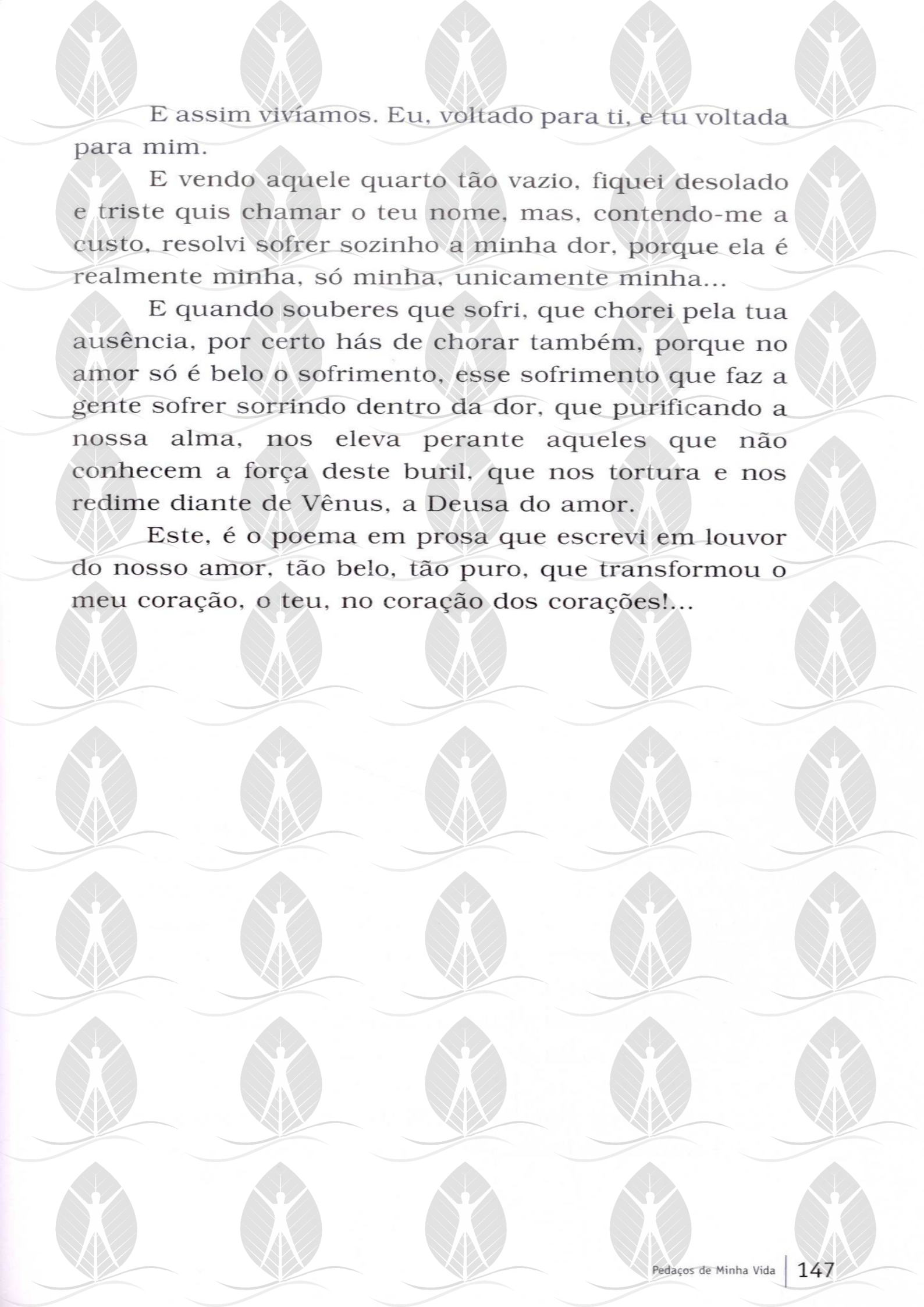
Nada de ti ali existia, a não ser tua lembrança, e o teu vulto a bailar em minha retina cansada de tanto te procurar em vão...

Se soubesses que naquele momento eu ali estava, por certo que não deixarias ficar sozinho este que muito te quer e te adora, e que vive neste mundo a fazer tudo

para que os teus momentos de alegria não sejam perturbados, e nem tão pouco venha à dor te fazer sofrer, transformando o teu rosto e nele deixando as marcas indeléveis da passagem dos anos.

E ali fiquei tentando recompor fato por fato, como se estivesse vendo tudo: – as tuas maneiras de andar, de falar, de me pedir que não fizesse isso e nem aquilo, com aquela ternura toda tua, que te personifica como uma mulher ideal, criada pelos meus sonhos quando era ainda muito moço e sentia a vida no verdor da mocidade, como se ela fora um roseiral em flor, pedindo aos céus as bênçãos e as graças divinas para que me proporcionasse no futuro, encontrar-te assim como realmente te encontrei, afeita aos meus anseios, como se procurasse glorificar a própria glória, começava beijando os teus olhinhos queridos, teu rosto, tua boca sensual, e, depois saía beijando o teu corpo esbelto, esgalgo, e então purificava-me no sacrossanto erotismo, quando louco de amor beijei os teus seios volumosos, tinha a impressão de estar recebendo naquele instante, a extrema-unção do amor, para purificar-me no regaço de tua carne...

Fiquei por muito tempo recordando todo o nosso passado... E quantas e quantas vezes despertei sentindo o teu busto sobre o meu peito, e deslumbrado ficava, como se foras um ídolo, desses ídolos que a gente não acredita existir, que se vê com os olhos da carne, e se goza com os da alma lúbrico de desejos. Então, tu começavas a acariciar os meus cabelos, beijava-os, roçavas o teu rosto de leve no meu, e apertando-me de encontro ao teu corpo, fazias com que a vida palpitasse dentro de mim, aumentando assim o desejo de vivê-la como realmente deve e merece ser vivida.



E assim vivíamos. Eu, voltado para ti, e tu voltada para mim.

E vendo aquele quarto tão vazio, fiquei desolado e triste quis chamar o teu nome, mas, contendo-me a custo, resolvi sofrer sozinho a minha dor, porque ela é realmente minha, só minha, unicamente minha...

E quando souberes que sofri, que chorei pela tua ausência, por certo hás de chorar também, porque no amor só é belo o sofrimento, esse sofrimento que faz a gente sofrer sorrindo dentro da dor, que purificando a nossa alma, nos eleva perante aqueles que não conhecem a força deste buril, que nos tortura e nos redime diante de Vênus, a Deusa do amor.

Este, é o poema em prosa que escrevi em louvor do nosso amor, tão belo, tão puro, que transformou o meu coração, o teu, no coração dos corações!...



AQUELA LOURA MULHER

A tarde morria lenta, com um sol abrasador a nos causticar na velha, antiga, lendária e acolhedora mundurucânia: Maués.

Na praça em frente à igreja me encontrava com outros amigos a conversar, assuntos vários, quando surge vindo da praia onde fora banhar-se, uma loura mulher.

Não sendo fácil aqui nesse Amazonas, haver abundância de mulheres louras como aquela, logo nos chamou atenção.

E ficamos olhando, aguardando a sua passagem. E ela veio vindo, devagar, como se fora uma garça, indiferente, altiva, e foi passando, com os cabelos soltos, revoltos, que dava a impressão que eram verdadeiros fios de ouro a ornamentar a sua cabeça, recebendo então leves carinhos da brisa que soprava, fazendo com que realçasse mais ainda a beleza de seus cabelos.

À noite, não tendo nada que fazer, fui me sentar em um dos bancos da praça para aguardar a hora do regresso, quando olhei em dado momento para um dos bancos, e vi aquela mulher sentada ao lado de um homem, que talvez fosse o eleito dos seus sonhos de amor...

O que conversavam, não sei, porque a linguagem dos casais enamorados é um tanto surdina, que somente

os que estão envolvidos pelo sentimento do amor os entende e podem compreender com facilidade.

Mas, ali fiquei não por curiosidade, porém, para sentir de novo como é belo e lindo um idílio de um casal enamorado. E qualquer cousa de notável um romance de amor...

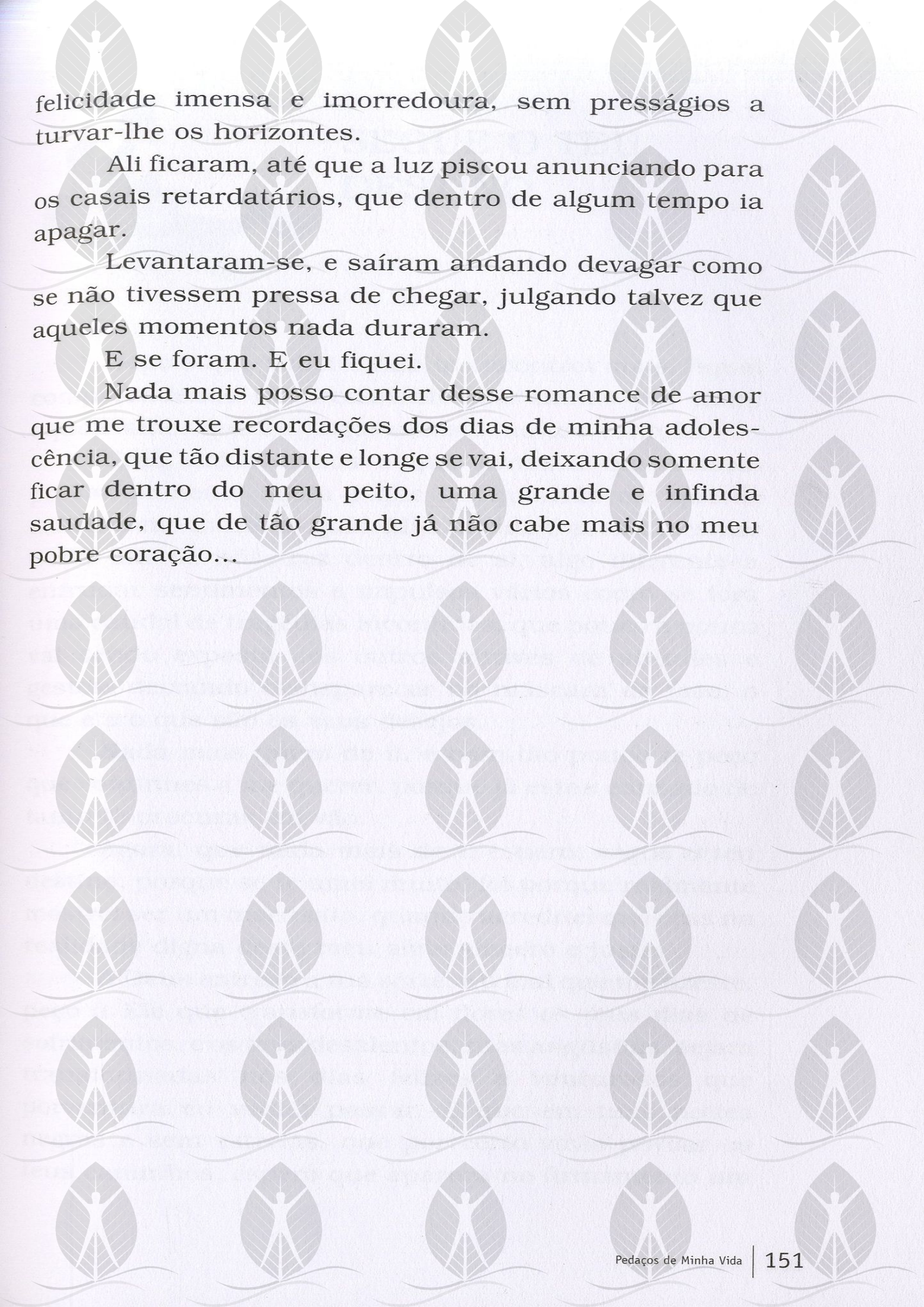
Eles ficam, como se estivessem sozinhos no mundo. Nada os preocupa. Nem mesmo a passagem de um alguém faz com que fiquem assustados. Se algum olhar curioso, indiscreto, os surpreende, eles não se importam. O que importa realmente, é viver a vida do amor.

Às vezes, é a mão que passa sobre os cabelos como se estivesse endireitando, unicamente porque o vento que soprou levantou alguns fios.

Tudo é motivo para um carinho. Tudo.

A mão de quem está junto do objeto amado, é sempre inquieta, nervosa. Às vezes, ela está concertando a sobrancelha, outra vez ajeita a pintura dos lábios que manchou com um beijo, é o braço envolvendo o pescoço, uma jura, enfim, é uma seqüência de fatos e gestos que se sucedem continuamente, porque o amor é realmente o impulso de um corpo para outro corpo, que chega a nos cegar sem que possamos ver o princípio, até porque, ele nada mais é de que a mais sublime das cegueiras, porque quanto mais nos deixa cego, mais faz com que uma infinidade de paisagens interiores desfile no nosso pensamento, fazendo que a nossa alma uma vez ferida por uma debilidade sectária, não faça outra cousa, a não ser venerar a bem-amada...

Quem passou por ali naquela noite, e viu aquele romance de amor, por certo ficou sentindo algo de inveja, porque realmente eles pareciam viver momentos de uma



felicidade imensa e imorredoura, sem presságios a turvar-lhe os horizontes.

Ali ficaram, até que a luz piscou anunciando para os casais retardatários, que dentro de algum tempo ia apagar.

Levantaram-se, e saíram andando devagar como se não tivessem pressa de chegar, julgando talvez que aqueles momentos nada duraram.

E se foram. E eu fiquei.

Nada mais posso contar desse romance de amor que me trouxe recordações dos dias de minha adolescência, que tão distante e longe se vai, deixando somente ficar dentro do meu peito, uma grande e infinda saudade, que de tão grande já não cabe mais no meu pobre coração...



SEGUE O TEU DESTINO

Depois que voltei e não te encontrei mais, fiquei compreendendo que realmente não tinhas por mim, aquele amor que eu julgava existir no teu coração.

Eras tudo, menos o que pensava que fosses, porém, somente agora é que sei que não me queres assim como muito te quis. Mas, a vida é assim mesmo. Cada um de nós traz dentro de si, algo diferente a entrar sentimentos e impulsos vários como se fora uma caudal de tragédias incontidas, que pouco a pouco vai sendo exposta aos outros através de atitudes e gestos, deixando transparecer na máscara da face, o que é e o que são os seus desejos.

Nada mais quero de ti, e nem tão pouco te peço que continues a me querer, porque já estou cansado de tanto te procurar em vão.

Agora, que nada mais de ti espero, segue o teu destino, porque se te amei muito, foi porque realmente mostrei ser um insensato, quando acreditei que eras na realidade digna deste meu afeto sincero e justo.

A Deus entrego a tua sorte, e o mal que me fizeste, peço a Ele que transforme em flores os teus dias de sofrimentos, e os teus desalentos, tuas angústias, sejam transformadas nos dias felizes e venturosos que porventura eu venha passar. E que em tuas noites negras e sem estrelas, que por certo virão povoar os teus caminhos, espero que apareça no firmamento um

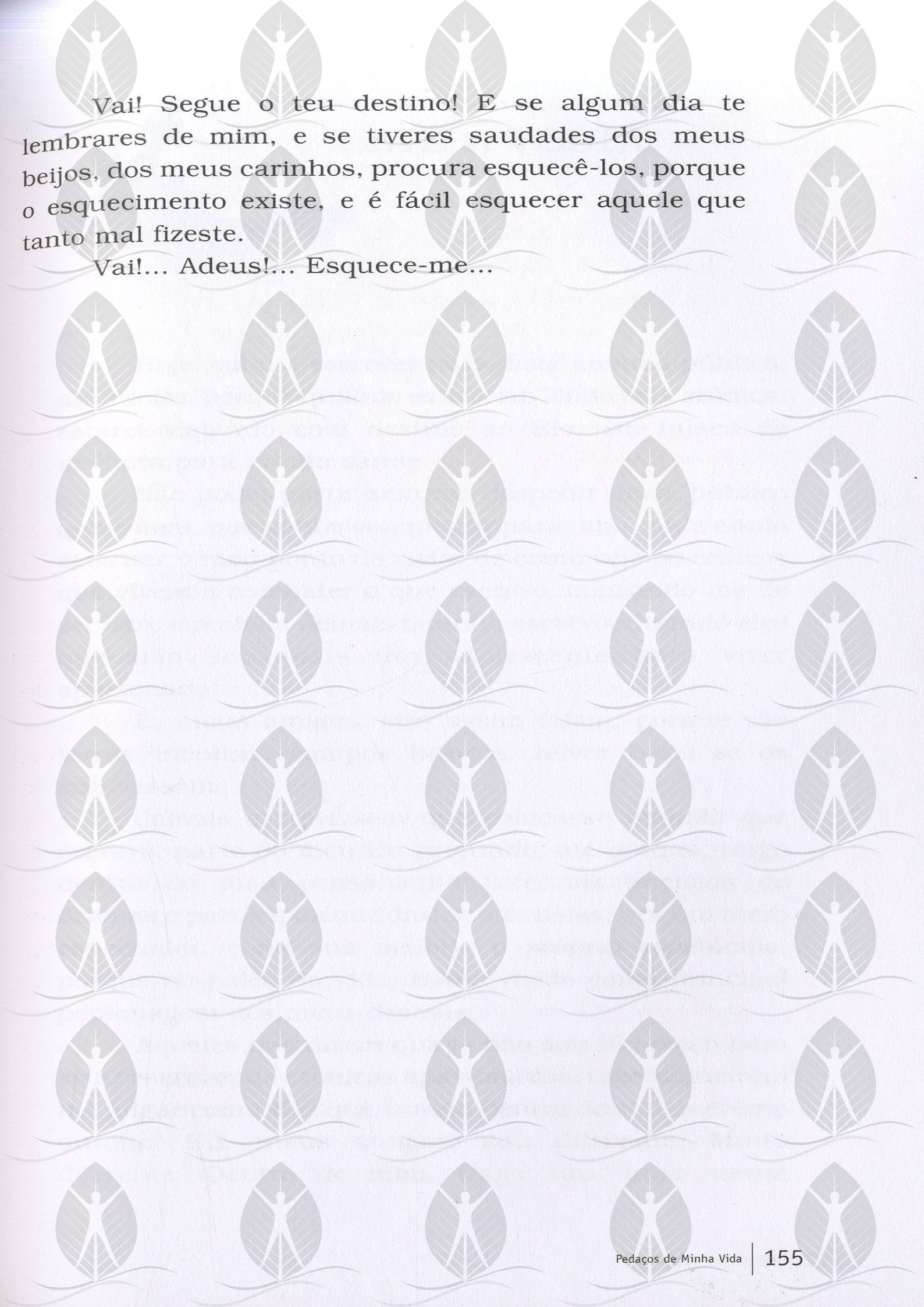
resquício de luz, como se estivesse mostrando o caminho que deverás seguir para que encontres o teu verdadeiro destino, que é de te tornar redimida numa alma pura e boa.

Vai, deixa-me sozinho que se te dei os meus carinhos, e os meus beijos, leva-os contigo, porque não mais irei atrás de ti para de ti para me devolveres.

Os meus carinhos que serviram para alegrar a tua vida, tão sem flores e sem perfume, hoje, ao te recordar deles e dos momentos felizes que te fiz sentir, talvez servirão para que algum dia possa reter ao teu lado um alguém que, como uma ave descuidada, venha cair nas malhas de teu platônico amor, para que tenhas junto de ti um ente querido, quando os anos tingir os teus cabelos e a velhice te fizer alquebrada, vergando ao peso do cansaço dos dias que desperdiçastes em busca de vãs fantasmagorias.

Meus beijos! Sim. Meus beijos, que tanto me pedias que te ofertasse naquelas noites intermináveis de amor que junto passamos, quando louco de anseios unia os meus lábios aos teus, e ficava sorvendo o néctar dos deuses, não quero mais, porque se for buscá-los de volte, sei que não encontrarei assim como te dei, porque em teus lábios, hoje sé existe o fel do veneno da traição e da perfídia...

Segue o teu destino, vulto de esfinge, mulher insensível que não tem amor, porque agora irei procurar guarida em outro coração, para dar vida aos meus sonhos venturosos que tu mataste tão cruelmente com o punhal frio do esquecimento, não ouvindo nenhum dos meus rogos a fim de que não olhasses para os preconceitos sociais, em virtude de a vida ser curta demais para se ter preconceitos.



Vai! Segue o teu destino! E se algum dia te lembrares de mim, e se tiveres saudades dos meus beijos, dos meus carinhos, procura esquecê-los, porque o esquecimento existe, e é fácil esquecer aquele que tanto mal fizeste.

Vai!... Adeus!... Esquece-me...



ATÉ A VOLTA

Hoje, volto a escrever para dizer ao meu público, até a volta, porque quando estiverem lendo esta crônica, estarei viajando com destino ao Rio, em busca de melhora para minha saúde.

Não podia partir sem me despedir deste público que é meu, que soube conquistar para mim, para então externar o meu ponto de vista, de como vejo os críticos que vivem a combater o que escrevo, acusando-me de ser livre e realista demais quando escrevo, dizendo eles que não sou mais um adolescente para viver apaixonado.

É, meus amigos, eles assim falam, porque são terras incultas, campos bravios, talvez bons se os cultivassem.

Jamais escrevi sem que colocasse naquilo que escrevo, parte do meu Eu profundo, até porque, trago dentro do meu pensamento catedrais imensas de dramas e paixões incontidas, sendo nelas, ora um mero espectador, e na sua maioria o próprio espetáculo, porque no palco da vida, tenho vivido como principal personagem dos meus dramas.

Aqueles que dizem que já não sou tão moço para estar escrevendo crônicas apaixonadas, talvez, queiram me julgar como eles que trazem dentro de si, um eterno outono. Eu, meus amigos, sou diferente. Muito diferente. Dentro de mim, trago sim, uma eterna

primavera, porque todas as manhãs ressurgue dentro de meu peito uma nova aurora. Ademais, penso que a mocidade deve ir até ao fim da vida, e que o homem e a mulher somente deveriam morrer num beijo ardente de amor. O meu maior desejo, é viver um pouco no orvalho, outro no desejo, e só morrerei quando tornar-me perfeitamente jovem, porque sempre fui filósofo, por acreditar que a filosofia é realmente a própria vida da razão, e a razão de ser da vida.

Sou realista porque amo a vida da liberdade, e sendo à flor da vida o espírito, por conseguinte a flor do espírito é a liberdade, e pensando assim aprendi a venerar a beleza de ser livre.

As minhas crônicas são puras, porque não são morais e nem imorais. Elas são realmente puras, de uma pureza imaculada por serem a expressão da verdade. Nem eu, e nem elas estamos imersos no poço da falsa moral, e por isso trazem consigo a força indômita de enfrentar a fúria uterina dos falsos puritanos, que acobertados pelo véu de uma moral corrompida por eles mesmos, pois somente pregam essa moral até as vinte e duas horas, para enfim esquecer aquilo que combateram, e finalmente irem cair dentro dos prostíbulos com a boca cheia de luxúria, beijando tudo, inclusive a rampa dos seios das prostitutas vadias...

Quando entramos no mundo, cada um de nós trás o seu livre-arbítrio, e como tal, temos o direito de escolher os ídolos e os dogmas de nossa adoração. Eu, professei a fé da liberdade.

E como uma erva-daninha que sou, vou resistindo aos golpes e aos impactos direta ou indiretamente dos que tentam e procuram me destruir. Na idade em que me encontro, é que a maioria dos homens começam a se acovardar diante da vida e suas adversidades. Comigo


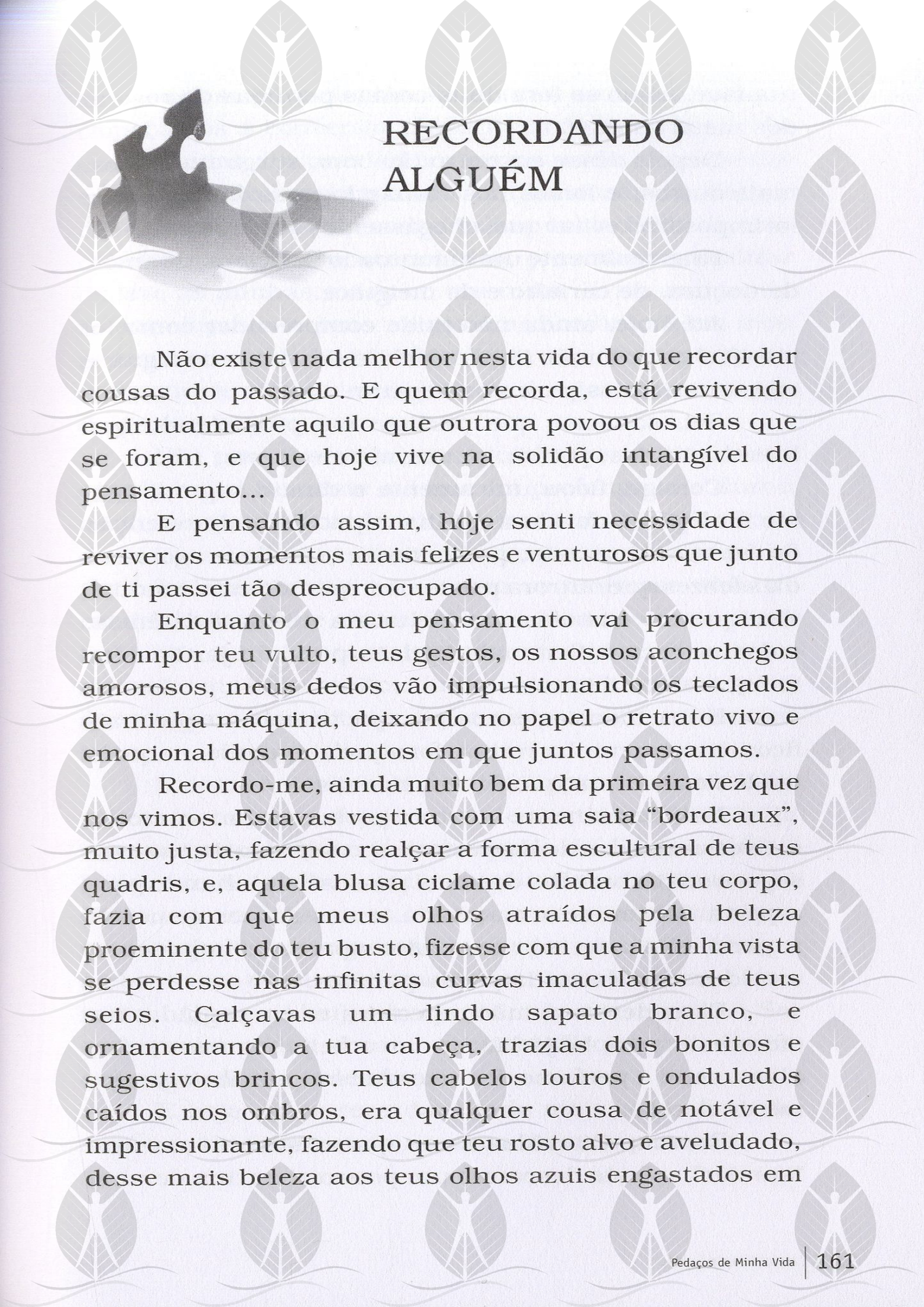
é diferente, porque nesta idade me sinto ainda cheio de fé em mim mesmo, e procuro avançar cada vez mais em busca do pano verde da glória, que é a conquista da vitória do meu próprio Eu, porque é no instante do amor que conseguimos atingir e alcançar Deus. Os que se entregam à velhice, morrem dentro de si mesmo.

Foi no início de minha mocidade que aprendi a caminhar indiferente àqueles que me atacam na sombra, por ouvir unicamente aquilo que me convém. Jamais procurei contrariar o meu destino. Sempre tenho procurado segui-lo, seja qual for o resultado.

Na vida, meus amigos, o homem vence sobre dois aspectos: para o mundo e para a consciência. Eu, se ainda não venci para o mundo, porém, já venci para minha consciência, pois posso dormir tranqüilo, porque em todos os lugares que trabalhei, estive sempre acima do meu cargo.

Para o mundo, acredito que em parte o meu nome já venceu, mas, eu, o homem, continuo com as minhas mãos vazias.

E aqui meus amigos leitores, que só me conhecem através de minhas crônicas, venho trazer este adeus incompleto, a quem devia esta explicação porque sou livre e realista quando escrevo, por acreditar que somente pode e tem direito a liberdade, os que se tornam dignos de possuí-la, e que também já nasceram livres, trazendo consigo um estado excêntrico, que só é legado para os que vivem com a alma num estado puramente excepcional.



RECORDANDO ALGUÉM

Não existe nada melhor nesta vida do que recordar coisas do passado. E quem recorda, está revivendo espiritualmente aquilo que outrora povoou os dias que se foram, e que hoje vive na solidão intangível do pensamento...

E pensando assim, hoje senti necessidade de reviver os momentos mais felizes e venturosos que junto de ti passei tão despreocupado.

Enquanto o meu pensamento vai procurando recompor teu vulto, teus gestos, os nossos aconchegos amorosos, meus dedos vão impulsionando os teclados de minha máquina, deixando no papel o retrato vivo e emocional dos momentos em que juntos passamos.

Recordo-me, ainda muito bem da primeira vez que nos vimos. Estavas vestida com uma saia “bordeaux”, muito justa, fazendo realçar a forma escultural de teus quadris, e, aquela blusa ciclame colada no teu corpo, fazia com que meus olhos atraídos pela beleza proeminente do teu busto, fizesse com que a minha vista se perdesse nas infinitas curvas imaculadas de teus seios. Calçavas um lindo sapato branco, e ornamentando a tua cabeça, trazias dois bonitos e sugestivos brincos. Teus cabelos louros e ondulados caídos nos ombros, era qualquer coisa de notável e impressionante, fazendo que teu rosto alvo e aveludado, desse mais beleza aos teus olhos azuis engastados em

tua face, como se fora duas contas perdidas do rosário dos meus sonhos.

Depois desse encontro tão bom, surgiram outros, mais outros, e fomos nos tornando mais íntimos, que foi impossível evitar que, chegássemos àquele extremo...

Eras realmente um amontoado de beleza, de amor, de doçura, de carinho e de meiguice.

Até hoje, ainda não pude compreender como foi possível para a mão implacável do destino, conseguir e encontrar meios para nos separar.

Sei, somente que partiste me prometendo que breve voltarias, porém, nunca mais voltaste.

Comigo, ficou unicamente o direito sagrado que me foi legado, devido a minha capacidade de retenção de fatos e de cousas, poder reviver tão bem agora, os dias felizes que outrora passamos, quando eras o motivo vivo que me embalava e enfeitava a minha existência, como se fora à flor mais linda e pura do jardim dos meus sonhos de amor.

Entre todos os encontros que tivemos, o que mais ficou vivo em minha retina, foi aquele, quando, naquela tarde de maio em que fui em tua casa...

Bati lentamente na tua porta, assim, como se estivesse com medo de perturbar o silêncio do teu sossego, e ouvi o barulho dos teus passos caminhando para a porta. Mexeu-se a maçaneta, e nos gonzos gemendo a porta abriu-se, e o teu vulto apareceu imponente, emoldurado dentro daquelas paredes.

Estendestes a mão, apertei-a e, em seguida, me ofereceste para beijá-la. Ao dar o beijo em tuas mãos alvas, senti o perfume de tua carne moça embriagando-me de desejos.

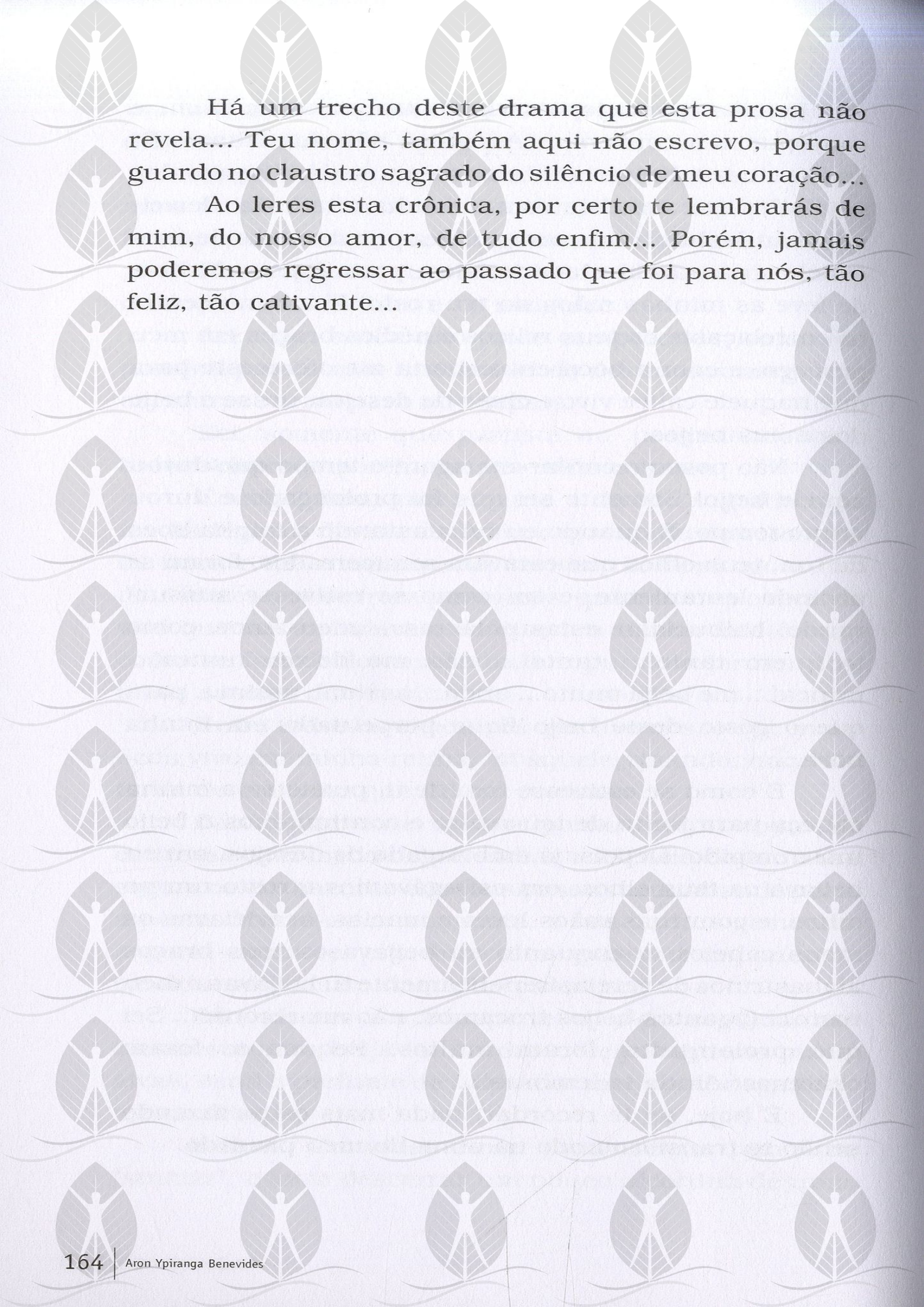
Entrei. Convidaste-me para sentar em um “sumier”, e foste descerrar um pouco a cortina de uma

das janelas, para depois vir sentar junto de mim, e começamos a conversar. Assuntos não nos faltava. E, enquanto ias discorrendo em voz pausada, dizendo das saudades que sentiste com a minha ausência, deixei-me ficar deslumbrado com a beleza exuberante de teus cabelos, passando a acariciá-los, para depois deslizar de leve as minhas mãos no teu rosto. Neste momento, tu entrelaçaste os teus roliços e nédios braços em meu pescoço, e com a boca entreaberta me ofereceste para que naquele cálice vivo e cheio de desejos, desse o beijo dos meus beijos.

Não posso recordar-me agora o tempo que durou aquele beijo! Somente sei que foi prolongado e durou muito tempo. E quando eu fui afastando a minha boca da tua, teus olhos que estavam semicerrados, foram se abrindo lentamente, e tu, como se estivesse sussurrando, balbuciaste estas palavras: – meu amor, como te quero tanto!... tanto!... não me deixes nunca!... nunca!... me beija muito... anda... assim... assim... para que o gosto deste beijo fique perpetuado em minha boca...

E como se estivesse fora de ti, puxastes a minha cabeça para junto de teu rosto, e continuamos o beijo interrompido. Depois, já embriagado de desejos, ora eu beijava os teus olhos, ora esfregávamos o rosto um no outro, e com tuas mãos leves e macias, acariciavas os meus cabelos, e enquanto eu beijava os teus braços alabastrinos de sereia, freneticamente tu beijavas o meu rosto... Quantos beijos trocamos, não me recordo... Sei que prolongados foram muitos. Pequenos, foram centenas. Ainda te lembras!...

E hoje, ao te recordar, nada mais estou fazendo senão te transformando na alma do meu passado.



Há um trecho deste drama que esta prosa não revela... Teu nome, também aqui não escrevo, porque guardo no claustro sagrado do silêncio de meu coração...

Ao leres esta crônica, por certo te lembrarás de mim, do nosso amor, de tudo enfim... Porém, jamais poderemos regressar ao passado que foi para nós, tão feliz, tão cativante...



SAUDADE

Quando o relógio bateu três horas da madrugada, encontrou-me sentado diante da minha mesa de trabalho, escrevendo esta crônica, como se ela fora o poema a esta saudade imensa, que hoje me invade a alma dilacerando-a...

Saudade, és realmente a dor silenciosa que faz arder em fogo lento, o corpo e a alma daquele que amou... Teu calor, somente é igual ao que surge do coração daquele que encontra pela primeira vez na vida a mulher amada.

Saudade, és na vida deste pobre solitário, a sombra errante e vadia que traz neste momento em que tudo dorme, a lembrança dos anos por mim vividos.

E como uma torrente de lembranças passadas, surge no meu pensamento os dias de minha infância despreocupada e trágica, em que perdi a proteção daquele anjo de doçura que foi aquela vida que me deu a vida: minha mãe querida.

Mãe!... Palavra santa que quando mal procurava pronunciar bem o teu nome, partistes para o Nirvana, deixando-me perdido no cárcere da orfandade materna.

De ti, pouca coisa resta ainda na minha lembrança, porque não me foi possível gravar o teu rosto bom, lindo e amigável, e os teus carinhos puros e sacrossantos, ficando no entanto somente em mim,

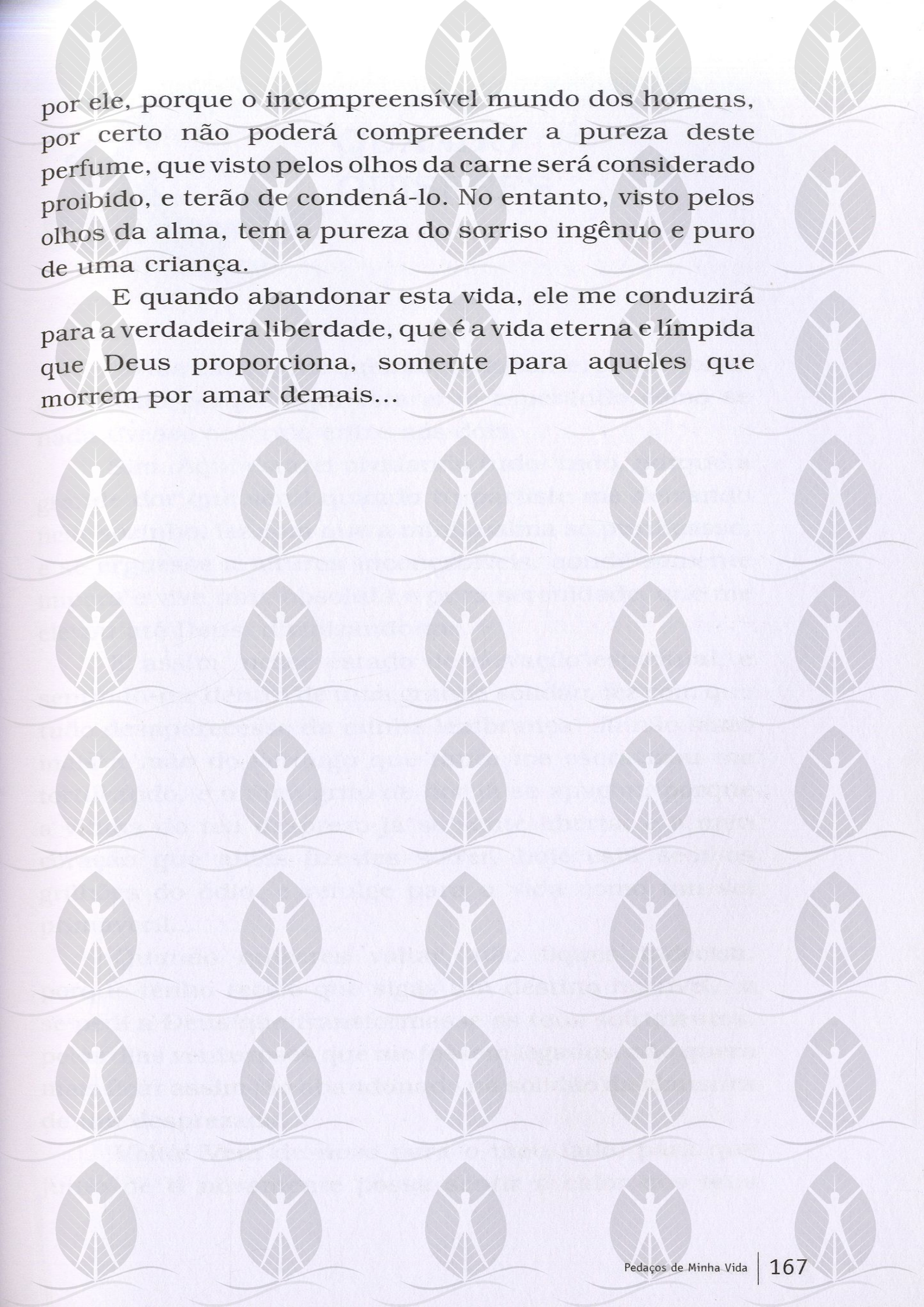
perpetuado, esta herança que me deste e que morrerá comigo, que são os meus olhos iguais aos teus.

E tive saudade dos meus primeiros contatos com a adolescência, daqueles romances simples de amor, em que caminhamos nele, como se fora um “cielo” de sombras, sem poder compreender e aproveitar bem os mistérios e o sabor dos momentos proporcionados pelos desejos de amar livremente, sendo revelado unicamente a beleza do corpo puro e impúbere da criatura violada somente pelo simples beijo, como se tivesse um véu encobrindo as paisagens da carne, esta matéria desgraçada, sacrossanta e pura...

Esse passado que hoje tão distante se vai, ao se afastar cada vez mais de mim, me ensombra a existência, e nunca mais se apagará me fazendo ficar louco, querendo nesta hora procurar libertar-me de sua tirania, sinto que sou envolvido pelos seus braços invisíveis, sem querer jamais me abandonar...

Esta sombra do passado me enche mais a vida, muito mais que as luzes dos dias que virão, no qual um dia entrarei, tendo sempre a me perseguir os dias já vividos, exercendo uma grande influência sobre eles, deixando-me convencido de que jamais vencerei o passado, e que algum dia serei irremediavelmente tragado pelo abismo deste monstro.

Hoje, nada mais sou, de que um triste solitário caminhando errante na estrada desta vida, apesar de aparentemente ser alegre, porém, sou realmente no meu interior um triste homem que um dia colheu no jardim perdido e abandonado da solidão de minha vida, uma flor, e ao aspirar o seu perfume, embriagou-me e deixando-me aturdido e envolto pelo seu aroma, fazendo nascer dentro do meu Eu, uma vontade imensa de partir para o desconhecido mundo dos mortos, em holocausto



por ele, porque o incompreensível mundo dos homens, por certo não poderá compreender a pureza deste perfume, que visto pelos olhos da carne será considerado proibido, e terão de condená-lo. No entanto, visto pelos olhos da alma, tem a pureza do sorriso ingênuo e puro de uma criança.

E quando abandonar esta vida, ele me conduzirá para a verdadeira liberdade, que é a vida eterna e límpida que Deus proporciona, somente para aqueles que morrem por amar demais...





QUANDO QUISERES

No dia em que me queiras novamente, podes voltar sem medo porque aqui estarei te esperando como se nada tivesse ocorrido entre nós dois.

Sim. Aqui estarei olvidando tudo, tudo, porque a grande dor que senti quando tu partiste me deixando ficar sozinho, fez com que a minha alma se purificasse, e se erguesse a alturas inconcebíveis, aonde somente impera e vive uma absoluta e pura serenidade, que me elevou até Deus, divinizando-me.

E assim, nesse estado de elevação espiritual, e sentindo-me dentro de uma grande solidão, fez com que tudo desaparecesse da minha lembrança. Já não sinto mais a mão do verdugo que tanto me escravizou me torturando, e o meu grito de dor já se apagou, porque a vítima do teu desprezo já se sente liberta, e o meu coração que antes fizestes sofrer, hoje está sem os grilhões do ódio, e refulge para a vida como um sol primaveril...

Quando quiseres voltar, não fiques indecisa, porque tenho receio que sigas um destino horrível, e se pedi a Deus que transformasse os teus sofrimentos, pelos dias venturosos que me fossem legados, não quero mais ficar assim tão abandonado na solidão da clausura de um desprezado.

Volta! Vem de novo para o meu lado, para que junto de ti novamente possa sentir o calor dos teus

beijos úmidos e sensuais, povoar a minha boca ávida de desejos com a pureza e o sabor dos teus beijos escaldantes.

Volta! Vem para junto deste pobre solitário, que agora caminha errante pelos caminhos da vida, a sonhar sonhos vãos, em minhas tristes noites interminas e sem fim, como se fora um saltério vibrando pelas mãos inconcebíveis dos sonhos que morreram.

E o fantasma da dor que hoje chora dentro de mim, também chora a dor de todos que perderam a sua amada na contingência oposta dos caminhos...

Sozinho, longe de ti, dos teus carinhos, dos teus beijos, penso e sofro muito, quando olho ao redor e não te vejo. Sinto então que o meu coração se transforma em uma lira, soltando nos seus acordes o grito profundo e melancólico de todas dores que senti, trazendo diante dos meus olhos o teu vulto que é o da mulher por mim tão decantada...

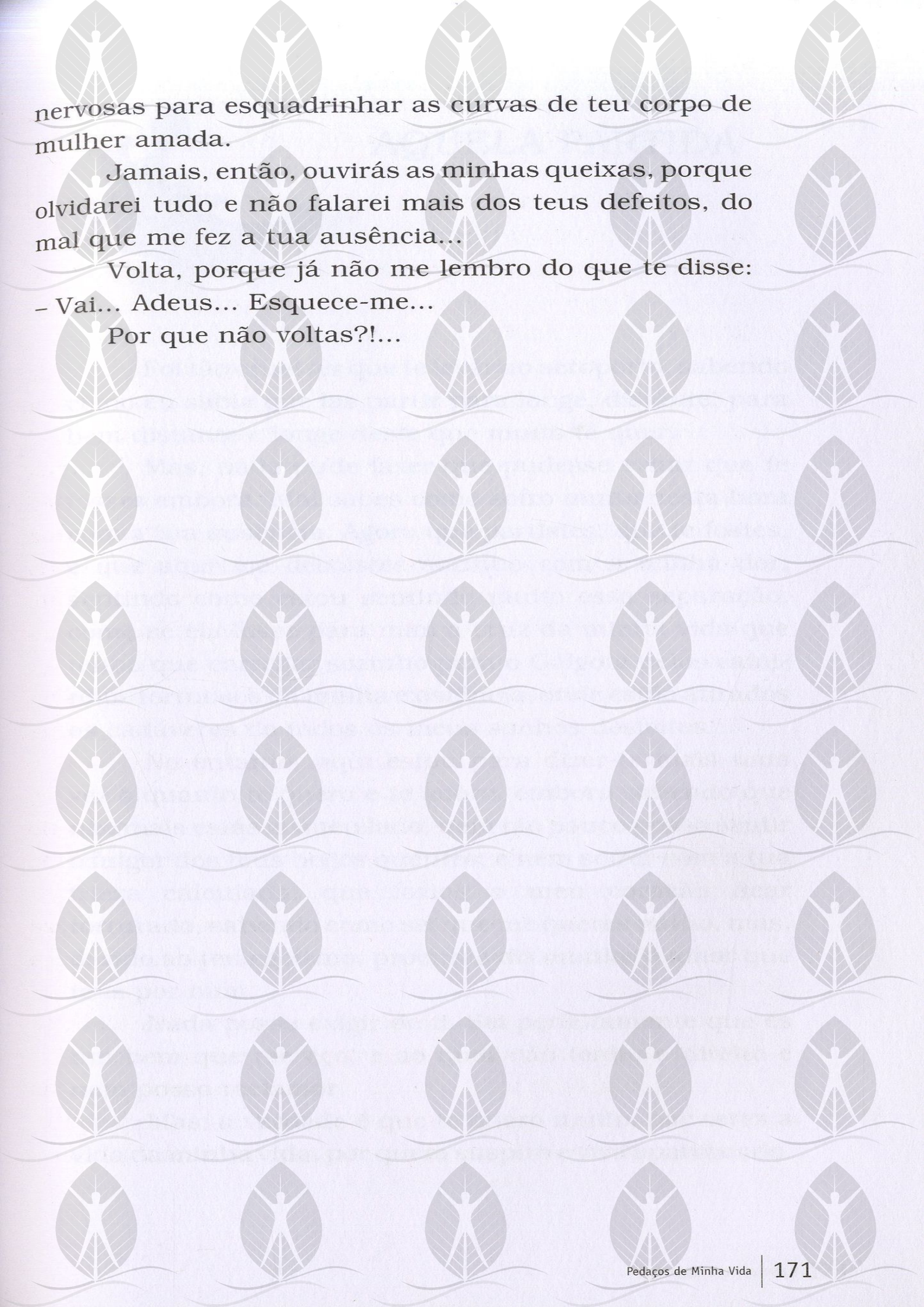
Triste engano de minha vida... De uma vida sem ventura, que vive unicamente voltada para uma vida ausente...

Se voltares, hás de me encontrar igual como me deixastes, porque sei ainda aquele mesmo mistério sensual, que às vezes te deixava estática, julgando-me um ser a mais na terra.

Nos meus beijos por certo encontrarás a pureza dos beijos cândidos, que te fizeram despertar para a vida!

É por isso que agora te digo com lágrimas nos olhos, que quando quiseres voltar, podes voltar...

Por certo, no dia em que voltares, me encontrarás com os braços em cruz, para te estreitar de encontro ao meu peito, e as minhas mãos estarão inquietas e

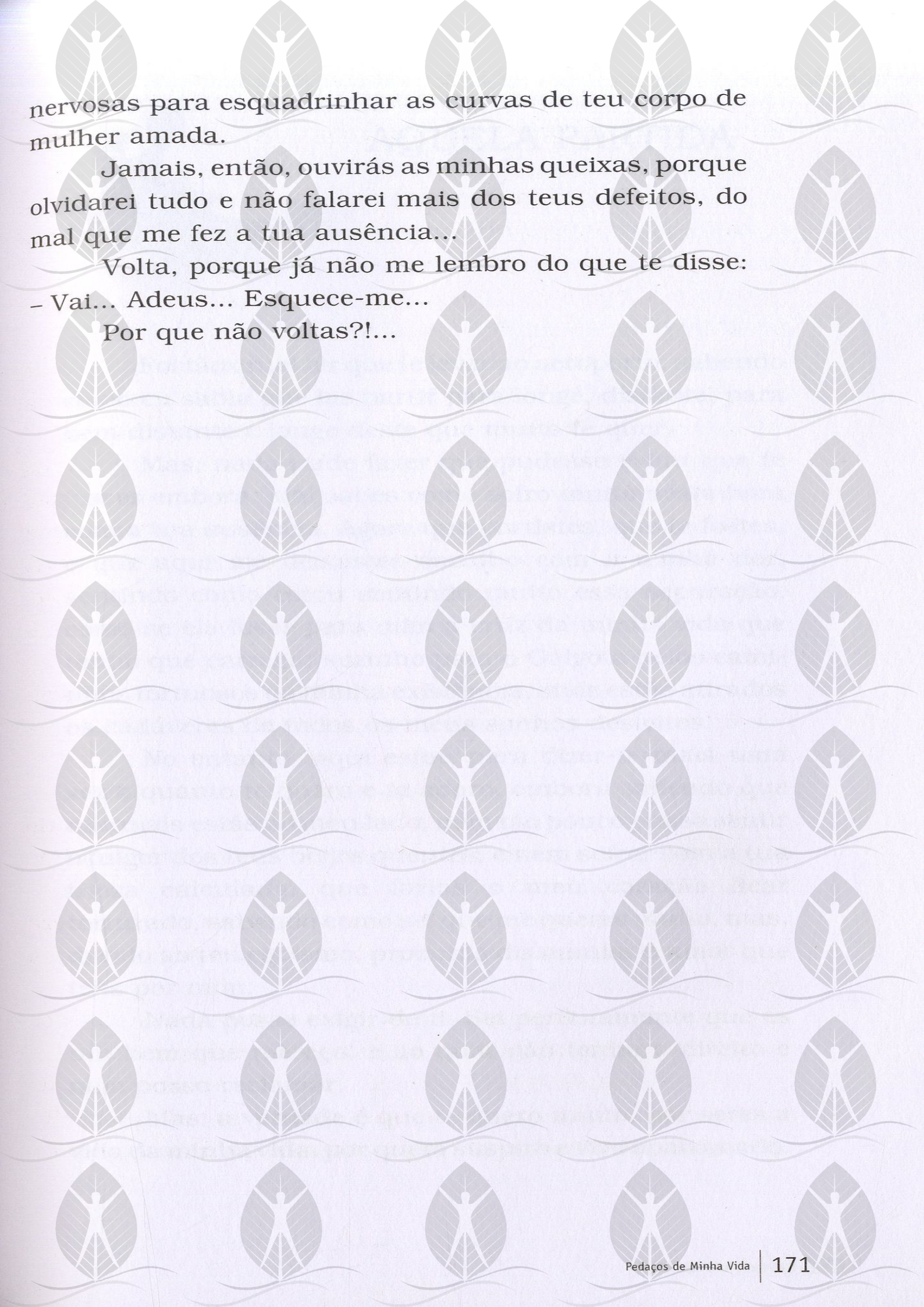


nervosas para esquadrihar as curvas de teu corpo de
mulher amada.

Jamais, então, ouvirás as minhas queixas, porque
olvidarei tudo e não falarei mais dos teus defeitos, do
mal que me fez a tua ausência...

Volta, porque já não me lembro do que te disse:
- Vai... Adeus... Esquece-me...

Por que não voltas?!...



nervosas para esquadrihar as curvas de teu corpo de
mulher amada.

Jamais, então, ouvirás as minhas queixas, porque
olvidarei tudo e não falarei mais dos teus defeitos, do
mal que me fez a tua ausência...

Volta, porque já não me lembro do que te disse:

- Vai... Adeus... Esquece-me...

Por que não voltas?!...



AQUELA PARTIDA

Foi tão cruel ter que te levar ao aeroporto, sabendo como eu sabia que ias partir para longe, distante, para bem distante e longe deste que muito te quer.

Mas, nada pude fazer que pudesse evitar que te fosses embora. Mal sabes como sofro muito nesta hora com a tua ausência. Agora que partistes, que te fostes, e que aqui me deixastes sozinho com a minha dor, sentindo como estou sentindo muito essa separação, como se ela fosse para mim a cruz da minha vida que tenho que carregar sozinho para o Gálgota pelos caminhos tortuosos da minha existência, onde estão atirados os cadáveres de todos os meus sonhos desfeitos.

No entanto, aqui estou para dizer-te mais uma vez o quanto te quero e te adoro, embora sabendo que não mais estás ao meu lado, nem tão pouco posso sentir o fulgor dos teus beijos quentes, e nem sofrer com a tua frieza calculada, que fazias o meu coração ficar torturado, sabendo como sei que me queres muito, mas, devido ao teu egoísmo, procuras dissimular o amor que tens por mim.

Nada posso exigir de ti. Sei perfeitamente que és um bem que mereço, e ao qual não tenho o direito e nem posso reclamar.

Mas, a verdade é que te quero muito, por seres a vida da minha vida, por quem suspiro e vivo apaixonado.

Talvez, não acredites que para ver se te esquecia, ao menos um pouco, procurei na bebida afogar a dor, e as saudades que estou sentindo de ti. Porém, quanto mais bebia, mais sentia o teu vulto de mulher amada crescer diante dos meus olhos, surgindo imponente no fundo do meu copo, refletindo cada vez mais a tua imagem, ficando na minha lembrança as marcas indelévels do teu rosto, dos teus olhos castanhos e queridos que tanto gosto de beijar.

Às vezes fico a pensar como foi que pude chegar a te querer tanto, sem ao menos perceber que entre nós dois estava crescendo um grande abismo. Difícil no amor é saber renunciar. E eu não sei mais renunciar. Não posso e nem devo mesmo renunciar à glória de te possuir, porque esta glória é tudo para mim, e começo então a compreender que é neste desejo que mora e vive a felicidade que tanto procurei em vão pelos caminhos da vida.

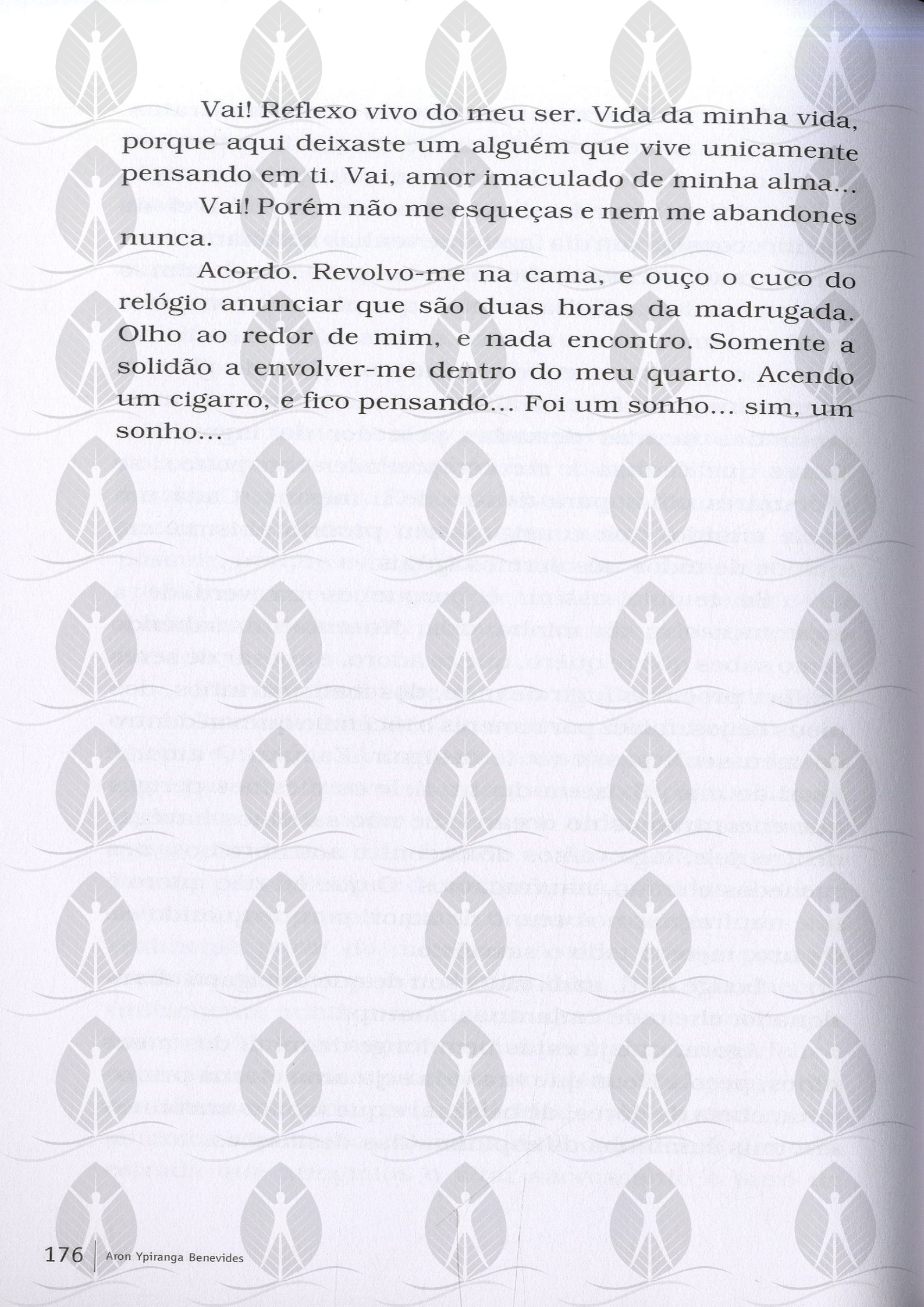
E se um dia for preciso morrer, darei a minha vida em holocausto pela vida desse amor, tão forte, tão belo, tão puro, porque as angústias, os sofrimentos, as ânsias que passei, fizeram com que me espiritualizasse, podendo agora viver na outra vida, sem o menor constrangimento. Lá, é onde estão aqueles que tudo fizeram pela felicidade de outros entes queridos, e viverei voltado unicamente para ti, para aqueles que são realmente parte do meu ser. A vida, não é para os espíritos superiores o mais alto bem. Não. Ela encerra unicamente uma missão, um dever que temos que cumprir. Mas, se sentimos que para alguém ser feliz é necessário a nossa proteção no além, então partimos sacrificando tudo pela felicidade de quem muito amamos e queremos. O amor, é filho da dor. É por esta estrada que atingimos o altar sacrossanto e puro do

amor. Essa indiferença com que às vezes me tratas, outra coisa não faz, senão aumentar mais este amor dentro do meu peito, onde vive e mora um pobre coração combalido pelo medo de que a mão implacável do destino, consiga um dia fazer que venhas me abandonar. Porém, nada temo neste mundo, pois nasci sem o sentimento do medo. Na terra em que piso, me considero um forte, um homem apenas e mais nada, sem trazer no corpo cicatrizes e nem condecorações de glórias. Apenas, no coração e na alma estão impressas as mais profundas marcas deixadas pela dor da ingratidão. Talvez que venhas a me compreender um pouco, se procurares olhar para dentro de ti mesma. Cada um neste mundo, traz consigo o seu próprio abismo, em virtude de todos nós sermos iguais.

Se te falo assim, é porque és na verdade a esperança viva da minha vida. No entanto, sabendo como sabes que te quero, que te adoro, e apesar de seres mulher procuras fugir de mim, dos meus carinhos, dos meus beijos, talvez por temeres o incêndio que vai dentro do meu ser e possa vir te destruir. Escuta. O amor é igual ao mar. Existem dentro dele os mesmos perigos que encontramos no oceano. Se não sabemos navegar dentro dele, logo vamos de encontro aos abrolhos, aos rochedos e então, naufragamos. O que eu não quero é que naufragues no oceano do amor, porque quando ele é puro, merece todo o sacrifício.

Longe de ti, nada mais sou de que um igapó abandonado, cheio de canaranas, matupá.

Agora, que já estás bem longe de mim, dos meus olhos, peço a Deus que tua vida seja uma eterna primavera, cheia de flores, de belezas, e que jamais encontres em teus caminhos os espinhos das desilusões.



Vai! Reflexo vivo do meu ser. Vida da minha vida,
porque aqui deixaste um alguém que vive unicamente
pensando em ti. Vai, amor imaculado de minha alma...

Vai! Porém não me esqueças e nem me abandones
nunca.

Acordo. Revolvo-me na cama, e ouço o cuco do
relógio anunciar que são duas horas da madrugada.
Olho ao redor de mim, e nada encontro. Somente a
solidão a envolver-me dentro do meu quarto. Acendo
um cigarro, e fico pensando... Foi um sonho... sim, um
sonho...



TUA CARTA

Ontem, quando cheguei no apartamento, encontrei em cima da mesa a tua carta. Nela, entre outras cousas me dizias: “Papai, estou satisfeita e, mesmo, muito alegre, em virtude de ter passado para a segunda série ginásial”. Não podes calcular minha filha, como fui invadido por uma enorme alegria em saber que os teus esforços durante o ano foram coroados de pleno êxito.

Depois, fiquei pensando em ti, por muito tempo. Sentindo imensas saudades dos teus carinhos, de tuas meiguices; procurei relembrar bem as tuas feições, e apanhei um retrato que tenho aqui, quando tinhas apenas sete anos e tomaste parte numa festa de caipira no grupo escolar “Princesa Isabel”, onde fizestes todo o teu curso elementar. Vi que a vida tem avançado muito. Fui ver-me no espelho, e encontrei em mim as marcas dos dias sofridos. Com meus cabelos começando a ficar grisalhos, compreendi que já estou caminhando para o ocaso.

Presente melhor não podia me trazer o Papai Noel, pois, minha filha soube aproveitar os meus esforços. Os meus sacrifícios não foram em vão, em procurar te dar tudo o que fosse necessário para que pudesses estudar.

Estais com doze anos. Já és realmente uma mocinha, e como tal, precisas ir desde agora te acostumando a ver as cousas da vida pelo lado real. Tua vida, minha

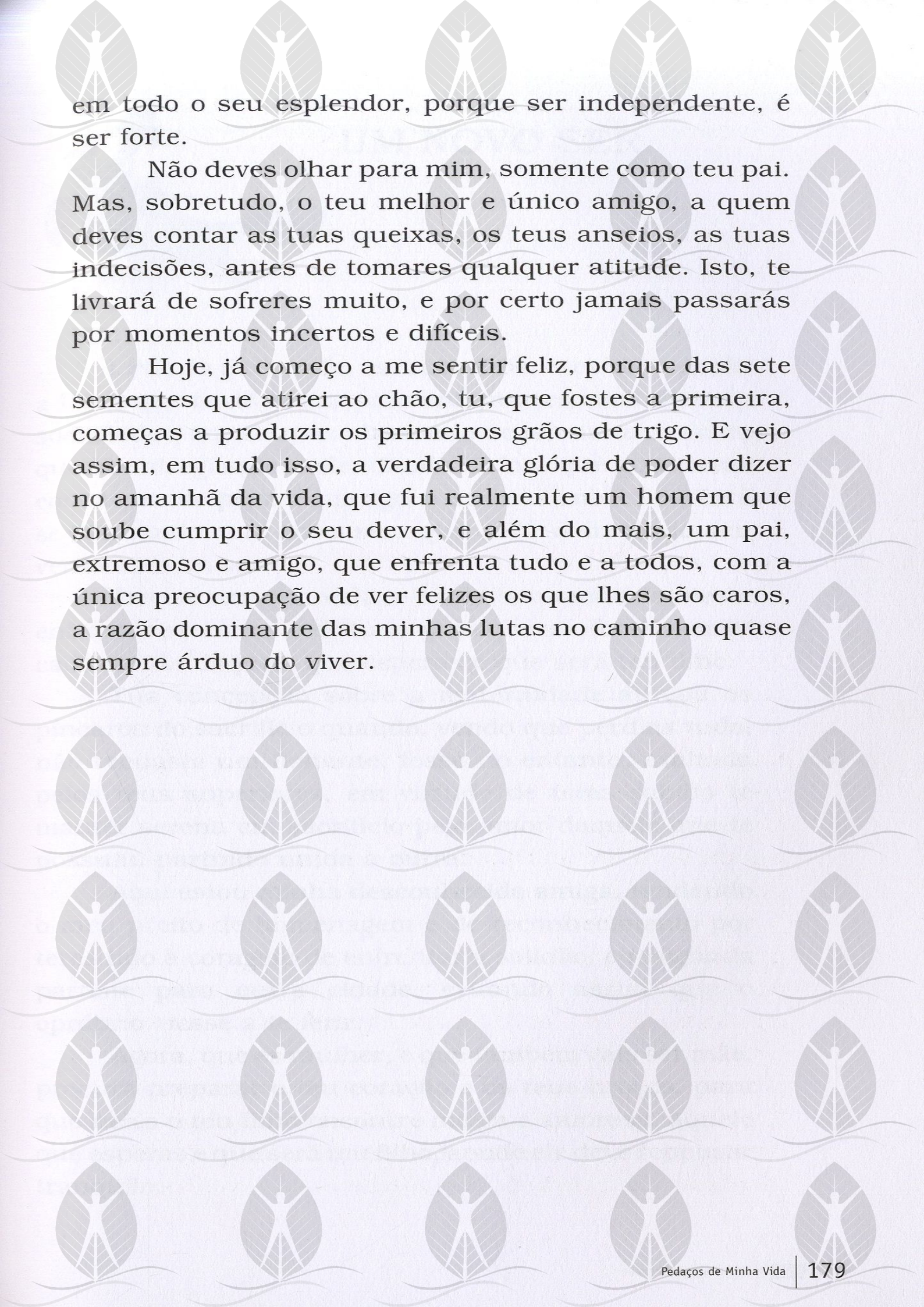
filha, pertence unicamente a ti, e o direito que tenho sobre ela, é apenas de cercá-la do meu afeto, e orgulhar-me do que bom venhas a produzir.

Ao sucesso, somente tu poderás conduzi-la. Para isso, no dia em que firmares o rumo, lembra-te que a vitória na vida conquistastes unicamente pela competência e trabalho.

Acostuma-te a reverenciar sempre os teus mestres, porque a eles, somente a eles ficarás devendo pelo muito o que fizeram pelo aprimoramento do teu intelecto. Foram eles que te deram a luz da instrução. Esta luz, que é tudo neste mundo.

Estuda muito, minha filha. Todo o tempo que gastares com os livros, ser-te-á restituído no futuro, em poder desfrutar de uma vida melhor e segura. Quando atingires a idade conveniente, não olhes no casamento a única razão de ser da tua vida. Não. Estuda e procura adquirir uma profissão para te tornares independente, forte, para que assim possas enfrentar a vida e suas dificuldades com segurança, porque o maior erro da mulher brasileira, é ver unicamente no casamento o seu ponto de apoio. Quando o esposo por ventura vem a falecer, ela fica atirada ao abismo da existência, sujeita a toda sorte de sofrimentos e de humilhações, jogada muitas vezes à rua da amargura...

Não te deixes levar nunca por impulsos, e por arrebatamentos do coração. Procura sempre ouvir a voz do teu pensamento, até porque, já que a cabeça está em cima do coração, é como se fora uma advertência de que temos que seguir a sua orientação. Esta é a ordem lógica das cousas. O que está em cima, governa e orienta o que está em baixo. Adquirida a tua independência, então o casamento será para ti, um complemento a tua felicidade, e ela te será palpável e sentirás



em todo o seu esplendor, porque ser independente, é ser forte.

Não deves olhar para mim, somente como teu pai. Mas, sobretudo, o teu melhor e único amigo, a quem deves contar as tuas queixas, os teus anseios, as tuas indecisões, antes de tomares qualquer atitude. Isto, te livrará de sofreres muito, e por certo jamais passarás por momentos incertos e difíceis.

Hoje, já começo a me sentir feliz, porque das sete sementes que atirei ao chão, tu, que fostes a primeira, começas a produzir os primeiros grãos de trigo. E vejo assim, em tudo isso, a verdadeira glória de poder dizer no amanhã da vida, que fui realmente um homem que soube cumprir o seu dever, e além do mais, um pai, extremoso e amigo, que enfrenta tudo e a todos, com a única preocupação de ver felizes os que lhes são caros, a razão dominante das minhas lutas no caminho quase sempre árduo do viver.



UM NOVO SER

Levanta para o céu os teus olhos, e, contrita, pede a Deus que te dê forças para enfrentares com altivez a sociedade e aquele que, abusando de teu amor, fez com que te entregasses a ele, dando tudo o que guardavas com avarento pejo, e que agora em tuas entranhas está se formando um novo ser, que será o fruto do teu verdadeiro amor.

Tiveste um gesto altivo e digno, quando soubeste enfrentar e renunciando tudo, para que não fosse sacrificada a vida daquele que esperas e que será teu filho.

Tua concepção sobre a maternidade atingiu os píncaros do sacrifício quando, vendo que perdias tudo, não recuaste um instante, fosse no entanto, exaltada pelos teus superiores, em virtude de teres sabido te manter serena em sacrifício pelo amor daquele que te possuiu, partindo unida a outra.

Aqui estou minha desconhecida amiga, rendendo o meu peito de homenagem e de reconhecimento por teres tido à coragem de enfrentar a solidão, e resignada partiste para outra cidade, evitando assim que o opróbrio viesse a te ferir.

Agora, que és mulher, e que também vais ser mãe, procura preparar o teu coração e os teus braços, para que neles o teu filho encontre meiga e amorosa, aquele que esperas e que será teu filho, aonde ele deve repousar tranqüilo.

Faz com que tua alma se torne boa e amiga, para que ele a encontre meiga e amorosa, aquele que esperas e que será teu filho.

Nas tuas noites de vigília, ao enfrentares o sacrifício de ser mãe, procura rir com a alma, para que a primeira música que ressoe em seus ouvidos, tenha harmonias suaves e encha de venturas a alma de teu filho.

Procura ser ao mesmo tempo, sol e sombra, calor e frescura, e faz com que teu espírito tenha ressonância de sinos de bronze, para que assim a sua confiança seja tão forte, que tenhas forças para desviar e dirigir os pensamentos de teu filho.

Procura fazer que todos os teus momentos, sejam um hino constante de bondade e de fé, e que aspires com devoção os perfumes de rosas que se desprenda da carne, e dos lábios de teu filho.

Quando beijares a sua fronte imaculada, procura jurar sobre ela a tua própria purificação, como se estivesses recebendo a hóstia purificada do teu grande amor, aspirando em tua carne o alento de teu filho.

Procura trazer o teu filho sempre alegre e satisfeito, porque toda a criança cuja vida foi alegre, tornar-se-á por certo um homem bom e forte.

Não deves nunca te descuidares da questão da fé, porque quando ele crescer, haverá de acreditar em alguma cousa, e então a melhor religião para ele será a tua.

A maternidade, minha amiga desconhecida, é sacrifício, e, por seres carinhosa e dedicada, jamais por egoísmo ou por vaidade procures cortar a vida ou a vocação de teu filho.

E se um dia, quando estiver homem quiser partir, deixa-o que vá. Não procures retê-lo ao teu lado por hipótese nenhuma, porque haverá de triunfar mais, afrontando a vida e suas dificuldades em busca de atingir aquilo que sonhou, do que mesmo ao teu lado com suas ambições reprimidas.



A VIDA ME ENGANOU

Vida!

Para mim não és mais de que uma quimera. Uma quimera triste e sem perfume.

Hoje não creio e nem acredito que tu poderás um dia trazer-me essa vã ilusão por que todos lutam e procuram alcançar os momentos de ventura que ela proporciona, mas que ninguém ainda pôde possuir com tanta alegria: a felicidade.

Às vezes, quando fico meditando sobre Aquele que não tem forma, procuro elevar o meu espírito para as infinitas paragens do além, tentando me libertar da individualidade, compreendo que somente poderei ser livre se conseguir viver uma vida voltada unicamente para a renúncia.

Porém, quando quero renunciar às cousas boas que a vida me oferece, e começo a sentir que se desejo atingir a felicidade, ela torna-se impossível para mim, porque trago comigo um inimigo imutável, que depois de me torturar continuamente sem que até agora tenha conseguido libertar-me, compreendo que se quiser me ver livre deste inimigo, tenho que abandonar a própria vida, porque ele vive e mora dentro do meu Eu: o meu pensamento.

É ele, sim, o pensamento que não me deixa que sinta o prazer e as delícias de ser feliz.

Começo então a acreditar que somente poderei ser feliz, no estado de inconsciência, porque é neste momento que o pensamento deixa de me torturar.

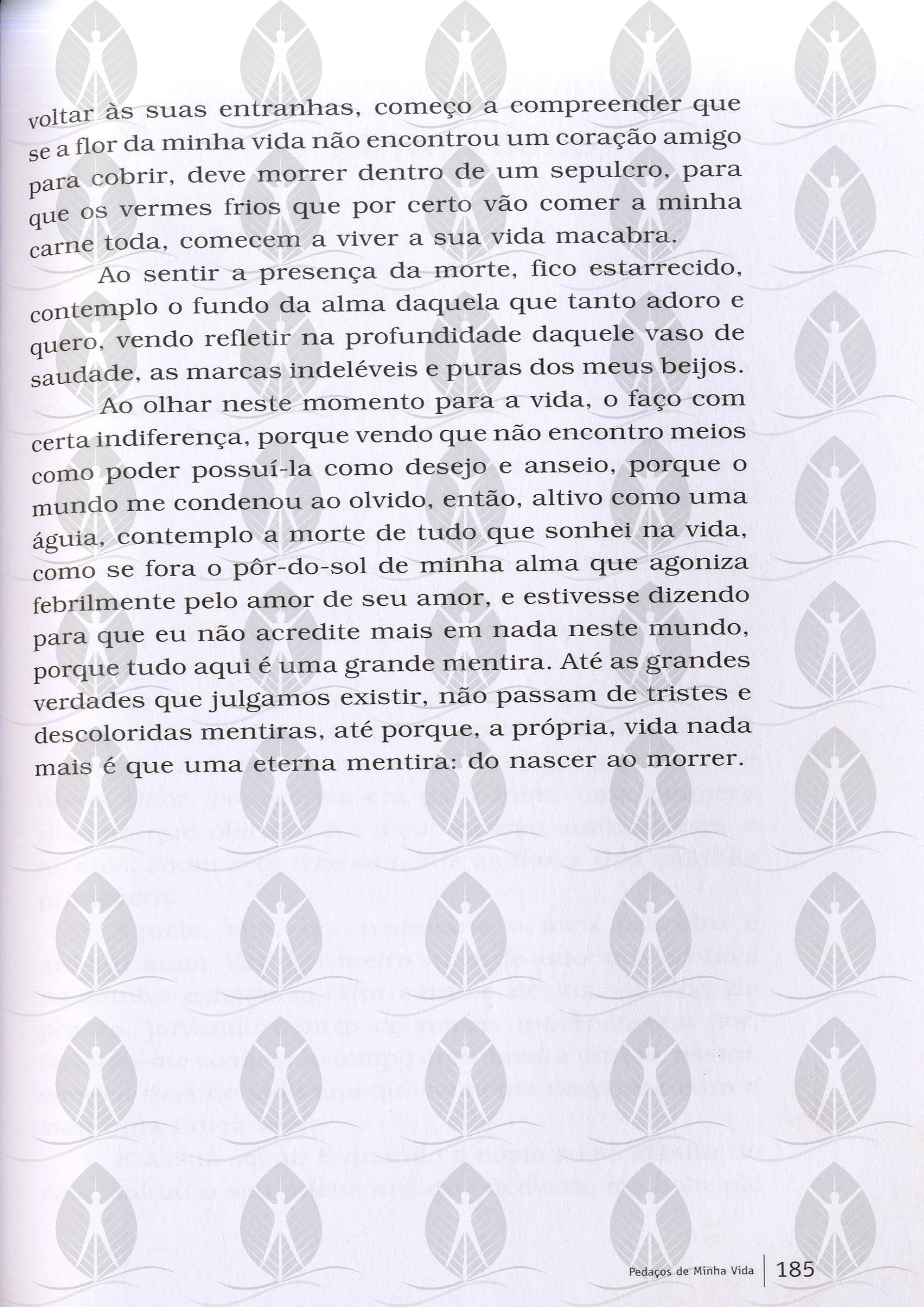
Fico pensando nos anos que se foram, daquela mocidade que foi trágica e ao mesmo tempo bela, sadia, cheia de sonhos lindos, e que tive que assistir ao seu fim agonizando diante da realidade da vida, como se fosse o cadáver de um idealista descorado, iluminado por quatro círios acesos, sucumbindo numa apoteose feita pelos restos dos meus sonhos que morreram, deixando nos meus olhos as lágrimas daqueles que já estando esterilizados pelo sofrimento, não tinham mais lágrimas para derramar.

Assim mesmo, ainda surge dentro de mim outros sonhos como se estivesse tentando fazer que eu sinta o palpitar da vida, porém, devido o meu coração já estar desiludido, eles não podem mais florescer, e se perdem fugidios nas minhas incomensuráveis noites de insônia, em que vendo tudo não encontro nada. Vejo então, que nada mais sou de que um proscrito, a quem a vida sem piedade me enganou.

Sim. Enganou-me, porque errante como eu vivo a procurar a alma da mulher amada, já me sinto enfraquecido e sem forças para chegar a convencê-la de que ainda lhe quero como outrora, porque dentro do meu peito só existe hoje um coração sem esperanças, sem fé, e que não traz mais aquele ninho feito para os amores dos meus amores...

Somente a minha alma que tendo sofrido muito, conseguiu elevar-se tão alto para poder viver voltada unicamente para ela, sem poder no entanto renunciá-la...

E essa dúvida que nasce dentro do meu peito, me fazendo sofrer muito, faz com que do seio da terra, desse ventre fecundo que me chama constantemente para



voltar às suas entranhas, começo a compreender que se a flor da minha vida não encontrou um coração amigo para cobrir, deve morrer dentro de um sepulcro, para que os vermes frios que por certo vão comer a minha carne toda, comecem a viver a sua vida macabra.

Ao sentir a presença da morte, fico estarelecido, contemplo o fundo da alma daquela que tanto adoro e quero, vendo refletir na profundidade daquele vaso de saudade, as marcas indeléveis e puras dos meus beijos.

Ao olhar neste momento para a vida, o faço com certa indiferença, porque vendo que não encontro meios como poder possuí-la como desejo e anseio, porque o mundo me condenou ao olvido, então, altivo como uma águia, contemplo a morte de tudo que sonhei na vida, como se fora o pôr-do-sol de minha alma que agoniza febrilmente pelo amor de seu amor, e estivesse dizendo para que eu não acredite mais em nada neste mundo, porque tudo aqui é uma grande mentira. Até as grandes verdades que julgamos existir, não passam de tristes e descoloridas mentiras, até porque, a própria, vida nada mais é que uma eterna mentira: do nascer ao morrer.



NUNCA MAIS

Vinte e três anos são passados que parti levando comigo uma grande esperança diante dos meus olhos, fazendo desabrochar nos meus lábios um riso cristalino e puro, como se fora um crédito de confiança no meu destino, tornando-me um sonhador, arrancando do fundo do meu ser audaciosos intentos, como se estivesse querendo fazer com que dentro de mim surgisse o desejo de tirar as estrelas do céu, uma por uma, e sentia dentro do meu peito jorrar raios de luz, gozando o palpitar de todo o universo.

Levava comigo um único anseio, que era de um dia, quando pudesse regressar, colocar nas mãos da minha encantadora Nora, o ardor do meu primeiro e único amor, porque ela era para mim, uma quimera risonha que ofertava ao meu coração sonhos leves e juvenis, como acontece somente às flores nas manhãs primaveris.

Aquele, sim, era realmente o meu primeiro e ardente amor. Era o primeiro sulco de amor que brotava na minha existência. Um cântico de luz, de dor, de pranto, jorrando dentro da minha inocência em flor, fazendo-me ao mesmo tempo orgulhoso e tímido, assim, como a rosa de todo ano que somente desponta para a vida uma única vez.

E assim segui. E quando o navio ao se afastar do cais, soltou o seu adeus aos que ficavam, simbolizado

num apito triste e dolente, senti-me acabrunhado, e vendo-me sozinho, nasceu em mim uma saudade infinda. Reagindo para não chorar, vi que uma auréola de luz brilhava no firmamento, como a dizer-me avante!

Um dia, porém, quando voltei e tornei a ver Nora, mais linda, mais encantadora e bela, corri ao seu encontro, e depois de receber-me friamente, assim me falou:

– Se julgas que vou ser ingrata ao renunciar o teu amor, aqui te peço perdão. Aquele sonho que sonhei na minha infância, já não existe mais. Sim, fugiu como acontece às nuvens que passam no céu, e que os olhos pouco a pouco vão deixando de ver. Um outro amor mais puro, mais sublime, agora ilumina a minha alma, e eu não posso mais ficar ao teu lado, pois, resolvi ser irmã de caridade. Vou, como vês, me internar no claustro.

Apanhado de surpresa, fiquei como um louco e nada pude lhe dizer.

Depois, desolado, com a voz entrecortada, fiz ver a ela que nada tinha que lhe perdoar, porque, devido ao grande afeto que lhe dedicava, era impossível aninhar em minh'alma a menor parcela de rancor. Tendo partido e vivido longe de Nora e dos meus tanto tempo, somente por querê-la muito e desejar mesmo me unir a ela, e proporcioná-la uma vida tranqüila, e qual não fora a minha surpresa quando, friamente me abandonou. Mas, como tudo na vida tem um fim, procurei conformar-me com a minha sorte. Querendo apagar, então, os vestígios daquele amor, procurei matá-lo, tentando encontrar no segundo amor um lenitivo à minha dor, ou mais difícil um consolo. E os outros amores me deixaram perdido, sem mesmo ter tido coragem de rasgar o seu retrato ao pé de outra mulher.

Passaram-se os anos. Nunca mais pude encontrar Nora, aquela mulher que tinha sido a eleita dos meus sonhos mornos em noites indormidas.

No entanto, outro dia sem ao menos esperar – agora quando estive no Rio – indo a uma festa, qual não foi a minha surpresa ao vê-la dançando, vestida toda de branco, parecendo mais um anjo ingênuo e inocente.

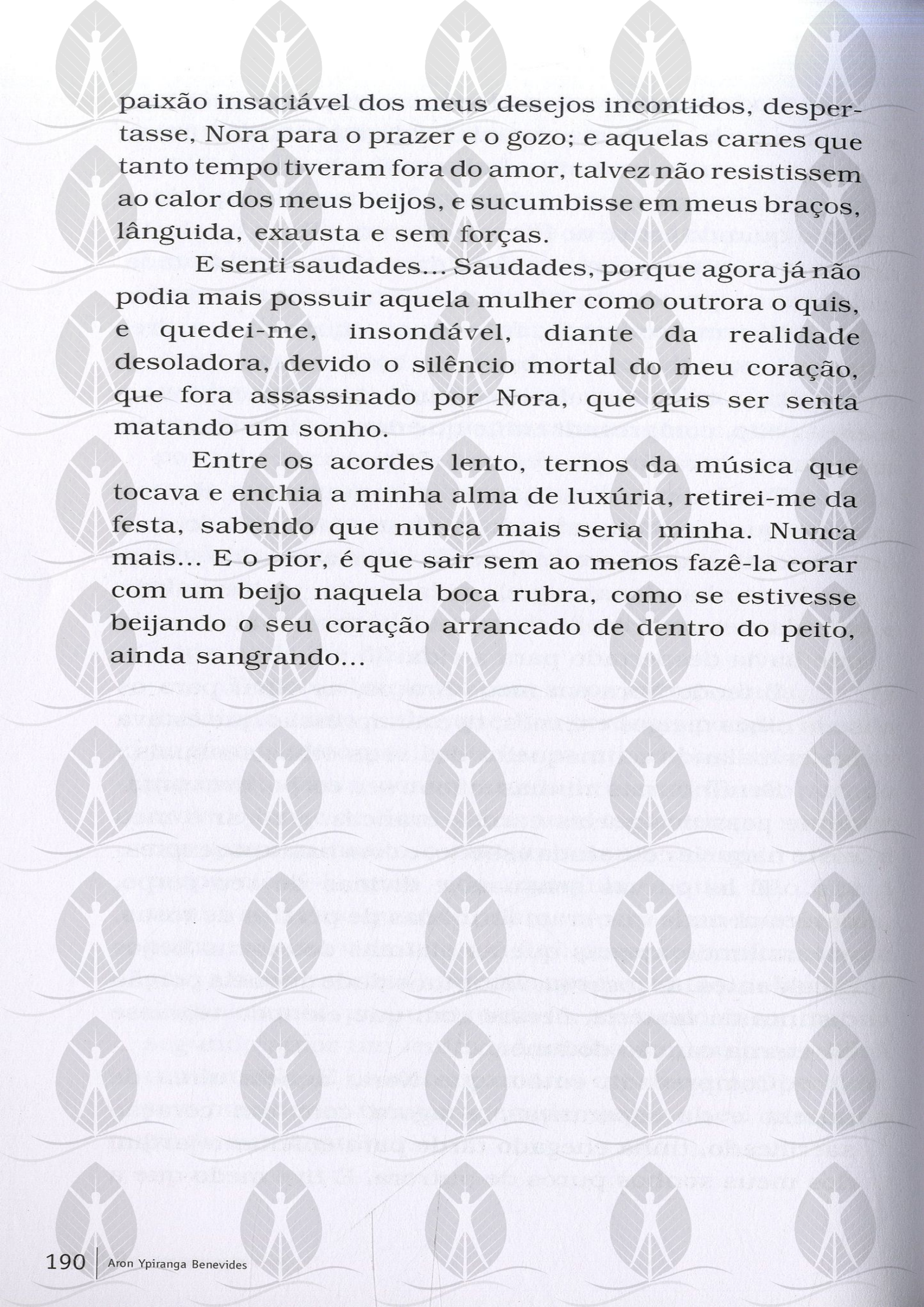
Não me contendo, fui ao seu encontro e a tirei para dançar, e quando os meus braços envolveram o seu corpo, e senti o calor dos seus seios de encontro ao meu peito, compreendi então que dentro de mim ainda havia um coração que pulsava de amor por ela.

Finalmente, começamos a conversar, e ela me disse que, não suportando a clausura, e vendo que realmente tinha necessidade de viver a vida do amor, resolvera abandonar aquela vida morta, e viver a vida que ela mesmo tinha enclausurado. Agora, estava vendo que havia despertado para a vida.

E tendo Nora em meus braços, ao olhar para os seus olhos meigos e ternos, tive a impressão que estava me embalando na maqueira dos seus olhos sensuais.

Sentindo nas minhas mãos o seu corpo, tive vontade de possuir aquelas carnes brancas, e roçar o meu rosto naquele colo ainda esbelto, e com bastante expressão... E as curvas sensuais e divinas de seu corpo, pareciam mais que eram formadas de pétalas de rosas, necessitando apenas que as chamas dos meus beijos escaldantes, ao tocar na voluptuosidade daquela porção distinta da matéria, fizesse com que ele todo vibrasse na eterna canção do amor...

Compreendi, então, que Nora, aquela alma de pureza e de esperanças, e agora com um coração sacrificado, tinha chegado tarde para enfeitar o jardim dos meus sonhos puros de outrora. E tive medo que a



paixão insaciável dos meus desejos incontidos, despertasse, Nora para o prazer e o gozo; e aquelas carnes que tanto tempo tiveram fora do amor, talvez não resistissem ao calor dos meus beijos, e sucumbisse em meus braços, lânguida, exausta e sem forças.

E senti saudades... Saudades, porque agora já não podia mais possuir aquela mulher como outrora o quis, e quedei-me, insondável, diante da realidade desoladora, devido o silêncio mortal do meu coração, que fora assassinado por Nora, que quis ser senta matando um sonho.

Entre os acordes lento, ternos da música que tocava e enchia a minha alma de luxúria, retirei-me da festa, sabendo que nunca mais seria minha. Nunca mais... E o pior, é que sair sem ao menos fazê-la corar com um beijo naquela boca rubra, como se estivesse beijando o seu coração arrancado de dentro do peito, ainda sangrando...



PAIXÃO ASSASSINA

Noite escura e silenciosa!

Lá fora, uma chuva miúda e intensa cai sem cessar.

Com os meus olhos infatigavelmente fixos através da vidraça do meu quarto, na eterna ânsia de ver aquela mulher que foi a maior paixão de minha vida, quedo-me envolto por uma nostalgia de chumbo, triste, tornando, assim, esta hora na hora miseranda de minha vida, em que todo o meu ser se arrasta como se fosse uma víbora, torturado pelo grande vácuo que sinto em não ter junto a mim, a mulher esfinge que me fez despertar ante a visão da angústia que nasceu em pensar que vou perdê-la para sempre. Fico encerrado no meu sonho que morre dentro da solidão da treva, enchendo-me de dor e de desolação!...

Vejo, então, que os meus lábios com mais intensidade sentem os seus beijos, aumentando mais ainda a agonia do meu coração apaixonado, onde acorda em berros o fantasma da minha grande paixão por aquela mulher que tão distante se encontra, fazendo com que os meus beijos procurem em vão os seus, e morram sobre a poeira do pó dos meus desejos, como se estivesse deixando aqui, nesta crônica, as cinzas de uma paixão que está pulverizando a minha vida.

Agora, meu coração que se alimenta unicamente da miséria desta paixão que me assassina sem piedade,

procuro como um alucinado alimentá-la mais ainda, porque outra coisa não faz o calvário da minha razão, mesmo sabendo ser impossível conseguir retê-la ao meu lado.

Esta paixão que me esmaga o organismo, fibra por fibra, e que me enevoa o cérebro, condensando-o, nasceu daquele amor que não teve o preâmbulo dos olhares, brotando no entanto de um beijo que lhe dei nas mãos.

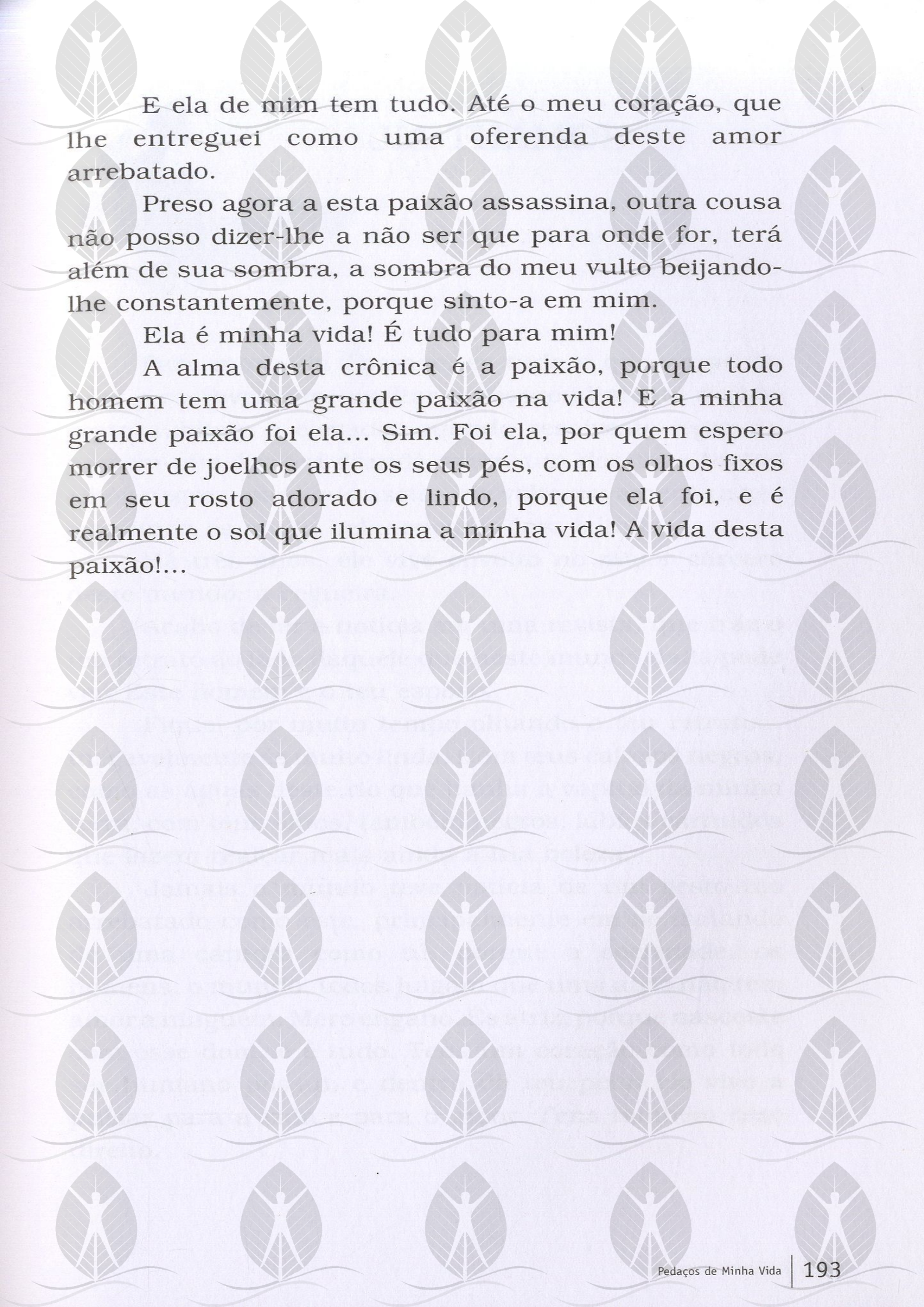
Perdido na imensidade desta paixão, sinto que dia após dia, vou caindo cada vez mais para baixo, procurando atingir o fogo voraz e ardente deste desvario, até que ela me absorva totalmente, e me queime envolto nas suas chamas, apagando-me completamente nesse incêndio, morrendo de uma vez por amor do meu amor, o berço abençoado que foi desta paixão.

Sinto, ainda, em minhas mãos o calor dos seus seios, e na minha boca o estalo dos beijos perdidos e prolongados.

Nesta hora negra, me comparo a um condenado à morte que busca a liberdade, sem poder, no entanto, conseguir, porque a mulher que eu amo está longe, muito longe, e não me escuta...

Amarrado e preso na coluna desta paixão, nada mais posso fazer, a não ser querê-la mais ainda, bendizendo aos céus a dor dessa loucura miserável, onde vive e mora enclausurada a minha alma, porque no amor a gente vive cantando com lágrimas nos olhos, e se morre com um sorriso nos lábios bendizendo a morte...

Nada tenho desta mulher. Um retrato, uma flor murcha inodora, um lenço. Nada. Somente uma carta... Sim, uma carta fria e sem vida é o que possuo.



E ela de mim tem tudo. Até o meu coração, que lhe entreguei como uma oferenda deste amor arrebatado.

Preso agora a esta paixão assassina, outra coisa não posso dizer-lhe a não ser que para onde for, terá além de sua sombra, a sombra do meu vulto beijando-lhe constantemente, porque sinto-a em mim.

Ela é minha vida! É tudo para mim!

A alma desta crônica é a paixão, porque todo homem tem uma grande paixão na vida! E a minha grande paixão foi ela... Sim. Foi ela, por quem espero morrer de joelhos ante os seus pés, com os olhos fixos em seu rosto adorado e lindo, porque ela foi, e é realmente o sol que ilumina a minha vida! A vida desta paixão!...



JIA THAMOE

Para mim, Jia Thamoe, és tudo o que eu posso falar e escrever para exaltar o desprendimento do teu gesto sublime e elevado, quando resolveste legar ao homem que é o teu grande amor, um dos teus lindos olhos negros, para que assim, ele volte novamente a ver que ainda és muito bela, encantadora e linda.

Há três anos, ele vive envolto no maior cárcere deste mundo: a cegueira.

Acabo de ler a notícia em uma revista, que traz o teu retrato ao lado daquele que neste mundo nada pode ver. Este homem é o teu esposo.

Fiquei por muito tempo olhando o teu retrato... Inegavelmente és muito linda. Com teus cabelos negros, como as águas deste rio que banha a capital da minha terra, com teus olhos, também negros, lábios carnudos que fazem realçar mais ainda a tua beleza.

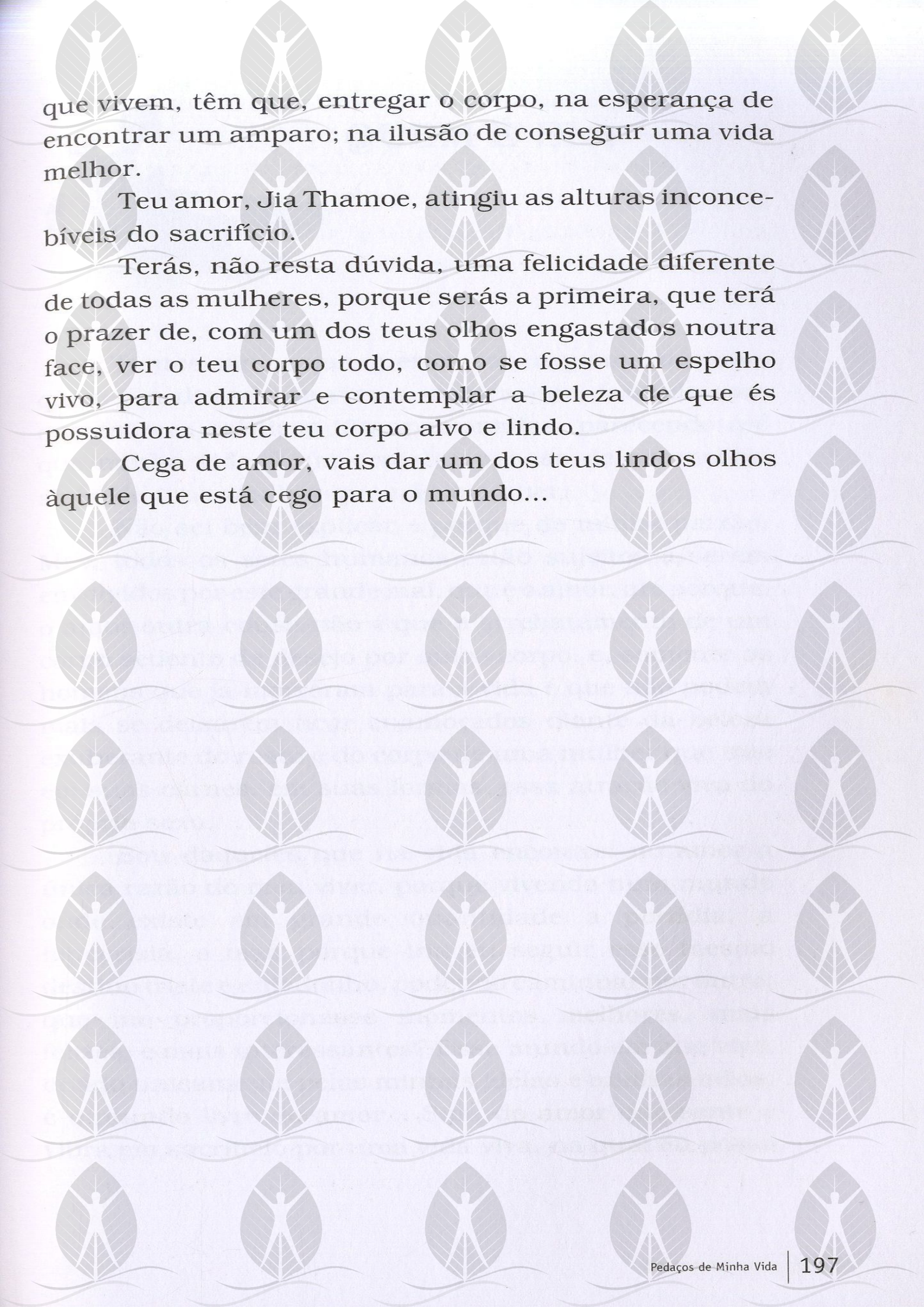
Jamais o mundo teve notícia de um gesto tão arrebatado como este, principalmente em se tratando de uma cantora como tu, porque a sociedade, os homens, o mundo, todos julgam que uma atriz não tem amor a ninguém. Mero engano. És atriz, porque nasceste com esse dom, e é tudo. Tens um coração como todo ser humano possui; e dentro do teu peito ele vive a pulsar para a vida e para o amor. Tens também esse direito.

E aqui estou, escrevendo para enaltecer o teu gesto, porque não podia deixar de assim proceder, eu, que tanto amo, que vivo voltado unicamente para o altar sacrossanto e puro do amor onde banho a minha alma e o meu coração, purificando-me contrito e genuflexo, diante do pedestal do corpo de uma mulher; e nele recebo as suas benesses de purificação, quando os meus lábios buscam no seu corpo o néctar sublime para purificar minha vida, e todo o meu ser, porque somente os que amam, sabem o valor que tem o amor.

E não é só, Jia Thamoe. Não. Tu és mulher, e como mulher que ama um homem que perdeu os olhos; que está cego para a vida, queres com todo o direito, que ele volte a ver, para que possas sair desta angústia que te define e que te tortura, porque quem ama um cego tem a impressão de que está amando alguém que vive longe. Alguém que, apesar de viver, não é mais que uma sombra errante a arrastar-se na vida em busca de claridade.

Na vida nada, mais sou do que um homem que além de amar muito, vê em todas as mulheres o seu lado puro. Porque, aqui afirmo sem medo de ser contestado, que todas as mulheres nasceram virgens. As que estão atiradas na rua da amargura, não nasceram assim. Prostituíram-se depois.

Somente a plutocracia preponderante é que não pode ver e admirar os grandes gestos, porque vive cega pelo dinheiro que amealha com o sacrifício e as lágrimas daqueles que não tiveram a felicidade de o possuir, criando as castas, que outra coisa não fazem senão escravizar os homens no trabalho, com salários que mal dão para a sua subsistência, e corrompem as mulheres filhas desses mesmos homens, que são atraídas para os prazeres perversos e assassinos. Dada a miséria em



que vivem, têm que, entregar o corpo, na esperança de encontrar um amparo; na ilusão de conseguir uma vida melhor.

Teu amor, Jia Thamoe, atingiu as alturas inconcebíveis do sacrifício.

Terás, não resta dúvida, uma felicidade diferente de todas as mulheres, porque serás a primeira, que terá o prazer de, com um dos teus olhos engastados noutra face, ver o teu corpo todo, como se fosse um espelho vivo, para admirar e contemplar a beleza de que és possuidora neste teu corpo alvo e lindo.

Cega de amor, vais dar um dos teus lindos olhos àquele que está cego para o mundo...



QUEM É ELA

Tantos são os que querem saber quem é a musa; quem é a deusa que vive a inspirar-me, fazendo com que escreva crônicas tão apaixonadas, parecendo até que minha vida é um arrostar penoso de provações, atrás de uma mulher que não me quer.

Não sei bem explicar o porque de minha paixão. Mas, todos os seres humanos estão sujeitos a serem envolvidos por este grande mal, que é o amor, até porque, o amor outra coisa não é que o arrebatamento de um corpo sedento de desejo por outro corpo, e, somente os homens que já morreram para a vida é que não podem mais se deixarem ficar enamorados diante da beleza exuberante do rosto e do corpo de uma mulher que traz em suas carnes, em suas formas, essa atração viva do próprio sexo.

Sou daqueles que na vida encontrei no amor a única razão do meu viver, porque vivendo num mundo onde existe em grande quantidade a perfídia, a hipocrisia, o mal, porque iria eu seguir esse mesmo destino triste e enfadonho, podendo caminhar por outro, que me proporcionasse momentos melhores, mais felizes, e mais interessantes? Esse mundo em que vivo, criado unicamente pelas minhas idéias e minhas mãos, é o mundo livre do amor... Sim, do amor que sente e vibra em sacrifício por uma vida viva, na qual eu possa

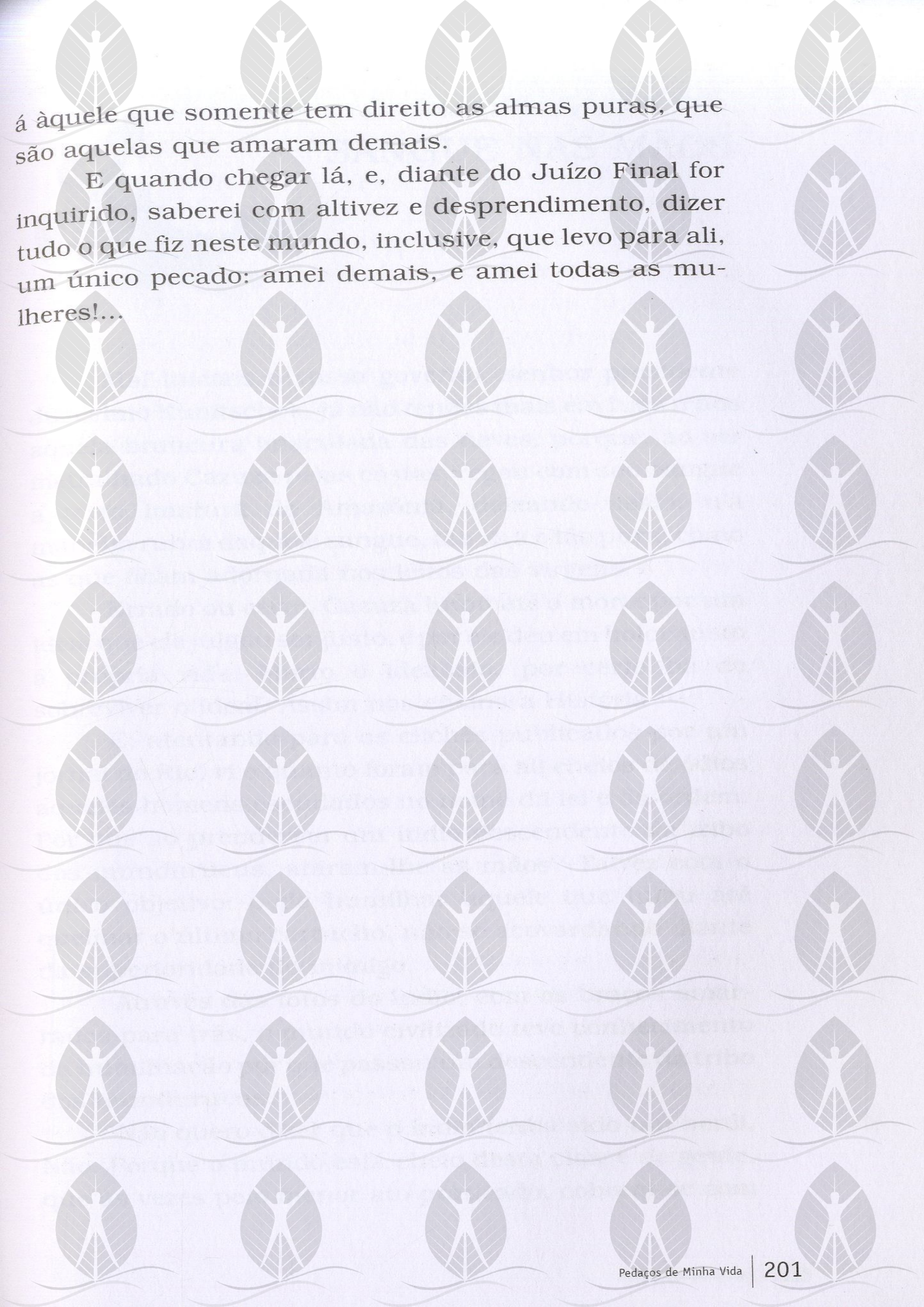
um dia sentir, nas carnes da mulher amada, o prazer e as delícias do gozo e da volúpia ardente.

Muitos talvez acreditem que seja esse o único meio que achei para dar vazão a um amor que vive recalcado dentro de mim, e que assim encontrei saída, embora temporária para desabafar aquilo que não pude fazer de outra maneira.

Enganam-se os que assim pensam. Minhas crônicas são retratos vivos de seres humanos envolvidos pelas teias benditas do amor, e que não encontraram meios para delas sair. Outros, no entanto, apesar de saberem o remédio pelo qual se livrariam dessas teias, não o fazem; mesmo porque poucos são os que, quando encontram o amor, têm forças suficientes para dele fugir.

Outros existem, que tudo fazem para ficar enroscados nesse dilúvio de sensações diabólicas, onde se ouvem sons de violinos macabros, de saltérios a trazer-nos ao ouvido músicas que se tornam indelévels, embalando-nos para mundos inconcebíveis, deixando ao mesmo tempo em que se tenha a impressão de que tudo parou naquele instante de amor.

No entanto, aqui estou para dizer que se alguém vive a inspirar-me, é porque trouxe do berço esse dom, e de ter conseguido adquirir um panteísmo sadio em virtude de haver vivido em grande parte da minha existência em diversas camadas sociais, aprimorando a minha alma no sofrimento e na angústia, conseguindo depois de muitos anos de luta e de renúncia, em que caminhei solitário na estrada da dor, atingir o altar sacrossanto e aureolado do amor. Aí, então, contrito e com os olhos fixos no Céu esperarei até o dia em que daqui partir para as regiões imperiais da morte, e ser conduzido a um outro Céu. Por certo Deus enviar-me-



á àquele que somente tem direito as almas puras, que são aquelas que amaram demais.

E quando chegar lá, e, diante do Juízo Final for inquirido, saberei com altivez e despreendimento, dizer tudo o que fiz neste mundo, inclusive, que levo para ali, um único pecado: amei demais, e amei todas as mulheres!...



SANGUE NAS MÃOS

Mal iniciais o vosso governo, senhor presidente Juscelino Kubitschek, já não tendes mais em tuas mãos aquela brancura imaculada das neves, porque, ao ser metralhado Cazuzza pelas costas, regou com seu sangue a terra imatura da Amazônia, deixando assim u'a mancha rubra daquele sangue, tão viva e tão pura, como as que ficam adornada nos leitos das virgens.

Errado ou certo, Cazuzza lutou até a morte por um ideal que ele julgou ser justo, e por ele deu em holocausto a própria vida. Morto o idealista, por certo há de sobreviver o ideal. Assim nos ensina a História.

E, atentando para os clichês publicados por um jornal do Rio, vi o quanto foram para ali cheios de ódios aqueles homens escudados no nome da lei e da ordem. Por que ao prenderem um índio descendente da tribo dos mundurucus, ataram-lhe as mãos? Talvez com o único objetivo: o de humilhar aquele que lutou até queimar o último cartucho, não se acovardando diante da superioridade do inimigo.

Através das fotos do índio, com os braços amarrados para trás, o mundo civilizado teve conhecimento da humilhação por que passou um descendente da tribo dos mundurucus.

Não quero dizer que o índio tenha sido um herói. Não. Porque o mundo está cheio desta classe de gente, que às vezes pelo menor ato praticado, cobrem-se com

o nome de herói. Ele foi apenas um homem, que não trazia consigo o estigma da traição, da perfídia e da felônia.

O que se está vendo e assistindo no Brasil, é que não temos atualmente um líder nacional capaz de aglutinar e de impor à nação brasileira esta confiança tão necessária ao homem público, que faz com que correligionários e adversários lhes devam respeito, e acreditem que conduza a pátria para a paz e para o progresso tão cobiçado por todos os que nela vivem.

Políticos temos muitos. Porém, estadistas, se existem, não conhecemos um com capacidade para pacificar atualmente o País. Essa é que é a verdade.

Um homem que, de arma em punho, luta por um ideal, Senhor Presidente, não merece ficar com as mãos amarradas, até porque, ideal não se amarra, e nem tão pouco se extingue com ameaças e com violências e humilhações.

E o pior, Senhor Presidente, é que cegos de ódio, desse ódio que nada constrói, desceram mais ainda quando, de metralhadoras em punho, obrigaram os companheiros de Cazuza a cavarem a sepultura para nela jogar os restos mortais daquele que tombara metralhado pelas costas, julgando, talvez, que esse gesto lhes elevariam perante o conceito da nação, porém, nada mais fizeram do que repetir aquilo que os alemães praticaram nos campos de concentração, que fez com que o mundo inteiro se levantasse em armas contra aquela horda de beduínos da bestialidade, com um único desejo de que fosse banido da face da terra esses crimes hediondos contra prisioneiros indefesos.

E agora, para surpresa do povo brasileiro, vemos ser reproduzido dentro deste país, que também tomou parte e lutou contra essas misérias.

Com esses atos praticados pelos homens que foram manter o princípio da ordem e da lei, somente lucrou Veloso, Lameirão, Paulo Vitor, que assim deixaram de ser revoltosos, para serem vítimas daqueles que lhes foram caçar vivos ou mortos.

Um prisioneiro, Senhor Presidente, prende-se, encarcera-se, fuzila-se, extinguisse, porém, não se humilha. Porque a essa altura são homens indefesos a quem as suas vidas estão entregues aos seus algozes, e somente aos espíritos inferiores é facultado este prazer de torturar aqueles que, desamparados, lhes caem nas mãos. Nenhum homem superior deixa-se arrastar por estes caminhos miseráveis, que é de humilhar o seu semelhante.

Cazuza foi um homem que, sabendo da causa porque lutava, teve essa coragem que falta para muitos, porque quando se julgou vencido, não se acovardou e foi fiel ao seu chefe e ao seu ideal, tombando varado por tiros de metralhadora, sendo esta a maior vitória dessa revolução.

Morreu Cazuza nos braços de um homem de jornal, que assistiu assim, à epopéia humilhante praticada por aqueles que na luta não souberam ser vencedores.

E aquele poço de sangue em que ficou o corpo de Cazuza, por certo levantar-se-ão as vozes de protesto pelas humilhações que passaram os seus companheiros de ideal e de luta, como também dali daquele leito de morte e de dor, surgirá o grito de liberdade que, somente os homens dignos dela, têm o direito de possuí-la e de falar em seu nome.

– Avé Liberdade! Avé Cazuza!



PARA UMA SOFREDORA

Somente hoje respondo a sua carta, que veio assinada “uma sofredora”.

Depois de contar-me a sua vida, cheia de sofrimentos e de incompreensões, me pede que fale alguma coisa que possa servir de alívio para a dor que tanto lhe faz sofrer, escondida dentro de um sonho que morreu antes de nascer.

Minha sofredora amiga, em sua carta me conta que, quando tinha quatorze anos, teve uma paixão por um homem, que, após possuir aquilo que guardavas com muito pudor, confessou que era casado, para, finalmente, abandoná-la.

Continuando, vem a parte mais triste e dramática de sua vida. Diz-me a senhora que, apesar de não acreditar mais nos homens, encontrou certo dia um alguém que depois de assediá-la muito, resolveu manter relações cordiais, para terminar apaixonando-se por ele, devido o seu coração ávido de carinhos, ter encontrado guarida, uma vez que estava cansada de viver sozinha.

E um dia, quando compreendeu que esse homem nutria pela senhora um grande afeto, e vendo que era sua intenção fazê-la sua esposa, acovardada entre lágrimas, teve que contar para ele que tinha sido vítima de um outro que depois de possuí-la, a havia abandonado, notando que com essa revelação, em parte ele tinha se transformado.

Finalmente, certo dia alegara que sua família não concordava com aquela união, em virtude de querer para ele uma mulher sem manchas no passado.

Por este motivo, teve que se afastar dele, porém, carregando dentro do seu ventre o fruto de um amor proibido pela sociedade; desta sociedade que nada vai fazer pela senhora, que lhe dá tanta atenção aos preconceitos emitidos por essa megera, que somente olha o ser humano, quando ele sobe, para beijar-lhe o bico do sapato, ou para atirar-lhe as pedras do desprezo e do opróbrio quando cai.

Agora, desiludida e abandonada por aquele que será pai de um ser que carrega dentro de suas entranhas, quer fugir para que ele nunca saiba que tem um filho.

O seu único erro, foi amar as escondidas, porque toda mulher que assim procede, começa a cair sem aperceber-se, recebendo o nome de mulher perdida.

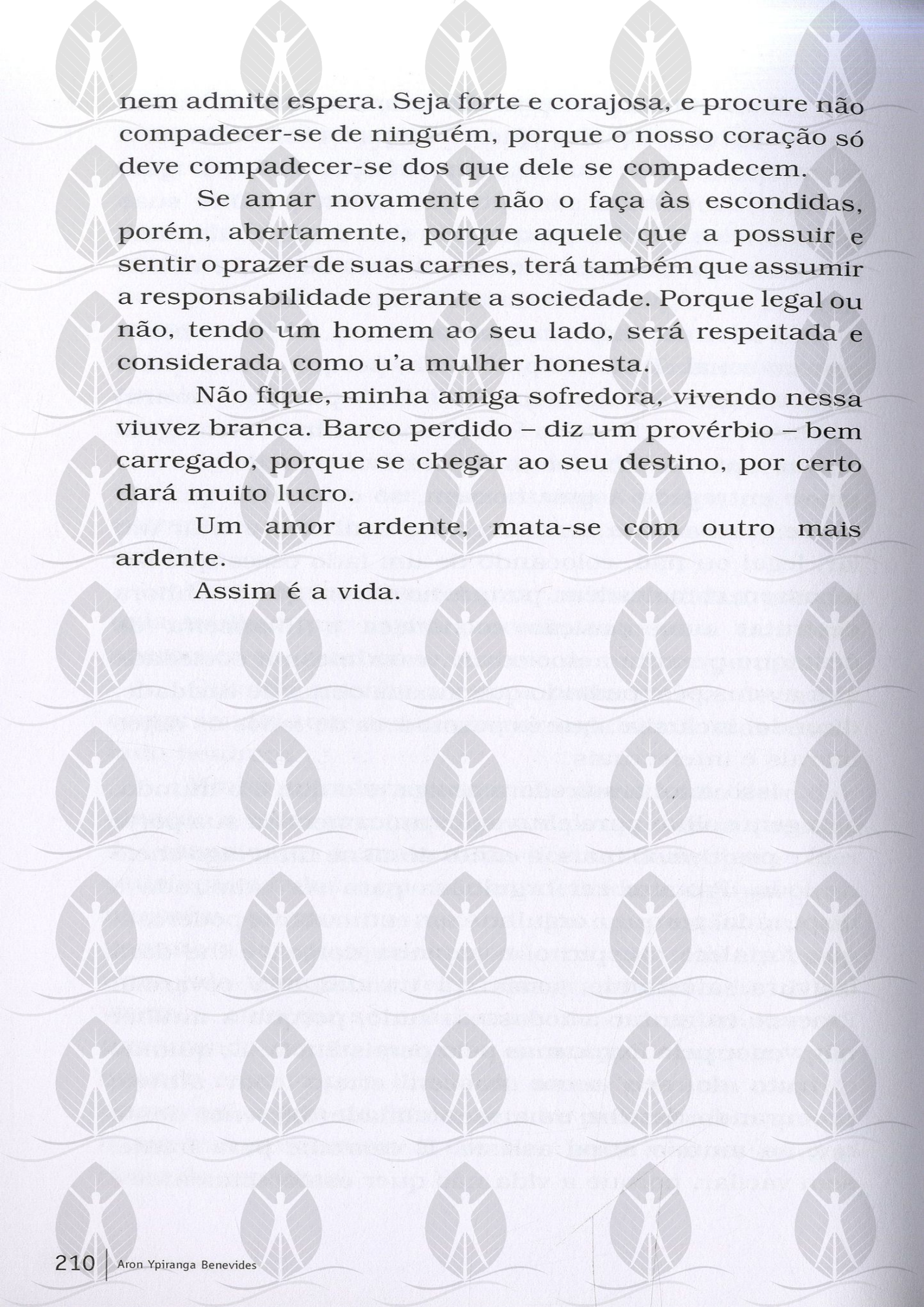
Quando a senhora caiu a primeira vez, devia ter compreendido que amores às escondidas não traz resultado nenhum.

Minha sofredora amiga, não devia e não deve dar atenção a esses preconceitos, até porque, essa questão de casamento é mais uma formalidade para dar satisfação a todos, e que não traz felicidade alguma para ninguém, porque na maioria dos que estão unidos perante a lei, pouquíssimos são os que têm em casa uma vida tranqüila e feliz. Um grande número deles vivem a entregar-se aos braços de outras mulheres, procurando aquilo que não encontram naquela, que quando envolto pela ilusão do amor, era uma manhã primaveril, cheia de flores, sem se preocuparem que a haste que sustentava a flor dos seus amores estava cheia de espinhos.

Para mim, não vejo diferença nenhuma nessa união, porque aqueles que se casam e são felizes, e fazem do lar o seu mundo, tem a bênção de Deus, igual aos que se uniram somente por amor, perante suas consciências. O homem que não tem coragem de unir-se ao ser que ama e enfrentar a sociedade, formando um lar, não é digno do amor de uma mulher.

Tudo na vida, minha senhora, é puramente convencional. Tudo. Não se iluda, porque esta é que é a verdade. Amor, moral, ódio, paixão, honra, honestidade, tudo enfim foi criado por um homem igual ao que a atirou ao abismo. O que devia ter feito, era não ter-se entregado a esse homem, só o fazendo quando ele se resolvesse a se unir com a senhora, e criar um lar, legal ou não, colocando de um lado esses que lhe olhassem com desdém, porque no dia em que a senhora desfrutar uma posição econômica e financeira de destaque perante a sociedade, essa mesma sociedade virá a seus pés, pedindo que auxilie obras de caridade, dizendo, inclusive, que és possuidora de todos os dotes morais e intelectuais.

Isso minha sofredora amiga, é o que é o mundo, se a gente olhar para ele, vendo unicamente a sua parte real e positiva. O mais, é canto de cisne num lago cheio de lodo. Procure ser orgulhosa para ser admirada e disputada, porque o orgulho é um estimulante poderoso, que fortalece o espírito, a espinha dorsal, e lhe dará bravura, afastando, assim, a timidez e a covardia. Procure enfrentar a todos e a tudo, porque a mulher não vence pela força, mas pela persistência. E, quando o fruto do seu amor nascer, crie-o com altivez, procurando dar-lhe uma mentalidade diferente dessa que ao mundo atual assiste. E caminhe para frente, sem vacilar, porque a vida não quer esmorecimentos e



nem admite espera. Seja forte e corajosa, e procure não compadecer-se de ninguém, porque o nosso coração só deve compadecer-se dos que dele se compadecem.

Se amar novamente não o faça às escondidas, porém, abertamente, porque aquele que a possuir e sentir o prazer de suas carnes, terá também que assumir a responsabilidade perante a sociedade. Porque legal ou não, tendo um homem ao seu lado, será respeitada e considerada como u'a mulher honesta.

Não fique, minha amiga sofredora, vivendo nessa viuvez branca. Barco perdido – diz um provérbio – bem carregado, porque se chegar ao seu destino, por certo dará muito lucro.

Um amor ardente, mata-se com outro mais ardente.

Assim é a vida.



NÁUFRAGO DO DESTINO

Subindo as águas do rio Amazonas, ia um desses navios “gaiolas”, conduzindo entre vários passageiros, um homem que durante a viagem pouco conversava, procurando estar sempre isolado, taciturno, como autêntico solitário que tivesse sentindo que algo lhe iria acontecer.

Certa noite escura, sem estrelas, em que do céu ameaçava desabar um forte temporal, enquanto todos dormiam, aquele homem andava no passadiço de um lado para o outro, até que em certo momento, parou, encostando-se no portaló.

Eis que de repente o portaló abre-se, desequilibrando-se, cai dentro d’água, sem que ninguém a bordo o visse. Entre a vida e a morte lutou horas e horas, e, depois de muito esforço, chega à beira do barranco, cansado e exausto, joga-se em cima da canarana, e queda-se desfalecido.

Cedo, muito cedo ainda, quando mal raiava a madrugada ensangüentando o céu com os raios do sol, vai à beira uma cabocla que tinha a sua choupana ali bem perto, e que fazia um mês apenas que sua mãe havia morrido – único ser vivo que a acompanhava naquela solidão. De sua gente, somente restava ela, que ali vivia sozinha, distante de tudo, pois o povoado mais próximo ficava a mais de um dia de viagem, a remo.

Ali fora banhar-se aquela cabocla, quando surpreendeu deitado, dormindo, aquele homem que na noite anterior tinha caído n'água. Depois de ficar olhando por muito tempo, viu que as suas roupas estavam molhadas e tremia muito. Compadecendo-se e aproximando-se dele, passou-lhe a mão de leve no rosto para depois, sacudindo-lhe a cabeça, fazer com que despertasse.

Ao abrir os olhos lentamente, como se estivesse saindo de um sonho, viu diante dos seus olhos, o rosto pálido da cabocla, porém, de uma beleza natural. Sentou-se e enquanto explicava como fora parar ali, tentou levantar-se, mas, devido ao esforço despendido para salvar-se não conseguiu, tendo então a cabocla; com seus roliços e grossos braços ajudado a se por em pé, levando-o para dentro de sua choupana, dando-lhe, em seguida, para mudar, uma calça que ainda havia ali de um dos seus. Depois deitou-o na rede. E como estivesse armada baixinha, ela sentou-se-lhe ao lado, e ficou ouvindo contar como se deu o acidente.

E os dias se passaram... Pensou em sair dali e ir para o povoado mais próximo, para apanhar uma embarcação, e chegar ao seu destino, porém, a única condução que existia era uma canoa que pertencia a Jandyra, a cabocla que lhe havia hospedado com tanta dedicação e carinho. Se fosse sozinho, ela ficaria sem o seu único meio de condução. Pedir que fosse com ele para depois voltar; achava que isso não ficava bem, porque além de viver isolada, já lhe devia muito, pelo que fizera por ele. Resolveu então ficar, já que o destino assim quis.

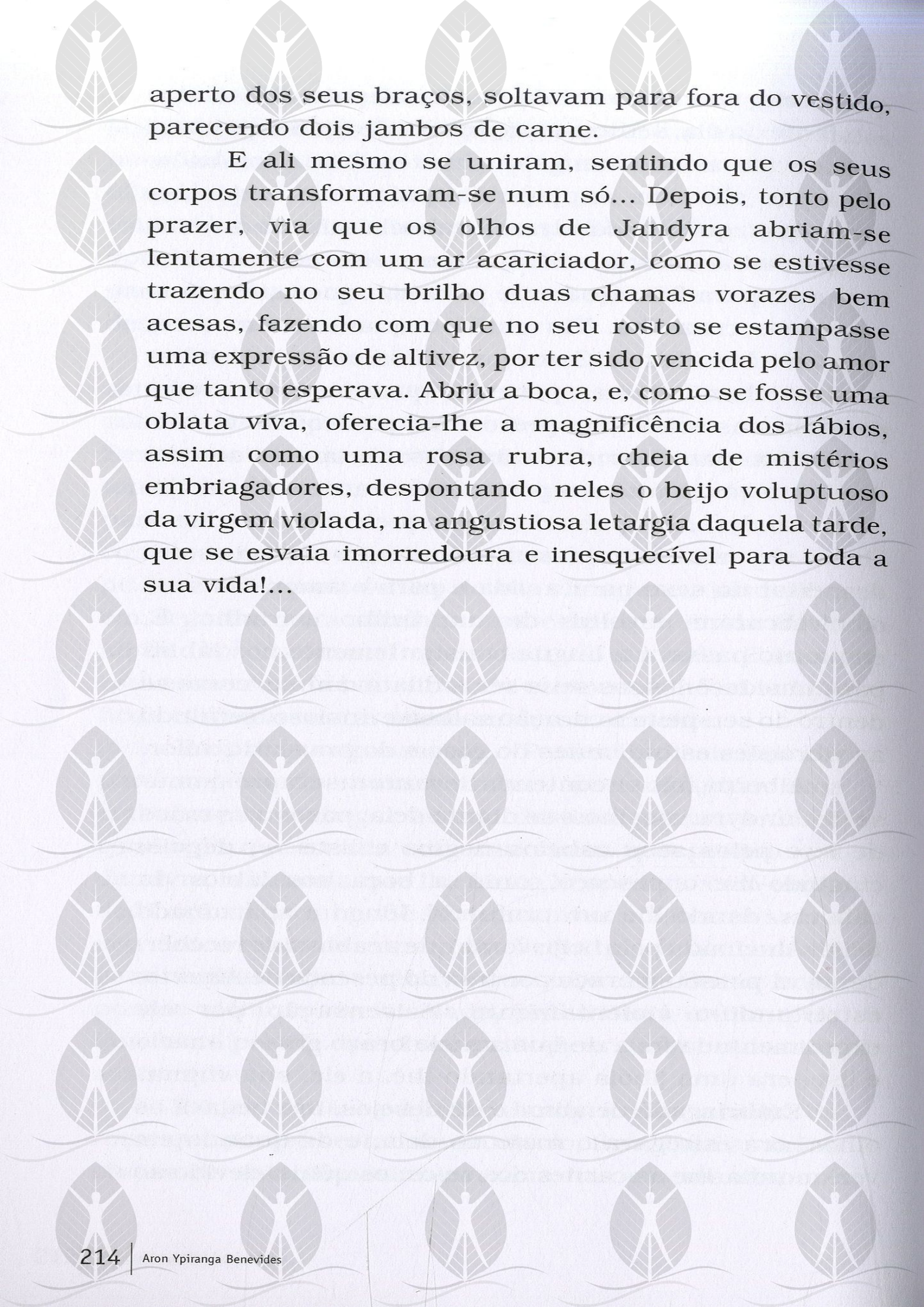
Passou então a ajudar Jandyra no trabalho da roça, que por não estar acostumado, ficou com as mãos cheias de calo. E assim viveram dias e semanas, até

que certa vez, ao cair da tarde, depois do serviço estafante do dia, sentou-se no tronco de uma sapopema que, devido as constantes enchentes, havia tombado. Ali ficou olhando as jaçanãs pular no meio das canaranas, quando Jandyra, a cabocla que era a única companheira da sua solidão, sentou-se ao seu lado. Virou-se, para ficar de frente para ela, que estava com as pernas cruzadas. Viu então o quanto eram estas grossas e bem-feitas. Começou, então, a esquadrinhar com os olhos todas as partes daquele corpo moreno, parando nos seios que, presos dentro daquele vestido de chitão, pareciam duas ânforas cheias de amor e doçura, a convidá-la aos prazeres da carne e do desejo.

Jandyra, compreendeu que aqueles olhos estavam cheios de suas formas, sentindo dentro do seu ser o despertar do sexo para a vida e para o amor. Os seus olhos ficaram envoltos de um brilho estranho. E, enquanto passava a língua constantemente nos lábios para umedecê-los, os seus seios dilatavam-se, como se dentro do seu peito o coração saltasse ansioso, sentindo as vibrações estonteantes do gozo e do prazer do amor.

Alberto, não se contendo, levantou-se, aproximou-se de Jandyra, ajoelhou-se diante dela, passou as mãos de leve pelos seus cabelos negros e lisos, e, depois, cingindo-lhe o pescoço, uniu a boca aos lábios da cabocla, dando-lhe um profundo, longo e apaixonado beijo. Alucinada pelo beijo voraz que acabava de receber, Jandyra passou o braço por traz do pescoço de Alberto, estreitando-o violentamente. A sensação por ele experimentada foi a de que aquele braço grosso, macio e liso, era uma jibóia apertando-lhe, a ele, sua vítima.

Embriagado de amor e de desejos, ora beijava os olhos, ora esfregava o rosto no dela, e de quando em vez, mordida-lhe as carnes dos seios, os quais, devido ao



aperto dos seus braços, soltavam para fora do vestido, parecendo dois jambos de carne.

E ali mesmo se uniram, sentindo que os seus corpos transformavam-se num só... Depois, tonto pelo prazer, via que os olhos de Jandyra abriam-se lentamente com um ar acariciador, como se estivesse trazendo no seu brilho duas chamas vorazes bem acesas, fazendo com que no seu rosto se estampasse uma expressão de altivez, por ter sido vencida pelo amor que tanto esperava. Abriu a boca, e, como se fosse uma oblata viva, oferecia-lhe a magnificência dos lábios, assim como uma rosa rubra, cheia de mistérios embriagadores, despontando neles o beijo voluptuoso da virgem violada, na angustiosa letargia daquela tarde, que se esvaía imorredoura e inesquecível para toda a sua vida!...



AINDA HOJE

Faz muito tempo, mas ainda me lembro que foi numa noite chuvosa que conheci aquela cabocla morena, de rosto redondo, olhos de amêndoas, cabelos lisos, lábios grossos, um corpo bem carnudinho, uns braços lindos, e com umas pernas abundantes e bem-feitas.

Somente o seu nome perde-se neste momento, no meio confuso do pensamento, onde outros nomes de mulheres vivem a bailar.

Depois daquele encontro, passamos a nos ver todas as noites, e, aquele romance, pouco a pouco, foi se condensando num amor profundo, e louco de desejo fui impulsionado pelo desvairo de uma paixão desenfreada, até chegarmos ao extremo exuberante de vida e de sensualismo.

E o meu coração passou então a se alimentar da grandeza daquele amor.

Começamos, assim, a viver a vida daquele amor proibido, indiferente a tudo e a todos, entregando-nos de corpo e alma para aquele amor irrefletido, arrebatado, de uma violência sem limites, assim como tem acontecido com todos os amores que possuí na minha vida.

E por aquele amor passei a sentir-me ligado de corpo e alma, como se fosse minha própria vida... E com ele, e por ele vivia.

Nada mais me preocupava, a não ser aquela paixão que me conduzia para as regiões imperiais do desejo e da volúpia, porque outra coisa não queria, senão viver dentro daquela paixão avassaladora, que para muitos era criminosa, e por pertencer-me e ser minha, é que eu sentia que estava removendo o lodo dos meus desejos, fazendo resplandecer a vida dos meus sonhos, por revelar-me à única verdade que encontrei na vida, que é a vida do sexo.

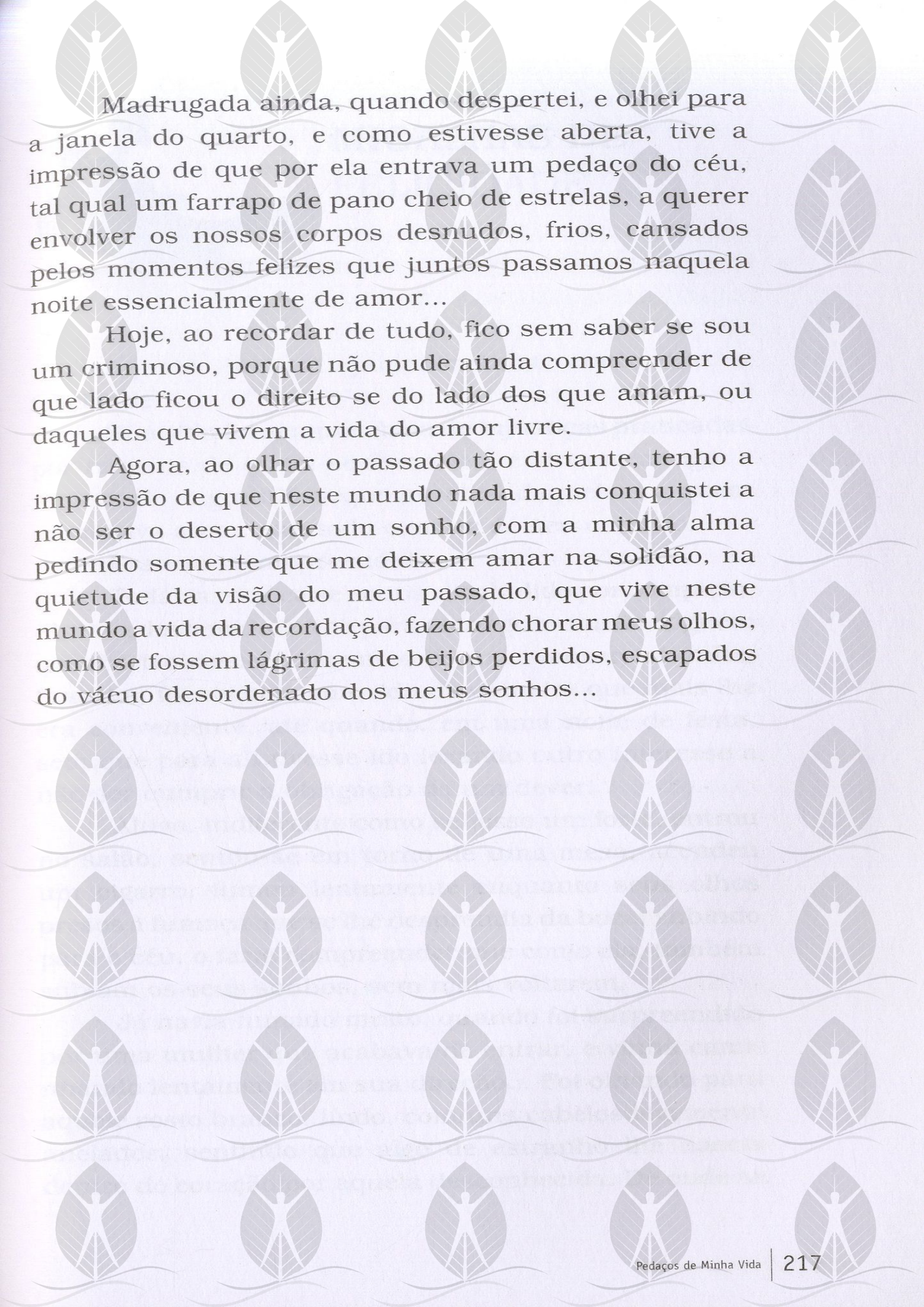
E um dia tive vontade de possuir aquela mulher cheia de vida, de amor, sobre um leito de heliotrópio, de onde exalasse o resquício de cheiros de incenso e de mirra, abençoando a união de dois corpos unidos pela eterna consagração da vida e da espécie...

Passei a viver assim na ilusão daquele amor, não querendo compreender que um dia poderia fugir de mim, carregando com ele a hóstia dos meus sonhos, porque jamais quis viver na realidade, por saber que ela espezinha e mata aquele que ama.

Ainda hoje me lembro daquela cabocla que muito me amou, com um amor violento, e cheio de tanta inocência! Quando me entregava à sua boca rubra para os meus beijos, o fazia de tal forma que os meus beijos se confundiam com os seus, na eterna ânsia de sugar-me o alento, como se estivesse me convidando para um dia unir os nossos corpos. E, entrelaçados, sentir as cordas do desejo vibrar num único arpejo, sintonizando as nossas vidas, para depois os nossos corpos vencidos pelo fastio, se quedarem lânguidos e completamente exaustos.

E um dia, não como os outros, chegou finalmente o momento tão esperado por nós...

E nos unimos, esquecendo tudo, até o próprio dever.



Madrugada ainda, quando despertei, e olhei para a janela do quarto, e como estivesse aberta, tive a impressão de que por ela entrava um pedaço do céu, tal qual um farrapo de pano cheio de estrelas, a querer envolver os nossos corpos desnudos, frios, cansados pelos momentos felizes que juntos passamos naquela noite essencialmente de amor...

Hoje, ao recordar de tudo, fico sem saber se sou um criminoso, porque não pude ainda compreender de que lado ficou o direito se do lado dos que amam, ou daqueles que vivem a vida do amor livre.

Agora, ao olhar o passado tão distante, tenho a impressão de que neste mundo nada mais conquisei a não ser o deserto de um sonho, com a minha alma pedindo somente que me deixem amar na solidão, na quietude da visão do meu passado, que vive neste mundo a vida da recordação, fazendo chorar meus olhos, como se fossem lágrimas de beijos perdidos, escapados do vácuo desordenado dos meus sonhos...



MIGALHAS DE FELICIDADE

Aquele homem jamais tinha conhecido a felicidade.

Sua vida foi sempre cheia de injustiças praticadas por homens de quem se fizera leal e sincero amigo; e repleta de ingratidões que recebia daquelas a quem procurava amar com todo o ardor do seu coração.

Era um incompreendido.

Todavia, nunca se sentiu desiludido por completo, e lutava destemidamente para conseguir um dia, alguém que lhe trouxesse momentos de uma ventura risonha. E assim, foi vivendo sua vida da maneira que mais lhe era conveniente, até quando, em uma noite de festa, sem que para ali tivesse ido levando outro interesse a não ser cumprir a obrigação de um dever.

Altivo, indiferente como se fosse um forte, entrou no salão, sentou-se em torno de uma mesa, acendeu um cigarro, fumou lentamente enquanto seus olhos presos à fumaça que se lhe desprendia da boca, subindo para o céu, o fazia compreender que como ela, também subiam os seus sonhos, sem mais voltarem.

Já havia fumado muito, quando foi surpreendido por uma mulher que acabava de entrar, e vinha caminhando lentamente em sua direção... Foi olhando para aquele rosto branco, lindo, com uns cabelos levemente anelados, sentindo que algo de estranho lhe nascia dentro do coração por aquela desconhecida. De onde se

encontrava começou a admirá-la, sem poder compreender que ela era realmente a eleita pelos seus sonhos.

A orquestra tocou a primeira música, repetiu, e depois tocou mais outra. Ele não se contendo, levantou-se, foi até onde ela estava e convidou-a para dançar. Ao ver aquele homem em sua frente, mal lhe olhou o rosto, ergueu-se, deu-lhe a mão, e saíram dançando. Assim que ele sentiu em seus braços aquele corpo escultural, começou a impressionar-se. Percebeu que seu peito ao comprimir aquele colo proeminente, dilatava-se, provocado pela sua respiração longa e profunda. Pôde ter a certeza, então, de que tinha encontrado finalmente o caminho para a felicidade que há muito tempo procurava.

Depois, começaram a conversar, foram se tornando mais interessados um pelo outro, sem sequer aperceberem-se de que os olhares dos que se encontravam sentados, começavam a ambicionar a sua felicidade.

No entanto, poucos dias mais estiveram juntos, em virtude de não ser dali, e em breve partiu para longe, numa manhã cheia de sol. Nunca mais, depois daquele dia, lhe foi possível suportar aquela separação. E um dia, não como os outros, resolveu partir também, e ir ao seu encontro. E partiu. Mal o avião acabava de pousar, ansioso, esperou que abrissem a porta da aeronave para descer, e com os olhos ávidos de ansiedade, procurava vê-la através dos vidros da estação de passageiros. Foi caminhando até que pôde vê-la, em pé, sozinha a sua espera. Trajava um lindo vestido de fustão branco, com umas riscas amarelo-claro, bem justo, fazendo com que as linhas do seu corpo se destacassem firmes e claras, na esbelteza de suas formas.

Aturdido, meio confuso, atravessou o portão, – agora com os passos mais apressados – foi ao seu encontro, arriou a pasta que trazia na mão, segurou-lhe levemente o rosto alvo, que parecia mais um mármore estratificado em noites enluaradas, e entre os olhares curiosos dos outros passageiros, beijou-lhe a boca repetidas vezes, e algumas longamente, para enfim saírem abraçados, radiantes, felizes, em busca de uma condução que lhes conduzisse dali.

E se foram...

Mas, a vida com as suas adversidades, cedo mostrou-lhe a impossibilidade de poder possuí-la, e viver ao seu lado para sempre. Apesar de tudo, resolveu lutar pela posse daquela mulher que era a própria razão do seu viver.

Ela que fora a única mulher que seu coração havia amado e idolatrado, prendia-lhe tanto, que viu ser aquilo uma ironia do destino. E lutou muito, contra todos para não perdê-la. Afinal, casaram-se. Foram felizes. No entanto, certo dia quando julgava que o seu passado febril e angustioso tinha se apagado, ao voltar para casa, uma tarde, de regresso do trabalho, encontrou-a se sentindo mal, deitada naquele mesmo leito que tantas e tantas vezes, alucinadamente, a possuía. Tudo fez para salvá-la, porém, a enfermidade de que fora acometida, zombara de todos os recursos. Nada mais fez depois daquele dia, a não ser ficar na cabeceira do seu leito, vendo que a sua felicidade se extinguia lentamente, até que certa noite ela morreu esvaindo-se em sangue. Ao vê-la exalar o último gemido, pronunciando no estertor da morte o seu nome, ficou como um louco, caindo sobre o cadáver, beijando-lhe a boca convulsivamente, sem que agora recebesse como dantes, as devoluções dos seus beijos, vorazes e

amorosos. Somente quando levou-a para o cemitério e assistiu jogarem aquele corpo na sepultura, compreendeu o seu infortúnio, e quis, então, lançar-se dentro do túmulo, não o fazendo, devido ter sido agarrado por amigos. Entre soluços e lágrimas, ocultou o rosto entre as mãos, e nada mais pôde dizer, procurando, assim, evitar que seus olhos vissem onde estavam atirando os restos daquele ser que muito amara, e cuja adoração ele havia consagrado a sua existência. Porém, agora, tinha que abandoná-la ali naquela vala erguida.

Hoje, sozinho, quando recorda o passado, vê que neste mundo somente o destino cruel e maldito lhe legara um pouco de felicidade. Uma pequena migalha de felicidade... Migalha esta, que a terra fria lhe ceifou, tão brutalmente, guardando-a para sempre em seu seio.

E aquilo que desapareceu no sepulcro, não se erguerá jamais ante os seus pés; aquela santa mulher que lhe foi tudo.

Agora, desiludido, vive chorando a morte de sua última ilusão, porque o homem somente se julga vencido diante do amor, quando tem a certeza de que jamais poderá encontrar em seus sonhos, o alimento para a sua vida, por compreender que está morrendo debaixo de um céu impiedoso e sem carícias.



VIÚVA DE MARIDO VIVO

Neste vagar constante pelos caminhos da vida, sempre encontram-se fatos e cousas, que às vezes deixam-nos completamente tontos, sem que se possa chegar a uma conclusão de como aconteceu isto ou aquilo. Mas, a verdade é que o destino na sua trama constante contra a sorte daqueles que se julgam felizes até certo ponto, um dia lhes aparece um abrolho na frente, e, eis que de um momento para o outro vai tudo de águas a baixo.

Não faz muito tempo, numa dessas minhas viagens por essas terras virgens deste meu Brasil, encontrei uma mulher que depois de me ser apresentada, começou a contar-me cousas e fatos da sua vida.

Iniciou, dizendo-me que, quando moça e sentia que todo o seu ser despertava para a vida, encontrou um homem que, de início, soube cativar a sua atenção, fazendo com que nascesse em seu coração uma amizade por ele, que por fim levou-lhe diante do altar, tornando-se então sua companheira.

E assim viveram por muitos anos, sem pensar que em futuro distante acontecesse algo estranho que viesse nublar-lhes a felicidade, que parecia eterna.

Um dia começou a nascer os desentendimentos, que cada vez tornavam-se maiores entre ambos, até que tiveram que se separar.

Agora, vivendo cada qual a sua vida numa luta constante pelos bens materiais que possuem, não encontrando um meio que lhes conduzissem a um desquite honesto e amigável, para que pudessem então construir perante a sociedade um novo lar, que na velhice lhes seria o aconchego, um lenitivo as suas dores.

E aquela alma de mulher que durante a sua vida não encontrou quem lhe compreendesse, tal qual ela queria, hoje, sendo ainda uma vida viva, no entanto, parece mais um alguém que navega sem ter certo o norte de sua felicidade, tudo em virtude de uma incompreensão surgida por um homem que não soube compreender uma mulher tão boa, e tão agradável, que traz dentro do sexo aquele mesmo entusiasmo e aquela mesma disposição para proporcionar instantes de ventura a um homem que ainda queira encontrar nela, uma companheira delicada e cheia de doçura.

É realmente uma viúva de marido vivo, que a sociedade proíbe de ter a sua liberdade, obrigando a continuar a sentir esse complexo de não poder amar livremente aquilo a que tanto tem direito, sem que lhe seja atirado o nome de uma mulher deixada.

Não quero mudar o “modus vivendi” desta sociedade que ainda não encontrou meios suficientes para evitar que a mentalidade tacanha de certos moralistas medíocres e abúlicos, que, atacando aquela que no amor primeiro não teve a sorte de encontrar aquilo que tanto sonhara, atira ao escárnio e à execração pública a mulher que não foi feliz no casamento, somente porque não se sujeitou a ser escrava de um homem que não soube ser homem, abusando daquela a quem se uniu, querendo, assim, submetê-la a toda sorte de sofrimentos e de humilhações, esquecendo que como ele, ela também tem direito a uma vida que lhe proporcione encontrar

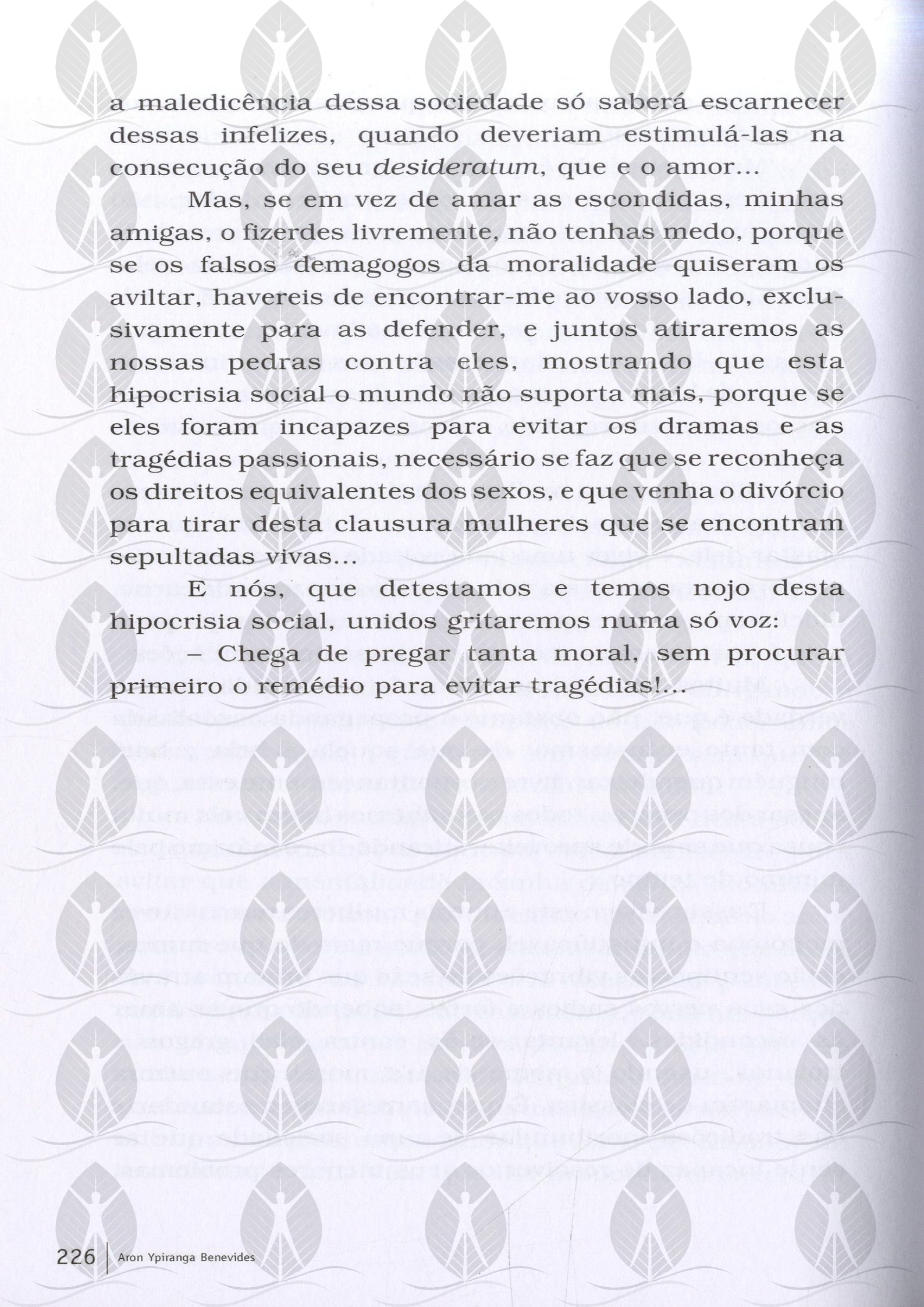
nos braços de seu amor, aquilo que eles encontram nos braços das amantes.

Mas, a verdade é que eles somente atacam estas mulheres, que com eu sem razão perderam o lar, não procurando deixá-las insuladas para que a sociedade não se corrompa mais com a sua permanência nela. Não. Eles assim procedem com o único objetivo de vê-las abandonadas, e possam facilmente conseguir conquistá-las, para dar evasão aos seus instintos bestiais de luxúria, coisa que não fizeram antes, ou por elas os haverem repellido, ou pelo medo que tanto os tortura.

Difícil é para a mulher que já teve em seus braços um alguém, e depois por motivos outros teve que se afastar dele, e viver uma vida voltada para a renúncia, até porque, quem nesta vida sentiu os prazeres da carne, dificilmente pode esquecer aqueles momentos, já que a vida é curta demais para se ter dessas preocupações.

Muitos são os que falam da outra vida, mas a verdade é que, não obstante a propaganda assoalhada com tanto entusiasmo, de que aquela é bela e boa, ninguém quer deixar, livre e espontaneamente esta, que, apesar dos pesares, todos nós sabemos haver nela muita coisa que se pode aproveitar, tirando-lhe o máximo pelo mínimo de tempo.

E assim vivem esta e outras mulheres numa viuvez monótona e injustificável, porque mais do que nunca, estão sentindo as vibrações do sexo que brotam através dos seus nervos sadios e fortes, sabendo que se amar às escondidas, levantar-se-ão contra elas gregos e troianos, usando o nome de u'a moral que outrora chamaram de clássica. É que, carregando o estandarte das tradições moribundas de uma sociedade que se sente incapaz de resolver os seus menores problemas,

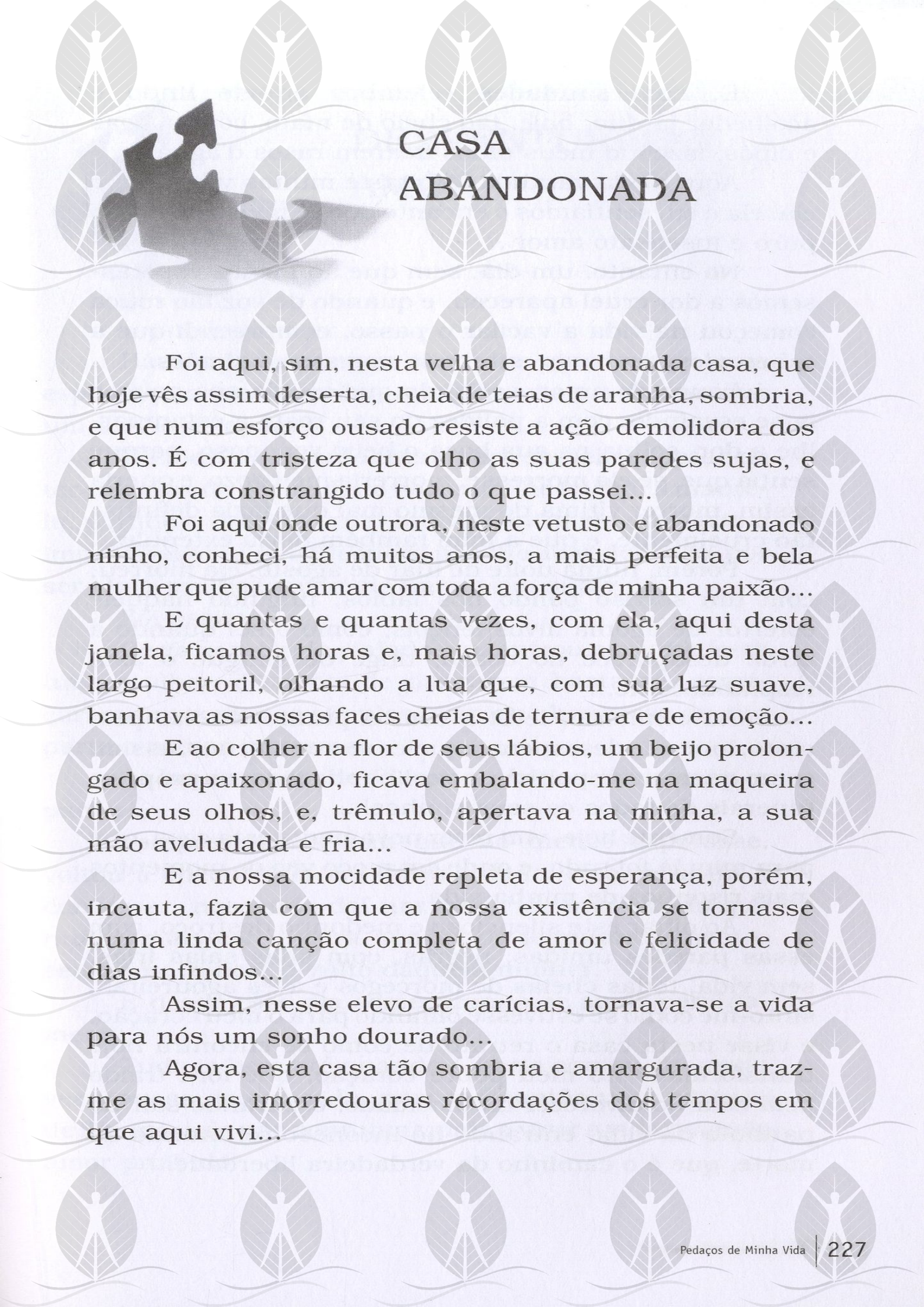


a maledicência dessa sociedade só saberá escarnecer dessas infelizes, quando deveriam estimulá-las na consecução do seu *desideratum*, que é o amor...

Mas, se em vez de amar as escondidas, minhas amigas, o fizerdes livremente, não tenhas medo, porque se os falsos demagogos da moralidade quiseram os aviltar, havereis de encontrar-me ao vosso lado, exclusivamente para as defender, e juntos atiraremos as nossas pedras contra eles, mostrando que esta hipocrisia social o mundo não suporta mais, porque se eles foram incapazes para evitar os dramas e as tragédias passionais, necessário se faz que se reconheça os direitos equivalentes dos sexos, e que venha o divórcio para tirar desta clausura mulheres que se encontram sepultadas vivas...

E nós, que detestamos e temos nojo desta hipocrisia social, unidos gritaremos numa só voz:

– Chega de pregar tanta moral, sem procurar primeiro o remédio para evitar tragédias!...



CASA ABANDONADA

Foi aqui, sim, nesta velha e abandonada casa, que hoje vês assim deserta, cheia de teias de aranha, sombria, e que num esforço ousado resiste a ação demolidora dos anos. É com tristeza que olho as suas paredes sujas, e relembra constrangido tudo o que passei...

Foi aqui onde outrora, neste vetusto e abandonado ninho, conheci, há muitos anos, a mais perfeita e bela mulher que pude amar com toda a força de minha paixão...

E quantas e quantas vezes, com ela, aqui desta janela, ficamos horas e, mais horas, debruçadas neste largo peitoril, olhando a lua que, com sua luz suave, banhava as nossas faces cheias de ternura e de emoção...

E ao colher na flor de seus lábios, um beijo prolongado e apaixonado, ficava embalando-me na maqueira de seus olhos, e, trêmulo, apertava na minha, a sua mão aveludada e fria...

E a nossa mocidade repleta de esperança, porém, incauta, fazia com que a nossa existência se tornasse numa linda canção completa de amor e felicidade de dias infintos...

Assim, nesse elevo de carícias, tornava-se a vida para nós um sonho dourado...

Agora, esta casa tão sombria e amargurada, traz-me as mais imorredouras recordações dos tempos em que aqui vivi...

E, com saudades relembro aquele lindo e acolhedor jardim, hoje, tão cheio de mato, com urtigas e cipós, fazendo meus olhos ficarem rasos d'água...

Aqui nesta varanda, muitas e muitas vezes, eu e ela, ela e eu, sentíamos o encanto doce e meigo do nosso puro e insensato amor...

No entanto, um dia, sem que ao menos esperássemos a dor cruel apareceu, e quando de voz tão rouca começou na vida a vacilar o passo, compreendi que a tuberculose se havia aninhado nos seus pulmões.

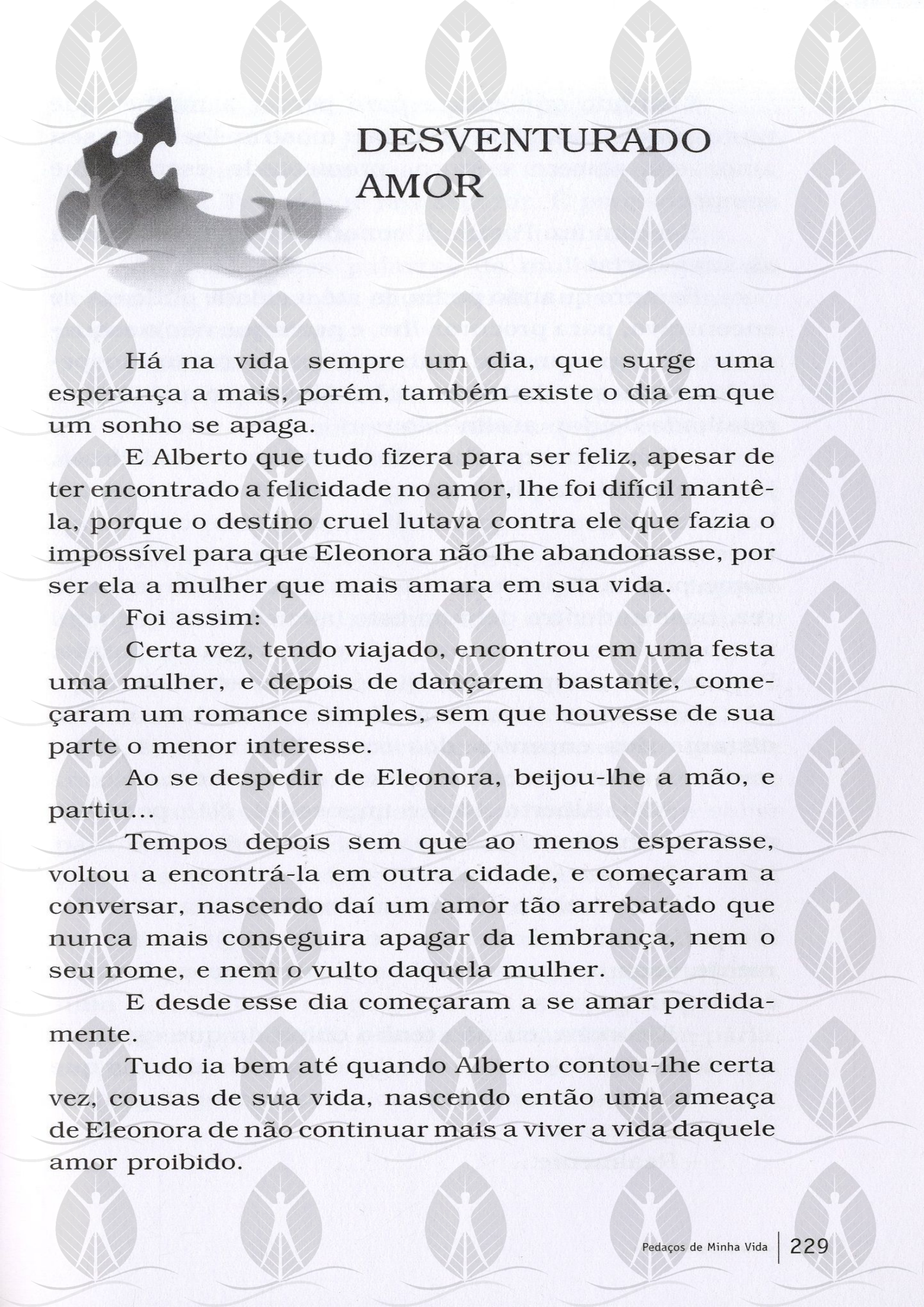
Louco de amor, sentindo que a vida aos poucos ia se esvaindo, com a palidez do seu rosto a estampar-lhe a dor, colhia na sua boca o beijo venenoso, porque sentia que, se ela morresse, morreria meu gozo, e queria assim, morrer vítima do mesmo mal que fazia definhando tão cruelmente, e que a mim também devia extenuar...

Porém, numa noite de luar de agosto, ela morreu, com um sorriso pálido nos lábios, tingindo naquele estertor de agonia alvos lençóis, como o sol quando a tarde desaparece no ocaso, tinge de sangue o azul resplandecente...

Ao cemitério, levei-a com o pranto a rolar pelo rosto, louco de desespero, aqueles restos mortais, assim, como quem acompanha no declinar da vida, os próprios funerais de todos os seus sonhos!...

Somente hoje, vim rever novamente esta casa, que para mim já foi tudo, e onde em moço vivi os momentos mais risonhos de minha vida.

Ao olhar este silencioso e medonho destroço, com essas paredes úmidas, negras, com suas salas frias, sem vida, todas cheias de morcegos e aves agouzeiras, sinto-me como se estivesse olhando para o meu coração, e visse nesta casa o retrato de como se encontra hoje transformado no meu pobre coração, que fora traído pela vida no alvorecer da mocidade, esperando sair do patíbulo da vida, entrando no inconcebível mundo da morte, que é o caminho da verdadeira liberdade...



DESVENTURADO AMOR

Há na vida sempre um dia, que surge uma esperança a mais, porém, também existe o dia em que um sonho se apaga.

E Alberto que tudo fizera para ser feliz, apesar de ter encontrado a felicidade no amor, lhe foi difícil mantê-la, porque o destino cruel lutava contra ele que fazia o impossível para que Eleonora não lhe abandonasse, por ser ela a mulher que mais amara em sua vida.

Foi assim:

Certa vez, tendo viajado, encontrou em uma festa uma mulher, e depois de dançarem bastante, começaram um romance simples, sem que houvesse de sua parte o menor interesse.

Ao se despedir de Eleonora, beijou-lhe a mão, e partiu...

Tempos depois sem que ao menos esperasse, voltou a encontrá-la em outra cidade, e começaram a conversar, nascendo daí um amor tão arrebatado que nunca mais conseguira apagar da lembrança, nem o seu nome, e nem o vulto daquela mulher.

E desde esse dia começaram a se amar perdidamente.

Tudo ia bem até quando Alberto contou-lhe certa vez, cousas de sua vida, nascendo então uma ameaça de Eleonora de não continuar mais a viver a vida daquele amor proibido.

Sentindo que estava para perder a mulher que tanto queria e adorava, procurou mostrar-lhe que o seu amor era sincero e puro, prometendo escrever-lhe sempre.

E assim fez. Porém, Eleonora não mais respondia as suas cartas.

Sempre quando podia, ia até a cidade onde ela se encontrava, para procurar-lhe, e pedir que não o esquecesse, até que um dia, ambos se encontravam hospedados no mesmo hotel, e, então, Alberto com sua alma retalhada de dor, assim falou:

– Bem sabes que quando te conheci naquela festa, jamais pensei que viesse a te querer tanto como te quero hoje. Aquele encontro nada dizia que eu havia de amar-te como te amo. Cheguei mesmo a esquecer até o teu nome, porém, depois que nos encontramos pela segunda vez, nasceu dentro de mim este imenso afeto que aqui te trago como se fora uma oferenda régia de paixão. Peço-te, que compreendas que és tudo para mim. Hoje, não posso mais viver longe de teus carinhos, e nem distante dos encantos dos teus olhos, que já beijei muitas e muitas vezes em louvor deste amor...

– Não, Alberto, isso é impossível. Não podemos mais continuar...

– Por que falas assim?

– Porque acho difícil, em virtude de tua situação. É uma loucura. Não sei bem te explicar. Quero-te realmente, mas, é horrível. Não posso. Como poderemos continuar se tu és...

– Eleonora, eu não tenho culpa do que está nos acontecendo. Só existe um culpado que é o destino que nos uniu, esse mesmo destino que agora se vingando querendo nos separar.

– Realmente...

– Eleonora, não me esquece, peço-te mais uma vez. Eu te quero como jamais quis alguém neste mundo. Imploro-te que não me faças sofrer mais do que sofro...

– Não. Temos que nos separar. É preciso. E pensando assim, pretendo me internar num convento...

Ao ouvir essas palavras da mulher por ele tão decantada, Alberto quis chorar, mas, a custo se conteve, para enfim continuar.

– Não deves fazer isso. Se assim procederes, serei eu o único culpado de teres renunciado a tua liberdade, e o remorso cairá sobre a minha cabeça, como uma maldição, torturando-me cruelmente, por ter sido o único culpado desse teu gesto. Sei, perfeitamente, que quando se consegue um amor, logo se paga com a dor, à conquista de se ter amado alguém. Eu não mereço o teu desprezo. Nada fiz para receber de ti tão injusto castigo. Eleonora, és minha vida, e a única razão do meu viver.

E desde esse dia, Alberto passou a lhe escrever todas as semanas, e nunca mais recebeu resposta. Certa noite, bateram em sua porta, era o mensageiro que lhe trazia um telegrama, em que Eleonora laconicamente lhe comunicava que ia para outra cidade. Sem saber para onde ela tinha ido, sem suas notícias, sua vida passou a ser um rosário de sofrimentos e de angústias.

Um dia saiu de casa, e nunca mais voltou.

Sobre o seu fim, contam os moradores daquela cidade, que até hoje paira sobre o seu desaparecimento, uma incógnita: ninguém sabe se fugiu para o estrangeiro, mudando o nome e tornando-se um pária, ou se internou em algum lugar de difícil acesso, suicidando-se.



RISCO-ME

Depois daquele encontro que tivemos, em que tu te revelaste melhor, pude compreender que tenho sido em tua vida um verdadeiro pesadelo para a felicidade que tanto sonhaste em possuir. No entanto, hoje, aqui estou para dizer-te que, se tenho sido o empecilho a impedir que consigas aquilo pelo que tanto tens lutado, renuncio sem ódio e sem ressentimento este amor que talvez muito me fará falta. Porém, vivendo como tenho vivido, uma vida voltada unicamente para este grande bem que julguei um dia ter encontrado, não quero que amanhã venhas atirar sobre este homem a culpa de ter sido o causador de tua vida tão infeliz.

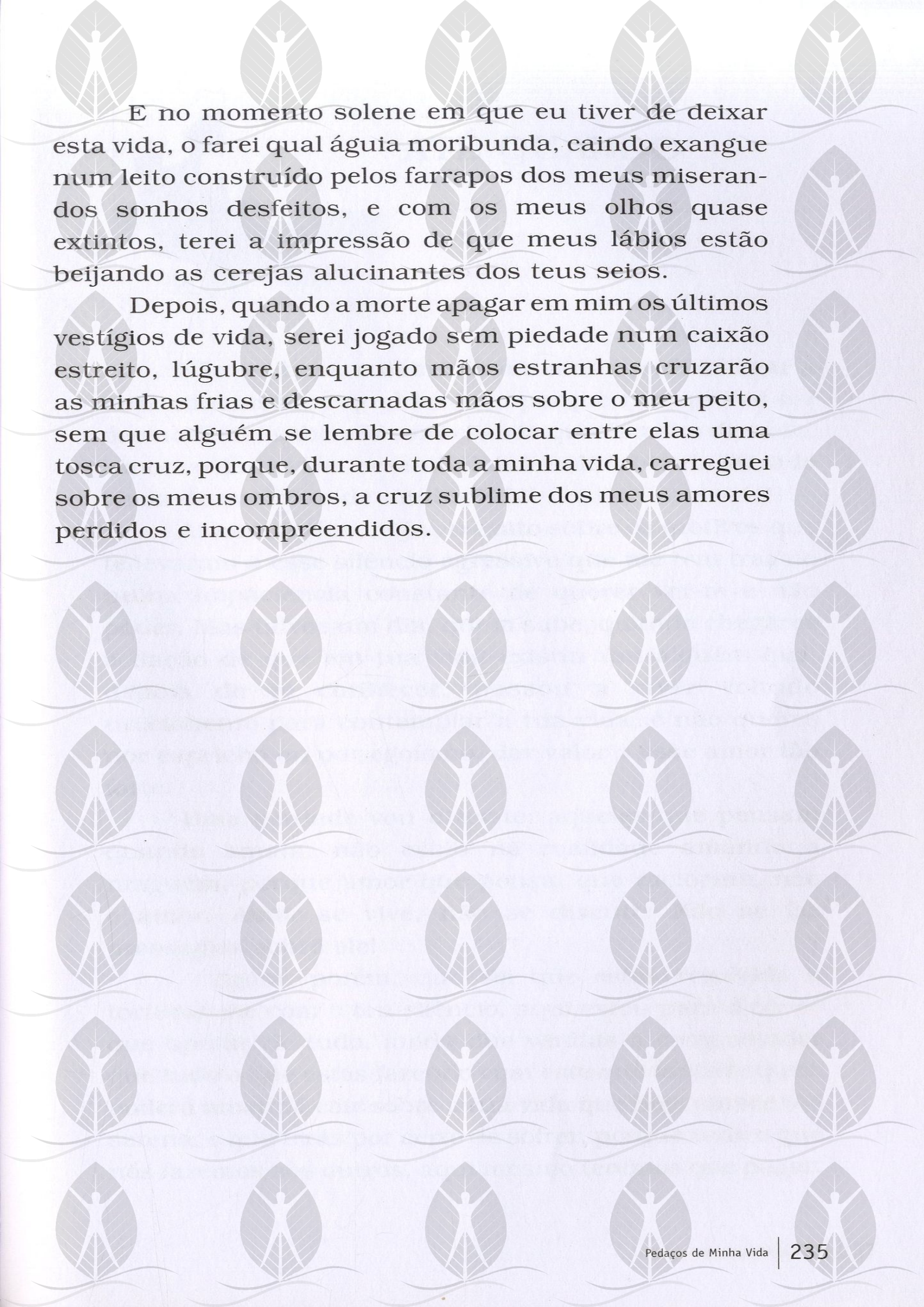
Agora, que sei que o meu afeto te tortura, neste momento risco-me de tua vida, e passarei então a viver e sonhar com sonhos crepusculares que ficarão gravados em minha existência, deixando somente que a beleza fugidia de uma mulher que tanto quis. No entanto, terei que levar como um fardo o horror de haver-te perdido, e quem sabe, terei de maldizer enfim o meu trágico destino, com os olhos fixos na floresta verdejante que outrora me parecia tão linda, e que agora, parece petrificada diante dos meus olhos. Talvez, se falássemos neste instante, poderíamos perder a calma, e nossas bocas diriam cousas que, por certo, fariam nossas almas ruborizadas.

Naquele dia, cheguei a conclusão de que tenho que caminhar sozinho, como um judeu errante, carregando na minha alma que foi escrava deste amor, um silêncio sem grandezas, e as paixões inglórias que este amor levou-me sem que me apercebesse.

Tu eras para mim, tudo o que eu tinha em minha existência, mas em virtude de viveres na incerteza de ter-me amado perdidamente, temo que esse amor morra e, ferida também pela covardia de pensares de um dia seres abandonada, deixando-te unicamente com os olhos abrasados pelo ideal de um sonho que tiveste em tuas mãos, e que ao fugir, ficaria em tua retina a triste visão de memória de uma paixão que te atirou no abismo insondável do teu egoísmo, eu morra também.

E assim, amargurado, como se fora um desses deuses incompreendido, que sonhara construir um templo para que dentro dele exalasse perfumes maravilhosos, e ao nele entrar, minha alma se eleva aos páramos infinitos da inconcebível felicidade imorredoura. Decepcionado, terei que carregar nos meus ombros, o cadáver desta grande dor, porque ela, além de não ter nome, também não tem pátria.

Levarei pelos caminhos da vida, sangrando dentro dos meus lábios, como se fosse um condenado às galés perpétuas, as estrofes desta canção transformada em crônica; a miséria desta paixão excruciante, qual licor amargo e delicado, murmurando igual a uma caudal de angústia, com uma embriaguez desconexa que transformando-se, em um hino musical de dor, conduzindo-me em busca da Canaã mística, onde tentarei encontrar a sombra do teu vulto, que se torna, agora, a sombra do meu próprio corpo, porque esta sombra é o sol da minha vida.



E no momento solene em que eu tiver de deixar esta vida, o farei qual águia moribunda, caindo exangue num leito construído pelos farrapos dos meus miserandos sonhos desfeitos, e com os meus olhos quase extintos, terei a impressão de que meus lábios estão beijando as cerejas alucinantes dos teus seios.

Depois, quando a morte apagar em mim os últimos vestígios de vida, serei jogado sem piedade num caixão estreito, lúgubre, enquanto mãos estranhas cruzarão as minhas frias e descarnadas mãos sobre o meu peito, sem que alguém se lembre de colocar entre elas uma tosca cruz, porque, durante toda a minha vida, carreguei sobre os meus ombros, a cruz sublime dos meus amores perdidos e incompreendidos.



ATÉ QUANDO

Não sei bem, e nem mesmo ainda pude chegar a uma conclusão, e qual a razão porque não queres me dar notícias, sabendo como sabes que és além de tudo, o motivo de eu viver perambulando solitário pela estrada cheia de sombras de minha vida!

Ainda não fiz um juízo exato sobre os motivos que te levaram a esse silêncio agressivo que me tem trazido numa impaciência constante de querer ver-te e não poder. Mas talvez um dia, quem sabe, quando chegares à ilação de que em tua vida existiu um alguém que, depois de te conhecer, passou a viver voltado unicamente para contemplar a tua vida, e não queres por capricho ou por egoísmo, dar valor a esse amor tão forte.

Uma verdade vou dizer-te: aqueles que pensam quando amam, não estão na realidade amando a ninguém, porque amor que pensa, que raciocina, não é amor. Amor se vive, não se discute. Não se faz presságios sobre ele!

– Agora, porém, que sei que estás resolvida a torturar-me com o teu silêncio, aqui estou para dizer-te que apesar de tudo, ainda que venhas a compreender que tudo o que estás fazendo com este que tanto te quer, poderá amanhã cair sobre a tua vida que hoje parece tão serena, e que terás por certo de sofrer, porque tudo o que nós fazemos aos outros, aqui mesmo teremos que pagar.

Não quero que tu sofras. Não. Quero-te muito, e me sentirei triste e ferido se me disserem que sofres, que passas momentos horríveis e que eu não possa aliviar a tua tortura, porque o caminho da felicidade é tão estreito, que somente podemos caminhar sozinhos.

No entanto, teu destino, tua vida, a ti pertence, e não seria eu que vou poder mudar o seu rumo. Somente tu, tens este direito, e esta faculdade de te conduzir pelo caminho que te levará a uma vida tranqüila e feliz.

Longe de ti, sem poder ouvir a tua voz, estou escrevendo esta crônica que, ao leres, por certo ficará atirada a um canto, abandonada, como estou vivendo, contemplando unicamente o teu desprezo. E fico pensando como é amargo e cruel para quem escreve, e o faz, assim, colocando seu coração, sua vida, seu sangue, enfim, no papel, para depois ficar, por sua vez, atirado a um canto, para somente ser lembrado quando aquilo que escreveu tem relação com alguém.

Talvez que aprendesses a ser má, porque alguém já te desiludiu sem piedade, e agora eu venho no patíbulo da vida, em holocausto por tudo o que pratiquei, desfiar as contas do rosário de minha vida passada, quebrando neste momento os grilhões da ignorância, caminhando pela vida, quero purificar a minha alma, para me unir Aquele que é a individualidade universal, e estarei assim, livre do cativeiro de novas encarnações. Quero, não nego, sentir o gosto do mel da vida que se colhe no beijo dado na boca da mulher amada.

Se sou culpado, e se tenho alguma coisa para pagar, aqui estou pagando sem maldizer-me, porque com o espírito redimido pelo sofrimento de dias vividos na dor, e no esquecimento, tenho todas as qualidades necessárias para sofrer sozinho a minha dor.

Sim. A minha dor, porque ela é minha, e a mim pertence, e quero no cadinho da angústia, purificar-me aliviando desta forma o peso de vidas que criei em vidas passadas.


Neste momento, quero saber até quando vais querer torturar-me sem ao menos sentir remorsos do mal que estás fazendo, em deixar-me aturdido e sem forças para gritar pelo teu nome que tanto gosto de chamar.

Quase que eu disse agora o teu nome. Quase... Se não tivesse alguém chegado junto a mim e me dissesse que tinha uma mulher procurando-me, acredito mesmo que tinha revelado o teu nome, que guardo no escrínio sagrado do coração, que quando sente chamar por ele, às vezes quer parar de tanto pulsar por ti.


Relembro, sozinho, os momentos felizes que junto de ti passei. Naquelas noites em que tu, sonolenta, ficavas envolvida pelos meus braços, e abrias a boca rubra de desejos, pedindo que naquele instante te desse todos os meus beijos de uma só vez... Beijos de amor!... Beijos que traziam o gosto e a pureza de um afeto louco, desvairado, cheio de anseios incontidos. E tu ficavas lânguida, desfalecida em meus braços... Aí, então, eu corria as minhas mãos profanadoras pelo teu corpo escultural, e sentia o tremer de tuas carnes, o pulsar de teu sangue nas veias, fazendo teu corpo todo estremecer preso de um erotismo pagão... Nesta hora, longe de ti, somente me é dado sentir saudades de tudo o que passamos naquelas noites feitas para o amor!...

Hoje, eu te pergunto apenas:

– Lembras-te,?!...



Esta obra foi composta em Manaus pela
KintawDesign, em Bookman Old Style
10/14 e impressa em julho de 2006, pela
Gráfica Ampla.



Eu sei que ele foi servir ao nosso Criador na dura lida de administrar o Bem no universo. Esta teoria é a única lógica que pode justificar uma morte tão prematura de uma criatura tão boa. E tem sido esta teoria, que a todo dia, nestes últimos quarenta e três anos, tem confortado o meu coração das saudades que ele deixou. Quero aproveitar a oportunidade para transmitir ao meu amigo Robério Braga, bravo secretário de cultura e ao Eduardo Braga, nosso brioso governador e ao trabalhador artístico Antônio Auzier toda gratidão da minha mãe Jayra Benevides, dos seus filhos e filhas, dos seus netos e netas, bisnetos, da minha mulher e das minhas quatro filhas, pela feliz lembrança de republicar os pedaços da vida de uma cidade, a Manaus da década de cinqüenta, que hoje só existe nos fragmentos da lembrança, ou nas letras da saudade.

Os meus sinceros agradecimentos.

Carrel Ypiranga Benevides

Este livro, aqueles que os lerem, encontrarão a intimidade do meu pensamento, procurando e dando vida a vida dos meus personagens, fugindo sempre da vulgaridade estéril, para causticar a consciência desprezível dos críticos de barbearia, que tudo resolvem e nada produzem a não ser distraírem a divagação mental daqueles que esperam a vez, e ficam então fossilando o pedestal da glória e da dignidade alheia, com a mandrice animalasca da miniatura dos seus argumentos de bugio domesticado, fazendo rir aqueles que ao lhes escutarem, lançam um sorriso de indiferença, como se estivessem zombando dos instintos de suas animalidades hediondas e deletérias.

As crônicas que aqui vão impressas, outra coisa não são senão pedaços doloridos do meu ser, pois lhes dei vida, depois de embelezá-los e torná-los românticos com o lirismo de minha arte, que nasceu e foi burilada com o cinzel da dor...





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA